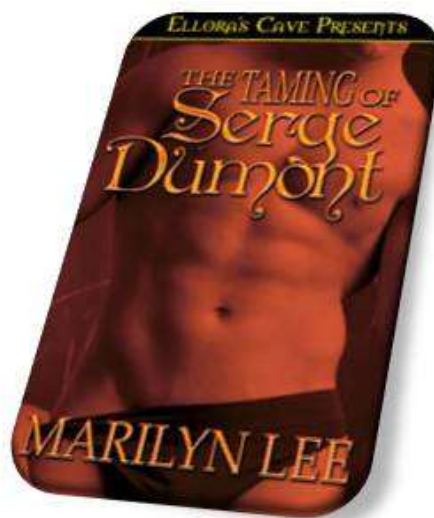
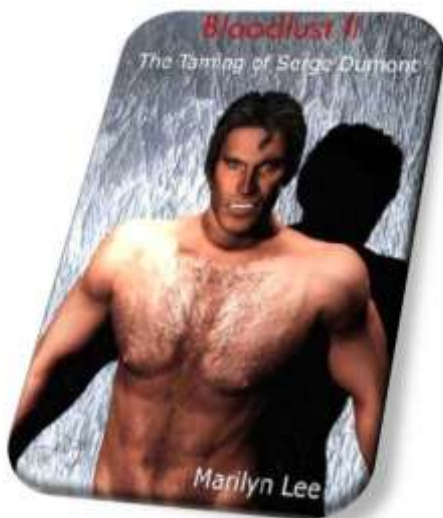




Tiamat-World apresenta:



Domesticando Serge

Série BloodLust 02

Marilyn Lee

Serge Dumond, vampiro latente, nunca encontrou uma mulher que não quisesse ser tomada por ele. Até que encontra Derri Morgan. Um olhar para a sexy e atraente advogada, e é Bloodlust¹ a primeira vista para Serge. Impávido, e crédulo em seu atrativo pelo sexo oposto, Serge tenta capturar seu prêmio...



¹ Bloodlust: Companheiro(a) de vida para os vampiros.





Capítulo 01

Erika Kalai introduziu a última nota em seu computador, enviou o arquivo ao computador central da escola, e se recostou na cadeira.

— Por fim — disse. Estirou-se e jogou uma olhada a seu relógio. Seis e trinta e cinco. Tinha demorado menos do que esperava. Tinha tempo de sobra para ir para casa, colocar algo atraente, e esperar Mikhel que deveria passar a noite com ela. Ah, seu doce e considerado Mikhel Dumond. Gostava de tudo sobre ele. Inclusive seu nome era sexy.

Pensar nele e em sua relação de conto de fadas das poucas semanas passadas desenhou um sorriso em sua cara. Jamais imaginou quando deixou que sua amiga Janna a convencesse a ir para essa festa de Halloween em Salem, que encontraria ao homem de seus sonhos. Embora Mikhel parecesse que tivesse trinta anos, no máximo, realmente tinha sessenta e tinha sido o melhor presente de aniversário de quarenta que tinha tido alguma vez.

Depois de ter assumido o fato de que ele parecia muito mais jovem que ela, sua relação se esquentou ainda mais. Desde aquela primeira mágica noite quando se converteram em amantes insaciáveis, ela tinha sido alagada com flores, champanha, jóias, e longas noites de amor, durante as quais eles bebiam ansiosamente o sangue um do outro. Embora uma parte dela ainda estivesse consternada por seu comportamento, tinha desenvolvido um verdadeiro gosto pelo sangue de Mikhel e o sexo desprotegido do que nenhum deles parecia ter suficiente. Não havia nada no mundo tão maravilhoso como a sensação de seu pênis enterrado profundamente em seu sexo enquanto ela bebia seu sangue desde seu dedo. E quando ele bebia o seu desde seu pescoço, era enviada direto a um multiorgasmo.

De todos os modos, havia algumas coisas que danificavam sua felicidade. O primeiro e mais importante, é que ela estava apaixonada por um vampiro, ou ao menos de um meio vampiro. Enquanto seu pai era humano, sua mãe era um vampiro, fazendo dele um half-blood². Ultimamente, Mikhel parecia diferente, mais escuro. Embora ela não se sentisse pessoalmente ameaçada, havia uma indiscutível aura de ameaça que o rodeava estes dias. Entretanto, pensaria nisto mais adiante, depois de tomar a decisão mais importante de sua vida. Se só pudesse confiar

² Half-blood: embora não há referência no primeiro livro da série, assumimos que é um meio vampiro ou mestiço (N.C)



em Mikhel.

Mikhel. Ele era a última pessoa a quem ela poderia pedir conselho.

Suspirando profundamente, percorreu os tranqüilos e desertos corredores do Kennedy Hall, o edifício principal na escola particular e exclusiva de senhoritas onde tinha dado aulas durante os últimos dez anos. Havia alguns escritórios iluminados, mas não olhou por nenhuma das portas pelas que passou. Os poucos professores que estavam ainda por aqui obviamente trabalhavam para pôr as notas antes da data limite de meia-noite.

Deixou o edifício pela entrada lateral e parou unicamente para colocar o capuz da jaqueta sobre sua cabeça antes de iniciar o caminho para o estacionamento traseiro. Na metade do caminho, sentiu que uma repentina e sinistra frieza, atravessava seu corpo inteiro, apesar do casaco.

Imediatamente soube a fonte da frieza. Lançou um olhar selvagem ao redor. Uma sebe limitava o caminho por um lado e uma alta parede pelo outro. O fato de que parecia estar sozinha não a tranqüilizou.

Sabia que não estava sozinha. Ela esperava ali, em algum lugar, para ter uma oportunidade de golpear.

Ah, Mikhel. Onde está? Vá, se avive Rica. Não pode esperar que ele esteja sempre pego a você e te protegendo como a um bebê.

Tinha aprendido rapidamente que havia inimagináveis perigos implicados por amar a um homem com sangue de vampiro. Enquanto esteve com Mikhel em seu hotel de Salem, tinha sido atacada por Deotra, uma vampiro full-blood³ que considerava Mikhel de sua legítima propriedade. Embora a detivesse antes que ela pudesse fazer muito dano, tanto Erika como Mikhel sabiam que esta fêmea vingativa queria vingança. Uma vez que retornaram a Boston, Mikhel, que dirigia uma empresa de segurança, tinha passado as seguintes duas semanas ensinando-a a se defender. Por conseguinte, sentia-se mais capaz de proteger a si mesma de um assalto do que já tinha se sentido nunca. Assim, faça-o, disse a si mesma.

Jogou uma olhada atrás, ao Kennedy Hall, tratando de decidir se deveria voltar atrás ou correr para seu carro. Depois de uma breve vacilação, se decidiu por este. A pouca gente que ainda estava ao redor estava indo e não seria capaz de lhe ajudar. E se ela voltava, poderiam lhes

³ Full-blood: de raça vampiro pura por ambas as linhas, materna ou paterna, ou por transformação.



ferir ou algo pior. Agarrando a pequena, mas forte, estaca de madeira que Mikhel lhe tinha dado, acelerou o passo. Estava sozinha, mas estava longe de estar indefesa.

Tinha alcançado quase o final do longo caminho de pedestres quando Deoctra apareceu no caminho.

— Puta humana, vim para solucionar as coisas com você. Erika tinha visto esta pequena e magra mulher levantar Mikhel facilmente, de quase dois metros de altura, sobre seus pés e lançá-lo através do quarto sem aparente esforço. Agora queria se vingar de Erika por ter tomado Mikhel, a quem Deoctra considerava seu Bloodlust ou companheiro perfeito. Como diabo se supunha que ela poderia deter esta mulher quando Mikhel não tinha sido capaz de fazê-lo sem ajuda?

Maldição. Alguns dias era melhor não se levantar da maldita cama. De acordo, ela não era rival para um vampiro, mas maldita fosse se ia se render sem lutar. Deixou cair sua maleta e agarrou a bolsa de couro de seu ombro que Mikhel lhe tinha dado. Com suas costas pega à parede, começou a balançá-la devagar, lhe deixando agarrar velocidade. O fundo estava reforçado com um pesado metal que a fazia uma arma formidável.

— Tira essa estaca e venha aqui puta, e farei isto rápido. Olhe-me.

Ela sabia que era melhor não olhar aos olhos da outra mulher. Mas o desejo de fazer justo o que ela dizia era difícil de resistir.

— Ah, Deus, por favor me ajude.

— Ele não pode te ajudar, puta.

— Eu não estaria muito seguro disso.

Como se fosse a resposta a sua oração, um homem alto, moreno apareceu no caminho atrás de Deoctra. Quando a full-blood girou ao redor, o homem lhe cruzou um braço por sua garganta e outro atrás de sua nuca, agarrando-a em uma chave de pescoço.

— Latente⁴! Deixe ir! — Deoctra grunhiu.

Lutando por segurar a Deoctra, o homem olhou a Erika.

Olhando os escuros e fumegantes olhos, Erika reconheceu ao homem. Tinha lhe visto em Salem fora do banho de senhoras do restaurante onde ela e Mikhel tinham estado comendo. Então, ela tinha estado incomodada e envergonhada porque apesar de seus crescentes

⁴ Embora sejam inegavelmente mais fortes e mais rápidos que outros humanos, não têm outros traços perceptíveis de vampiro (N.C, segundo o primeiro livro da série)



sentimentos por Mikhel, este formoso homem a havia olhado com tal luxúria em seus escuros olhos que ela se excitou rapidamente. — Você! O que está fazendo aqui?

— Estou aqui para te ajudar. Assim me deixe fazê-lo. Vá. Agora.

— Mas não sabe... — disse ela —. Ela é uma...

— Sei o que ela é — disse ele. Quando Deoctra tratou de desequilibrá-lo, o homem usou um pé para lhe dar um chute, estirando seu passo de modo que ela estivesse desequilibrada. Ele moveu uma mão através dos peitos de Deoctra e a acariciou.

— Hmm. Pequenos, mas agradáveis.

— O que acha que está fazendo?! — vaiou Deoctra.

— Não pode imaginar? — Ele agachou sua cabeça e lambeu a lateral do pescoço da full-blood —. Certamente é um pequeno e saboroso bocado.— Ele levantou a cabeça e olhou a Erika —. Por que está ainda aqui? Vá. A mantereí aqui enquanto alcança seu carro.

— Mas e você?

A mão grande se moveu dos peitos de Deoctra, e atravessou seu estômago.

— Posso cuidar de mim mesmo. Vá! Agora!

Recolhendo sua maleta, correu o resto do caminho de pedestres. Quando se aproximou deles, Deoctra assobiou e lutou para estender a mão e agarrá-la. Erika rasgou sua jaqueta na sebe enquanto a evitava. O medo dava velocidade a ela, atravessou o caminho e correu pelo estacionamento fracamente iluminado.

Pôde ouvir uma série de grunhidos e assobios atrás dela e temeu pela vida do estranho que tinha chegado a seu resgate. Não deveria tê-lo abandonado. Tinha que chegar ao carro e chamar à polícia.

Talvez o som das sirenes afastaria Deoctra. Em qualquer caso, ela voltaria.

A uns metros de seu carro, outra pequena e morena mulher apareceu em seu caminho.

— Ah, Meu deus, outra! — ela deixou cair sua maleta e agarrou a estaca como uma faca —.

Ah, Deus, Mikhel! Onde está?

— Mikhel não está aqui, mas nós sim.

A Erika levou um momento reconhecer à mulher que estava apoiada em seu carro, levando posta uma escura capa com um capuz rodeada de pele como casaco. Quando o fez, suas pernas quase se dobraram.



— Sra. Dumond. — Correu para frente, seu fôlego chegando em rajadas afogadas. Agarrou o braço da mãe de Mikhel.

— É Deoctra — apontou com um dedo para o caminho —. Vai fazer mal ao homem que tratou de me ajudar. Por favor. Tem que lhe ajudar.

Palea Dumond olhou para o caminho, seus olhos escuros brilhando.

— Serge! — ela olhou a Erika —. Siga-me.

Erika jogou uma olhada ao redor, esperando ver Serge. Tinha ouvido falar muito sobre o irmão mais jovem de Mikhel, mas não o conhecia ainda. Não viu ninguém. Dando de ombros, soltou sua maleta, agarrou sua bolsa de bandoleira e sua estaca. Estava dando a volta, a contra gosto, para o lugar de que tinha vindo e Palea Dumond já tinha desaparecido em um escuro borrão. Se fazendo de forte, Erika rapidamente voltou correndo para o Kennedy Hall. Enquanto ia se aproximando do caminho, baixos gemidos chegaram a seus ouvidos. Os sons eram inequívocos. Ah, não! Deoctra devia estar violando a seu salvador, como tinha tentado violar a Mikhel.

— Sra. Dumond! Por favor lhe ajude!

Dobrou a esquina. Seu coração troando pelo medo, quando se deu conta que Palea Dumond não estava à vista. Então girou atordoada contemplando a cena ante ela.

O homem tinha mantido de algum jeito a vantagem sobre Deoctra, embora suas calças estivessem baixadas ao redor de suas pernas, expondo um firme e forte traseiro masculino. Devia ter rechaçado com êxito a tentativa de violação. O corpo pequeno da full-blood estava estendido contra a parede. O homem estava de pé atrás dela, sua virilha apertando contra seu traseiro nu, suas mãos agarrando seus pulsos, sua cara inclinada para seu pescoço.

Ele retirou seus quadris e empurrou para frente. Erika ficou de pé atordoada pelo assombro. Já que podia ver claramente a longitude do homem que rapidamente desaparecia no corpo de Deoctra. E não em sua vagina tampouco. Ele a fodia no traseiro!

O conseguinte estremecimento da full-blood foi inequívoco, e eram como grunhidos de animal o que saía de sua garganta. — Sim!

Sim! Para um latente, tem um membro passável. Mais! Dê-me mais! Mais membro! Mais membro! Dê-me isso tudo. Enche meu traseiro com seu grande membro! Empurra-o profundo, com força, e rápido. Posso tomá-lo. Posso tomar tudo. Dê-me isso. Ooooh. Ooooh, sim!

— É uma pequena vampiresa avara, não é? — o homem exigiu enquanto escorregava sua



mão pelos pequenos peitos de Deoctra. Rapidamente iniciou em um ritmo estável, forte, seu traseiro se contraindo com cada movimento. A full-blood gemeu, seu pequeno traseiro tremendo com cada impulso.

— Imagine, uma full-blood como você desfrutando de ser fodida por um latente — burlou ele.

— Se cale e segue-me fodendo!

O rubor se elevou pelo pescoço de Erika e alagou suas bochechas. Seu corpo inteiro se sentiu quente. Ela empurrou seu capuz atrás de sua cabeça para que o ar frio pudesse refrescar suas bochechas. O ar gelado não parecia incomodar a nenhum dos outros dois. Geravam claramente seu próprio calor íntimo.

Sem advertência, o homem retrocedeu, tirando seu membro do traseiro de Deoctra.

Erika, olhou-o fixamente, mordendo seu lábio inferior. Era tão grande e grosso como Mikhel. Não, realmente, ele era maior que Mikhel. Sua vara coberta por um camisinha reluzente de sucos corporais, ele esfregou a grande cabeça de seu membro contra o traseiro da mulher.

Inclusive com a camisinha, poderia ver que o homem tinha um eixo impressionante. Ela lambeu os lábios, sua vagina pulsando nervosamente. Mas como, pelo amor de Deus, tinha obtido a pequena mulher tomar todo esse membro em seu traseiro?

Deoctra miou e empurrou seu traseiro atrás contra a virilha do homem. — Volta a colocá-la! Agora! Por favor!

Estirando-se ao redor do corpo de Deoctra, o homem empurrou seus dedos profundamente em sua vagina. Ela gemeu e sacudiu sua morena cabeça contra seu peito.

— Ooooooh. Mais. Mais. Maaaaaiissss!

O homem de repente girou sua cabeça e olhou diretamente a Erika, um zombador sorriso em sua cara. Ela tragou várias vezes. Não podia esconder sua reação à cena que se desenvolvia diante dela. Ele sabia que lhe ver transar a excitava.

— Ponha seu membro em meu traseiro! — Deoctra gritou.

Ele acariciou o pequeno traseiro de Deoctra e articulou as palavras.

— Serei bom. Sai daqui!

— Mas... como posso te compensar?

Sorriu-lhe, revelando um jogo de dentes tão brancos que rivalizavam com os de Mikhel.



— Fácil. Deve-me uma longa, e lenta noite de transa. Uma noite me apresentarei em seu dormitório para te cobrar. Trato feito?

Só em pensar que este jovem e atrativo homem viesse uma noite quando Mikhel não estivesse para cobrar sua dívida, fez pulsar sua vagina e se acender.

— Mas você... Não sabe... Quem sou.

— É obvio que sei quem é e te asseguro, que te cobrarei.

— Deixa de se dirigir a puta humana e me foda! — gritou Deoctra — ou os matarei a ambos.

— Me matar? — Ele riu com tranquilidade e lhe deu umas palmadas no traseiro.

— Duvido. Primeiro, não tenho nenhuma intenção de ser morto por você ou nenhum outro. E segundo, está muito aficionada por meu membro para isso. Ele olhou a Erika outra vez. — Recorda. Uma destas noites, quando estiver na cama sozinha, irei para minha transa. Mantenha seu doce traseiro úmido e preparado para mim. Agora vá.

Com uma última e luxuriosa olhada ao grosso membro se empalando no corpo da outra mulher, Erika deu volta. Correu para seu carro, consciente de uma inquietante sensação de ciúmes porque o atrativo estranho estava fodendo a Deoctra. Em um nível consciente ao menos, ela se negava a se permitir pensar em deixar que ele a fodesse se alguma vez aparecia. De todos os modos, para sua total vergonha, permitiu que o pensamento ficasse em sua mente, onde a açoitava e estimulava.

Ela encontrou sua maleta no estacionamento onde a havia deixado cair e abriu seu carro.

— Chega a casa rapidamente e estará segura.

Soltou um pequeno grito e levou uma mão a seu peito. Palea Dumond tinha aparecido de repente do outro lado de seu carro.

— Sra. Dumond! Assustou-me.

A Sra. Dumond a olhou com seus escuros olhos.

— Se é realmente a Bloodlust de Mikhel, deveria se acostumar às idas e vindas de nossa gente. Agora vá enquanto Deoctra está ocupada.

Ela jogou um olhar preocupado para o caminho onde o estranho estava provavelmente ainda dando prazer a Deoctra.

— E o homem? Ele e Deoctra estão...

— Sei o que eles estão fazendo. Desfrutou vendo-os transar. Sim?



— Não! Claro que não!

— Mas permaneceu olhando-os fixamente, e lambendo os lábios. Cada vez que ele empurrava seu pênis em seu traseiro, você girava seus quadris e tremia um pouco, como se ele a fodesse. Desenvolveu um insaciável gosto pelo membro de vampiro. Sim?

O sangue alagou sua cara. Significava isto que o homem com Deoctra era um vampiro?

— Eu... Eu pensava no Mikhel e estava impressionada.

— Ah. Era a idéia de Mikhel fodendo seu traseiro o que fez que sua vagina gotejasse.

— O que gotejasse o que...?

Palea farejou o ar, seu pequeno, e reto nariz se movendo.

— O ar esta fragrante com o aroma de sua excitação. Quer algum membro. Sim? Mikhel ou... — Ela inclinou sua cabeça em direção ao Kennedy Hall — o seu?

De acordo, ela estava mentindo e a mulher claramente sabia. Deu de ombros.

— O que passará quando ele acabe... Lhe fará mal?

— Não se ela valorizar sua vida. Agora vá. Ficarei e me assegurarei que ele esteja bem.

— Obrigado. Não poderia ir do contrário. E obrigado por vir em meu resgate.

— Não poderíamos fazer menos pela Bloodlust de Mikhel.

Aí aparecia de novo, o nós. Ela colocou a bolsa e a maleta em seu carro. — Posso lhe fazer uma pergunta, Sra. Dumond?

Palea Dumond assentiu ligeiramente.

Ela mordeu o lábio, tratando de decidir se realmente desejava conhecer a resposta a essa pergunta. Decidindo que sim, continuou.

— Essa noite em Salem, no quarto do hotel de Mikhel. Depois que Deoctra partisse e você... ainda ficasse no quarto quando Mikhel veio à cama comigo... quando ele...

— Quer saber se lhe vi te fazer amor. Sim?

No princípio, ela tinha estado horrorizada quando Mikhel tinha deslizado seu grande membro nela enquanto suspeitava que sua mãe estava ainda no quarto. Não lhe tinha levado muito tempo, entretanto, se perder em seu ato de amor excluindo todo o resto.

— Sim. Fez?

— Sim.

— Temia isso.



— Por quê? Desfruto olhando a meus meninos fazer amor — franziu o cenho. — Seu membro é um pouco pequeno, mas é também agradável. Sim?

Se ela pensava que Mikhel, cujo tremendo membro ainda as vezes machucava a Erika quando faziam o amor, era pequeno, seu marido devia estar dotado como um cavalo. Ela assentiu paralisada.

A outra mulher sorriu.

— Seu pai o ensinou bem. Quando um moço não está tão dotado como deveria ser, é importante que saiba usar o que tem. E meu pequeno Mikhel é um amante agradável. Sim?

A cara de Erika se acendeu. No que se colocou? O pequeno Mikhel da Sra. Dumond era um amante excelente, mas não queria falar disto com ela. Nunca poderia imaginar a sua própria mãe falando da estreiteza de sua vagina e logo perguntando ao amante de Erika sobre sua perícia sexual.

— Ele está umm... bem...

Palea franziu o cenho.

— Vai jogar em sua cara o pequeno tamanho de seu pênis? Encontra-o deficiente como amante?

— Não! Não, é um amante fantástico — disse com voz aturdida.

— Sim? — soou como qualquer mãe orgulhosa.

— Sim.

— Ah, sim. Serge, com seu pênis maior, deveria sê-lo também. — Seus olhos escuros se fizeram mais profundos e ela sorriu.

— Ah, mas meu pequeno Serge tem encantos por si mesmo. Sim?

Erika piscou para ela. Como esperava que comentasse algo sobre os encantos de um homem que não conhecia?

— Estou segura de que os tem — resmungou —. Mas nunca o vi.

As sobrancelhas de Palea Dumond se elevaram.

— Serge está com Deotra agora. Meu pequeno Serge é tão bonito como Mikhel. Sim?

Erika sentiu como se lhe tivessem tirado o ar dos pulmões. Ela olhou à outra mulher.

— O homem com... com a Deotra é seu filho, Serge?

— Sim. — Ela sorriu. — Meu pequeno Serge ao resgate. Tão atrativo como o Marshall Dillon



na fabulosa Gunsmoke⁵. Sim?

O homem ao que tinha desejado e quase havia meio prometido uma longa noite de sexo era o irmão mais novo de Mikhel?

— Ah, Meu deus! — Jogou uma olhada rápida para o Kennedy Hall. — Não o entendo. Por que ele está... Com a Deoctra?

A pergunta pareceu surpreender à Sra. Dumond.

— Ela tem um traseiro complacente. Embora meu pequeno Serge deseje sua vagina, não lhe deixará fodê-la por ali. Ela quer guardar isto para Mikhel. Mas de todas as formas, ele de vez em quando desfruta... como o chamam vocês... de uma agradável troca de traseiro. Claramente, Deoctra desfruta com seu membro, mas quem poderia culpá-la? Ele tem uma agradável membro. Sim? Pequeno comparado com seu pai. Mas agradável entretanto.

— Sim — disse ela fracamente — Mas por que está com Deoctra?

Ela tratou de fazer mal a Mikhel.

— Lhe fazer mal? Não, Deoctra não queria fazer mal a meu pequeno Mikhel. Você é a que ela quer fazer mal. Ela considera Mikhel seu Bloodlust, e você é um impedimento. Mas não permitiremos que te faça mal. Sobretudo agora.

Algo em seu tom fez Erika paralisar. Lambeu seus lábios e encontrou o olhar de Palea Dumond.

— Você sabe? — perguntou em voz baixa.

A outra mulher assentiu, seu olhar suavizando-se. — Sim, minha pequena. Sei. Mas não meu pequeno Mikhel. Ele não sabe. Não disse a ele. Não?

— Ainda não. Por favor não o diga. Não decidi o que quero fazer ainda.

Os olhos da outra mulher se obscureceram e projetou um repentino e inequívoco ar de ameaça.

— Há só uma coisa que fazer. Sim?

Erika sacudiu sua cabeça, rechaçando ser intimidada.

— Essa é minha decisão, Sra. Dumond.

— Só se tomar a decisão correta. Vê com cuidado, Erika Kalai. Eu não gostaria de fazer mal a Bloodlust de meu pequeno Mikhel, mas farei o que deva. Compreendeu-me. Sim?

⁵ Famosa série de TV da década de 70, deste lado do Atlântico se chamou “A Lei do Revólver”.



Erika tremeu.

— Sim. Faça-o, mas eu também farei o que deva.

— Não tente cruzar espadas comigo, Erika Kalai. Não seria bom para você se o fizer. Deve fazer o correto por meu Mikhel. A deixarei para que tome sua decisão. Durante um tempo, mas não permitirei que faça mal a ele ou lhe minta.

— O amo! Não quero lhe mentir ou lhe fazer mal.

— Então cuida de não fazer-lhe.

Erika tragou.

— Tenho muito medo, por favor, não me ameace, Sra. Dumond.

Os olhos escuros se suavizaram e a outra mulher se aproximou rapidamente a seu lado.

— A Bloodlust de meu pequeno Mikhel não tem nenhuma necessidade de temer a nenhum Dumond. A defenderemos todos com toda nossa considerável força. — Tocou a bochecha de Erika —. Mas deve ser sincera com meu pequeno Mikhel.

— Sei, mas, por favor, me permita que o faça no momento oportuno. Guardará minha confiança?

— No momento, mas deve decidir logo fazer o correto. Sim?

— Tomarei minha decisão logo. Só que agora mesmo, tenho que sair daqui. Obrigado. Boa noite.

Conduzindo para seu apartamento, Erika estava cheia de dúvidas e inseguranças. Amava Mikhel, mas enchendo sua mente estava o medo de ter cometido um engano monumental ao retornar com ele a Salem. Uma vez que tinha deixado seu quarto do hotel, deveria ter ido definitivamente. Agora, tinha que pensar que se ia o abandonar outra vez, não só ele estaria zangado, sua mãe também.

Sabia que Mikhel tinha um lado escuro, mas também sabia que nunca lhe faria mal. Tremeu. Ela não estava tão segura sobre Palea Dumond. Mikhel lhe havia dito que sua mãe tinha quase quatrocentos anos. Para sobreviver como um vampiro durante tanto tempo, ela devia ter feito coisas incrivelmente horríveis. O que a havia possuído para se implicar com semelhante família?

Ela sacudiu sua cabeça. Não fique louca, Rica. Passa o Natal, e logo toma uma decisão e conduz com as conseqüências. Mikhel não deixará que ninguém te faça mal, nem sequer sua mãe.



Capítulo 02

— Vejo coisas emocionantes em seu futuro... luxúria, paixão, amor e perigo tudo isso te esperando. Se te atrever a estender a mão e abraçá-los, logo terá suas fantasias mais selvagens realizadas.

Os lábios de Derri Morgan se moveram nervosamente e tentou impedir de mostrar ceticismo em sua escura cara. Ela nunca tinha compartilhado suas fantasias mais secretas com ninguém. Sua fantasia mais selvagem era impensável e imensionável em uma independente e moderna mulher negra, que tinha toda a intenção de se casar com um igualmente moderno macho negro em algum momento do futuro.

— Vejo você duvidar de minhas palavras.

Ela olhou através da pequena mesa à mulher magra e de aspecto exótico com o comprido cabelo escuro e vividos olhos azuis. Era difícil levar uma adivinha a sério se parecia que mal tinha vinte e um anos. Além da porta, a uns metros, as pessoas se apressavam por uma das ruas mais concorridas do centro da Filadélfia, iam ou vinham do almoço. Apenas dez minutos antes, ela tinha estado entre aquela multidão, o pescoço de seu casaco levantado para defender do inoportuno vento frio de princípios de dezembro, tentando chegar a seu escritório do centro da cidade.

Por que tinha entrado de repente nesta pequena loja para que lessem a palma de sua mão, estava além de sua compreensão. Embora não fosse completamente certo. Ela recordava vivamente as freqüentes visitas de sua mãe a várias adivinhas. Como uma adolescente sabichona, tinha sido secretamente desdenhosa com as crenças de sua mãe no sobrenatural. Agora aqui estava confiando que por algum milagre, esta mulher lhe oferecesse alguma pista do tipo de pessoa demente, que a estava espreitando. Se realmente tivesse sorte, a adivinha lhe mostraria como se desfazer dos pesadelos.

Dava-se conta que a idéia era absolutamente tola. Se não outra coisa, ela era uma mulher pragmática. Este pragmatismo, junto com o duro trabalho e inteligência, era responsável por sua ascensão a sócia Júnior no escritório de advogados de rápida expansão do Lewis, Beckmen, e Associados. Não havia nenhum espaço em seu plano de trabalho para tolices sem sentido. Menos mal que ela tinha programado passar um fim de semana longo no Refúgio.



— Não é que duvide de você — disse brandamente. Certamente sabia que a parte de perigo das palavras da médium era verdadeira. — Vim com a esperança... Tenho um problema...

— Ah sim. Quer saber sobre quem a está espreitando na rua e te assusta com chamadas telefônicas durante a noite.

Os lábios de Derri se abriram e ficou olhando à mulher.

— Sabe sobre isso? Como?

Ela não o havia dito a ninguém exceto o sócio principal da firma e à polícia. O tinha ocultado inclusive de Karl. Por outra parte, ele sem dúvida haveria sentido que a honra o obrigava a voltar para a Filadélfia e tratar de reatar sua relação em vez de conseguir aquele trabalho em Fênix. A decisão de terminar sua relação de três anos tinha sido muito difícil. De todos os modos, não tinha querido que ele soubesse por que tinha rechaçado sua oferta de matrimônio, embora tivesse estado tão tentada de aceitá-la.

A mulher pôs uma magra mão sobre uma bola de cristal colocada a um lado da mesa.

— Vi a seu atormentador.

Ela se aproximou, seu coração trovejando pela antecipação.

— O fez? — Talvez houvesse algo neste encontro sobrenatural depois de tudo. — Quem é? Qual é seu aspecto? Tem seu nome? Como posso apanhá-lo? É...

Os olhos da mulher se entrecerraram, como se tratasse de enfocar algo distante. Depois de um longo e tortuoso momento, ela se recostou, sacudindo sua cabeça com frustração.

— Não está ainda claro. Os detalhes me evitam.

Certamente que sim, Derri pensou com cinismo. Ela lançou à mulher um pensativo olhar. Possivelmente deveria mencionar esta mulher à polícia. Como sabia que Derri estava sendo espreitada a menos que estivesse de algum jeito implicada?

— Obrigado pela leitura — se levantou, colocando suas luvas de couro. Recolheu sua maleta e a bolsa de bandoleira do chão junto a sua cadeira.

— Os detalhes de quem a atormenta não estão claros, mas sua fantasia secreta sim. A oportunidade de realizar sua fantasia se apresentará dentro de muito pouco. Quando o fizer, estende a mão e agarra-o com ambas as mãos. Toma-o... Vive-o... Desfruta-o.

Nem sequer sua íntima amiga, Cassy Thompson, sabia de seus desejos mais secretos. De maneira nenhuma esta mulher com umas bonitas quinquilharias e truques de salão o poderia



saber. Não era de admirar que insistisse em ser paga primeiro. Gelaria em agosto antes que ela voltasse. Com sua mão na porta, Derri deu volta para olhar à mulher.

— Minha fantasia mais secreta é só isso, secreta.

— É assim? Realmente? — Ela acariciou a bola de cristal e abriu a outra mão. — Olhe.

Apesar de si mesma, Derri se aproximou para olhar na mão da mulher. Um pequeno pendente de ouro estava na mão da mulher, era de dois centímetros de largura e de aproximadamente quatro de altura e representava a dois amantes nus, congelados no ato de acoplamento. Embora pequeno, as linhas da gravura eram sutilmente detalhadas das nádegas apertadas do homem, e suas coxas rígidas apertadas contra as costas da mulher, nos cheios peitos da fêmea, com os mamilos totalmente endurecidos.

Sua boca se abriu em atordoada surpresa. Este era o talismã que tinha juntado a Cassy e seu noivo Chandler. Franziu o cenho. Ou não o era? A última vez que ela tinha visto o pendente o homem era branco, e a fêmea negra. Agora ambos eram dourados. Mas Cassy não havia dito algo sobre o casal que às vezes trocava de cores?

— Você gostaria de sustentá-lo?

Ela olhou a médium.

— Eu...

— Aqui. Sustenta-o. Sente-o.

Derri não protestou quando o pequeno talismã foi depositado em sua mão. Um zumbido correu por ela quando o pendente tocou sua palma e lançou um grito afogado, quando viu o que passou depois.

O casal em miniatura começou a se mover. Quando o diminuto pênis penetrava o pequeno traseiro, a cor do casal começou a trocar. Em questão de segundos, a fêmea tomou a cor e o contorno de uma mulher negra de constituição forte e o macho era um musculoso homem branco. Quando a mudança ocorreu, o membro diminuto cresceu até que pareceu como se seu tamanho pudesse partir as trêmulas nádegas de ébano da fêmea pela metade. O macho passou por várias mudanças de cor um após a outra tomando os matizes de um asiático, um hispano, um indígena, um americano e vários outros matizes antes de trocar de novo ao caucásico.

Com o coração palpitante e o desejo queimando, Derri olhou até que o casal terminou de copular. Só quando viu gotinhas brancas diminutas se filtrar desde o meio das pernas da fêmea se



deu conta que o não tão diminuto pênis estava na vagina da fêmea. As poucas vezes que ela o tinha visto quando Cassy o tinha, o macho sempre estava atrás da fêmea. Ou isto havia possuído a Cassy?

Quando o macho levou um quase impossivelmente largo e grosso pênis dentro do corpo trêmulo da fêmea, a médium tomou o talismã e fechou sua mão sobre o casal.

Com um grito afogado de protesto em seus lábios, Derri levantou seus olhos para encontrar os da adivinha.

— Ah, Meu deus! — sussurrou —. Como... Como sabe?

— Há muitas coisas que sei, Derri. Tudo o que desejas está ao seu alcance. Quando estiver pronta para tomar o que a vida tem a te oferecer, volta para me ver.

— Por quê?

— Este talismã ajudará a te dar coragem para agarrar seu desejo mais fervente.

— Onde o conseguiu? Isto pertencia a uma amiga minha.

— Agora pertence ao homem que é seu destino. Ela sacudiu sua cabeça.

— Sei algo sobre esta coisa.... Formarei meu próprio destino e escolherei o meu próprio amante.

— Não sentiu uma quebra de onda quando tomou o talismã? A escolha já foi tomada, Derri.

— OH não, isso não é assim. E não me chame Derri.

Sacudida e aturdida pelo que tinha visto, Derri se afastou da loja. Respirando profundamente, uniu-se à multidão que se apressava pelo Chestnut Street. Na esquina, parou atrás de várias pessoas, que esperam em um semáforo. A luz ficou verde e as pessoas atrás dela avançaram. Sua mente estava na cena estranhamente erótica que tinha visto desdobrar-se em sua própria mão mais que em ver por onde ia, e não viu o meio-fio que era muito mais alto do que esperava.

O salto de sua bota se enganchou em uma boca-de-lobo. Seu ímpeto empurrou-a e soube que estava a ponto de ter uma dolorosa e ignominiosa queda. Sua maleta e bolsa voaram de suas mãos e lançou um grito. O asfalto se precipitou para ela com velocidade alarmante, quando ela estirou seus braços em uma tentativa de evitar a queda. Fechou os olhos por instinto, com outro pequeno grito saindo de seus lábios, mas em vez do impacto com o asfalto que esperava, umas mãos como o aço rodearam seu corpo. Um braço a segurou por sua cintura, enquanto a outra mão



penetrou por seu casaco e acariciou ambos os peitos antes de agarrar o direito. Ela pôde sentir o calor de uma mão quente e grande através de sua blusa e sutiã. A sensação desta, combinada com os quentes lábios que se moviam contra sua orelha, lançou uma sacudida ao longo de sua espinha.

— Está bem. Te peguei. — Ele falou com os lábios pressionados contra seu pescoço —. Sua voz era suave e profunda. Poderia ter estado envolvida em veludo. O desejo que tinha começado a desaparecer só momentos antes ameaçava arder fora de controle.

Mantendo sua mão firmemente dentro do casaco e sobre seu peito, o homem a levantou devagar a uma posição vertical. Então, sem prestar atenção aos transeuntes que os olhavam fixamente, ele a sedimentou na calçada e lhe sustentou entre seus braços.

— Tenho-te. Está segura agora.

Ele deslizou seu casaco por cima de sua cintura e a atraiu para si. Apertou seus quadris contra ela. A sensação do erguido pênis contra ela era inequívoca. Era grande, grosso, e forte. Ela fechou seus olhos e mordeu seu lábio inferior para sufocar um gemido de desejo. Os pensamentos de sua fantasia secreta a atormentaram e sentiu a reveladora umidade entre suas pernas.

Isto era uma loucura. Um estranho em uma rua lotada da cidade a assaltava sexualmente e ela não só o permitia, mas também se excitava. Ponha em marcha, Derri.

Ela se separou e deu a volta para olhar ao homem. Ele era alto e atrativo com o cabelo curto, escuro e um brinco de diamante em sua orelha esquerda. Uma pontada de alarme e prazer atravessou seu sistema nervoso quando encontrou seus olhos de cor cinza escura. Seus olhares se cruzaram e ela se viu de volta na loja da adivinha. Ela era a fêmea, que gemia com antecipação quando um membro largo, grosso, e branco empurrava por suas escuras nádegas em seu caminho de penetrar repetida e profundamente dentro de seu canal que de repente sentiu vazio, ansioso, pelo membro deste homem em sua vagina.

Ela lambeu seus lábios. Ah, Deus, sentiria-se tão bem.

Melhor que o que qualquer de nós sentirá alguma vez com nenhum outro, minha beleza de ébano.

Derri piscou, sacudindo sua cabeça. Tinha estado olhando a cara do homem, assim sabia que não tinha falado. Ainda assim, ela tinha ouvido a resposta a seus pensamentos.

Bem, Derri. Se controle, moça. Ele não pode ler seus pensamentos. Está imaginando tudo isso.



Seu olhar se moveu devagar pelo corpo do homem. Ele estava vestido com uma jaqueta de couro negra curta que terminava em sua cintura. Tinha pernas longas e um corpo forte, musculoso. Ela o havia sentido. O término super atrativo veio a sua mente. Desprezou-o. Não havia nada atrativo em ser manuseada por um estranho na metade da rua.

— Olhe, estou agradecida que me salvasse de uma horrível queda, mas... Como se atreve a se esfregar assim contra mim?

Ele sorriu impenitente. — Como poderia evitá-lo? Deve saber que tem um formoso traseiro absolutamente fantástico e proporcionado, firme e perfilado. E uns peitos encantadores. O que posso dizer sobre eles salvo que alcançam a perfeição como o resto de você?

— O que?! — Ela treinava várias vezes por semana para conservar-se em forma e lhe dizia que tinha um traseiro grande e se supunha que tinha que se alegrar?

— A primeira vez que a vi, soube que seu formoso corpo estava feito para mim, feito para foder. Sua vagina se adaptará ao redor de meu membro como uma luva feita à medida. Maldição, estaremos muito bem juntos.

A primeira vez que ele a viu? E quando tinha sido isso? Uma rajada de medo lhe saltou ao longo de sua espinha. Era este homem seu assediador? Obtinha emoções de chamá-la no meio da noite só para respirar a seu ouvido? Era a sombra que via quando caminhava por ruas escuras de noite? Tinha decidido agora dar a cara?

O pensamento que este homem, que parecia como se acabasse de sair da universidade, era responsável por semanas de noites insones a enfureceu. Gelaria no inferno antes que lhe tivesse medo de um menino de alguma estúpida fraternidade universitária masculina.

— Quem demônios é você?

Em vez de responder, ele se agachou para recuperar sua maleta e sua bolsa.

— Estes são teus.

— Obrigado. — Os arrebatou da mão —. Eu lhe fiz uma pergunta. É o covarde que estive me chamando no meio da noite?

Seus olhos cinzas se obscureceram.

— Não. Não tem que temer a esse chagal. Ele viverá só o tempo justo para lamentar sua escolha de objetivos.

— O que? — o contemplou —. O que sabe sobre ele? Quem demônios é?



— Alguém que tem a intenção de te proteger. — Ela sacudiu sua cabeça.

— E como planeja fazê-lo? Assaltando-me? Vamos ver se nos entendemos, jovenzinho. Não necessito seu amparo. Tampouco tenho tempo para joguinhos com você.

— Nunca fui mais sério em minha vida — estendeu uma mão —. Venha comigo e me deixe te mostrar quão bem podemos ser juntos.

O olhar de seus olhos, que tinham agora uma luz, de trocante cinza, a manteve imóvel. O que havia dito a adivinha? Que se desse uma possibilidade para experimentar sua fantasia mais selvagem só estendendo a mão e agarrando a oportunidade. Era esta essa possibilidade? Se segurava a mão deste homem, se fosse com ele, e dormisse com ele. Ah, a quem estava enganando? Se fosse com ele, ia deixar a fodesse.

Venha comigo, minha beleza de ébano. Meu membro te dará grande prazer.

De acordo. Ela não esperava isto. O maldito homem projetava de algum jeito proposições eróticas diretamente a sua mente. Um tremor de desejo e antecipação a encheu. Ele tinha um bom membro. Seria um agradável interlúdio. Tinha passado muito tempo desde que ela e Karl tinham dormido juntos. Estaria muito bem estar cheia por um membro realmente grande outra vez. E o membro deste moço de fraternidade masculina estava definitivamente qualificado.

Ela piscou rapidamente e sacudiu a cabeça. Ponha em marcha, Derri. De nenhuma maneira vai dormir com este desconhecido... este jovem desconhecido.

— Saia de meu caminho, colegial. E se for você que esteve me espreitando, deveria pensar isso duas vezes antes de fazê-lo outra vez — lhe apontou com seu dedo —. Da próxima vez que o veja... Não deixe que o veja de novo. Se souber o que é bom para você.

Ele sorriu.

— Eu gosto de uma mulher com um espírito feroz e uma quente e rendida vagina. Com certeza tem ambos. Definitivamente me verá outra vez.

Este era o idiota que ela tinha temido tanto? Bem, para nada.

Ela apenas resistiu ao impulso de dar uma bofetada no imbecil.

— Uma quente e rendida vagina? Perdeu um parafuso? O que o faz pensar que dizer cantadas conseguirá que chegue a algo com uma mulher, além de impedir que dê golpes contra o maldito meio-fio?

— Quer marcar um ponto e deixar alguma impressão? Deixa de confiar em suas olhadas



para seu membro, que provavelmente não sabe nem como usar corretamente, para conseguir o que quer. Cultiva um pouco de delicadeza. O caminho para a minha cama não é dizer que tenho um traseiro grande e que quer foder minha quente e rendida vagina! Direi-te algo, por que não volta para me ver quando tenha adquirido algumas maneiras e crescido um pouco? Até então, pode ir ao diabo, jovenzinho!

Ela deu volta e se afastou. Andou os cinco blocos até seu escritório tão rapidamente que seus pés a matavam quando o Brown Building surgiu diante dela. Só então deu a volta para olhar ao redor. Um bufo zangado saiu de seus lábios. O menino assediador estava em pé do outro lado da rua, olhando-a. Como se atrevia a continuar perseguindo-a? O que precisava fazer era açoitar seu traseiro e lhe dar de golpes contra a calçada. Estava de humor para isso.

Deixando sua maleta atrás da escrivaninha do vigilante no vestíbulo, saiu do edifício, determinada a encará-lo. Ele já não estava na calçada em frente. Olhou acima e abaixo na rua. Embora havia muitos transeuntes se movendo em uma ou outra direção, o homem que tinha evitado sua queda não estava entre eles.

Capítulo 03

Derri entrou de novo no edifício e subiu a seu escritório no quarto piso.

— Derri, o que ocorre?

Ela parou na escrivaninha da recepcionista e arqueou uma sobrancelha à pequena, bonita e morena mulher que estava sentada ali.

— O que quer dizer, Betty?

— Tem pinta de querer matar a alguém.

Respirou fundo.

— Sinto-me um pouco agitada. — Jogou uma olhada rápida a seu relógio — Mark está na sala de conferências?

— Sim. E Derri, com ele está esse homem absolutamente magnífico. Betty com vinte anos pensava que tudo o envolto em um par de calças era magnífico.

Sorriu.



— Magnífico, né!? Então deveria ir me refrescar antes que me una a eles.

No pequeno banheiro, junto a seu escritório, estudou a cara no espelho. O cabelo curto, escuro, que tinha penteado em uma série de cachos naturais, estava com esmero em seu lugar, a batom de cor vinho ainda brilhava em seus lábios cheios, mas seus olhos marrons escuros cintilavam pela agitação.

E não era de estranhar. Um lunático a espreitava, um desconhecido ao que teria muita vontade de se render sexualmente a assaltou na rua, e lhe tinham dado o maior caso de sua carreira como advogada defensora. Suas perspectivas futuras com a firma dependiam em grande parte de como levasse o caso de Smith-Barley. Não era todos os dias lhe pediam para defender ao acusado de espreitar e assassinar ao único filho de um multimilionário editor de periódicos.

Aparou o cabelo, repassou os lábios, endireitou a saia de seu formal traje escuro, e se dirigiu para uma das salas de conferências menores no andar de cima de seu escritório.

Esta sala de conferências em particular estava fechada do teto ao piso com vidros, assim podia ver seu interior à medida que se aproximava. Mark Lewis, seu mentor e sócio gerente, estava sentado em um extremo da mesa oval de carvalho.

Dirigiu-lhe um rápido olhar. Era sua imaginação ou não parecia tão infeliz e nervoso como o tinha estado ultimamente? Confiava que sim, porque ele merecia um pouco de felicidade, algo que não tinha tido durante vários anos.

Voltou sua atenção às outras pessoas na sala. Vários estagiários estavam sentados na mesa com Mark. Um homem alto, moreno permanecia junto à janela olhando ao exterior.

Seu ritmo cardíaco aumentou e seu caráter se disparou. Embora estivesse de costas para ela, sabia que era o tipo da fraternidade estudantil que lhe tinha feito proposições meia hora antes. Mas como se trocou tão rapidamente? Já não vestia a jaqueta de couro e as calças de seda escuros. Como a tinha encontrado em seu escritório? E o que é mais importante por que estava ali? Ele tinha ido muito longe e estava a ponto de saber que se colocou com a mulher incorreta.

Abriu a porta de cristal e andou com passo majestoso na sala.

— Mark, sinto chegar tarde. Quando retornava do almoço, me encontrei com este idiota quem...

O homem da janela deu a volta e ela vacilou. Betty tinha razão. Ele era magnífico, com o cabelo escuro e espesso e traços formosos, esculpidos. Mas não era seu moço da fraternidade de



olhos cinzas.

Ela encontrou seus olhos marrons escuros, que a percorreram rapidamente. Sentiu dificuldade para respirar o que a impressionou tanto como a aturdiu. Poucas vezes respondia desta maneira a um homem. Ela tinha se sentido assim quando conheceu Karl quase cinco anos antes. Desde sua separação, ela havia mantido controlados suas emoções e desejos. Ainda assim esta era a segunda vez no dia que contemplando os olhos de um homem desconhecido a fazia pensar em sexo. Primeiro, com o colegial e agora com este homem.

— Derri?

Deu a volta e olhou para Mark.

— Derri, este é Mikhel Dumond de Segurança Dumond. Mikhel, esta é Derri Morgan, uma de nossas sócias.

O homem cruzou a sala com sua mão estendida e um cálido sorriso em sua cara.

— Sra. Morgan. É um prazer conhecê-la.

Ela estreitou sua mão e experimentou uma sacudida de prazer. Assombrou-a.

— Sr. Dumond. — Ela retirou sua mão e pegou um dos dois assentos vazios na mesa. O pêlo da sua nuca se arrepiou quando Mikhel Dumond tomou assento ao lado dela. Maldição, o homem era sexy de molhar as calcinhas.

— Derri, está conosco?

O rubor subiu por seu pescoço e sua cara, e encontrou o olhar de Mark.

— Sinto muito. Minha mente divagava — confessou ela.

Mark sorriu, com compreensão em seus olhos azul escuro. — Não posso dizer que a culpe. Tem muito no prato ultimamente.

— Posso dirigi-lo — disse rapidamente.

Ele assentiu.

— Estou seguro disso, mas não tem que fazer tudo sozinha. Não comprometi seu tempo e os recursos desta firma em defender Charlie Smith-Barley , pró bono⁶, só porque seja o filho de meu melhor amigo. Também acredito em sua inocência.

Ela assentiu. Depois de várias conversações com o jovem, ela estava convencida que a

⁶ Pró bônus: é uma expressão latina, que significa "para o bem". Tem sua origem na frase pró bônus público, "para o bem público". É utilizada para designar ao trabalho geralmente jurídico, mas bem pode ser de outra profissão ou [ofício](#), realizado voluntariamente e sem retribuição monetária (Segundo São [Wikipedia, N.C](#))



polícia tinha sido pressionada por Ralph Mariono e tinham detido ao homem equivocado.

— Acredito também e tenho a intenção de fazer todo o possível para demonstrá-lo.

— Tal e como estão as coisas, terá que focar toda sua atenção nesse objetivo. Por isso Mikhel está aqui. Ele ou alguém de sua equipe a acompanharão ao Retiro, assim pode passar uns dias relaxando. Nada de verdadeiro trabalho, Derri. Só quero que descanse e relaxe.

Ela piscou.

— O que?

As sobrancelhas de Mark se arquearam.

— Realmente está perguntando? Quando a perdemos? Não importa. Mikhel acompanhará ao Retiro.

O Retiro era uma cabana remota, mas luxuosa que Mark e sua falecida esposa, Jennie, possuíam nas Montanhas Poconos. Desde a morte de Jennie vários anos atrás, Mark tinha evitado o lugar. Durante os dois últimos anos, O Retiro havia sido usado exclusivamente para o negócio. Frequentemente, sempre que um dos sócios da firma necessitava um lugar tranquilo para se preparar para um processo, ia ao Retiro.

A idéia de passar um tempo ali com Mikhel Dumond enviou uma rajada de prazer por ela. Apartou o pensamento de quão agradável seria estar a sós com ele. Não poderiam se sentar no mesmo quarto sem se perguntar como seria ser beijada por ele. Como poderia se concentrar em seu cliente se ia às montanhas com Mikhel?

Inexplicavelmente, pensou no homem que tinha encontrado ao sair da loja da adivinha. Fora da loja da adivinha. Aquela mulher sabia algo. Logo que pudesse, teria que retornar ali e averiguar quanto sabia e como sabia.

— Então está tudo arrumado —dizia Mark enquanto ela centrava seus pensamentos na reunião—. Mikhel a recolherá em casa e a levará até O Retiro. E Derri, quero que fique ao menos quatro ou cinco dias. O julgamento não é até no próximo ano e não queremos que se desgaste. E independentemente do tempo que passe ali não afetará para nada às duas semanas que tem programada de férias.

Ela deu de ombros, tratando de parecer despreocupada.

— Bem. Acredito que posso dirigi-lo, mas levarei meu computador portátil e trabalharei nas perguntas para o jurado.



— Bem, mas nada muito estressante, Derri.

Inclusive enquanto assentia, estava formulando possíveis estratégias de defesa. Estava bem e era bom que a carga da prova correspondia ao Fiscal e que a defesa não tivesse que demonstrar nada. Ela sempre dava a seus clientes seu melhor esforço e isto começava meses antes do processo real.

— Nada muito estressante — prometeu ela.

— Estupendo. Então está tudo arrumado. — Mark levantou-se —. Deixaremos aos dois para que preparem as coisas.

Ela viu como Mark e outros abandonavam a sala.

— Me fale sobre este caso — sugeriu Mikhel Dumond. — Pensa que alguém conectado com ele tem algo a ver com a perseguição?

Ela pensou no comportamento de Ralph Mariono cada vez que se encontraram no Centro de Justiça Penal onde aconteciam todos os procedimentos prévios ao julgamento. Embora nunca tivesse lhe falado diretamente, seus escuros olhos ardiam de cólera e o que parecia ódio cada vez que a olhava.

— Não tenho nenhuma razão para acreditar isso — disse devagar, logo contou a ele sobre o comportamento de Ralph Mariono para ela.

— Já vejo — assentiu — E o que tem que você? Fale-me sobre você.

— Profissional... ou pessoalmente? — perguntou ela, encontrando seu olhar.

— Ambos — lhe disse, sorrindo.

— Estou solteira e sou filha única. Meus pais estão vivos e vivendo na Florida.

— Está sozinha na cidade?

— Eu não diria sozinha. Tenho a muitos amigos, uns tios e uns quantos primos dispersos.

— Já vejo. Então me diga, quando você gostaria de ir à cabana? Esta noite?

— Esta noite? OH... Não posso partir esta noite. Tenho planos.

Ele se recostou na cadeira, passando seus dedos por seu curto e escuro cabelo.

— Um encontro? — Ele tinha uma voz quente, profunda que parecia deixar cair um aviso com a pergunta.

Ela assentiu.

— De fato, sim.



— Tipo afortunado — disse brandamente.

— ou eu a afortunada. Sinto-me rejuvenescida quando estou com ele — contou, sentindo uma necessidade de paquerar que não tinha sentido até fazia um momento.

— É mais jovem que você?

Ela sorriu. O tipo em questão era o filho de dez anos de sua vizinha, com o que compartilhava uma raivosa afeição aos videogames. Não é que ele precisasse saber isto.

— Bastante mais jovem.

Seus olhos brilharam com luzes escuras.

— Você gosta dos homens mais jovens?

Bem, Derri, isto está indo de suas mãos. A fantasia é uma coisa e os negócios outra. Não vai paquerar com este tipo. Ela recolheu sua caderneta e se levantou.

— Depende do homem.

Ele se levantou também e esteve na porta antes que ela o alcançasse. Quando não fez nenhum movimento para abrir a porta, lhe olhou.

Deu-lhe um cartão de visita.

— Aqui estão todos meus números de telefone. Chamar-me-á quando estiver pronta para ir a Poconos?

Ela assentiu.

— Realmente, se estiver disponível, eu gostaria de ir amanhã.

— Amanhã, pela manhã? Pela tarde?

— Quando é melhor para você? — perguntou ela.

— Se não tiver nenhuma preferência, preferiria esperar à tarde. Eu gostaria de voar a Boston, mas estarei de volta amanhã pela tarde ao redor das cinco?

— Bem, mas já tem as reservas feitas? As linhas aéreas estes dias...

Ele sorriu.

— Usarei o transporte particular de minha família.

— Ah. Um avião?

Ele deu de ombros.

— Um pequeno avião a jato.

Ele o disse causalmente, como se todas as famílias possuíssem um pequeno avião a jato.



— Bem. Então o verei amanhã ao redor das cinco.

— Se te sentir ameaçada de algum jeito, me chame.

— Estará em Boston — lhe recordou.

— Me chame — repetiu ele —. Alguém estará cuidando de você, mas me chame. Quero que entenda que farei todo o possível para assegurar que ninguém te faça mal ou a assuste outra vez.

Pela primeira vez em meses, ela se sentiu sem medo. Ele não podia fazer nada sobre os pesadelos, mas sentiu confiança em que ele poderia dirigir qualquer desafio físico que lhe apresentasse.

— Obrigado, Sr. Dum...

— Passaremos muito tempo juntos. Por favor, me chame Mikhel.

— Bem, Mikhel.

— Posso te chamar Derri? — Ela assentiu.

— Sim.

— Bom. Esperarei sua chamada, Derri. Enquanto isso, alguém de minha gente, estará perto. Sempre. Inclusive quando não os vir.

Ela sorriu. Realmente poderia fazer-se à idéia deste atrativo homem estando sempre perto dela. Possivelmente fosse o que realizaria parte de sua fantasia. O pensamento enviou uma fresca quebra de onda de umidade entre suas pernas. O próximo fim de semana ia ser emocionante e cheio de encantadoras possibilidades.

Ele sorriu devagar. Ela olhou seus escuros olhos e encontrou difícil afastar o olhar.

Finalmente, ele abriu a porta e se afastou. Ela saiu sem olhá-lo.

De retorno ao seu escritório, sentou-se a contemplar a tela do computador. Uau! Tinha sido intenso.

Sacudiu sua cabeça. Tinha muito entre mãos para estar fantasiando com o homem adjudicado para protegê-la. Franziu o cenho. Por que não tinha contado a Mark ou a polícia sobre a adivinha e o menino da fraternidade?

Porque tinha a intenção de dirigir a médium por si mesma e agora que tinha encontrado a seu assediador, já não lhe temia. Em troca, pensar nele a fez sentir deliciosos e malvados desejos. Moveu-se incômoda em seu assento, recordando a sensação do membro do menino da fraternidade contra ela. Tinham passado quase três meses desde que ela e Karl tinham desfrutado



de sua última noite de amor. Suspirou, sentindo a tensão de estar sem um amante pela primeira vez em anos.

Pensou em Mikhel Dumond e sorriu. Talvez, só talvez, chegaria a lhe conhecer de uma forma muito próxima e pessoal logo. Um homem desse tamanho devia ter um membro de tamanho similar.

Enquanto isso, precisava falar com Cassy. Ordenou a chamada e começou a trabalhar enquanto esperava a resposta. Sua secretária lhe telefonou uma hora mais tarde.

— Derri, Cassy em linha.

— Obrigado. — recolheu o telefone.

— Olá, Cass.

— Ouça, Derri. Espero que me telefone para ficar almoçando ou para sair uma noite de garotas. Faz muito que nos vemos.

Ela sorriu.

— Sei, mas pensei que você e Chandler necessitavam algum tempo sozinhos. Parece realmente feliz, Cass.

— Ah, Derri, não tem nem idéia. Não posso esperar para me casar com ele.

— Quando?

— Logo.

— Bodas grande? — perguntou, visões de Cass em um vestido de bodas espetacular momentaneamente a distraíram —. vais ser uma noiva magnífica.

— Isso é o que Chandler diz, mas não. Queremos fazê-lo no começo do ano. Vai ser algo muito tranqüilo com minha família, seu sobrinho e sobrinha, seu melhor amigo, e é obvio, minha melhor amiga, você.

— Eu não perderia isso por nada.

— Bom. Não posso esperar para que conheça o Serge.

— Serge é seu melhor amigo?

— Sim. Ele e Chandler assistiram a Temple U juntos. Derri, Serge está para morrer.

Ela riu.

— Isto é o que também diz sobre Chandler.

— E o está. Quando estão juntos em um quarto... bem, só te dizer que devem ser os dois



homens mais sexys do mundo.

Talvez dois dos três. Nenhum homem podia ser muito mais sexy que Mikhel Dumond. Franzio o cenho. O mal educado moço da fraternidade era bastante quente também. Bom, talvez dois de quatro.

— OK, conhece dois dos homens mais sexy do mundo — esteve de acordo. — Mas Cass, me perguntava o que tinha passado com aquele talismã que tinha?

— Chandler o deu a Serge.

Ela hesitou, e logo lhe contou sua visita à adivinha e as chamadas que tinha estado tendo.

— Isto é por que você e Karl se separaram? Mas por que não contou a ele? Ele estava louco por você. Teria ajudado a te proteger.

— Isso não é pelo que rompemos. Disse-lhe isso Cass, tenho fantasias... Que ele não teria entendido ou teria suportado.

— Bom. Mas me deixe ao menos dizer a Chandler para que conte ao Serge.

Isto a surpreendeu.

— Serge? Por que teria que contar ao Serge?

— Assim ele pode ajudar para lhe buscar.

— Por quê?

— Não lhe disse isso? Está em negócios de segurança.

— Está? Bem, obrigado. Isto é estupendo, mas não necessito ao Serge para me cuidar. Mark contratou uma firma de segurança particular. Conheci ao homem que a dirige e Cass, ele é absolutamente... Ele é quente. Não necessitarei nenhuma ajuda deste Serge.

— Bem, se mudar de opinião, avisa. Serge é diferente e..., me conte sobre o tipo quente. Que aspecto tem?

— Quente — disse, entre risadas —. OH, Cass, realmente poderia ir atrás dele.

— Sim?

— OH, sim, mas isto não é pelo que a chamava. Como acha que a médium conseguiu seu talismã?

— Está segura que era meu talismã?

— Sim é Cassy, eles estavam ativos, se souber ao que me refiro.

— De verdade? De que cor eram?



— Macho branco, fêmea negra.

— Ah. — Uma pausa curta a seguiu — Então é esta sua fantasia? Deitar-te com um tipo branco?

— Sim, e com alguns não-brancos. Adivinho que me faz soar um pouco...

— Aventureira. Uau. Por que não me disse isso?

— Não é tão simples, Cass. — Fez uma pausa e decidiu que não estava pronta para confessar o alcance total de sua fantasia —. Embora tenha esta fantasia de me deitar com homens de raças diferentes, tenho a total intenção de me casar com um homem negro. Só quero um encontro ou dois antes de me assentar. Karl nunca teria me entendido ou teria voltado atrás quando estivesse pronta para me casar. Não é que eu o culpe. Se ele tivesse me dito que desejava fazer isso mesmo, eu teria sido infeliz. Não sei por que, mas é o que quero. Se não o fizer agora, passarei o resto de minha vida desejando-o. Assim irei por isso.

— Derri, se quer encontrar a um tipo branco quente, te digo que Serge é seu homem. Ele é atrativo e encantador e adora às mulheres negras. E querida, ele está realmente equipado, se souber o que quero dizer.

— Realmente? — Ela sorriu abertamente — por que, Cass, poderia saber isso?

Ela quase podia ver Cass sorrir desavergonhadamente.

— Não pode evitar se dar conta. Ele não faz nenhum esforço para ocultar que tamanho ou grossura tem. Só o acomoda com o passar do interior de sua coxa dizendo: Aqui estou venha e me agarre.

Ela riu.

— Cass, você exagera.

— Ah, não absolutamente. E querida, está quase sempre duro. Serge é quase tão quente como Chandler.

Ela sorriu.

— Tão quente, né!? Ele deve ser picante então.

— Quase. Os homens não são tão doces ou quentes como meu Chandler.

— Estou seguro que não o são. Bem, conhecerei o Serge cedo ou tarde se for o melhor amigo de Chandler. Enquanto isso, passarei um fim de semana longo com outro tipo quente.

— Assim que esse tipo da segurança...



— Ah, Cass, eu adoraria que ele enchesse minha fantasia.

— Cruzarei os dedos do pé por você. — Ela riu.

— Obrigado.

— Então quer que pergunte a Serge o que fez com o talismã?

Ela negou devagar.

— Não. Deixe-me pensar nisso um pouco. — Jogou uma olhada a seu relógio. Se queria chegar a casa a tempo para desafiar ao Ben de dez anos a um par de partidas de videogames de futebol, deveria começar a trabalhar.

— Cass, tenho que te deixar e sei que provavelmente você também.

— Sim. Falamos outra vez logo?

— Sim. Logo. Dá a Chandler um beijo grande e suculento de minha parte.

Foi só depois que desligou que se deu conta que não havia dito a Cassy nada sobre o moço da fraternidade. Nem importa.

Quem tinha tempo de pensar nele quando pensar em Mikhel Dumond era muito mais agradável?

Duas horas depois, separou-se de sua escrivaninha, se estirando, e se dirigiu por vários corredores ao escritório de Mark. Ela sorriu a sua secretária.

— Myna, está ainda aqui? — Myna franziu o cenho com humor.

— São só cinco e meia. — levantou-se e tirou sua bolsa de uma gaveta —. É obvio que está ainda aqui, mas, por outro lado, eu já vou.

Sorriu.

— Já vejo. Está sozinho? Posso chamar? — Ela assentiu.

— É obvio.

— Boa noite — disse ela e se adiantou para dar um toque à porta, atrás da escrivaninha de Myna.

— Entre.

Ela deu a volta, se despediu de Myna e entrou no escritório particular de Mark. Parou com surpresa na porta enquanto Mark dava a volta da janela para olhá-la. Em vez do sóbrio traje escuro, com a igualmente sóbria gravata que tinha vestido antes, agora levava um par de calças de



couro negro e um informal suéter azul escuro.

— Posso ver que está surpreendida por meu traje — disse ele.

— Não — mentiu, logo assentiu —. Bom. Talvez só um pouco. Nunca o vi vestido assim... tão informal. — o olhando, decidiu que isso o satisfazia. A morte de Jennie o tinha envelhecido além de seus cinqüenta e nove anos. Embora seu cabelo estivesse salpicado de cinza, sua agradável cara não tinha rugas.

Ele sorriu de repente.

— Decidi que é tempo de deixar de causar pena e seguir com minha vida.

Ela assentiu.

— Sim. É. — Ela inclinou a cabeça a um lado, sorrindo — Tem um encontro?

Para sua surpresa, ele se ruborizou.

— Não exatamente. Mas é seguro que eu gostaria de ter um.

— Quer dizer que não vai sair?

— Sim. vou sair, mas não é um encontro. Exatamente.

Ela o olhou durante vários momentos antes de entendê-lo de repente. Então foi ela a que tentou com força não se ruborizar.

— Ah. Ah, bem...

— Esta impressionada.

— Não — negou.

— É obvio que está. Eu mesmo me senti um pouco impressionado na primeira vez que decidi procurar... mas passou muito tempo para mim, Derri, e como qualquer homem, tenho necessidades.

— Lhe lançou um sorriso de autodesprezo —. Mas não veio aqui para falar de minhas atividades extraprofissionais. O que posso fazer por você?

— Nada. Realmente, na reunião anterior, pensei que parecia feliz e me perguntei se estava vendo alguém especial.

— Suponho que realmente não posso dizer que a estou vendo, quando pago pelo privilégio, mas desfruto realmente estando com ela. Não é uma reles prostituta. É jovem, formosa, e excitante. Há uma aura de poder que a rodeia que encontro incrivelmente estimulante. E ela o faz condenadamente prazeroso. Eu pagaria três vezes o que cobra sem pestanejar.



Derri tratou de manter sua cara inexpressiva. Não queria que ele soubesse que estava se aproximando rapidamente da etapa de muita informação. Uma coisa era querer saber que era feliz. E outro entrar em detalhes íntimos.

— Depois que Jen morreu perdi meu... desejo, mas esta mulher... encantadora tem... ela me olha e me sinto como se fosse o homem mais quente e desejável no mundo. Impressionou-se?

— Não. Cada um tem seus... se ela o fizer feliz, é tudo o que importa, Mark.

— São os primeiros dias ainda e ela é todo negócio, mas sou feliz quando estou em sua companhia. Sei que soa a loucura, mas é certo. Nunca encontrei a ninguém assim. É simplesmente maravilhosa.

Ela pensou em suas próprias fantasias.

— Agarra a felicidade sempre que possa. — Ele sorriu antes de olhar a roupa.

— O que pensa? Me dê sua opinião honesta. É muito?

Ela sorriu.

— Não! Realmente, acredito que está atrativo como o inferno. Há poucas coisas mais sexys que um homem atrativo em calça de couro.

— Diz isso só porque é certo — disse ele inexpressivo e ambos romperam a rir.

Ele ficou sério primeiro.

— Deus, onde estão minhas maneiras? — Ele apontou o sofá de couro pego à parede.

Ela negou.

— Não. Não fico — sorriu abertamente —. Tenho um encontro também. Só queria te dar boa noite.

— Bem. Ouça, está cômoda com Mikhel Dumond? Ela conseguiu manter uma cara inexpressiva.

— Sim. Já me sinto mais segura.

— Estupendo. Alegro-me. — Ele atravessou o escritório e tocou seu braço —. É um membro importante desta firma e não vamos permitir que alguém a faça se sentir menos que segura.

— Obrigado, Mark. Ah,... Oh, quase esqueci de mencionar, iremos ao Refúgio amanhã pela tarde.

Ele sorriu.

— Bom. Quando estiver ali, Derri, só descansa. Boa noite.



— Farei. Boa noite.

De volta ao seu escritório, cruzou com Brad Harris, outro advogado.

Ele se deteve, sua escura e doce cara iluminada por um sorriso quando a viu.

— Como vai Derri?

— Olá Brad. Vou bem. E você? Como leva o caso Johnson? — Perguntou sobre seu atual caso de assassinato.

Ele sorriu.

— Vai indo. — Ele jogou uma olhada a seu relógio —. Estou a ponto de sair. Se não estiver ocupada talvez poderíamos falar disso durante o jantar.

Seu olhar passeou ligeiramente sobre ele. Brad Harris era a personificação do alto, escuro, e atrativo. Era amável, gracioso e considerado. Seria provavelmente um grande amante. Mas tinha a sensação que ele queria mais que um encontro ocasional de uma noite que era o único que ela estava disposta a lhe oferecer.

Ela sorriu.

— Obrigado, mas já tenho planos.

— Talvez em outra ocasião? — Ela vacilou antes de assentir.

— Seguro.

Ele sorriu, seus olhos marrom escuro cintilando.

— Boa noite.

— Boa noite — respondeu ela e seguiu para seu escritório —. A primeira coisa que viu quando abriu a porta da escrivaninha foi um enorme vaso de rosas vermelhas na metade de seu escritório. Karl, pensou, cruzando o quarto devagar. Ele nunca tinha sido muito romântico quando tinham sido casal, mas devia ter pensado nela e decidiu lhe enviar rosas vermelhas, sabendo quanto ela gostava.

Sorrindo, levantou o pequeno envelope recostado entre as rosas e leu a mensagem.

Por favor aceita esta pequena amostra como desculpa que tão bem merece por meu menos que cavalheiresco comportamento desta tarde.

Seu colegial de olhos cinzas.



Derri rodeou sua escrivaninha e se afundou em sua cadeira. Supôs que deveria estar zangada de todas as formas, mas era difícil fazer o esforço. Ele a tinha salvado de uma má queda e ser tocada por ele tinha sido uma experiência decididamente agradável. Olhou as rosas. Além disso, pedia perdão elegantemente. E tinha outras preocupações mais imediatas, por exemplo, como diabos sabia que pensava nele como olhos cinzas.

Jogou uma olhada a seu relógio e sacudiu sua cabeça. Não estava segura de como sabia, mas realmente sentia que não tinha nada a temer dele, exceto sua luxúria, que ela bem poderia dirigir.

Dirigir? Franziu o cenho. Tinha lhe dito que veriam o um ao outro outra vez e não duvidava disso. A recepção que receberia da próxima vez que se encontrassem dependeria completamente de seu comportamento. Quem sabe, se as coisas não funcionavam com Mikhel, e o moço sabia jogar bem suas cartas, poderia dar ao jovem semental uma oportunidade.

No momento, era tempo de retornar a casa. Depois de um par de partidas de videogame com Ben, comeria uma salada, faria uma mala para a viagem a Poconos, e moveria o assunto.

Quando chegou em casa, encontrou outra dúzia de rosas com o porteiro no vestíbulo de seu edifício de apartamentos. Levou-as até sua casa antes de ler a nota.

Estas rosas, embora encantadoras e elegantes, empalidecem em comparação com sua beleza. Não tive a intenção de te ofender. Perdoa-me?

Olhos Cinzas.

Sorriu. Como se supunha que ia se manter se zangada com ele se fazia estas coisas? Tinha bonitos olhos e agradável membro. Deu de ombros. Talvez não seguisse zangada com ele.

Capítulo 04

— Bom? Como foi?

Serge Dumond deu a volta da cristaleira da pequena loja de Chestnut Street e olhou à alta e magra mulher, sentada detrás da mesa redonda com a bola de cristal. Franziu o cenho.

— Em uma piolhenta palavra. Não sei, Katie.



Ela riu e cruzou o local para tocar sua bochecha.

— Não pareça tão preocupado, Serge. Embora ela não esteja pronta para admiti-lo ou não, o quer. É mais que capaz de cumprir sua fantasia. Você é sua fantasia.

— Só parte de sua fantasia — disse ele tristemente.

— Confia em mim, Serge. Uma vez que a foda, não quererá a ninguém mais... exceto, certamente, a Mikhel. Mas isso era de esperar. Assim, o que faz por aqui dando voltas e deprimido? Sai e consegue-a.

Ele sacudiu sua cabeça.

— Consegui-la vai ser muito mais difícil do que pensei. Exortou-me no que ela chamou minha carência de maneiras, me chama colegial, e me disse que não confiasse em meu aspecto e no tamanho de meu membro para levar mulheres à cama. Então me mandou ao diabo.

Katie arqueou uma fina sobrancelha.

— É uma jovem perspicaz, não é? — Franziu-lhe o cenho.

— Ela não é uma jovem. Assim, acha que tem razão? Que não devo confiar em meu aspecto e no tamanho de meu membro para atrair às mulheres?

— Sim, estou. E antes que comece a inflar seu nariz como um touro, me escute até o final. — se distanciou e o olhou de cima abaixo —. Tem tudo o que as mulheres querem em um homem, é um homem grande, bem feito, bonito e com um membro muito grande. Por que não deveria fazer alarde de seus muitos atributos?

Ela sacudiu seus largos cachos escuros e levou uma mão a seu peito.

— Eu utilizo todas as minhas artimanhas femininas para conseguir o que desejo: muitos membros. O que é mais, me pagam muito bem por fazer o que mais eu gosto: foder.

Serge sentiu sua mandíbula se apertar convulsivamente, mas conteve sua inclinação de franzir o cenho. Como Katie e sua mãe tratavam de recordar a ele, a Mikhel e a seu pai, Katie tinha direito de viver sua vida como gostava.

Vendo sua cara, ela cabeceou.

— Está bem, Serge, deixe estar. Estávamos falando de você e sua Derri.

— Esse é o problema, Katie, não é minha Derri! — grunhiu com ira. Ela fez pouco esforço para ocultar sua risada divertida.

Ele franziu o cenho.



— O que te resulta tão divertido?

— OH, vamos, Serge. Tem que admitir que ser rechaçado é uma experiência totalmente nova para você.

— Uma muito desagradável — lhe disse zangado.

— Isto te dará muito mais incentivo — disse ela, apagando o sorriso de sua cara.

Pela primeira vez em sua vida, Serge estava inseguro de sua capacidade de atrair e gostar à mulher de sua escolha.

— Não sei se posso mudar sua mente — admitiu ele —. Ao menos não sem a compulsão.

Ela deu de ombros.

— Pois utiliza a força. Isto é o que tenho intenção de fazer quando meu Cavaleiro de Sangue chegar, e não mostre nenhuma inclinação de ficar louco, apaixonado e irrevogavelmente apaixonado por mim.

Ele conteve a intenção de perguntá-la sobre a probabilidade de seu encontrar a seu companheiro de vida com sua linha de trabalho. Ele sacudiu sua cabeça.

— Não. Não quero fazer isto com ela. — Ela alargou seu olhar.

— Desde quando aceita um não como resposta?

— Desde que a conheci.

— Então se conheceram?

— Não, não exatamente. Não ainda, não formalmente. — Contou-lhe sobre o incidente em Chestnut Street.

— Bem. Planos novos. Mikhel vai passar um fim de semana longo com ela em Poconos. Por que não vai em seu lugar ou com eles?

— E fazer que me diga que me perca outra vez?

— Quando notou pela primeira vez sua diferença de pele?

Desde que a única mulher que encontrou, que o deixou sem fôlego, simplesmente o olhou e lhe disse que provavelmente não sabia como foder. Para sua surpresa, encontrou-se que não podia dizer isto a Katie. Ele sacudiu sua cabeça.

— Não o entende.

— Que não posso entender?

— Ela é diferente. Quero que me dê as boas-vindas.



— Chá de boas-vindas? Esteve passando muito tempo com Mikhel.

Lhe deu um golpe no ombro —. Confia em mim, mostra a ela as jóias da família e deixará cair suas calcinhas e separará as pernas em um abrir e fechar de olhos, igual a todas as demais antes dela.

O desprezo nas palavras de Katie o surpreendeu. Com menos de cinco anos de diferença de idade, ele e Katie sempre tinham estado muito próximos e discutiam de suas vidas sexuais com todo detalhe. Agora se sentiu pouco disposto a fazer Katie pensar que Derri era igual a todas as demais mulheres com as que se deitou e descartou durante os anos.

— Não é como elas — disse com serenidade. Katie arqueou ambas as sobrancelhas.

— Não é?

— Não, não é.

— Notícias frescas, irmão mais velho. Não há nada que às mulheres goste mais que um membro. Dê a ela um pouco do teu já.

— Não contra sua vontade. — Ela riu indulgentemente.

— Não me olhe com essa cara de santo, Serge. Não estou sugerindo que a viole.

— Sei, mas se a compilo em meus braços contra sua vontade, seria igual a violá-la.

— Realmente? Isto não o preocupou quando você e Chan estavam de putaria por toda Filadélfia fingindo ir à universidade.

— Né!, Katie, ambos nos licenciemos em nossas carreiras e terminamos com Magna Cum Sentencie. E isso foi há quase vinte anos. Eu era muito jovem e muito estúpido para saber que usar minhas capacidades como um latente para atrair mulheres à cama era um equívoco. — Ele suspirou e respirou fundo —. Sinto ter feito isso e desejaria poder voltar e desfazer algumas coisas das que fiz.

Seus olhos azuis se suavizaram e ela tocou sua bochecha.

— Se olhou no espelho ultimamente? É um pedaço de tio. Se me perguntar, realmente nunca teve que obrigar a uma mulher a ir a sua cama contra sua vontade. Nunca o necessitou tampouco. Embora não fosse um latente, ainda seria um pedaço de tio. Então não sofra pelo passado, Serge.

Ele riu ligeiramente e assentiu, mas havia coisas que tinha feito que lamentava. As coisas que nunca tinha contado a ninguém. Nem sequer a Chan ou Mikhel.



— Deveria ter sido conselheira, Katie, em vez de uma... — Ele compreendeu o que estava a ponto de dizer e bruscamente se calou.

Lhe fez uma careta.

— Serge, sei que é um de meus irmãos mais velhos e me ama e se sente protetor, mas é minha vida. Preciso que compreenda que desfruto do que faço. Você e Mikhel desfrutam protegendo às pessoas e fodendo a cada mulher no alvo. Eu desfruto lendo a mão e fodendo a homens seletos por dinheiro. Não há nenhuma diferença. Nós gostamos de foder. Simplesmente me nego a fazê-lo grátis. Aceita-o.

— Faça-o — mentiu ele —. É só que eu... Preocupamos-nos com você.

— Não há nenhuma necessidade. Sabe que sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma. E outra coisa, Serge, não ache que não sei que você, Mikhel, e até papai estiveram espreitando quando trabalho.

Ele suspirou.

— Dissemos a papai que saberia, mas Katie, é sua menina pequena.

— E a pequena irmã de Mikhel e tua. — Ela levantou uma mão —. Sei, Serge, mas estou longe de estar necessitada.

Ele cabeceou.

— Sei, Katie, mas...

— Ainda tenho que encontrar a um homem ao que não possa dirigir — ela apertou seu braço —. É você o que me preocupa. — Ela sacudiu a cabeça, seus olhos azuis obscurecidos pela preocupação. — Nunca o vi assim, Serge.

— Nunca estive assim.

— Está... apaixonado por ela?

— Nunca estive apaixonado. Nem sequer a beijei. Como posso estar apaixonado por ela?

— Eu não me apressaria a desprezar a idéia de que não está apaixonado. Sabe que Mikhel soube no momento que viu a Erika. Inclusive antes que tivessem falado. Acredito que está apaixonado. Diga-me o que sente, Serge.

Ele moveu a cabeça.

— Sinto como se tivesse que tê-la. Não posso deixar de pensar nela ou desejá-la. — deu de ombros e suspirou —. Talvez isto seja amor. Ah maldição, Katie. O que farei se ela não quer me



ter?

Os olhos de Katie brilharam como fogo azul.

— Ah, o terá, ou responderá ante mim!

— Não! — ele disse rapidamente. Sabia as coisas das que Katie era capaz. Uma mulher com sangue de vampiro tinha tendência a ser mais desumana que os machos vampiros. Ele não queria Derri como receptora da ira de Katie.

Suspirou. Mikhel deve ter tido a mesma sensação de pânico quando o tinha ameaçado de ir atrás de Erika depois que o tinha deixado.

— Não — disse outra vez —. Não a terei obrigando-a, Katie.

— Esteve passando muito tempo com Mikhel. Depois me dirá que ela é sua Bloodlust.

— Não disse isso. Só digo... Não importa.

— Não, Serge. Diga-me.

Ele sacudiu sua cabeça.

— Posso ouvir seus pensamentos, Katie.

— Por que isto deveria o surpreender? Nós...

— Não, não significa que possa recolher imagens vagas ou impressões. Na realidade posso ouvir seus pensamentos e ela pode ver meus.

O olhou fixamente.

— Está me dizendo que é seu Bloodlust? — ela negou —. Mas isto vai além de um Bloodlust, a não ser que ambos os companheiros sejam full-blood. O que está dizendo, Serge?

— Que poderia ser minha companheira de vida.

— Como pode estar tão seguro quando nem sequer dormiu com ela?

— Não sei como posso sabê-lo. Simplesmente sei. — Ele assentiu outra vez. — Talvez estive passando muito tempo com Mik ou talvez seja pelo talismã que Chan me deu. Possivelmente Chan tem razão. Talvez o pendente realmente exerça excessiva influência sobre seus donos.

— Não — disse ela com decisão — Não posso ver nenhuma evidência disso. O que sente são seus próprios sentimentos, Serge. — Ela franziu o cenho. — Certamente se vocês dois podem compartilhar os pensamentos do outro, talvez o talismã seja responsável por este aspecto da relação, mas os sentimentos que tem, Serge, são próprios. Assim se guie por eles e vá atrás dela.

Ele suspirou.



— Veremos. Agora o que sabe sobre o tipo que esteve espreitando-a?

Ela foi à mesa e olhou fixamente a bola de cristal. Depois de vários momentos, sacudiu sua cabeça e o olhou.

— Não posso perceber nada dele, Serge. — Ela fez uma pausa, franzindo o cenho —. Já sabe o que isto significa em geral.

Ele assentiu.

— Um full-blood está comprometido.

— Serge, se um full-blood está comprometido, talvez devesse deixar isto a Mikhel.

Ele negou, seus olhos se obscurecendo.

— Não. Não me preocupa quem está comprometido. Os full-blood podem morrer igual a outros. Quem quer que a ameace vai responder ante mim.

Suspirando, ela retornou e pôs sua mão em seu braço.

— A nós, Serge. Quem quer que ameace a você, a Mikhel ou às mulheres em suas vidas, terá que confrontar a todos os Dumond.

Ele sorriu, tocando sua bochecha.

— Não desta vez, Katie. Você já ajudou com a Erika. Mãe terá um ataque se averiguar que agora arrisca sua vida por outro humano.

Ela deu de ombros.

— Mãe terá que se acostumar a que dêem ataques nela porque não há modo algum de que vá deixar confrontar a um full-blood sozinho, Serge.

— Não estarei sozinho, Katie. Mikhel estará comigo.

— Igual a mim. — Seus olhos azuis se formaram redemoinhos com luzes escuras —. Não tente voltar meu irmão mais velho contra mim, Serge. Isso não funcionou quando decidi entrar na Marinha. Ou quando decidi como queria viver minha vida e não funcionará agora.

Ele evitou franzir o cenho. Como Katie dizia, sua desaprovação por seu modo de vida eram notícias velhas. Os machos Dumond teriam que aceitar que na verdadeira tradição das fêmeas vampiro, Katie gostava simplesmente de foder só que não grátis.

O olhou com o cenho franzido e ele soube que sentia seus pensamentos. Colocou um escudo em sua mente.

— Estarei a seu lado e com Mikhel, como sempre o estamos, Serge. Quem quer que ameace



a um de nós, ameaça a todos. Farei meu trabalho de cuidar de sua Derri, tal como faço pela querida Erika de Mikhel.

Ele estendeu os braços e a inundou em um abraço de urso.

— Há uma grande diferença, Katie. Erika sabe que pertence a Mik. Derri vai lutar contra mim em todo momento.

Ela sorriu para ele.

— O que fará sua rendição muito mais doce. Quero olhar quando tomar.

— Não! — Ele a liberou e se afastou —. Não acredito que gostasse disto. E quero que nossa primeira vez juntos seja... especial, só nós dois. — Franziu o cenho —. Se houver uma primeira vez.

— Haverá uma primeira vez, Serge e muitas mais depois dessa.

De todos os modos tem razão sobre que não vai ser fácil ganhá-la. Em qualquer caso, quando voltar, lhe darei isto. — Ela colocou a mão no bolso de vestido e tirou o talismã.

Ele vacilou. Sabia que seu bom amigo, Chan Raven havia encontrado a sua companheira de vida, Cassy Morgan, mediante o pequeno pendente da mão de Katie e outro, maior chamado a Vênus de Ébano, que Serge guardava no criado mudo em casa e que levava com ele quando viajava.

Olhou a cara de Katie em busca de sinais de que ter o talismã a incomodava. Quase dezoito anos antes, quando Chan tinha passado as férias Natalinas de curso no Dodge House, o lar da família Dumond em Boston, tinha dormido com Katie, quem tinha se pendurado com bastante força por ele. Tanto ele como Mikhel tinham estado perto de matar Chan quando decidiu que não queria uma relação com uma mulher com sangue de vampiro em suas veias, e isto vindo de um homem que tinha ingerido bastante sangue de vampiro para que tivesse a força comparável de um humano latente.

Katie encontrou seu olhar e sacudiu sua cabeça, rindo ligeiramente.

— Não se preocupe, Serge. Terminei com Chandler faz muito tempo. Não é que houvesse muito para terminar. Foi um capricho de colegial. Desejo o melhor para ele com sua Cassy. — Ela riu —. De fato, encontrei a alguém ao que acredito que eu poderia gostar.

Ele piscou com surpresa.

— Quem? Quem é ele? O que faz? Por que não me disse isso? Quando podemos nos conhecer...



— Né!, né! — Ela levantou uma mão para fazê-lo calar —. Não tão rápido. Quero tomá-lo com calma. É ainda muito recente e não estou segura se funciona nos dois sentidos e se chegará a alguma parte. — Ela franziu o cenho —. Sabe que não posso prever nada de meu próprio futuro.

— Quem é? Onde o conheceu? A trata corretamente? Porque se não o faz...

— Serge! Tranquilo. Posso dirigir minha própria vida amorosa. — Ela levantou um dedo e apunhalou seu ombro —. E entende isto Serge, não quero que nem você, Mikhel, ou papai me sigam para ver quem é.

— Ao menos me diga onde o conheceu.

— No trabalho.

— No trabalho? OH, vamos, Katie. Trabalhando?

— Sim, trabalhando e não me olhe assim, Serge.

— Por que não? Realmente não pode esperar que nenhum dos homens que freqüentam prostitutas possa ser digno de você.

Ela sacudiu sua cabeça.

— O término que prefiro é o de acompanhante, Serge e de muita, muita classe. E simplesmente aposto que não perguntou a Mikhel como ele pôde esperar que sua preciosa Erika fosse digna dele considerando que ia vestida como uma puta quando a conheceu e o deixou fodê-la a mesma noite em que se conheceram. Mãe disse, quando os viu foder, que ela nunca tinha suficiente de seu membro.

— Katie, é diferente — disse de maneira cortante, sentindo a necessidade de defender a Erika —. Ela é sua Bloodlust.

— Sim? Bem, só com certeza se sua preciosa Derri o deixa empalá-la na primeira vez que estejam sozinhos, ainda pensará que é o sal da maldita terra!

—Katie, não é necessário que despreze Erika ou Derri. Isto é indigno de você.

O olhou fixamente, com seus azuis olhos zangados e frios. Finalmente, sacudiu sua cabeça outra vez e afastou o olhar.

— Ah, sei e não significa que despreze a nenhuma das duas. Elas significam muito para você e Mikhel, então também significam para mim. Mas Serge, tem que deixar de me julgar! Quando o faz, me faz dizer coisas que não deveria.

— Não te julgo! — Ladrou, não exatamente apaziguado. Viu seu olhar entrecerrado e



assentiu —. Bem. Bem, julgava. Mas não deveria fazê-lo. — Sustentou sua cara entre suas palmas —. Somente quero o melhor para você. Todos o queremos.

— Sei — vaiou ela, apartando-se dele — Mas por que não pode qualquer dos homens Dumond confiar em que sei o que é melhor para mim?

— Bem. De acordo. Sinto muito. Quero-te e desejo te proteger, assim que me estaque e me decapite, vale?

Ela riu de repente e uniu seus braços ao redor de seu pescoço.

— Ah, realmente aprecio seu interesse, Serge, mas posso e realmente tomo cuidado. De fato, provavelmente farei um melhor trabalho em escolher o meu companheiro de vida que você ou Mikhel.

— Ah, Mikhel e sua Erika estão bem — disse ele brandamente —. Tinha dúvidas de que ele e Derri encaixariam tão maravilhosamente como Mikhel e sua Erika sem alguma ajuda exterior. Mas cruzaria essa ponte quando chegasse.

Olhou para Katie.

— Mãe conhece esse tipo? — Ela assentiu, franzindo o cenho.

— Certamente que o conhece. E antes que comece a franzir o cenho e exigir saber por que disse a ela e a você não, não o disse. Ela simplesmente sabia. Tal como soube que Mikhel tinha problemas com Deoctra em Salem sem necessidade que ele pedisse ajuda.

Deu de ombros.

— Já sabe que é quase impossível manter algo em segredo com ela, mas prometeu me deixar levar as coisas a meu próprio ritmo. De acordo?

Ele assentiu a contra gosto.

— De acordo.

Ela riu e beijou sua bochecha.

— Bom. Agora. — Ela fechou sua mão sobre o pendente e fechou seus olhos — Posso sentir algo do que Chan sente por sua Cassy e não me incomoda. De fato, estou contente que seja tão feliz. Sabe que nunca mereceu a surra que você e Mikhel proporcionaram a ele. Eu fui a que se meteu em sua cama e ele tomou. Sei que tem algum ressentimento sobre isto. Esqueça isso.

— O tenho feito.

— Não, não o tem feito. Não completamente.



— Bem, então o farei.

— Bem — Ela acariciou seu braço —. E no ínterim, darei isto a Derri quando voltar.

— Se?

— Quando — repetiu.

Embora assentisse, não lhe passou despercebido o fato de que sua voz carecia de certa convicção. Tinha a sensação de que ia ter que optar entre deixar Derri ir ou confiar na coação para ganhá-la.

Nesse caso, realmente a teria ganho?

Com os pés nus e em uma camisola de seda, com seu fôlego saindo em rajadas dolorosas e seu flanco doendo pelo esforço, Derri correu passando pelo caminho de erva e terra. Ela se moveu entre as bicudas pedras, guiada unicamente pela luz das estrelas. Vários metros atrás, tinha chocado a toda velocidade contra uma pedra. O fôlego tinha abandonado seus pulmões e a lanterna tinha caído de sua mão quando caiu pelo impacto.

Tinha visto desamparadamente como sua lanterna rodava por uma pequena ladeira e tinha desaparecido de sua vista. O som de pegadas atrás dela e de asas se agitando em cima, a fizeram continuar.

Um mausoléu grande de pedra apareceu na névoa ante ela.

OH, Deus! O que deveria fazer? Pela porta aberta, podia ver que várias velas estavam acesas no interior. Sabia que a tinham conduzido a este lugar, e só podia significar que era uma armadilha. Atrás dela, seu perseguidor se precipitava pelo caminho, um escuro e sinistro borrão. Ele se movia muito rápido para que pudesse vê-lo, mas podia sentir a ameaça que emanava dele.

Não tinha muitas opções. Era jogar suas possibilidades dentro da cripta ou deixar que a agarrasse em campo aberto com nada entre eles. Com o coração golpeando se lançou na tumba, e começou a empurrar a porta.

Era pesada e lágrimas de frustração e terror encheram seus olhos.

—Deus, por favor me ajude! —Ela soluçou e empurrou mais forte. Devagar, a pesada porta começou a se fechar. Três centímetros antes que a porta finalmente se fechasse, uma escura forma empurrou para abri-la. Sentindo a frieza até o mais fundo de seu corpo, deu a volta. Ela confrontou seu pesadelo recorrente, um alto e musculoso homem. Como sempre, sua cara estava em sombras, mas poderia ver seus escuros olhos acesos e seus incisivos excepcionalmente afiados



e compridos.

OH, Deus! O vampiro havia voltado.

Com um silencioso grito de horror apanhado em sua garganta, foi agarrada e lançada sobre o alto do sarcófago em meio do frio mausoléu.

— Vim para te dar o que mais deseja, Derri. Abre suas pernas e recebe o doce presente de meu membro grande em sua ansiosa vagina, minha deliciosa e luxuriosa fêmea.

— Por favor — pediu —. Por favor deixe ir.

Em resposta, o vampiro arrancou a camisola de seu corpo, deixando-a completamente nua. Depois de dar um banquete com seus olhos sobre ela, ele se elevou em cima, expondo um grande e impressionante membro. Ele a montou e ela sentiu a cabeça que procurava sua abertura.

— Não! Por favor! Por que faz isto? Por favor! Não!

— Diz não com os lábios, mas sua vagina quer meu grosso membro.

Ele esfregou a cabeça de seu membro contra seus clitóris e ela se estremeceu com o movimento.

— Não! Por favor!

— Posso te cheirar. Vou te dar todo o membro que sua frágil vagina humana possa tomar.

— Não! Não! Deus, por favor, não! Não! — O empurrou com suas mãos e tentou afasta-lo dela, mas não podia move-lo.

Ele riu e afastou seus braços com suficiente força para fazê-los picar e doer.

— Prepara sua vagina para um verdadeiro membro. Lá vou.

— Se mantenha fodidamente afastado dela! Agora!

De repente, o vampiro grunhiu e girou sua cabeça enquanto era separado dela. Derri se ajoelhou a tempo de ver o moço da fraternidade, completamente nu, com olhos acesos, e uma comprida parte de madeira em sua mão direita, enfrentando ao vampiro.

— Se afaste ou morre!

— Latente! Desafia me enfrentar? A um full-blood?

— Não só o desafio, mas também colocarei esta estaca em seu podre e covarde coração e cortarei sua maldita cabeça e seu membro. Mantenha a fodida distância dela. Se afaste dela ou morre agora! A opção é tua — disse, sua voz cheia de desprezo.

O vampiro avançou devagar.



— O matarei rapidamente, latente. Então foderei à puta humana duramente e sem sentido e a matarei também.

O moço da fraternidade se apoiou contra a parede e se agachou, seus olhos escuros brilhando.

— Só a danificará sobre meu cadáver.

— Esse é o plano, latente.

— Encontrará que este latente é muito difícil de matar. Venha para que o estaque, full-blood — se burlou.

O vampiro voou para o moço.

— Não! Por favor, não lhe faça mal! Deixe ir! — Com medo de ver seu moço da fraternidade despedaçado ante seus olhos, os gritos de Derri romperam a tensa e opressiva tranqüilidade da noite. — Por favor! Não lhe faça mal!

— Derri. Derri. Está bem. Está bem. Shhh. Era somente um sonho. Tenho-te agora. Está a salvo.

Uma sensação de tranqüilidade se deslizou sobre Derri. Seus soluços diminuíram e lutou por sair dos terrores do pesadelo à bendita consciência. Abriu os olhos e olhou ao redor. Esteve confundida durante uns momentos até que se deu conta que estava no quarto principal fracamente iluminado do Retiro.

O moço da fraternidade sustentava seu corpo perto do dele. Bem, ela dormia nua, mas por que ele estava nu?

Seus lábios se separaram e olhou um par de brilhantes olhos cinzas.

— Eu...eu não entendo — sussurrou — O que faz aqui?

— Estou aqui para lhe proteger — ele disse brandamente, acariciando sua bochecha e ombros — com minha vida se for necessário.

A persistente sensação de alarme se evaporou.

Ele se separou, permitindo a seu olhar descansar sobre seus peitos.

— Tinha um pesadelo, mas está bem agora. Pode voltar a dormir. Ficarei aqui e a velarei enquanto dorme. — Enquanto falava, ele a empurrou contra os travesseiros e colocou as mantas sobre seus peitos.

Ela conteve a respiração, esperando que ele roubasse uma fácil emoção acariciando seus



peitos. Ela ignorou sua decepção quando não o fez. — Planeja evitar meus pesadelos, colegial? — Exigiu.

— Não, mas os posso compartilhar com você. Tenha por seguro que não estará sozinha, inclusive quando estiver em meio de um pesadelo.

— Como planeja obter isso? — Ele acariciou sua bochecha.

— Quando estamos perto, posso ouvir seus pensamentos e você pode conhecer os meus, Derri. Sei o que esteve a ponto de passar naquela cripta.

— Como? Como pode saber?

— Senti seu terror. Não tem que ter nenhum medo dele. Para te fazer mal, teria que me matar primeiro e não sou tão fácil de matar.

Ela agarrou sua mão.

— Não seja tão malditamente arrogante. É um vampiro. — Ele apertou sua mão.

— Estou muito perto de estar eu mesmo assustado dele. Não o deixarei te fazer mal ou atormentar seus sonhos mais. Vou te proteger, Derri. Prometo.

Então foi quando compreendeu que ainda estava sonhando.

Seu olhar se moveu sobre seu corpo. Na luz fraca, ela viu seu membro e umedeceu os lábios. Deus todo-poderoso, era enorme. Sua vagina pulsava enquanto o contemplava.

Obrigou-se a afastar seu olhar do grosso e forte pênis que se sobressaía da massa escura de pêlo sobre sua virilha.

— Isto é um sonho.

— Não. Não é.

Tinha que ser. Mikhel está no quarto mais à frente do banheiro. Certamente, se realmente tivesse gritado, a teria ouvido e teria vindo para ver se estava bem. Por outro lado, já que isto era um sonho, não tinha que ocultar seus desejos. Poderia dormir com este homem e fingir que era o sexy Mikhel Dumond.

Empurrou os lençóis que ele tinha jogado em cima de seu corpo, o expondo inteiro a seu olhar. Riu quando ouviu sua respiração se acelerar.

— Quando nos encontramos, disse algo sobre seu gosto por uma mulher com uma quente e ansiosa vagina.

— Não me jogue isso na cara — disse ele rapidamente —. Não queria dizer isso.



— É obvio que queria — contradisse ela —. Recorda, posso ouvir seus pensamentos.

Sua indecisão a surpreendeu.

— Por que tão tímido, colegial? — zombou —. Pensei que dizia que queria me foder.

— Desejo. Ah, desejo.

— Então o que o detém? — Ela estendeu sua mão para ele e fechou seus dedos ao redor de sua carne quente. — Não me diga que essa coisa tão grande e grossa não funciona?

— Funciona perfeitamente — chiou ele.

— Sabe como usá-la?

— Nunca tive nenhuma queixa antes!

— Seguro? Já julgarei eu se funciona — lhe disse brandamente —. Isto é, se estiver de humor para uma quente e faminta vagina, Olhos Cinzas.

Capítulo 05

Serge precisou de todo seu autocontrole para não saltar sobre a cama, montá-la e fodê-la embora estivesse inconsciente. Sabia que ela pensava que sonhava. Realmente não queria isto, ao menos não com ele. Finalmente tinha encontrado a uma mulher que queria o suficiente para considerar a possibilidade de se afastar das outras mulheres e ela queria a seu irmão. Sentiu um arrebatamento de ciúmes que nunca tinha sentido por Mikhel antes.

Com ela ainda segurando seu pênis, se moveu com cuidado na cama. Inclinou seu queixo e roçou ligeiramente a boca dela com a sua. Seus lábios eram doces e suaves contra os dele. Os lambeu, provocando-os para que se abrissem. Com um som suave, incoerente, ele procurou sua língua. Deus, ela era tão doce.

O corpo dela se sentia quente e maleável e ainda assim, firme. Maldição, ela tinha um corpo formoso e uns lábios tão doces e beijáveis. Aprofundando o beijo, a pôs cuidadosamente sobre suas costas e deslizou seu corpo sobre o dela. Seu membro ameaçou explodir antes do tempo quando ela separou suas coxas e se roçou contra ele.

— Tome, Mikhel — sussurrou, deslizando suas mãos sobre seu traseiro.

Pela primeira vez em sua vida adulta, Serge perdeu sua ereção. Grunhindo com ira, se



separou dela. Sentiu um nó de raiva no fundo de seu estômago quando saltou para ficar em pé junto à cama, afastando a vista da dela. Sabia que seus olhos estavam acesos e que provavelmente tinha o aspecto de um louco. Sentia-se como um louco.

Ela o olhou fixamente com olhos muito abertos.

— Qual é o problema?

— Qual é o problema? Chamou-me de Mikhel! Esse é o problema!

Ela se sentou. Apesar do aborrecimento, ele não pôde afastar o olhar de seus peitos. Deus, eram formosos, grandes e firmes com amplas auréolas e duros mamilos que se elevavam pedindo ser chupados. Todo seu corpo era magnífico. Cada polegada escura dela, pernas longas, traseiro grande e pêlo negro que cobria seu montículo, incluído.

Maldição, não havia nada a metade de formoso ou tão atraente como uma nua e excitada mulher negra.

Ela era absolutamente formosa. Ele queria fodê-la como nunca tinha querido foder a outra mulher. Como demônios podia ela querer ao Mikhel, que estava loucamente apaixonado por sua Erika?

— Isto é um sonho. Você pode ser qualquer que queira ser, colegial. — Ela estirou seus braços —. Venha e me foda com essa teu enorme membro em minha boceta.

— A foderei bem! A foderei e tirarei todo pensamento de Mikhel de sua cabeça. — Ele voltou a se reunir com ela sobre a cama, empurrou-a sobre suas costas e a montou. Para seu desgosto, não pôde conseguir que seu membro ficasse duro de novo. Ele seguia pensando que ela realmente não o queria e seu pênis rechaçava cooperar.

Depois de vários minutos frustrantes, ele se separou dela, se apoiando sobre suas costas. Agora ela realmente pensaria que era um maldito colegial. Fez várias respirações profundas e esperou que ela zombasse de sua incapacidade para funcionar.

Em troca, sentiu que suas suaves mãos tocavam seu ombro.

— Né, está bem — assegurou, enroscando seu corpo contra seu flanco e pousando sua cabeça em seu ombro.

Ele girou pela metade e pôs seus braços ao redor dela.

— Sinto muito — murmurou, seu cara ardendo com uma desacostumada vergonha.

— Shhh. — Seus quentes lábios roçaram seu peito —. Shhh. Está bem.



As mãos dela se dirigiram para rodear seu pênis e ele aspirou com força.

— Sinto muito, mas... não posso.

— Shhh — disse ela de novo e com cuidado começou a bombear seu membro —. Só relaxe, olhos cinzas e desfruta disto.

Ele fechou seus olhos e sentiu como lentamente a pressão crescia em suas pelotas. Assim que estivesse o suficientemente duro, a montaria e a foderia longa e lentamente para expulsar todos os pensamentos de Mikhel de sua cabeça.

Os lábios dela, úmidos e quentes, o acariciaram brincalhonamente, um beijo ligeiro como uma pluma que enviou um tremor de desejo por todo ele. Ela esfregou seus peitos contra o dele, provocando que tomasse um profundo fôlego.

— Eu gosto de seus lábios — sussurrou ela.

— Você gosta?

— OH, sim. Tem o gosto mais doce que nada que alguma vez tenha provado. — Disse-lhe.

— A sério? — perguntou assombrado.

— Mmmm. — Ela subiu sobre ele e mordiscou sua boca, pressionando seus clitóris contra sua entreperna. — Muito doce. Seu corpo grande é bastante agradável também —. Acariciou com suas mãos os lados de suas pernas, provocando uma série de sufocantes fogos nele. — Muito bem. Acredito que eu vou dirigir esta noite, colegial.

— Não sou...

Seus lábios cortaram seu protesto. Ela se colocou entre suas coxas e o beijou de novo.

— Shhh. Falas muito em um mau momento. Os lábios doces foram feitos para ser beijados, não para a conversação.

Ele separou seus lábios e ela aprofundou o beijo e com força cravou sua língua em sua boca, procurando a dele. Ele estremeceu e a atraiu para ele, cavando suas mãos sobre seu escultural traseiro.

Te amo, te amo, gemeu ele, enviando as frenéticas palavras através da conexão que ambos compartilhavam.

A resposta primária dela o deixou sem palavras. Beijaram-se e acariciaram-se um ao outro com uma crescente urgência. Finalmente, ela levantou sua cabeça e o olhou, seus olhos escuros e quentes com a inconfundível paixão.



— É uma doce peça de carne — brincou —. E tenho fome. Quero um pouco de membro. —O acariciou e ele se encontrou respirando com grande dificuldade, acredito que eu gostaria de fazer amor com você. — Quer isso olhos cinzas?

Ele tinha feito amor com mais mulheres das que podia recordar. Um número igual tinha feito amor com ele ou o tinha permitido fazer amor com elas, mas nenhuma, nunca, tinha feito amor a ele.

— OH, Deus, sim.

Ainda acariciando cuidadosamente seu membro, ela começou a beijar o caminho através de seu peito. Ele estremeceu e gemeu brandamente quando seus dentes se fecharam ao redor de um mamilo. Mordeu e chupou a pequena ponta fazendo que seu membro se sacudisse incontrolavelmente antes que se movesse até o outro.

— Você gosta assim? — Perguntou ela com confiança.

— Sim! Eu gosto de algo que queira me fazer.

— Há mais, olhos cinzas. Vamos ver como de grande pode ficar seu membro. Ela deu a cada mamilo um doce último beijo antes de começar a descer por seu torso. Quando se colocou entre suas pernas, seu membro estava tão duro que parecia que estava pronto para explodir. Então sua boca tocou a ponta de seu pênis e a respiração dele se cortou. Ele tinha experiência em um montão de trabalhos deste tipo, mas nenhum lhe tinha provocado este incrível nível de prazer que confinava com a dor.

Ela beijou toda a longitude de seu pênis. Cavando suas pelotas em suas mãos e lambendo de novo todo o caminho de seu membro. Na ponta, ela tomou uma funda respiração antes de fechar seus lábios lentamente sobre a cabeça. Doce Senhor! Seus lábios pareciam fogo líquido. A doçura de sentir sua boca e sua língua acariciando seu pênis foi muito. Ele tentou se conter.

— Espera. Mais devagar — suplicou —. Não posso me conter. Vou gozar se não for mais devagar.

Ela acariciou seus sacos e continuou chupando ruidosa e avidamente seu membro. Ele estremeceu, gemendo com consternação e gozou em sua boca.

Em lugar de se voltar para trás e cuspir sua semente, ela afundou as curtas unhas de seus dedos em suas coxas, se apertou contra ele e rápido com ritmo constante, tragou até que seu membro esteve seco. Logo beijou seu desinflado pênis devagar antes de deslizar seu corpo em



cima do dele. Quando o beijo, ele pôde provar seu sêmen em seus lábios.

— OH, maldição! Sinto muito! — Gemeu ele.

— Sente? — Para sua surpresa, ela parecia admirada —. Por que? Chupar seu grande membro foi... quente. Realmente desfrutei disso. Não trago nas estranhas ocasiões em que chupo membros, mas seu sêmen tem um gosto... diferente de qualquer que alguma vez, sem querer, tenha provado.

Isso seria pelos rastros de sangue latente que às vezes secretavam quando gozavam. Sabia que a quantidade de sangue que se secretava durante o sexo, estava diretamente relacionada com seu nível de satisfação, quanto mais desfrutasse, maior quantidade de sangue passava a seu sêmen. Realmente tinha se deslocado com força com ela, assim provavelmente ela tinha ingerido uma quantidade considerável de seu sangue. Não é que ele fosse contar isto a ela.

Ela pôs um beijo ligeiro sobre sua boca.

— Facilmente poderia me fazer viciada em chupar seu grande e quente pênis e tragar a nata de seu membro.

Ele ofegou. Nunca tinha tido uma conversa semelhante com uma mulher. Maldição, gostava.

— E você? — Perguntou —. Não tenho feito nada para te satisfazer.

— Acha que não? Aqui, sente. — Puxou sua mão direita e a situou entre suas pernas.

Ele cuidadosamente inseriu vários dedos nela. Sua carne se sentia quente e cremosa.

— Parece como se você... gozou?

— Não, mas me sinto saciada como se o tivesse feito. — Sua risada baixa e sensual despertou seu pênis. — Seu sêmen deve conter um elemento secreto. Tudo o que sei é que eu gosto disto, colegial. — Ela acariciou com o nariz em seu pescoço. — Eu gosto de seu membro. Eu gosto de seu sêmen. Eu gosto de você, muito.

— Mas não tenho feito nada por você — protestou —. Deixe comer seu sexo.

— Você definitivamente pode comer meu sexo tanto como queira em outro momento. Agora mesmo só quero dormir, sem medo — disse apertando seus peitos contra o dele —. Somente me sustente até que durma. Não quero ter outro pesadelo.

— Se o tiver, eu estarei aqui para intervir e pará-la. — Prometeu. — Dorme sem medo Derri. Estarei aqui.



Ela beijou seus lábios.

— Qual é seu nome, colegial? — perguntou brandamente, acariciando com suas mãos as laterais de suas pernas.

Suas mãos em seu corpo revolveram emoções que ele nunca havia sentido.

— Serge —. Sussurrou com voz instável.

— Serge — repetiu ela. — Um nome bonito, bonito membro, bonito corpo.

Salpicou sua boca com doces e rápidos beijos —. É todo bonito. Serge me deve uma fodida.

— OH, Deus, sinto muito, sinto não poder lhe dar isso agora.

— Não se preocupe, colegial. — Seus dedos quentes se fecharam ao redor de seu membro.

— Sei que isto valerá a espera e estou muito cansada para ser fodida corretamente de todas as formas. — Ela riu e beijou seu peito—. Eu não deveria estar cansada já que isto é um sonho, mas o estou. Me dê um beijo, grande membro, e me apóie.

Seu incômodo ante sua repetida referência ao tamanho de seu pênis o surpreendeu. Ele sempre tinha estado orgulhoso do fato de que o tamanho de seu pênis surpreendesse e agradasse a suas amantes. Ainda assim, ele protegeu seus pensamentos dela e obediente e ansiosamente separou seus lábios, enroscou seus dedos em seu cabelo curto e com urgência a beijou. Outra vez provou a si mesmo em seu beijo e decidiu que não gostava. Poucas mulheres tinham querido tragar aquela merda, mas Derri sim. Sua Derri era diferente de qualquer outra mulher com a que alguma vez se encontrou.

“Não esqueça isso, colegial e quem diz que sou tua?”

“É minha, Derri Morgan. É minha mulher.”

“A mulher de Serge? Em seus sonhos moço.”

“E nos seus”, respondeu ele e tomou seus lábios em um beijo suave, doce. “Posso te chamar Derri?”

“Você segue me dando estes doces beijos e me deixe chupar seu membro de novo e pode me chamar do que mais você goste, colegial, incluído sua mulher.”

“É minha.”

“Esse pensamento sustenta certo atrativo, colegial, admitiu ela. Falaremos disso outra vez depois de que tenhamos a fodida que me deve.”



“Farei isso para você. Prometo.”

“Mmm”. Deu um carinhoso apertão em seus sacos. “Conto com isso, meu grande membro de olhos cinzas, formoso colegial.”

“Amo-te”, disse-lhe outra vez.

“Mmm. É muito doce, colegial. Tenho vontade de me familiarizar com seu membro. Estou segura de que eu gostarei”.

“Há mais em mim que meu membro”, ele disse com serenidade, decidindo que não gostava desta conversa suja depois de tudo. Franziu o cenho. Isto é o que as mulheres sentiam quando ele falava a respeito de como queria foder suas bocetas sem respeito por seus sentimentos?

Seguro que sim, disse ela, sem fazer nenhum esforço por ocultar a condescendência de sua voz.

Muito depois de que ela dormisse sobre seu peito, ele continuava acordado, sacudido por sua incapacidade de manter sua ereção. Tinha à mulher mais formosa, que ele alguma vez tinha conhecido, em seus braços E que fazia? Perdia sua ereção e logo gozava em sua boca sem dar a ela nenhuma satisfação absolutamente.

Inclusive um moço adolescente ante sua primeira vagina teria feito uma melhor atuação que a que ele tinha feito.

— Não é para tanto. Acontece com todos os homens antes ou depois.

Serge parado diante da grande janela da cabana nas montanhas Poconos, girou para enfrentar a Mikhel. O outro homem vadiava nu em uma das cadeiras do grande salão da casa de dois andares.

— Isso não acontece comigo, Mikhel! Nunca encontrei a uma mulher disposta a que eu não pudesse satisfazer completamente.

— Não pense tanto em sua destreza sexual, Serge — advertiu Mikhel —. Você é humano em parte. Se viver o suficiente tempo, isso passará.

— Alguma vez te passou?

— Sim.

Suspirou e baixou o olhar para fulminar seu pênis. Como Mikhel, ele estava nu. Mas a



diferença de Mikhel que estava semierecto, seu pênis estava flácido.

— Com a Erika?

— Não — admitiu Mikhel —. Mas posso imaginar que se Erika alguma vez me chamasse pelo nome de outro homem quando estamos a ponto de fazer amor, eu me sentiria angustiado também. — Mikhel sorriu abertamente. — Sobretudo se o homem em questão tem um membro maior e é meu irmão mais novo.

— Não tem graça, Mikhel! Eu trocava meu membro por um menor em um momento só para que ela pensasse em mim em vez de em você.

— Não se preocupe por isso, Serge. As coisas se solucionarão por si mesma.

Jogou uma olhada para as escadas, Derri ainda dormia, mas quase estava amanhecendo. Logo ela despertaria desejando Mikhel.

— Ela não me quer. Quer a você — disse tristemente.

— Pensa que me quer porque sou mais velho. Serge, parece que tem vinte anos. Ela tem quase trinta e três. Naturalmente ela vai pensar que é muito velha para você. É coisa tua que mude de idéia.

Ele passou uma mão por seu cabelo.

— Ela não me quer!

— É a mulher para você, Serge. Só que ela necessitará um pouco de tempo para compreender isso. Tem muito sobre seus ombros neste momento. Recentemente rompeu com seu amante de muito tempo, deram a ela o caso mais importante de sua carreira e está assustada. É muito para dirigi-lo. Dê-lhe tempo, Serge.

Ele suspirou.

— Assim imagino que conseguirá dormir com ela antes que eu o faça.

Olhou a Mikhel e viu seu membro se sacudir com o pensamento.

Maldição, justo o que tinha pensado. Mik queria dormir com sua Derri. Ainda pior, ele provavelmente conseguiria levar ela à cama antes que Serge tivesse a possibilidade de fazer amor com ela.

Mikhel jogou uma olhada para a escada.

— Ela é... muito doce — disse.

Ele empalideceu. De repente soube como se sentiu Chan quando havia lhe pedido uma hora



ou mais com sua Cassy. Uma crua sensação de ciúmes, possessividade e de necessidade o atacou, o fazendo desejar golpear Mikhel.

— Quando fizer amor com ela, não te passe muito. Ela é minha.

Mikhel sacudiu a cabeça.

— Eu poderia te dizer o mesmo sobre a Erika.

— Não a toquei ainda, mas pode malditamente apostar que o vou fazer — disse amargamente.

Os olhos de Mikhel brilharam e como um raio cruzou o quarto e o segurou pela garganta.

— Mas te vale não usar a coação com ela e não lhe fazer mal. — Ele afastou a mão de Mikhel.

— Conheço o trato. Só se assegure de que você também. — Mikhel sacudiu sua cabeça.

— Serge, isto não vai a nenhuma parte. Esta reagindo de forma exagerada. Pelo amor de Deus, disse que te tinha feito uma mamada incrível. E que ela tragou toda sua semente. Isso é algo que Erika não tem feito por mim. E sei que ela me ama. Como demônios pode pensar que Derri não o quer? Qualquer mulher que queira chupar esse membro teu o quer. Assim que deixa essa maldita auto compaixão e se concentre em como ganha-la.

— Sabe, Mikhel, daria algo por te chutar no traseiro — disse com ira.

Mikhel deu de ombros e estendeu seus braços.

— Acha que pode? Venha e tente, irmãozinho — zombou.

Uma vez, quando ele tinha quinze anos e Mikhel trinta e cinco, Mikhel o tinha impedido de tomar a virgindade de uma garota humana de quinze anos. Em um ataque de raiva, tinha ido em cima de Mikhel com os incisivos a descoberto e fogo nos olhos. Depois de frustrar seus melhores esforços, Mikhel o tinha derrubado de um golpe, arrebatado seus lábios e dado uma surra. Quando conseguiu saltar sobre seus pés, Mikhel lhe tinha dado bofetadas até que seu pai tinha intervindo.

Mikhel era fisicamente maior, e como era um half-blood, possuía uma força superior à sua. De todos os modos, ele tinha aprendido umas quantas coisas da última vez que tinha atacado Mikhel. Além disso, ele estava louco como o inferno porque sua mulher preferisse ao Mikhel em lugar dele.

Despiu seus incisivos e saltou sobre Mikhel, esperando ser golpeado em sua cabeça até ficar



quase inconsciente. Em troca, a reação de Mikhel foi lenta e tanto o forte gancho de direita como o brutal direto de esquerda que o seguiu, pegaram a Mikhel em sua mandíbula. Olhou assombrado como Mikhel caía.

Deixou cair suas mãos e caiu sobre seus joelhos junto a Mikhel.

— Maldição, Mik, sinto muito — murmurou. Embora soubesse que ele o tinha querido assim, que Mikhel facilmente podia ter esquivado os golpes, também sabia que estes tinham doído.

Mikhel sacudiu sua cabeça e ficou em pé.

— Esqueça, Serge. Todos os irmãos mais novos precisam chutar o traseiro de seus irmãos mais velhos de vez em quando. É como uma sopa de frango para a alma. Não é? — disse, soando como o faria sua mãe.

Rindo, Serge ficou em pé e ambos se abraçaram.

Mikhel golpeou não muito gentilmente contra sua cabeça e o liberou.

— Serge, acredito que ela é sua Bloodlust.

— O que?

Mikhel esfregou ambos os lados de sua mandíbula.

— Posso senti-lo, Serge. Realmente posso senti-lo. Seus murros nunca tiveram tanta força. Ela o está fazendo mais forte.

— Treino, Mik. Já sabe.

— Esteve treinando durante anos, Serge, mas nunca foi capaz de surrar assim. Não me entenda mau. Ainda posso chutar seu traseiro ao redor do quarto, mas acredito que você esta no Bloodlust.

Ele queria Derri Morgan mais que a nenhuma mulher que alguma vez se tivesse encontrado. De bom grado morreria para protegê-la. Demônios, deixaria a todas as demais mulheres, exceto talvez a Erika, por ela. Estava apaixonado por ela. Mas no Bloodlust com ela? Sacudiu sua cabeça.

—Sou um latente, Recorda Mik? Não temos Bloodlust.

Mikhel deu de ombros.

— Tem o mesmo sangue correndo por suas veias que eu. E desde que conheci a Erika, sou mais forte do que nunca fui antes. Serge, não estou tão seguro de ser só half blood.

Serge o olhou fixamente.



— Fala a sério.

— Sim. Minha... necessidade de sangue aumenta.

— Que necessidade?

— Isso é o que penso, Serge. Agora sinto necessidade de sangue.

— Mas, Mãe disse...

— Sei o que Mãe disse, mas começo a me fazer perguntas.

— Sobre o que?

— Se ela nos tiver dito tudo isso. Sabe o protetora que é. O que acontece se há mais coisas...

coisas escuras das que ela nos disse nos aguardando como vampiros?

— Está dizendo que Mãe nos mentiu...

— Não mentido, só oculto. Serge, alguma vez pensou que em quase quatrocentos anos da vida de Mãe alguma vez se ficou grávida até faz sessenta anos?

— Não. Sabe que uma fêmea só pode ficar grávida durante o Bloodlust. E nem sequer com o Bloodlust há garantia.

— Serge, Mãe e Papai se conheceram faz aproximadamente cento e sete anos. Isto deixa quase trezentos anos. Não pensa que ela deve ter experimentado Bloodlust ao menos em uma ocasião?

— Aonde quer chegar, Mikhel?

— Que há coisas sobre ser um vampiro que não sabemos. Não notou que alguma vez encontramos um vampiro na reserva que não seja full-blood?

Ele franziu o cenho. Mikhel tinha razão. Todos os vampiros na comunidade fechada em que eles viviam eram full-blood unidos com outros full-blood.

— O que acha que isso significa?

— Significa que somos protegidos de algo... provavelmente muito escuro e feio. Quando finalmente fizer amor com sua Derri, acredito que vai sentir um verdadeiro full-blown Bloodlust. Assim quero que tenha cuidado. Certo?

— Como tome cuidado? O que pensa que vou fazer?

— Tem a cabeça quente, Serge. Não vá somente pelo full-blood que a está acoassando. O Bloodlust é uma experiência embriagadora, como se estivesse bêbado, somente que não pode descer do alto. Inclusive embora seja muito mais forte e se sinta invencível, o full-blood ainda será



mais forte e terá mais experiência. Não cometa o engano de ir atrás dele sozinho.

— Não o farei a não ser que não tenha outra opção.

Mikhel franziu o cenho.

— Então se assegure de que tem outra opção. Digo isso a sério, Serge.

Ele deu de ombros. Evitaria uma confrontação prematura com o full-blood se pudesse, mas se não pudesse, não correria.

— Agora, O que há sobre a Katie e esse homem ao que está vendo? Quem é ele? O que sabemos sobre ele?

Serge cruzou o quarto e se sentou em uma das cadeiras de diante do fogo.

— Nada! Ela virtualmente se lançou para minha jugular quando lhe pedi que me dissesse algo sobre ele.

Entrecerrando seus olhos escuros, Mikhel se afundou na outra cadeira.

— Mãe sabe é obvio.

— Certamente.

— Como estava a última vez que a viu? — perguntou Mikhel, surpreendendo-o.

— Mãe? Parecia que bem. Por que? — Deu de ombros.

— A vi brevemente quando voei para casa no outro dia para passar a noite com Erika.

Parecia inquieta.

— Pelo amante de Katie?

— Acredito que não.

— Por que mais poderia estar alterada? — Ele franziu o cenho.

— Não sei. Ela e eu vamos ter uma conversa. Mas se não está alterada pelo amante de Katie, esse homem pelo menos deve ser um latente.

Serge assentiu, logo sacudiu sua cabeça.

— Inclusive com um latente não apoiaria que Katie fodesse com alguém com quem não compartilha laços de sangue.

Mikhel franziu o cenho.

— Maldição. Tem razão — suspirou —. Bom, Sabe o que isso significa?

— Sim. Que vamos ter que comprovar ao tio. — Disse, temendo a reação de Katie quando averiguasse que o tinham espiado —. Não vai estar contente quando o averiguar. E ela o



averiguará, Mikhel.

— Sim, sei. Suponho que você deixe que eu dirija a Katie.

Ele franziu o cenho.

— É fácil para você dizê-lo, Mik. Você é o irmão mais velho e que ela adora. Eu sou somente, o irmão ligeiramente mais velho, ao que ela ainda pensa que pode atar em uma briga. Não te jogará tanta culpa como o fará comigo. Ela te insulta as suas costas, mas realmente pensa que você é o melhor que há depois de um membro duro.

Mikhel sorriu abertamente e deu de ombros.

—Né!, tenho que ter algumas vantagens por agüentá-los, imaturos de cabeça-oca.

Apesar dos pesadelos que tinha tido a noite anterior, Derri despertou se sentindo relativamente bem descansada. Ficou um momento com seu corpo nu aconchegado sob as mantas. Recordando o mais agradável dos pesadelos, sorriu. Bom ser resgatada pelo universitário realmente não tinha sido um pesadelo. Isso tinha sido um sonho muito agradável e realista. Recordou o membro que ela tinha imaginado para ele e estremeceu. Não lhe assombrava ter sido tão descarada para pedir a ele que dormisse com ela.

Vale, não tinha dormido com ela. Mas chupar seu grande e quente membro tinha sido incrível. Falando de seu doce pênis. Ela lambeu seus lábios, recordando como se sentia e que gosto tinha seu sêmen disparado em sua boca. Que sonho mais doce.

Isso era o formoso dos sonhos, a liberdade que permitiam de fazer e dizer tudo, sem importar quão vergonhoso fosse e sem fazer conta das conseqüências. Recordando a forma gulosa em que ruidosamente tinha bebido de seu membro, ela gemeu. Definitivamente um sonho. De maneira nenhuma ela alguma vez tentaria domesticar ou conquistar um membro de semelhante tamanho com sua boca. Por não falar de tragar até a última gota de seu sêmen. Em estranhas ocasiões ela tinha feito umas mamadas bastante miseráveis, mas nunca tinha tragado. De todos os modos, o sonho tinha parecido tão real. Jogou uma olhada ao outro lado da cama e entrecerrou os olhos. Definitivamente havia uma marca no outro travesseiro.

Seus gritos devem ter despertado Mikhel. Ele devia ter vindo para consolá-la depois do pesadelo. Com a confusão e o terror, ela de algum modo devia tê-lo convertido em um moço



universitário. Quando ele a tinha rodeado com seus braços e a havia sustentado, tinha afugentado seus medos.

Impaciente por vê-lo, se levantou e se dirigiu ao banheiro.

Uma vez na ducha, com a água quente gozando por seu corpo, fechou os olhos e permitiu a seus pensamentos vagar. Ela estava na palma da adivinha, nua e a seu lado não estava Mikhel, a não ser o formoso moço universitário de olhos cinzas. Olhou para sua ereção e soube que estava assim só para ela. E ela o queria. Ofegou quando ele meigamente empurrou em sua ofegante boceta.

Todo seu corpo se convulsionou com o calor e a luxúria, se pegou a ele.

— Serge — gemeu seu nome e apertou contra seus ombros enquanto ele introduzia as últimas polegadas de seu pênis dentro dela.

Ele a segurou pelo queixo e cravou seu olhar nela.

— Está bem?

Para essa falta de delicadeza, seu colegial era gentil e considerado. Ela assentiu, ofegando,

— OH, Meu deus, Serge. Estou tão cheia de você.

— E eu de você. Agora é minha, Derri. Minha mulher.

—S im. Sua mulher, Serge — gemeu quando, devagar ele começou a se mover. — Mulher do Serge.

Serge? Quem demônios era Serge? Derri sacudiu sua cabeça e abriu os olhos, obrigando a seus pensamentos a deixar de sonhar acordados. Serge era um amigo de Chandler. Mas ela nunca o tinha conhecido, assim por que sonhava acordada com ele? Franziu o cenho. Serge era também o nome que o moço universitário lhe tinha dado em seu sonho. Em seu sonho. Tinha que manter seus sonhos separados da realidade.

Bom, Derri. Isto está saindo de suas mãos. Tem que se controlar. Agora. Não mais sonhos acordada, não com Mikhel e certamente não com um universitário.

E ele não é nenhum universitário, se admoestou. No melhor dos casos é um sonho. No pior, é um maldito perseguidor.

Mas os pensamentos sobre Mikhel rapidamente voltaram para zombar dela e ela deixou de se esforçar por evitá-los. *Ah, que diabos. Que mulher podia ser culpada por sonhar acordada com semelhante pedaço de homem?* Especialmente quando ela sabia que definitivamente ele não era



um invento de sua bastante ativa imaginação. E ele provavelmente tinha um membro estupendo. Possivelmente não tão agradável como o que ela havia imaginado para seu universitário, mas uma mendiga quente não podia ser exigente.

Capítulo 06

Estando de pé na porta do banheiro, ouvindo seus pensamentos, a mão de Serge se esticou sobre o pequeno e estranhamente esculpido Vênus de Ébano que tinha querido desde que Chan o tinha dado.

Através do laço especial que compartilhava com Derri, havia entrado em seu pesadelo e a tinha resgatado do vampiro que tentava violá-la. E o que tinha conseguido com isso? Nada. Deu o crédito a Mikhel.

Jogou uma olhada à figurinha em sua mão. Os traços e o corpo refletiram os de Derri. Ele tinha uma boa mente para seguir o ritual e obrigá-la a ele. Mas inferno. Não necessitava nenhuma ajuda exterior. Era perfeitamente capaz de seduzi-la usando suas capacidades naturais como um latente.

Uma lembrança repentina de quão doce e pormenorizada tinha sido quando ele não pôde levar a cabo o assédio. Ela fez um esforço especial por lhe tranquilizar e logo tinha feito amor com ele, fazendo ligeira sua ejaculação precoce. Ela mereceu mais, que ter a ele se impondo sobre ela.

Amaldiçoando brandamente, girou e a deixou com suas fantasias eróticas de Mikhel.

Baixou correndo as escadas ligeiramente até o salão onde Mikhel, finalmente vestido, estava escancarado em uma cadeira diante do fogo.

Mikhel levantou o olhar do livro que estava lendo.

— Se sente melhor?

— Não! Ela está acima na ducha fantasiando com você. — Amaldiçoou violentamente e lançou a pequena figurinha para o furioso fogo.

Mikhel suspirou e se moveu através do quarto em um impreciso movimento. Estendeu a mão e agarrou a pequena figura justo antes que entrasse nas chamas que ardiam. Estudou a figurinha pensativamente antes de colocá-la em cima do suporte e girar para lhe olhar.



Vendo a censura no olhar fixo de Mikhel, fez uma careta.

— Pensei que tínhamos esclarecido isto antes, Serge.

Maldito inferno, às vezes Mikhel soava mais como um pai que um irmão mais velho.

— Bem, não o fizemos.

— Não? — os lábios de Mikhel se apertaram —. Isto é desafortunado, mas não pense nem por um momento que o deixarei me derrubar outra vez.

Ele tentou tragar um pouco de sua raiva.

— Não o entende.

— Realmente entendo, Serge. Confia em mim, reage de forma exagerada. Ambos sabemos que Erika o deseja. Vê-me te espreitando com uma negra raiva choramingando sobre isso e golpeando seu traseiro?

— Não tem nenhuma razão para choramingar porque sabe que o que ela sente por mim é pura luxúria que de maneira nenhuma tira mérito a seu amor por você. Inferno, se não fosse pelo fato de que você e eu compartilhamos sangue de vampiro, ela nem sequer me desejaria. Agora que provou o sangue Dumond, deseja a ambos, mas ama a você.

— Ainda preferiria que não o desejasse. Se você não pode ver isso, então é um tolo idiota! E pensou que o mesmo poderia ser dito sobre sua Derri?

— Como?

— Ela não tomou seu sangue, mas há rastros saudáveis de sangue Dumond em sua semente e disse que a tragou toda.

Assentiu devagar recordando seu prazer e o de Derri enquanto lhe chupava o membro.

— Não é o mesmo que ingeri-lo sem filtrar e em grandes quantidades. Se o fosse, não estaria na ducha agora, se perguntando como infernos pode te conseguir para dormir com ela!

Mikhel piscou e seu olhar fixo girou para a escada antes de se encontrar com o olhar fixo de Serge outra vez.

— É isto o que está fazendo?

— Sim, maldição! E não se incomode em me dizer que não está interessado. Posso ver seu maldito membro se endurecendo com o pensamento.

Mikhel deu de ombros.

— Bem. Não negarei que a encontro extremamente atraente. Não me importaria fazer amor



com ela. Aí está. O admiti. Satisfeito?

— Inferno, não!

— Bem, uma coisa muito malditamente má. É hora de uma comprovação de realidade, Serge. Nossa primeira ordem de negócio aqui é proteger a Derri. Agora ou aprende a tratar com esta situação ou sai como o inferno daqui.

Ele despiu seus incisivos.

—Para que possa passar os seguintes poucos dias na cama com ela? Não é malditamente provável.

Mikhel se balançou longe do fogo e rapidamente fechou a distancia entre eles.

—Sei que está alterado, mas se acalme, Serge. Realmente pensa que faria algo para danificar suas possibilidades com ela?

Encontrou com o olhar fixo escuro, zangado de Mikhel de frente. Era ao Mikhel que acusava de tentar apunhalá-lo pela costas. Maldição, o deixava mau. Se fosse assim como um Bloodlust se sentia, quem infernos o necessitava? Suspirou e sacudiu sua cabeça.

— Não. Não, Mik... Sinto muito. — passou uma mão pelo cabelo —. É somente que parece que não posso pensar claramente. Me sinto tão... inadequado.

O olhar fixo de Mikhel se suavizou e lhe apoiou uma mão sobre o ombro.

— Tudo estará bem, Serge. Se os dois podem ouvir os pensamentos um do outro, há um laço especial entre vocês. Implica que estarão juntos.

— Tenta lhe dizer isso — disse tristemente.

Mikhel riu, beijou seu cabelo, e o abraçou.

— Queixo acima, irmãozinho. Nunca vi que seu encanto Dumond falhasse. Por não mencionar seu grande membro. — Mikhel se afastou, seu humor se obscurecendo —. Agora, o que pode me dizer sobre o full-blood de seus sonhos?

— Não muito. Só pude ver o que ela podia ver e ela não podia ver sua cara.

— Mas era definitivamente um full-blood?

— Sim, o bastardo o admitiu.

— Admitiu? A quem?

— A mim.

— A você? — As sobrancelhas escuras de Mikhel se elevaram —. Está dizendo que na



realidade falou com ele?

— Sim. Estava ultrajado por estar sendo enfrentado por alguém de classe baixa.

Mikhel sorriu abertamente.

— Deixa que Mãe o ouça te chamar isso e terá que aprender a linguagem por gestos depois que lhe arranque a língua.

Riu, seu humor se aliviando.

— E você não estará assobiando Dixie, moço.

A risada de Mikhel desapareceu.

— Por que um full-blood quereria aparecer nos sonhos de Derri? Perguntou-lhe?

— Não. Depois que o ameacei estacar e decapitar, decidi que a discricção era a melhor parte da coragem.

Mikhel lhe deu um largo olhar.

— Fez retroceder a um macho full-blood? Estou impressionado.

Ele deu de ombros.

— O que mais podia fazer? Ela estava aterrorizada. Ia violá-la. Não havia tempo para averiguar se você podia entrar em seu pesadelo comigo, então o confrontei sozinho.

— Bem, Serge. Recorda o que disse. Empurrá-lo em um pesadelo na realidade não é o mesmo.

— Isso não importa, Mik. Vou matá-lo.

— Se só sua Derri soubesse o que arriscou em seu nome. — Ele sacudiu sua cabeça.

— Não quero que ela saiba. Não quero que ela se sinta como se me devesse algo.

Mikhel assentiu.

— Começa a entender o atrativo de querer a uma mulher mais que a própria vida.

Assentiu.

— Mas à diferença de você e sua Erika, não acredito...

— Serge. Dê a ela um pouco de tempo. Isto funcionará — lhe assegurou Mikhel —. Enquanto isso, temos que averiguar quem era o full-blood e o que quer de Derri. Temos que averiguar logo.

Assentiu. Os full-blood eram conhecidos por entrar nos sonhos e causar enfartes fatais.

— E quando averiguarmos quem é o responsável, morrerá.

Mikhel suspirou e assentiu.



— De acordo, mas com a perspectiva de matar a dois full-blood, Mãe não vai estar feliz.

— Não se pode evitar — disse com serenidade —. Quem quer que espreita a Derri tem que morrer e Deoctra tem que ir também.

Mikhel lhe deu um olhar curioso.

— Mãe me disse que já a fodeu no traseiro. Assim, como foi?

Ele deu de ombros. Nesse momento, havia sido excitante saber que havia fodido a uma full-blood no traseiro quem gostava de pensar que Mikhel lhe pertencia.

— Bem.

— Somente bem? Mãe disse que parecia desfrutar disso. Disse que Deoctra gritava como um gato de rua em zelo.

— Foi somente uma fodida, Mik, nada especial Inferno, nem sequer eu gosto dos traseiros em particular.

— Foi por isso que usou uma camisinha?

Ele suspirou. Havia alguma parte da fodida que sua mãe não tinha compartilhado com Mikhel?

— Não. A usei porque se Derri alguma vez o averiguava, provavelmente não quereria dormir comigo se sabia que eu tinha tido sexo anal desprotegido.

E essa camisinha? Simplesmente caiu do ar?

— Tinha-a em minha carteira. Sabe que as mulheres humanas esperam que um homem tenha uma em sua carteira, inclusive se não a usa.

— Então realmente não desfrutou fodendo Deoctra?

— A fodi para a afastar de sua Erika.

— Sei. Só quero estar seguro de que não terá nenhum problema para matá-la agora que disparou nela.

— Por que deveria ter? Ela não significa nada para mim. Se ameaça a Erika, ameaça a você. Ela tem que morrer. Mãe entenderá. Já sabe o que aconteceu ao último full-blood que se atreveu a tratar de seduzir a papai longe de Mãe.

Mikhel assentiu.

— Lhe deu seu castigo.

— Já sabe Mikhel, Mãe nunca me diria ou a Katie o que fez exatamente. Quero dizer,



ouvimos os gritos, mas... O que aconteceu?

— Mãe a golpeou, a estacou, a decapitou, e logo cortou seu corpo em pedacinhos. Não era uma bonita visão — sacudiu sua cabeça —. Ela aprendeu da forma difícil que há duas coisas que não deve fazer, se colocar em confusões com os meninos de Palea Dumond ou tratar de roubar a seu marido.

Serge deu de ombros.

— O que acreditava ela? Que Mãe simplesmente a permitiria entrar e levar a Papai? Lhe deu seu castigo e a esses dois também.

Ambos ouviram os passos de Derri nos degraus e Serge experimentou uma estremecedora sensação de temor.

— Ela não me conhece. Será melhor que vá.

— Não — disse Mikhel —. É momento em que o conheça, Serge. — Ele sacudiu sua cabeça e começou a se afastar.

— Não. Não ainda.

— Sim, Serge. Agora. — Mikhel levantou a voz —. Derri, venha conhecer meu irmão, Serge.

Ele nunca tinha se sentido tão adolescente e torpe ao ser apresentado à moça mais formosa da escola. Ela o ia cortar em pedaços e cuspi-lo como forragem.

Seu coração golpeava forte como um tambor enquanto escutava seus passos na escada. Quando ela apareceu ao pé da escada, se via como uma visão de beleza vestida com um traje liso, que abraçava as formas de seu corpo se aderindo a seus peitos e se estendendo atrativamente para baixo ao longo de suas pernas longas e encantadoras.

Sua maquiagem era tão sutil que era quase invisível. Ele olhou seus lábios plenos com surpresa enquanto ela encontrava seu olhar fixo.

— Você! — Ela correu através do quarto e enterrou um dedo contra seu ombro—. O que faz aqui?

Se sentindo como um adolescente doentio se apoiou longe e jogou um olhar suplicante em direção a Mikhel.

— Mik?

— Bom dia, Derri. Este é meu irmão, Serge, — disse Mikhel, parecendo divertido —. Vocês dois já se conheciam?



Serge soltou um profundo suspiro quando ela girou para confrontar a Mikhel.

— Se quer chamar ser abordada sexualmente por ele na rua, então sim, nos conhecemos.

— Ah. — Mikhel assentiu —. Bem, nosso Serge aqui está um pouco longe de se sentir delicado a respeito, mas é muito bom no que faz.

— Sim? E o que seria isso? Abordar mulheres estranhas na rua?

— Ah, na realidade queria dizer em segurança. Ele está aqui para ajudar a te proporcionar segurança .

Ela jogou uma olhada em sua direção e Serge sentiu o impulso de se lançar ao pôr-do-sol.

— E quanto tempo esteve aqui? —perguntou ela, sua voz baixa e perigosa.

Ele sabia para onde se dirigia a conversação. Exceto por dar a volta e correr como um covarde, não havia muito que pudesse fazer para modificar seu curso.

— Cheguei ontem tarde da noite.

— De verdade? — Ela deu a volta para Mikhel —. Perdoa-nos?

Mikhel inclinou sua cabeça ligeiramente.

— É obvio. — Ignorando o olhar suplicante que lhe lançou, Mikhel agarrou sua jaqueta —. Darei um passeio. Se me necessitar, grita. Tenho um excelente ouvido.

Serge o olhou se dirigir à porta, desejando lhe pedir que não o deixasse sozinho com Derri. Ele podia sentir a raiva que ela mal continha, esperando para explodir.

Ela esperou vários segundos, depois que a porta se fechasse atrás de Mikhel antes de avançar através do quarto e olhá-lo à cara.

— Explica sua maldita existência.

Ele deu de ombros, tentando projetar um ar de despreocupação.

— O que quer que explique?

— O de ontem à noite. Foi um sonho. Ou não?

Sua cólera era quase evidente. Lançou-lhe um olhar cansado. Em qualquer momento ela ia se armar coragem e lhe dar uma maldita bofetada. Certamente, sempre podia mentir, mas assim como ele sabia o que ela sentia, ela provavelmente saberia o que sentia. Além disso, ele não queria mentir para ela.

— Isso depende de qual parte fale.

— De tudo.



— Pode ser um pouco mais específica? — pediu ele, dando-se tempo.

Seus formosos olhos marrons escuros se estreitaram.

— O pesadelo. Na cripta.

— Sim. Isso era um sonho.

— Então como infernos estava ali? E como infernos sabe do que falo?

Ele deu um passo involuntário para trás.

— Sabe que nós podemos... ouvir, sentir os pensamentos do outro. O fizemos nesse dia na Rua Chestnut. Eu estava no quarto contíguo ao seu e ouvi seus gritos, então fui para seu quarto.

Lançou-lhe um olhar zangado e hostil antes de voltar para passear em frente ao fogo.

O fogo. A toalha da chaminé. OH, merda! Ela veria a Vênus de Ébano ali e pensaria que ele tinha tentado usá-la para influir nela. Liberou rapidamente o fôlego, quando viu que não estava ali. Mikhel deve tê-la pego antes de partir.

— E onde estava Mikhel? — Perguntou ela de repente —. Por que ele não ouviu meus gritos?

Olhando-a, Serge sentiu seu pênis se endurecer-se. Deus, era tão formosa.

— Ele tinha saído fora para fazer uma comprovação do perímetro.

— Se eu gritei por que ele não me ouviu e veio comprovar como estava? Disse-me quão excelente é seu ouvido.

Às vezes, Mikhel falava muito.

— Não gritou em voz alta.

Ela parou de passear e deu a volta para o olhar fixamente.

— O que? Então como me ouviu?

— Não sei. Simplesmente o fiz. Derri, deve saber que há algo especial entre nós.

— Não sei nada pelo estilo e não te dei a permissão para me chamar Derri.

— Na realidade, o fez.

— Quando?

— Ontem à noite quando me disse que podia te chamar minha mulher.

Ela empalideceu.

— Quer dizer que essa parte não era um sonho? Está me dizendo que eu... — Ela se deteve e suspirou —. Exatamente quando terminou o sonho?



Agora era o momento para uma boa mentira estratégica.

— Terminou um pouco depois de que afastei ao vampiro de você — admitiu.

O olhou fixamente.

— Está me dizendo que estava realmente em meu dormitório, nu como o dia em que nasceu e eu... certamente não tudo depois disso foi verdadeiro.

Ele se deu conta de que estava recordando a maneira em que tinha falado com ele e tinha chupado seu membro e logo tragado sua semente. Ele comprovou que sua angústia, pelo que realmente tinha feito era bastante dolorosa.

— Sim, foi.

Ela correu através do quarto. Quando o alcançou, levantou sua mão direita e lhe pegou com a mão na cara.

— Bastardo! Bastardo doente! Que direito tinha de entrar em meu quarto nu e... e me fazer te fazer coisas asquerosas?

A última pessoa que o tinha golpeado tinha terminado no hospital. Não gostava de ser golpeado. Apartou a vista dela, tentando se preparar para conter sua raiva. Mas não havia nenhuma raiva, ao menos não com ela. O que sentia era autoflagelação por lhe ter permitido chupar seu membro quando sabia perfeitamente que ela tinha acreditado que estava sonhando.

— Sinto muito — lhe disse e se dispôs a ser golpeado com a mão outra vez.

Em vez disso, ela se balançou longe dele e passeou diante do fogo em silêncio durante uns momentos. Finalmente, deu a volta para confrontá-lo.

— Entende isto, colegial, tudo o que disse... pensei que era um sonho.

Ele assentiu, sentindo um vazio que nunca havia sentido antes.

— Sei, — disse tristemente.

— Mas você sabia que não o era e ainda assim me deixou dizer e fazer todas essas coisas... por que?

Ele a olhou fixamente, sabendo que ter se metido nessa cama com ela tinha sido o engano maior de sua vida. Ela nunca o ia perdoar ou acreditar que a amava.

— Amor? — Seus olhos se estreitaram

—. Não fale sobre amor, — disse ela furiosamente, tal como se ele houvesse dito seus pensamentos em voz alta —. Um homem não se comporta assim com uma mulher que ama,



maldito! Ou deveria dizer um moço?

Ele se ruborizou e tragou rapidamente. O tinha merecido. Ela ia zombar dele por perder sua ereção.

— Não. Não, não o farei — disse ela, parecendo surpreendida —. Mas isso não desculpa o que permitiu que acontecesse. Como espera que confie alguma vez em você? Sinto quase como se tivesse me violado, maldito!

Seu estômago se retorceu.

— OH, Deus. Por favor não se sinta assim.

— Como espera que me sinta?

— Eu... eu nunca quis te fazer algo para te danificar, de nenhuma forma.

— Então por que demônios se comportou assim? Eu já lhe havia dito que não era a forma de se colocar na minha cama!

— Tentei te dizer que não era um sonho — disse fracamente.

— OH. Então agora isto é minha culpa! Sabe, colegial, eu tive uma boa idéia quando te disse que fosse ao inferno.

Ele deu de ombros com impotência, estendendo suas mãos, com as palmas para cima.

— O que posso dizer? Se pudesse reviver a noite passada e fazer as coisas de outra maneira, o faria. Acredite em mim. Se pudesse. Simplesmente perdi a cabeça.

— Me deixou chupar seu maldito membro! — O olhou fixamente e de repente estremeceu —. OH, Meu deus! Havia sangue em seu sêmen!

Sua reação horrorizada era similar a de suas anteriores amantes quando, a pedido delas, ele tinha saído delas e gozou sobre seu corpo. Elas tinham olhado para baixo, e tinham visto o sangue mesclado com seu sêmen e tinham começado a gritar, pensando que de algum modo lhe tinham feito dano durante o sexo.

Depois dessa experiência, ele tinha procurado se assegurar de gozar dentro de seus amantes e assim elas não se davam conta de que havia sangue mesclado com sua semente. Agora, o horror de Derri e sua cólera o consternaram.

— Eu... eu...

— Maldito seja! — Ela agarrou sua jaqueta e correu para a porta.

— Derri, espera! Por favor! — Ele correu atrás dela. Ela girou e o esbofeteou de novo várias



vezes.

— Vá para o inferno bem longe de mim! — Ele se afastou.

— Derri, por favor. Me deixe tentar explicar.

— O que deve explicar, colegial? Aproveitou-se de mim, quando era mais vulnerável.

— Não foi assim.

— Não foi? Não sabia que pensei que estava sonhando?

— Eu... sim, — admitiu.

— Então que diabos pensa que requer uma explicação? Faça-me um favor e se mantenha afastado de mim e fora de minha cabeça, colegial! — colocou sua jaqueta e saiu da cabana.

— Maldição! Maldito seja o diabo! — Ele enterrou ambas as mãos em seu cabelo. Fazia uma confusão grande e feia. Que diabos se supunha que devia fazer agora? Como poderia arrumar isto com ela? Deixou cair suas mãos e quadrou seus ombros. Não sabia como chegaria até ela, mas sabia que não obteria nada ficando ali parado e se auto compadecendo.

Agarrando sua jaqueta e uma rosa solitária da dúzia posta sobre a mesa baixa, e abandonou a cabana.

Capítulo 07

Fora da cabana, Derri andou energicamente pelo caminho traseiro, respirando profundamente e tirando enojadamente lágrimas de suas bochechas. Maldito seja. Quem lhe dava direito de invadir seus pensamentos e seus sonhos? E fazê-la lhe dizer e lhe fazer coisas escandalosas? E evitar sua violação no pesadelo? Uma voz irritante a exigia. Dá a cara, Derri, não era tudo culpa dele. Ele realmente tratou de te dizer que o sonho tinha terminado, mas estava desejando como o inferno foder com ele. Quando isto não passou, estava decidida a chupar seu membro.

O rubor se elevou por seu pescoço e alagou sua cara quando recordou a alegria total que havia sentido quando tinha tragado sua semente, seu leite mesclado com sangue. Ah, Deus! Como podia ter feito tal coisa? Como podia ter desfrutado de tal coisa? Tinha ingerido fluídos corporais de um homem que nem sequer conhecia. Pior ainda, tinha desfrutado e tinha querido fazê-lo



outra vez. Isto é o que ocorria quando satisfazia suas fantasias.

Ela olhou ao redor, localizou sua árvore favorita, e se dirigiu para ela. Sentou-se sob os ramos com suas costas contra o tronco. Assim, o que se supunha que ia fazer agora? Ela sacudiu sua cabeça. Estava reagindo de maneira exagerada. O que estava feito, estava feito. Que poderia fazer agora exceto... uma vaga lembrança da noite passada passou por sua mente se afastando antes que ela pudesse centrá-lo totalmente.

— Preciso que me perdoe.

Ela soltou um chiado assustado e ficou alerta. Serge Dumond estava a menos de meio metro dela.

— O que quer? — perguntou cansadamente.

Ele se manteve em silêncio durante uns momentos, só contemplando-a. Ela o sentiu empurrando contra sua mente e soube que tratava de alcançar seus pensamentos. Não fez nenhum esforço para bloquear sua intrusão. Infernos, tinha comido seu membro e tinha tragado seu sêmen ensanguentado. Que pensamentos valiam a pena esconder dele? Maldita fosse sua carência de controle. Tinha se exposto sem necessidade a um foco de enfermidades de transmissão sexual no melhor dos casos. E no pior... estremeceu.

— Não tem que se preocupar por isso — disse ele de repente. — Estou fisicamente são.

— É o que você diz.

Ele sacudiu sua cabeça.

— É a verdade.

— Bem. Há um pequeno detalhe chamado embaraço.

Olhando sua cara, ela viu um movimento rápido em seus olhos cinzas com uma expressão tão volátil que não pôde dizer o que tinha provocado tal reação.

— Não tem que se preocupar disso tampouco.

— E por que não, colegial? — Ela permitiu que seu olhar se movesse acima e abaixo sobre seu corpo. Estava vestido de negro outra vez. Jeans negros, pulôver negro sobre camisa, uma jaqueta de couro curta, negra, e uma boina de basquete com o lema North Philly Diamonds. Estava atrativo como o inferno todo de negro. — Certamente um moço de complexão robusta como você não vai me dizer que é... estéril.

— Não! Bom...é difícil de explicar. Derri, pode sentir meus pensamentos, então sabe que



lamento o de ontem à noite. Sinto muito. Perdoe-me. Por favor.

Ela pôde sentir sua pena. É mais, pôde sentir algo que se parecia muitíssimo ao... amor. Ao menos isto é o que ele pensava que era. Bem, isso era algo no que não estava interessada com ele ou por ele.

Sua luxúria e seu grande membro? Isso é o que queria. Um homem apaixonado se voltava terrivelmente possessivo e desejava um compromisso a longo prazo. Como faria ela. Só que ainda não e definitivamente não com ele.

Ele se aproximou da árvore e se ajoelhou a seu lado.

— Por que não comigo? — Ela sacudiu sua cabeça.

— Olhe, te disse que permanecesse fora de minha cabeça.

— Como poderia?

— Não sei e não me importa. Só o faça.

Ele tirou sua mão direita de suas costas e lhe ofereceu uma só rosa vermelha.

— Me perdoa?

Apesar de seu mau humor, sorriu quando pegou.

— Onde a conseguiu?

— Trouxe duas dúzias comigo. Não se deu conta dos ramalhetes nas mesas da sala de estar?

— Não. Se recordar, tinha outras coisas em minha mente como me anotar um tanto com você — fez uma pausa —. O que diz o cartão?

Ele deu de ombros.

— Simplesmente que te amo.

— Suficiente com o amor, colegial.

— Derri. Por favor.

Ela olhou sua cara e notou uma marca leve do que era claramente sua mão em sua bochecha direita.

— Ah, caramba! — Posou a rosa no chão e tocou seu braço —. Sinto muito! Eu... Eu não tinha nenhum direito de lhe golpear.

— Está bem — lhe disse —. O via vir.

— Não, não está bem. Não posso suportar às mulheres que pensam que têm o direito divino de golpear a um homem impunemente.



— Impunemente? Uau! — Lhe sorriu abertamente —. Não tinha ouvido esta palavra desde que me fizeram ler ao Poe na escola secundária.

Ela riu.

— Sabe, colegial, que é bastante doce.

— É o que disse ontem à noite.

Ela assentiu.

— Sei — ela tocou sua bochecha —, sinto ter te golpeado.

— Eu não. Não, se isto te ajudar a me perdoar.

Ela olhou ao longe.

— Não há realmente nada que perdoar. Quis fazê-lo e o fiz.

— Eu o quis também — disse ele brandamente.

— Isso não é um fodido consolo, colegial.

— Por que temos que lamentar o de ontem à noite se ambos desejávamos que acontecesse?

— Porque a noite passada não deveria ter acontecido. Ultimamente todo tipo de coisas loucas estiveram me acontecendo e golpearam rápido. É espantoso.

— Sei, mas não tem que se sentir sozinha.

— E por que não, colegial?

— Porque não está sozinha. Estou aqui agora, e não sou um colegial.

Ela se voltou para ele.

— O que é então? Ontem à noite, no pesadelo quando te disse que o homem que me espreitava era um vampiro, disse... bom, sabe o que disse de você mesmo. É certo?

Ela olhou sua cara e estendeu a mão quando ele tratou de proteger seus pensamentos dela.

Não o faça, disse a ele. Se você não ficar fora de minha cabeça, é justo que eu esteja na sua.

— Eu... se... for uma espécie de...

Ela ficou de pé em um salto e se afastou dele.

— Espécie de? Como pode ser uma espécie de vampiro?

— Bem. Sou mais vampiro que humano.

— Como pode ser? Como pode estar de pé aqui e me dizer que é um vampiro? — Ela olhou ao redor —. Estamos à luz do dia, por amor de Deus. Se for um vampiro, como pode estar à luz do dia?



Ele ficou em pé.

— Você esteve vendo muitos filmes, Derri. Nem o dia nem a luz do sol me incomodam e como, bebo e durmo, como qualquer outro homem, e não, em um ataúde.

— De verdade? E tampouco bebe sangue? É um mito também, colegial?

— Não necessito sangue para viver, se for o que pergunta. — Ele diminuiu a distância entre eles e ficou olhando —. Pergunta se eu gostaria de beber seu sangue, então sim. Eu gostaria. E não te faria mal de maneira nenhuma. Eu nunca te faria mal, nunca. Necessito que acredite nisto.

Ela tomou fôlego e se retirou para a árvore. Deveria ter medo deste homem, mas de algum jeito não era assim.

— Sei — assentiu — de modo que, se for um vampiro, então Mikhel...

— Sim. Ele o é também, mas não te faria mal tampouco.

Ela riu e se deslizou abaixo contra a árvore.

— Ah, Deus, confiei minha segurança a um par de vampiros chupas-sangue.

Ele retrocedeu e se agachou ao lado dela.

— Olhe em meus pensamentos e saberá que nem Mikhel nem eu faríamos nada que a danificasse. Estamos aqui para lhe proteger.

— É óbvio. É para o que a firma lhes paga.

Ele piscou.

— Acha que isto é por dinheiro?

— Não o é tudo, colegial?

— Não! — Ele se endireitou e não afastou a vista dela —. Para sua informação, Srta. Morgan, venho de uma família muito, muito rica. Não trabalho por dinheiro. Tampouco o faz Mikhel. Fazemos o que fazemos porque desfrutamos com isso. Está claro?

Os zangados olhos cinza aço perfuraram os seus e tinham um brilho de sinceridade.

— Sim — disse ela brandamente. O que era que ele tinha que a fazia lhe cravar? Ela sacudiu sua cabeça enquanto ele se colocava ao lado dela —. Como pode ser um vampiro?

Para sua surpresa, sorriu de repente, sem rastro de cólera.

— Pelo modo habitual. Minha mãe é uma vampira full-blood, mas meu pai é o que se chama um humano latente, então não sou um full-blood ou nem sequer um half-blood como Mikhel.

— O que é um humano latente?



— Depois de anos de... casado com minha mãe, a força desenvolvida de papai é muito superior a qualquer macho humano normal, mas não comparável a de um vampiro latente, que é o que eu sou.

Ela estremeceu, considerando como a força tinha sido desenvolvida. Ah, maldição. Isto tinha que ser um sonho, um mau. Ela pôs uma mão contra sua testa.

— O sangue que ingeri ontem à noite, vai fazer me mal?

— Não. Não pode ficar grávida ou pegar nenhuma pequena repugnante enfermidade de transmissão sexual. Não contraímos enfermidades e é muito difícil para um vampiro conseguir que sua amante fique grávida. Suponho que é o modo de Deus de nos manter sob controle. Não, a menos que possa ficar grávida mediante sexo oral.

Ela deixou cair sua mão.

— Sei, mas maldição! Foi dormir comigo ontem à noite sem camisinha até...

— Até que Mikhel me chamou — recordou com frieza. Ela deu de ombros, logo o olhou.

— Ah, acaba de mencionar a Deus? Acredita em Deus?

— Por quem toma? É obvio que acredito em Deus.

— Isto é estúpido. Nunca ouvi que um vampiro que acredite em Deus.

— Ah Sim!. E exatamente quantos vampiros você conheceu pessoalmente?

Seus lábios se moveram com risada contida.

— Ponto para você.

— Para que saiba, toda minha família acredita em Deus.

— Inclusive sua mãe?

— Sobretudo minha mãe. Sabe, diferente de seus filhos, ela não nasceu sendo vampiro.

Vampiros que acreditam em Deus. O que virá depois?

Werewolves aos que não afeta a luz da lua cheia?

— Me conte, só que idade tem, colegial?

— Tenho quarenta anos e me graduei na universidade faz dezoito. Tenha isso presente da próxima vez que me chame colegial.

Ela sacudiu sua cabeça e abraçou as pernas.

— Bom, ainda assim parece um colegial. O que quer de mim? — perguntou.

— Nada, exceto que te amo. Sei que resulta difícil de acreditar, mas é a verdade.



Ela girou sua cabeça e examinou seus olhos.

— Sabe que seus olhos trocam de cor ou ao menos variações da mesma cor. Têm o espectro desde cinza claro às escuras e todos os intermédios. E sobre me amar, não me conhece, colegial.

— É diferente para nós, Derri. Sabemos quando estamos apaixonados quase imediatamente. — Ele tocou sua bochecha —. E estou apaixonado por você.

— E eu sinto luxúria por você e seu membro.

Ele a surpreendeu se endireitando e se afastando dela.

— Suficiente com a merda de o membro grande — disse furiosamente —. Sou mais que meu membro. Sou um homem com sentimentos, Derri.

Ela se endireitou e se aproximou.

— Não sei como te dizer isto, colegial, mas meu único interesse em você é por seu grande membro.

— O que? Fez migalhas do traseiro e quase me chutou contra a maldita calçada quando me referi ao tamanho de seu cu... traseiro, mas é bom para você continuar me amassando pelo tamanho de meu pênis? Que tipo de dupla fodida desonra é essa?

— Não é o mesmo — disse ela sem convicção.

— É exatamente a mesma coisa. Como pode negá-lo?

Ela manteve ambas as palmas das mãos levantadas.

— Sabe o que? Não quer falar de suas... genitais? De acordo. Não temos nada mais a nos dizer o um ao outro.

— O que? Oponho-me a ser tratado como um maldito pedaço de carne e a conversação se acaba?

— Em uma palavra: Sim.

— Por quê?

— Não quero seu amor, só seu membro grande, grosso e complacente. Está interessado em ser um doador, colegial?

— Meu nome é Serge e não, não estou interessado em ser seu doador de membro!

Derri sentiu suas bochechas arder. Ele tinha visto seu farol.

— Bom. Não está no mercado de membros grandes.

Seus olhos se obscureceram, seus lábios se separaram, e ela viu a primeira prova física de



que ele era em efeito um vampiro, suas presas.

— Não me pressione muito, Derri — disse ele em voz baixa, apenas audível. Quando o olhou, seus olhos escuros começaram a brilhar.

Ela conteve o fôlego. Embora não estava totalmente assustada dele, a golpeou a abrupta percepção de que este homem ao que tinha dado tapinhas e zombou era de fato muito mais que um homem. Ela sentiu um ar de ameaça e poder nele que era tão desconcertante como estranhamente estimulante.

Ela se abraçou ao redor de seu corpo.

— Está me ameaçando, Serge?

— Não! — mas seus incisivos ainda estavam expostos e seus olhos ainda brilhavam.

— Isto é o que parece e sinto. Esta é a idéia do amor de um vampiro?

— Não sou um vampiro! Sou um latente e necessito que pare de zombar de mim.

— Ou o que? O que me fará, Serge, se não o fizer?

Ele imediatamente retraiu seus incisivos e seus olhos já não brilhavam.

— Nada. Disse-te que nunca te faria mal. Sabe. Pode sentir.

— Senti a ameaça e o perigo que você gerou, Serge.

— Por que diabos tem que zombar de mim? Sabe como me sinto.

— Sei como pensa que se sente — contradisse ela. Ele apontou para ela com um dedo zangado.

— Me escute. Sou mais velho que você, tanto em idade, como em experiência. Tive a minha primeira mulher quando tinha treze anos e não deixei de tê-las após. Assim não presumo de me dizer como me sinto!

— Não foram muitas mulheres para você, colegial? Pergunto a quantas você foi capaz de satisfazer.

Ela viu o sangue alagar sua cara. A contemplou com um olhar doído em seus olhos cinzas. Ele tomou um fôlego profundo, ofegante, então deu a volta, ela viu um rápido borrão, e de repente estava sozinha.

Se tivesse tido alguma dúvida sobre o que acabava de dizer que era, seu pequeno ato de desaparecimento a teria convencido. Ela se recostou contra árvore e se afundou abaixo pelo tronco.



Maldição, Derri. Isto foi inqualificável. Não tinha que lhe dar um golpe baixo, só porque ele não queira jogar segundo suas normas. Deu uma sacudida zangada com sua cabeça e fechou os olhos. Serge. Sinto muito. Volta.

Seguia sentada ali quarenta minutos mais tarde, ainda esperando que tivesse voltado quando ouviu passos se aproximando. Ela teve que dissimular sua decepção quando viu o homem no caminho diante dela.

— Mikhel.

Seus escuros olhos a percorreram sem nenhuma calidez.

— Não deveria estar aqui fora sozinha. Está pronta para voltar para a cabana?

Ela assentiu. Ele alargou uma mão. Ela a segurou e a pôs de pé sem muita suavidade. Andaram pelos bosques circundantes em um frio silêncio. Com a casa à vista, seu pé se enganchou em uma raiz de árvore. Tropeçou e perdeu o equilíbrio. Mikhel, ao lado dela, permitiu que quase caísse antes de estender uma mão para estabilizá-la.

Ela sacudiu sua mão de seu braço e seguiu o resto do caminho para a casa. Ele estava justo atrás dela. Fechou-lhe a porta no nariz. Mal teve tempo de se separar do marco antes que abrisse a porta e entrasse, seus olhos entrecerrados, seus lábios apertados.

Parecia zangado e perigoso. Um tremor desceu por sua espinha.

Onde infernos está Serge? Ela não podia senti-lo. Ainda devia estar nos bosques lambendo as desnecessárias feridas que lhe tinha infligido. Bem, Derri, não se assuste. Está zangado, mas não vai fazer te mal.

— Quer falar disso? — perguntou ela, de algum jeito conseguindo manter sua voz estável.

— Por que tinha que lhe machucar assim?

Assim, o colegial crescidinho tinha ido correndo a seu irmão mais velho, que agora a olhava como se desejasse estrangulá-la. Encantador. Lambeu seus lábios, abraçou o corpo, e seguiu dizendo a si mesma que não lhe faria mal.

— Lhe machucar? Simplesmente disse a ele...

— Sei o que disse a ele — disse ele, com voz fria —. Desfrutou o tratando desse modo e logo o machucando?

Bem, isto estava ficando terrífico. Ela se obrigou a olhar seus escuros olhos, que agora brilhavam. Em qualquer momento, mostraria suas presas.



— Planeja me fazer mal?

— Não! — Sua resposta grunhida só serviu para aumentar seu medo.

Ela considerou voltar para a porta, mas se deteve. Havia visto que a velocidade podia Serge se mover e era um latente. Mikhel era half-blood. Não havia nenhum modo de escapar ou evitar se ele quisesse fazer mal a ela.

— Me assusta — confessou, com seus olhos alagados de lágrimas.

Ele avançou devagar e a fulminou com o olhar.

— E por que deveria me preocupar?

— Eu... eu acredito que Serge não quer que me assuste — sussurrou ela e as lágrimas rodaram por suas bochechas.

— Não. — Seus olhos voltaram a ser normais e o ar de hostilidade desapareceu. — Não. Tem razão. Quando averiguar o que tenho feito, terei que terminar por chutá-lo no traseiro. E a Erika tampouco gostaria disso. Sinto muito.

Com lágrimas derramando por suas bochechas, tropeçou através do quarto e se afundou em uma das poltronas diante do fogo. Girou sua cara contra o respaldo e soluçou.

Ela teve medo de protestar quando ele de repente a pôs em pé. Sentou-se na poltrona e a embalou entre seus braços, seus lábios contra sua testa. A sustentou, acariciando seus ombros e deixando que chorasse até que as lágrimas se converteram em simples suspiros. Então agarrou sua cara com uma mão.

— Me escute. Eu nunca te faria mal. Nunca. Não só porque prometi te proteger, mas também devido a como Serge se sente com você. Sinto se a assustei. Foi indigno e peço perdão.

Ela se separou dele e permitiu que se pusesse em pé.

Rapidamente se afastou da poltrona enquanto ele se levantava.

— Quero ir a casa. Agora. Por favor. Ele suspirou.

— Tem medo de mim.

— Sim! Mas é o que queria, não é?

— Sim, é, — sua admissão a surpreendeu —. Mas como disse, nunca te faria mal ou permitiria que alguém mais lhe fizesse isso.

— Por que queria me assustar?

— Por que queria machucar a meu irmão mais novo? — exigiu furiosamente, suas fossas



nasais ondulando e seus olhos se entrecerrando —. Diga-me por que era necessário.

— Não o machucar! — ladrou ela, a cólera ultrapassando seu medo dele.

— Não o fez? Um macho humano apaixonado é uma criatura vulnerável, lamentável. Mas um vampiro apaixonado é ainda mais frágil.

— Um vampiro apaixonado? Ele acaba de me conhecer. Viu-me três vezes. Sente simples luxúria.

— Não julgue coisas sobre as quais não sabe nada — lhe disse com uma arrogância que não teria esperado dele —. Você pode sentir luxúria. Ele está apaixonado. Não somos débeis machos humanos que necessitam meses e às vezes anos para decidir se o que sentimos ou não por uma mulher é amor. Sabemos quase imediatamente. Inclusive se você não está apaixonada por ele, deveria tê-lo tratado com a mesma consideração que quereria receber se os papéis estivessem invertidos.

Ela suspirou.

— Tem toda a razão — pressionou seus lábios —, tenho que lhe pedir perdão. — ela olhou ao redor —. Onde está?

— Se foi.

— Foi aonde?

— Para casa.

— Para casa? — ela piscou — A Boston?

— Embora tenhamos apartamentos em outros lugares, é aí onde nossos pais estão e é onde vivemos.

— Ah. Bem, quando retornará?

— Patrocina uma liga de basquete na Filadélfia assim estará de volta para as partidas de abertura, depois do início do ano.

Ela recordou o logotipo em sua boina, e na jaqueta de couro. O início do ano parecia muito longe.

— Ah. Eu...OH. — maldição. Ela o tinha feito ir. Se foi e não voltaria durante semanas. *Bom trabalho, Derri.*

Capítulo 08



Depois de deixar um dos aviões da família Dumond, no pequeno hangar, onde os tinham aos subúrbios de Boston, Serge subiu em um dos dois SUV dentro do hangar e conduziu para casa. Um sentimento de calma se derramou sobre ele enquanto conduzia ao longo dos tranquilos e particulares caminhos até a entrada da propriedade que seu pai tinha desenhado, trinta anos antes. No final do Dumond Drive, encontrou outra cerca, esta automática. Ativou o disparador e conduziu através da entrada do Dodge House. Estacionou diante da casa estilo rancho, formado por um quadrado grande, aberto. As luzes da casa principal estavam apagadas e tudo parecia tranquilo no imóvel. Quando desceu de seu veículo, Princesa, um pastor alemão branco enorme, chegou silenciosamente a seu lado. Os outros cães, também pastores alemães, com uma suave ordem, se retiraram para patrulhar pelo perímetro da cerca elétrica de três metros de altura que rodeava Dodge House e as duas casas de convidados menores na parte de trás.

— Hey, bonita — disse, se ajoelhando para abraçar ao animal e permitir que lambesse sua cara —. Senti falta de você também — permitindo a ela uma última lambida, se levantou, e se dirigiu para a casa.

Abriu a porta principal e entrou. Suspirou. Era aqui, em casa, onde a comodidade e a segurança eram facilmente acessíveis nos braços de sua mãe. Entretanto, era com seu pai com quem desejava falar. Tirou a boina e sua jaqueta de couro as deixando em um dos sofás de couro na sala de estar e foi pelo corredor até o dormitório de seus pais.

A porta do uase sempre. Permaneceu na entrada e olhou dentro. As cortinas das janelas estavam abertas. Seus pais, nus e adormecidos na cama, estavam banhados pela suave luz da lua. Seu pai, um homem grande, musculoso, dormia sobre as costas. Sua mãe estava em cima dele com suas costas pressionada contra seu torso. Inclusive em sonhos, as grandes mãos de seu pai rodeavam os pequenos peitos de sua mãe. Sua mãe parecia uma boneca em cima do corpo de seu pai.

Ele cheirou o ar. Faziam amor. Como de costume, ainda estavam unidos. Ele podia ver parte do pênis sepultado profundamente no pequeno traseiro de sua mãe. Esta era a maneira em que deveria ser entre um homem e sua mulher. É o que ele desejava, mas não podia ter com Derri, a menos, que utilizasse a coerção.



Atravessou o quarto e tocou ligeiramente o ombro de seu pai.

—Papai?

Seu pai se moveu, gemeu brandamente, e empurrou para o traseiro de sua mãe. Sua mãe respondeu igual. Estupendo. Em qualquer momento eles começariam a fazer amor em sonhos. Quando eram meninos ele e Katie estavam acostumados a despertar no meio da noite para poder olhar o que sua mãe chamava fodidas noturnas. Às vezes seus pais tinham um pó relâmpago e gozavam, sem estar totalmente acordados.

Ele tocou a seu pai outra vez.

—Papai?

Os olhos de seu pai revoaram se abrindo e elevou a vista para ele.

— Serge? O que ocorre? — perguntou em voz baixa.

— Papai, tenho que falar com você.

— Agora? — Seu pai gemeu, enquanto em sonhos, sua mãe começava a se balançar contra seu membro.

— Sei que é tarde e prefere fazer outras coisas, mas tenho que falar com você.

— É obvio, Sport. — Seu pai segurou os magros quadris de sua mãe e afastou seu pequeno corpo do dele.

Serge viu, contendo o fôlego, como o longo e grosso pênis de seu pai surgiu devagar de entre as pequenas nádegas de sua mãe. Sempre o assombrava como sua mãe podia tomar a grossura e a longitude de seu pai tanto em sua vagina como por trás sem dor aparente.

Seu pai acomodou a sua mãe em suas costas, beijou sua bochecha, e saiu da cama.

— Vamos à sala de estar — sussurrou ele.

Serge se inclinou e beijou a bochecha de sua mãe. Ela sorriu sem abrir seus olhos.

— Meu pequeno Serge — disse carinhosamente —. Não o esperávamos. Está tudo bem com você, meu pequeno? Sim?

— Sim Mãe — mentiu ele e seguiu a seu pai fora do dormitório. Na sala de estar, seu pai se deu a volta e o olhou.

— Serge? O que ocorre?

Matt Dumond media dois metros. Elevando a vista para ele, Serge se sentiu como um moço pequeno outra vez.



— Papai, necessito conselho. Encontrei à mulher. Ela não me quer e não sei o que fazer.

Seu pai se sentou em uma das poltronas estofadas em cores da terra que sua mãe preferia em sua sala uso oeste. Ele estendeu uma mão.

— Venha. Diga-me como posso te ajudar, Serge.

Ele se aproximou e se sentou aos pés de seu pai, como fazia quando era um moço. E como então, se sentiu seguro. Respirando fundo, falou com seu pai sobre Derri.

— Ela quer me usar só pelo membro — terminou amargamente — . Como se não tivesse sentimentos e necessidades que não se centrassem em meu membro.

— Tão ansiosa está por seu membro? —s eu pai acariciou seu cabelo com seus dedos. — Por que é mau o fato de ter à mulher que amas morta de vontade por seu membro? Encontrei uma vida muito proveitosa sabendo que sua mãe nunca tem bastante de meu membro.

Ele se apoiou contra a perna de seu pai.

— Mas Mãe te ama e adora a terra em que pisa. Diz que te ter apaixonado por ela foi sua salvação.

— Sua mãe e eu passamos algumas épocas muito escuras, sobretudo durante seu banquete de indulgência⁷ — disse com voz baixa.

Notando a tensão no tom de seu pai, se meio girou para olhar a ele.

— Seu banquete do que?

Matt Dumond sacudiu sua cabeça.

— Não é algo que sua mãe quer que você e seus irmãos conheçam.

Ele recordou que Mikhel lhe tinha dado a entender que sua mãe lhes ocultava algo.

— Por que não? O que é?

— Foi um tempo muito escuro e horrível para ambos. Não é algo do que nós gostemos de falar ou recordar. Basta dizer, Serge, que o amor nem sempre se desenvolve brandamente.

Ele franziu o cenho. Parecia que Mikhel tinha razão. Ambos teriam que perguntar a sua mãe sobre o banquete de indulgência.

— Sei, mas estar apaixonado faz tudo diferente. Derri está determinada a me ver unicamente como um maldito objeto sexual.

— O que planeja fazer a respeito? — perguntou seu pai, sua voz curiosa.

⁷ Época de fome sexual muito desenfreada onde só se busca a cópula.



Ele olhou aos olhos azul escuro de seu pai.

— O que posso fazer? Mikhel tem razão. Não pode forçar a uma mulher que realmente te importa a vir a sua cama contra sua vontade.

— Não. Não pode, mas não há nada que diga que não pode levá-la ali com romantismo.

— Tentei. Não funciona.

— Tenta de novo, Serge. É um homem bonito e encantador. Às mulheres, sobretudo às humanas, gostam de ser cortejadas e o romantismo. Às vezes gostam de jogar duro para conseguir. Gostam de fazer que seus homens passem pelo aro para ganhar seu afeto. Você pode fazê-lo.

— Não, papai. Não posso.

— Sim, pode. Enquanto isso, Serge, lhe dê o que quer. Ela quer membro? Dê a ele tudo a que pode dirigir. Sabe, sua mãe sempre diz que o modo de ganhar o coração de uma mulher é manter sua vagina ocupada com um membro bem rígido. Sim?

Ele riu, então ficou rapidamente sério quando imaginou a reação de Derri ante tal axioma.

— Papai, se ela suspeitasse que me sinto desta maneira ou que ri quando o contou diante de mim, me agarraria pelas orelhas e me daria tal chute no traseiro que me mandaria à lua.

— Tanto? Com certeza seu traseiro luzirá estupendo na lua.

Riram e seu pai agitou seu cabelo.

Teve um pensamento repentino e se estremeceu.

— Te contei que ela deseja ao Mikhel. Os deixei sozinhos. Papai, não acha que Mikhel irá a...

— Não, Serge, não acredito. Ele é seu irmão mais velho. Não subestime seu amor e lealdade para você ou Katie. Ele não a tocará antes que você tenha feito amor com ela.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sei. É só que nunca passei por isso antes.

— Nunca estive apaixonado antes. Pode ser terrífico, porque tem medo de sair prejudicado, mas também pode ser a experiência mais proveitosa de sua vida.

— Mikhel diz que é Bloodlust, papai.

Ele viu uma expressão de quase alarme na cara de seu pai.

— Papai? O que está mau? Não te importa que Derri seja negra... não é?

Os olhos de seu pai se entrecerraram e seus lábios se apertaram.

— Não, Serge! Conhece-me melhor que isso.



Ele suspirou de alívio e assentiu.

— Então o que vai mau? A expressão de sua cara...

— Nada está mau, Serge. Pensa que ela é sua Bloodlust?

Ele elevou a vista a seu pai outra vez.

— Não o sei. Só sei que a necessito como nunca tinha necessitado a nenhuma outra mulher.

— Assim, o que é que você vai fazer a respeito?

Ele se levantou e quadrou os ombros.

— O único que posso, pôr meu melhor par de sapatos de correr e ir saltar alguns aros.

— Esse é o espírito Dumond!

Estava já no vestíbulo, se dirigindo para a porta principal quando seu pai o seguiu.

— Ah, Serge. Esqueci te mencionar que Diane chamou duas vezes na semana passada.

Ele deu a volta com a mão no trinco da porta.

— Diane Belmont?

Recordou à bonita loira com a que tinha estado saindo justo antes que visse e se apaixonasse por Derri. Embora se não tivesse conhecido Derri, teria quebrado a relação com Diane porque se tornou muito possessiva. Ele não queria mulheres possessivas.

— Sim. Disse que estava na cidade e queria te ver. Deixou seu número. — Seu pai insistiu.

Ele assentiu, mas não se incomodou em anotá-lo.

— Obrigado, papai. Boa noite.

Seu pai saiu junto com ele na porta.

— Conduz com cuidado, Serge.

Eles se abraçaram.

— Farei.

Derri despertou no meio da noite, suando e com medo.

Sentou-se e olhou ao redor. Estava ainda no Retiro. Devia ter tido um pesadelo. Não podia recordá-lo, mas seu coração palpitava e ela tremia de medo. Jogou uma olhada ao redor do quarto. Estava sozinha, ao menos não havia ninguém no quarto que ela pudesse ver.

Ah, por que tinha feito Serge fugir? Se estivesse ali, teria vindo consolá-la. Mikhel estava no outro quarto, mas não se atrevia a chamá-lo. Tinha vindo provavelmente, mas podia passar sem a atitude que sem dúvida traria com ele. Embora lhe tivesse pedido perdão por assustá-la, sabia que



ainda estava ofendido pelo que considerava seu mau trato ao Serge.

Ainda tremendo, devagar se recostou. Alcançou e agarrou o outro travesseiro contra seu peito. Serge. Onde está, colegial? Realmente não quis que fosse. Ainda acordada meia hora mais tarde, se levantou, colocou o computador portátil sobre seu regaço. Trabalhou nas perguntas ao jurado para o julgamento de Smith-Barley durante mais de uma hora antes que começasse a se sentir cansada. Guardou em seu lugar o computador, atirou a camiseta ao pé da cama e caiu em um sono inquieto.

Serge sorriu para a bonita loira de olhos azuis que elevou a vista da recepção quando entrou no acarpetado escritório do Syndicated Newspapers Inc.

— Bom dia. Eu gostaria de ver o Sr. Mariono.

— Seu nome?

— Serge Dumond.

— Tem uma entrevista, Sr. Dumond?

— Não.

— Então temo que o Sr. Mariono não poderá lhe receber. — jogou uma olhada a uma agenda aberta diante dela. — Tem a agenda completa hoje. Possivelmente possa chamar e agendar uma entrevista, Sr. Dumond.

Ele alargou seu sorriso e se inclinou através da escrivaninha para olhar fixamente aos olhos da mulher.

— Possivelmente poderia lhe dizer que estou aqui.

Seus lábios se separaram e seu olhar se voltou vítreo. Ela empurrou sua cadeira e se levantou sem nenhum protesto. Serge se moveu ao redor da escrivaninha e a seguiu por um longo corredor atapetado com grandes portas de carvalho de ambos os lados. Ela parou no final do corredor e abriu a porta.

Serge se retirou a um lado de modo que a porta o protegesse da vista do ocupante do quarto. De todos os modos, pôde ver um homem de meia idade com cabelo grisalho se voltar da janela atrás da escrivaninha para olhar à mulher.

— Sim, Karen? O que ocorre?

— O Sr. Serge Dumond está aqui para lhe ver, senhor.

— Dumond? Há dito Dumond? Diga a ele que estou ocupado. Serge retirou à mulher da



entrada, e entrou na escrivaninha fechando a porta. Só então se precaveu dos dois homens sentados em um sofá de couro junto à parede. Maldição. Deveria tê-los visto antes de entrar no escritório. Descuidou-se, mas não importava.

— Estou seguro que pode me dedicar uns minutos de seu valioso tempo, Sr. Mariono.

Ele viu a cara do outro homem se endurecer e notou a inclinação quase imperceptível de sua cabeça. Voltou-se rapidamente e agarrou aos dois homens que carregavam para ele por suas gargantas. Os levantou sobre seus pés e aplicou a pressão suficiente à traquéia para desalentar qualquer tentativa de alcançar as armas que se sobressaíam de seus correames⁸.

Ainda os sustentando a várias polegadas do chão, girou para encarar a Ralph Mariono.

— Direi isto só uma vez. Afaste seus cães de Derri Morgan ou terá que assumir as conseqüências.

Os olhos do outro homem se estreitaram.

— Você não tem nem idéia de quem está tratando de pressionar. Há forças...

— Ele jogou uma olhada aos dois homens que lutavam contra o apertão de Serge e espetou.

— Conheço gente com a que você não quereria tratar, Dumond. Permaneça fora disto e talvez não sofram danos nem você nem seu irmão.

— Sei que forças utiliza, Mariono! — cuspiu furiosamente.

Soltou aos dois homens que caíram em um enredado montão no chão e cintilou através do escritório para agarrar Ralph Mariono pela garganta. — Venho da mesma ninhada, assim não me assustam. Esta é sua única maldita advertência. Afaste a seus cães ou os matarei. — Ele apertou seu punho e o outro homem começou a fazer esforços para conseguir ar. — E então voltarei para saldar contas com você.

Ele atirou o homem a seus pés. Na porta, deu a volta para olhar aos três homens que lutavam por se endireitar.

— Não se incomodem em chamar à polícia. Só serviria para me encher o saco. E você não querará me ver de saco cheio. — Tirou de repente uma pequena lâmina de uma bainha em suas costas sob sua jaqueta de couro e a fez girar com uma velocidade horripilante. — Não me faça voltar aqui. — Voltou sua atenção aos dois guarda-costas que já estavam de pé tratando de se decidir se deveriam tirar suas armas. Ele girou a lâmina outra vez. — Posso cortar a ambos os

⁸ Conjunto de correias, particularmente as do uniforme militar.



braços antes que qualquer de vocês possa tirar a arma da pistoleira. Acreditem-me, não gostarão de me irritar.

Ambos os homens afastaram seus olhares e deixaram cair suas mãos a seus lados. Serge nivelou a lâmina e apontou para Ralph Mariono.

— Os retire ou se atenha às conseqüências.

Não havia nenhum medo nos olhos do outro homem, só ódio e determinação. E conhecimento. Sabia o que Serge era e não tinha medo. O homem era um humano latente ou o laçao de um vampiro.

Provavelmente teria que morrer.

— Foi advertido — disse embainhando sua lâmina, e abandonou o escritório.

Um golpe à porta do dormitório despertou Derri. Lutando com capas de agitado sonho, se sentou, esfregando seus olhos.

— Sim?

Para sua surpresa, a porta se abriu e Mikhel entrou com uma bandeja de café da manhã.

Ela deu um pequeno chiado de surpresa e lutou para arrebatá-lo o lençol enredado em seus pés para tampar seu corpo nu.

— Mikhel! Maldição! Poderia ter chamado!

Uma sobancelha escura se arqueou.

— Realmente chamei — disse e seguiu através do quarto para a cama. Pôs a bandeja na mesinha a sua direita e deu a volta para olhá-la. — São quase doze. Está planejando dormir todo o dia?

— Mikhel! No que está pensando? Estou nua!

Ele se sentou no lado da cama e sorriu abertamente, inspecionou com escuros olhos o que podia ver de seu corpo. Ela se deu conta que um peito era visível e ajustou o lençol.

— Já notei — disse ele, claramente divertido. — Muito agradável. Você gosta de dormir nua, não?

— Não é teu assunto — disse cansadamente. — O que quer?

— Te pedir perdão por ontem. — Ele posou uma mão sobre sua bochecha e a beijou na



outra. — Os vampiros somos bastante intratáveis, mas não quero que me tema outra vez. — Ele separou sua cara, mas manteve sua mão na bochecha. — Se Serge tratasse a Erika da maneira em que eu a tratei ontem à noite, o espancaria. Independentemente do que acontecer com vocês, o que passou ontem entre você e eu não voltará a ocorrer.

Olhou-lhe fixamente aos olhos e suspirou.

— Serge te falou sobre minhas fantasias, não foi?

— Estamos muito próximos e temos poucos segredos um com o outro.

— Bem, acredito que deveria saber que depois de sua atuação ontem de touro furioso, qualquer fantasia que tivesse abrigado sobre você se foi pelo ralo, tio.

Ele riu e para sua surpresa, beijou-a outra vez, muito perto da comissura de sua boca desta vez.

— Terei que ver o que posso fazer para me redimir — sussurrou e passou ligeiramente uma mão sobre seus peitos antes de sustentar um deles com uma mão. — Serge tem razão, seus peitos são deliciosos.

Com o coração acelerado, se afastou dele.

Contemplaram-se no silêncio durante vários momentos antes que ele deixasse cair sua mão e se levantasse.

— A verei quando descer.

Ela assentiu.

— Bom.

Seu olhar se encontrou com o seu.

— A menos que, é obvio, você gostasse que ficasse aqui com você.

— Não! Por favor. Vá.

Sorriu-lhe abertamente.

— Bem. A esperarei lá em baixo.

Ela não pôde decidir se seu comentário de despedida tinha sido uma ameaça ou uma promessa. Maldição. Agora decidia que queria jogar à febre da selva com ela? Depois que deixou o quarto, colocou a camiseta de dormir que tinha ao pé da cama. Nada de voltar a dormir nua com ele ao redor, decidiu, se recostando contra os travesseiros. Colocou a bandeja no regaço e começou com os ovos, salsichas e torradas. Encontrou o café um pouco forte para seu gosto. O



pôs à parte e bebeu o suco de laranja.

Depois de tomar o café da manhã, se dirigiu para o banheiro. Na ducha, seus pensamentos voltaram para Serge. Onde estava? Estaria ainda zangado com ela? O veria outra vez? O pensamento de não voltar a vê-lo era desagradável e inoportuno. Se negando a permitir que seus pensamentos se voltassem luxuriosos, saiu da ducha e voltou para o dormitório. Com seus pensamentos ainda nele, tirou um traje de uma peça de corpo e calça vermelha e o apresentou sobre seu corpo nu. Contemplando seu reflexo no espelho, suspirou.

— Muito mal que não esteja aqui para ver isto colegial, já que é para você.

Mikhel estava lendo na sala de estar quando baixou com a bandeja. Ele deixou o livro na mesa lateral e a recebeu ao pé da escada. Ele pegou a bandeja.

— Sente-se melhor?

— Muito melhor — disse ela, consciente do brilho apreciativo em seus escuros olhos quando a olhou. Ela o olhou com olhos entrecerrados.

— Espero que não vá se converter em um lobo, Mikhel.

Ele riu e soltou um longo e profundo assobio.

— Sou um lobo.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Mikhel.

Ele posou a bandeja e tocou sua bochecha, seu olhar fixo em seus peitos.

— O que você espera de um vampiro? Somos muito quentes e com fortes apetites sexuais, Derri. Desfrutamos fazendo amor. E é uma mulher bela com um corpo encantador.

Enquanto ela ainda encontrava o pensamento de dormir com ele excitante a um nível distante, mas primário, não podia evitar os pensamentos de Serge em sua mente. Também estava a Erika que Mikhel tinha falado tanto durante o longo passeio pelas montanhas. Ela não dormia com os homens de outras mulheres.

Ele a surpreendeu passando um braço ao redor de sua cintura e aproximando seu corpo contra o seu. Ofegou. Ele fixou a vista nela, seus olhos escuros brilhando com inequívoco desejo.

— Está segura que você não gostaria de saborear um membro Dumond? As mulheres humanas parecem desfrutar disso.

Ela sentiu seu membro se endurecer contra ela e teve que tragar várias vezes antes de poder



falar. Malditos estes machos Dumond tão difíceis de resistir. Ela empurrou seus ombros.

— Mikhel! Não fala a sério. Não é assim?

Seu braço se apertou ao redor de sua cintura e ele inclinou sua cabeça para pousar seus quentes lábios contra seu pescoço. Durante um momento ela pensou que a ia morder e tremeu de medo.

— Mikhel, não o faça!

Ele estremeceu, lentamente ele esfregou um muito impressionante membro contra ela, e logo depois de repente a liberou. Antes que pudesse soltar um fôlego de alívio, ele estava de pé no outro lado do quarto, tomando lentas e profundas respirações.

— Falo muito a sério, mas não posso te tocar antes que Serge faça amor com você. Eu gostaria de te levar a cama. — Ela respirou fundo. Parecia que os machos Dumond não estavam muito pela delicadeza. Ambos pareciam pensar que tudo o que tinham que fazer para levar uma mulher à cama era esfregar seu membro contra ela. Sorriu. Poderiam ter um pouco de razão.

— Acredito que darei um passeio. — Ela o contemplou com um olhar entrecerrado. — E você deveria tomar uma ducha. Uma fria e muito longa.

Ele riu.

— Isso não mudará nada. Ainda a quiererei e a esse encantador corpo teu quando sair.

— É tão mau como Serge. Vocês os Dumond pensam em algo além do sexo?

— Não quando estamos a sós com uma formosa e atraente mulher. — Ele arqueou uma sobrancelha para ela. — Por que não confessa que você gostaria de se deitar comigo também?

O calor queimou suas bochechas.

— Não penso admitir nada. Agora acredito que vou passear.

— Há homens que vigiam o perímetro, mas não vá muito longe.

— Não vou me afastar, só ao lugar onde me encontrou ontem.

— Bem. Se me necessitar, grita. A ouvirei.

— Na ducha com toda essa água fria caindo sobre você? — perguntou, arqueando uma sobrancelha em resposta.

Ele sorriu.

— É meu trabalho te manter segura. A ouvirei e quando for necessário, posso me mover muito rápido.



— Pode... voar ou algo assim. Pode?

— Como um morcego? — riu —. Não. Não me converto em um morcego e não vôo, mas posso me mover muito rápido quando quero. Estarei ali se me necessitar.

— Obrigado.

— Amigos outra vez?

Ela assentiu.

— Sim.

— Bom. — Ele cruzou o quarto e elevou seu queixo. Ele a olhou aos olhos. — As pessoas sempre deveriam ser amigos antes de se converter em amantes.

O contemplou, o fôlego apanhado em sua garganta.

— Amantes? Mikhel, não durmo com os homens de outras mulheres.

Ele pressionou um polegar contra a comissura de sua boca.

— Tem muito que aprender de nós, Derri. Um dia destes, você e eu seremos amantes.

Ele pareceu tão crédulo que a deixou momentaneamente muda.

— O que... O que há sobre o Serge?

A pergunta pareceu surpreendê-lo.

— Ele será seu amante também.

— O que? Perdeu a cabeça? Não vou dormir com os dois.

— É obvio que vai fazer. —se inclinou e a beijou no pescoço, enviando um golpe de desejo que lhe chegou até os dedos do pé. Uma mão grande acariciou seus peitos, fazendo seu fôlego sair em uma série de assobios.

Quando ele levantou sua cabeça, ela retrocedeu e agarrou sua jaqueta.

— Eu... vou dar um passeio.

Ela assentiu, seus olhos escuros.

— Não tenha medo de mim, Derri. Não te farei mal jamais. Tampouco a forçaria a minha cama. Quando nos fazemos amantes, será porque ambos o queremos.

— Deixa de sonhar, Mikhel. — Seu sorriso, lento e íntimo, fez que seu coração golpeasse em seu peito. Maldito homem tão atrativo. — Deixa de me olhar assim — pediu ela. — Não dormirei com você.

Ela assentiu.



— Não antes que tenha dormido com o Serge. Depois disso...Tenho autentica vontade de chegar a te conhecer... no sentido bíblico, Derri.

Ela trágou devagar, envergonhada de que pensar em dormir com Mikhel a fazia estar empapada.

— Deveria deixar as drogas que tome — disse friamente. Alargando o sorriso, sensualmente percorreu com a ponta de sua língua o contorno de seus lábios.

— A única coisa que me põe é estar a sós com você, doce Derri.

Ah, Deus! Se ele seguia falando assim e olhando-a como se quisesse rasgar a sua roupa e comê-la até... ela deu a volta e saiu da cabana com o som de sua confiada risada ressoando em seus ouvidos.

Capítulo 09

Se afastando rapidamente da cabana, ela negou com sua cabeça. Esse homem estava louco se pensava que ia se deitar com ele e Serge. É obvio, pensar em ter dois amantes de aparência agradável e viris ao mesmo tempo era muito excitante. Mas só enquanto ela estivesse em sua busca de experiências sexuais antes do casamento. Mesmo assim, não tinha intenção de estar com os dois irmãos. Meia hora mais tarde, sentou-se na terra sob sua árvore favorita. Sentindo a frieza da terra através da parte traseira de sua enrugada calça, estremeceu. Em que diabos estava pensando, vestida como uma estúpida prostituta? Provavelmente isso havia ajudado a dar idéias a Mikhel. Bom, ele já poderia ir esquecendo. Sua vagina já tinha a fixa idéia de ser brocada pelo mais jovem dos irmãos Dumond.

—Olá.

Ao escutar o som da voz de Serge, Derri saltou ficando em pé, seu coração começou a palpitar rapidamente.

— Serge! Que... Mikhel disse que não retornaria.

Como sempre, ele se vestia completamente de negro. Merda, ele se via bem de negro. Ele se manteve de pé a olhando fixamente, sua mão direita atrás das costas. Encolheu seus ombros.

— Não podia me manter afastado. Por favor, me diga que está contente de me ver.



— Estou — admitiu ela, sentindo-se quase sem fôlego por causa do prazer.

Ele cortou a distância entre eles e tirou a mão que mantinha atrás de suas costas para revelar uma caixa média de caros chocolates.

— Olá.

Ela riu.

— Estes são meus favoritos. Olá! Colegial. — Pegou a caixa e a colocou no arco de um dos ramos. — Espero que não esteja ainda zangado comigo.

— Não. Estou somente feliz de te ver. Amo-te.

Ela acariciou sua bochecha.

— Há alguma luxúria atada a esse amor, olhos cinzas?

— Sim. Um oceano cheio.

Ela aspirou um longo e profundo fôlego.

— Quer fazer algo sobre isso?

— Que parte?

Ela colocou sua mão sobre seu peito e sentiu seu coração palpitando.

— A parte sobre a luxúria.

— Sim. Sim, quero. E você?

Ela fez uma careta.

— Penso que já sabe a resposta a isso. Quero te foder ou fazer amor com você. Qual prefere?

— Estou para agradá-la, senhora — disse sorrindo abertamente —. Qual prefere?

— Não me importa qual façamos, enquanto consiga sentir seu membro dentro de mim. Isso é o que eu quero... o que quis desde o momento que nos conhecemos. Simples e sinceramente. Quero-te.

— Quero te fazer feliz e te dar tudo o que quer, sempre que você o queira.

— Isso seria você... e agora.

Somente olhando a seus olhos cinza e recordar a sessão de amor que tinha vivido na manhã, dois dias antes, a fazia se sentir molhada. Isto era de loucos, mas ela já tinha transpassado todos os limites o que podia perder?

Ela abriu a jaqueta e desabotoou os botões do traje de couro que se amoldava a seu muito



bem formado corpo. Escutou sua respiração se acelerar enquanto notava seu olhar cinza fixo nela, ao notar que era revelado seu púbis. — Assim é, menino universitário. Não levo nada sob este traje.

Sua mão tremeu enquanto ele desabotoava seu jeans. Com uma mão no botão, ele fez uma pausa e olhou a seu redor.

— Está segura que quer fazer isto aqui? Agora?

— Sim.

— Faz um pouco de frio.

— Faremos nosso próprio calor, menino universitário. De todos os modos ele vacilou.

—Nós poderíamos voltar para a cabana.

— Mikhel está ali e quero ser capaz de gemer tão ruidosamente como eu queira sem me preocupar de que ele nos escute.

— Tenho meu SUV. Poderíamos ir conseguir um quarto em algum lugar. Não quero que diga mais tarde que não fiz isto bem.

Ela sentiu como o nível de sua frustração crescia.

— O que acontece, menino universitário? — calou o impulso de perguntar se seu membro ainda estava incapacitado. Notando seu olhar sobre sua cara poderia ter se dado um chute por ter se esquecido que ele saberia o que ela pensava. Sacudiu sua cabeça. — Não me olhe assim. Não quis pensar isso.

— Ao inferno com que não o quis.

Sentiu como a umidade entre suas pernas aumentava.

— Bem. Pensei-o, mas somente por um momento. O desejar me está deixando louca. Faz que coma meus pensamentos. Aqui mesmo. Agora mesmo. — Ela pôs suas mãos sobre seus ombros e o empurrou contra o tronco da árvore.

Ela elevou sua mão até seu jeans e esteve encantada de encontrar a carne nua. Com cuidado fechou seus dedos ao redor dele e acariciou seu membro pela abertura de seu jeans. Não. Isso não era suficiente. Ela com cuidado empurrou sua ereção de volta a seu jeans, desabotoou o botão superior e com muito cuidado baixou suas calças por suas coxas fortes e musculosas. Queria tocar com as mãos suas nádegas e sentir seus cabelos púbicos contra os seus.

Com seu jeans abaixo ao redor de seus tornozelos, ela se afastou e o olhou. Ele era



absolutamente formoso. Sua pele era escura, seu corpo magro, e firme. Ela devagar lambeu seus lábios. Isto não era um sonho. Ele tinha um muito grande, e agradável membro. Com uma mão trêmula, ela desabotoou a parte superior de seu traje e permitiu que seus peitos saíssem do sutiã, sem importar que o frio ar da manhã imediatamente endurecesse seus mamilos.

— Usava isto para Mikhel, — disse de repente, parecendo zangado.

— De verdade? Está seguro disso? — estendeu a mão e fechou seus dedos impacientes sobre sua carne quente. — Este não é a membro de Mikhel, a que estou agüentando em minhas mãos — lhe disse. Sem esperar sua resposta, o empurrou para trás contra o tronco da árvore outra vez —. E não é Mikhel ao que quero. É você. Então, vamos foder ou vamos falar?

— Vamos foder — disse.

— Não — disse, sacudindo sua cabeça. Ela sentiu seu repentino pânico e riu para tranquilizá-lo. — Não é para se preocupar, meu menino universitário de olhos cinzas. Só quis dizer que em vez de fodermos um ao outro, eu vou te foder.

— Ah, Deus, eu gostaria disso.

Ela se apoiou em cima dele, e pressionou seus lábios contra sua boca. Enquanto eles se beijavam, ele dobrou seus joelhos, encaixando sua virilha completamente contra a dela, e apontando seu membro rígido para sua vagina.

Suas mãos sobre seus quadris as imobilizaram.

— Espera um minuto. Está segura que está preparada? Se não o estiver, isto pode ser desagradável para você.

Ela olhou para baixo a sua grossura e tamanho e soube que ele tinha razão. Isto ia doer, mas maldito se ela não ia lhe ter.

— Estou pronta — lhe disse.

Sua respiração se acelerou, enquanto ela esfregava a cabeça grossa de seu eixo ao longo de seus lábios externos e lentamente começou a se empalar a si mesma sobre seu membro. Quando as primeiras polegadas de seu membro se deslizaram em sua vagina, sentiu um prazer absoluto.

Ela gemeu, e ambos se estremeceram, deixando cair sua cabeça contra seu ombro.

— Ah, maldito!

Ele agarrou seus quadris outra vez e a imobilizou, avançando lentamente.

— Faça-te mal?



— OH... não ainda, mas estou segura de que o fará antes que isto termine. Ah — ela empurrou para diante e mordeu o lábio enquanto ele soltou seus quadris e mais de seu doce membro entrou em sua vagina —. Mmm. OH!

Ela sentiu um intenso prazer no acoplamento parcial e levantou sua cabeça para o olhar.

— Mal começamos e já é bom, não é?

Ele cabeceou silenciosamente. Ela fechou seus olhos e se inundou totalmente em seus sentimentos, experimentando sua primeira fodida desde seu ponto de vista. Através de seu único vínculo, o viu olhar para baixo e se deleitar com o contraste de seus tons de pele. Ele desfrutava observando como seu grande membro lentamente desaparecia em sua úmida, quente e estirada passagem.

Ela abriu seus olhos e desabotoou sua camisa. Moveu seus lábios através do cabelo fino em seu peito, amando a percepção que faziam cócegas em seu nariz. Girou seus quadris e pressionou firmemente para diante até que sentiu as últimas polegadas de sua maravilhosa grossura, entrando em sua quente vagina.

Quando eles estiveram virilha contra virilha, seus cabelos púbicos enredados, ela cavou sua cara entre suas mãos e se estirou para cima para beijá-lo.

—OH, Meu deus, estou tão cheia de seu delicioso membro. OH, deus, é tão doce, menino universitário — lhe disse, e lentamente começou a foder sua vagina ao longo de seu membro—. OH, merda, seu grande membro se sente taaao bom.

Ela o beijou outra vez.

—Vou te foder agora, olhos cinzas.

Ele pareceu ter perdido sua capacidade de falar. De todos os modos ela poderia sentir a alegria enorme e o prazer que irradiava desde seu membro até seus sentidos.

Seu corpo se esticou contra o dela e sentiu seu membro palpitar. Ele lutava para controlar seu desejo de fodê-la duro e rápido. Seu plano de fazer amor a ele foi rapidamente abandonado. Ia tomar um montão de prática antes que o pudesse manipular enquanto ele palpitava nela.

—Lento e suave assim se faz, olhos cinzas — lhe disse, movendo seus quadris de um lado a outro assim podia sentir até a última polegada dele —. É uma arma letal a que está esgrimindo. — Como se ela nunca tivesse tido um membro que fosse tão grosso ou longo, e tão incrivelmente duro —. Seu membro é como uma mulher quente —, disse-lhe ela.



Ele não falou, somente juntou suas mãos sobre a parte traseira dela e puxou seu corpo contra ele. Foi um apertão forte e ele voltou a empurrar lentamente, com cuidado nela. Enquanto o desejo aumentava nela, continuar era muito mais fácil, embora ainda sentisse um pouco de desconforto. Gemendo, ele levou para frente seus quadris enquanto ela empurrava os seu contrário aos dele. Sua vagina o tragou todo inteiro.

Agüentando seu corpo contra o seu, ele começou a se mover com mais velocidade em seu corpo. Rodando seus quadris, empurrou para frente contra ela. Ao mesmo tempo sentiu uma espetada contra a lateral de seu pescoço e como suas presas afiadas perfuravam sua pele. Ele estava a ponto de beber seu sangue.

Até estando excitada ao pensar em ter seus dentes e seu membro sepultados em seu corpo, ao mesmo tempo, sentiu um tinido de inegável terror.

— Não — ela gemeu —. Não. Por favor não, Serge.

Ela se sentiu comovida quando ele imediatamente retirou suas presas de sua pele e amavelmente beijou as pequenas feridas.

— Sinto muito — ele murmurou —. Não tinha intenção de te machucar ou te assustar.

Acariciou-lhe com suas mãos sobre seu cabelo e pressionou seus lábios contra seu pescoço.

— Não me machucou. Somente não estou pronta para isso, olhos cinzas.

— Está zangada?

— Zangada? — ela mordeu seu pescoço e moveu seus quadris contra os dele e se estremeceu. OH, Meu deus, isso se sentia bem —. Garanto-te que cólera, é o último que sinto agora, colegial. Não pode notar isso?

Ele riu brandamente enquanto empurrava para frente outra vez. Junto com uma quebra de onda de dor enquanto ele penetrava em profundidades intactas, ela experimentou uma sacudida sexual em todo seu corpo como nada que tivesse sentido antes.

— OH, Deus Meu! OH, Deus meu, todo-poderoso! — gemeu.

Despreocupada da dor e desesperada por sentir essa sacudida incrível de prazer outra vez, empalou a si mesma em sua completa longitude. Cravando as unhas em seus antebraços, se retirou ligeiramente e se separou de um empurrão a si mesmo contra ele outra vez e outra vez até que, soluçando com dor e prazer, seu universo se desabou e estalou em um milhão de felizes pedaços.



Tomando a parte traseira de sua cabeça com sua mão, ele arrastou sua língua dentro de sua boca, e agora que ela gozou, ele empurrou contra sua vagina com mais vigor. Sentindo-se flácida, mas ao mesmo tempo ainda excitada, ela se pegou a ele, experimentando a forma em que o fazia amor desde seu ponto de vista. Sua paixão se fortalecia rapidamente. Mordendo os lábios para se abster de elevar a voz com dor, ela fechou seus olhos e se agarrou, sabendo que ele estava a uns segundos de sua liberação. Ele gemeu profundamente em sua garganta e estremeceu enquanto gozava.

Sua semente, rapidamente enchia sua vagina, aliviando a carne dolorida. Ela gemeu brandamente, ainda empalada a ele, deixou cair sua cabeça contra seu ombro.

— Derri? Está bem? — perguntou, acariciando seu cabelo e ombros.

— Ah, Deus! Nunca antes, havia sentido algo assim. Não sei se alguma vez estarei bem outra vez. Isso foi...wow.

— Então você gostou disso? — brincou.

Ela riu fracamente e levantou sua cabeça para o contemplar.

— Talvez somente um pouco, olhos cinzas.

Seus olhos se obscureceram ao notar suas molhadas bochechas.

— Ah, merda! Te fiz mal. Sinto muito.

Ele começou a retirar seu ainda duro membro dela. Tomando fôlego várias vezes ela mordeu seus lábios. Apesar que ele tinha tirado seu membro amavelmente e sua vagina estava adequadamente lubrificada com seus sucos combinados, sua retirada ainda lhe doía. Quando a enorme cabeça saiu dos pegajosos lábios de sua vagina, ela soltou um profundo suspiro e várias lágrimas correram sobre suas bochechas.

— Ah, merda! — ele gemeu e a tomou em seus braços. Enterrou seus lábios em seu cabelo, perto de seu ouvido—. Sinto tanto. Não sabia que te estava fazendo mal.

Ela pressionou sua bochecha contra seu ombro e se agarrou a ele.

— Está bem.

— Bem? — retrocedeu e a olhou fixamente —. Estava chorando.

Ela negou com a cabeça.

— Não se preocupe, olhos cinzas. Estas não são lágrimas de tristeza. Isso doeu como um demônio, mas não o desfaria nem por um milhão de dólares. Houve uma quantidade assombrosa



de prazer sexual e de alegria misturada com a dor. — Ela acariciou com uma mão sua testa preocupada —. O que é mais, logo que minha vagina se recupere, tenho intenção de repetir a ofensa. Frequentemente.

Ela fez a tentativa, mas não conseguiu persuadi-lo com seus rogos para que ele sorrisse. Ele franziu o cenho.

— Está segura?

Ela baixou uma mão para seu ainda duro membro.

— Ah, estou muito segura, olhos cinzas. Mas agora mesmo, preciso descansar.

Ele abotoou e fechou o zíper de ambos, antes de se levantar e tomá-la entre seus braços.

— Serge, o que está fazendo?

— Voltamos para a cabana assim pode se meter na Jacuzzi.

— Posso caminhar.

Baixou sua cabeça e roçou seus lábios contra os seus, enviando um delicioso formigamento dentro dela.

— Por que caminhar quando posso te levar?

Ele realmente era doce. Ela tocou sua cara.

—Aprecio o gesto, mas não sou exatamente um peso leve e há ao menos uma milha até a cabana.

Ele sorriu abertamente a ela.

— Não estou preocupado. Prometo não deixar cair seu grande traseiro sobre a terra.

— Né!, Cuidado, macho — advertiu, fingindo irritação —. Deixo-te saber que faço exercícios para me manter em forma.

Ele a olhou de esguelha.

— Está funcionando. Está em perfeita forma.

— Isso está melhor — disse e uniu seus braços ao redor de seu pescoço —. É muito doce, Serge. — Suspirou —. Se as coisas fossem diferentes, eu poderia me apaixonar com força de você.

Seus lábios se oprimiram em uma linha tensa.

— Que coisas? Amo-te. Sabe, inclusive embora não o admita. E mais, sabe em seu coração que poderia me amar também. Posso te fazer feliz, Derri. Farei tudo o que esteja em meu poder para realizar todas as suas fantasias.



Ela empurrou com cuidado para se afastar.

— Por favor me ponha no chão, Serge.

Quando ele obedeceu, ela pôs várias polegadas entre eles antes de voltar a falar.

— Eu disse que não procuro me apaixonar por você. Eu...

Ele levantou uma mão para fazê-la calar.

— Por favor não me diga isso outra vez de que eu sou somente um pedaço de carne para você. Não posso agüentar escutar isso de você. Não agora.

— Eu não ia dizer porque não o é. Mas Serge, tenho projetos para meu futuro.

— Projetos que não me incluem?

— Isso depende.

— Do que?

— Sobre se você puder ou não aceitar minhas condições. É um homem tão doce e um maravilhoso amante. Se estiver disposto a ser meu amante até que eu esteja pronta para me casar, realmente isso eu adoraria.

— O que? Com quem demônios vai se casar? Algum humano tolo que não pode satisfazer suas fantasias?

— Serge, não cometa o engano de pensar que eu pertenço a você ou que te devo algum tipo de explicação somente porque transamos. Minha vida é ainda minha para fazer com ela o que eu queira. Aceite isso e nós poderemos ser amantes.

Seus olhos se obscureceram.

— E se eu quiser algo muito mais permanente?

Ela se aproximou e tocou sua bochecha.

— Por favor, Serge. Algo é muito melhor que nada. Não é?

Não é melhor estar juntos durante um curto tempo, que nos dizer adeus agora para sempre, por nosso bem?

Seus olhos escuros brilharam e ele mostrou suas presas.

— Espera que te compartilhe com outro homem?

— Não há nenhum outro homem neste momento, mas o haverá eventualmente.

— E quem me vai impedir de arrancar seu coração de seu corpo e decapitá-lo? — Grunhiu com ira —. Quem demônios vai me deter?



Ela tremeu ante a violência e a fúria que viu em seus olhos e escutou em seu voz. Ela sabia que ele falava muito a sério, provavelmente isso significava que seu “doce” Serge tinha matado antes.

— Sim, Derri, o tenho feito — lhe disse —. Que mais esperaria de um vampiro latente? Não deixo concorrência.

— Então mata a sua concorrência? — Cravou-o com um dedo em seu ombro —. Guarda essas malditas presas e deixa de brilhar os olhos. Não tenho medo de você, Serge.

— Não tem nenhuma necessidade de o ter. Mas a qualquer homem o bastante tolo para acreditar que pode afastar você de mim, mais lhe valeria ter muito medo pelo resto de sua muito curta vida. Porque o mataria.

— Essas são as idéias de um vampiro depois de jogar? — ela exigiu —. Não me assombra que sua gente seja a maldição da terra. Depois de fazer amor, uma mulher gosta de ser beijada, que lhe falem, e não ajuda que seu atual amante planeje assassinar brutalmente a seu próximo amante.

Para sua surpresa, ele escondeu suas presas, jogou sua cabeça para trás e riu. Então tomou entre seus braços em um forte abraço de urso.

— Derri, Derri. Você é minha.

Ela se agarrou a ele, tremendo ao pensar nos muitos prazeres sexuais que viveria com um membro tão grande como a deste homem, como seu amante.

— Só por um tempo, Serge. — Ela elevou a vista para ele —. Pode me aceitar com minhas condições?

—Terei que fazê-lo — a disse tristemente —. Amo-te.

Ela se estirou para beijá-lo.

— Não soe tão desesperado, olhos cinzas. Não há ninguém mais no horizonte. Neste momento, realmente tenho vontade de chegar a te conhecer. —Ela se moveu para baixo e colocou sua mão sobre seu membro —. E a ele certamente. Sou curiosa. Ele tem um nome?

Ele suspirou brandamente.

— Mulher, pensa em algo mais além de sexo?

— Não somente sexo, sexo com você, olhos cinzas. Não com Mikhel ou algum outro homem anônimo. No momento, tem minha completa e total atenção, interesse, e desejo.



— Decidi mantê-la, Derri.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Serge, não se agarre. Por favor.

— Posso conseguir luxúria de quase qualquer mulher que conheço. Quero e necessito mais que isso de você.

— Vamos devagar. Um passo de uma vez. ok?

— Ok. — Lhe deu um rápido, e duro beijo em sua boca, e a levantou até tê-la em frente a ele —. Mas fique de sobreaviso, tenho a intenção de fazer tudo o que esteja em meu poder para te fazer mudar de idéia sobre você e eu, incluindo minhas capacidades como um vampiro latente.

Ela uniu seus braços ao redor de seu pescoço.

— Assim eu gosto. Seu segue para frente e faz a tentativa como um colegial vampiro latente — ela brincou brandamente —, e estarei em seus braços noite após noite e desfrutando a fundo de todos seus esforços para me persuadir de que estamos destinados a estar juntos.

— Nós estamos destinados a estar juntos. Se não por que podemos escutar nossos pensamentos?

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não tenho nem idéia. Nada como isso tinha me passado antes. Não sei o que é que acontece conosco. Somente sei que eu gosto. Muito.

— Te amo.

Ela riu. Começava a gostar dessas sérias declarações.

— Bom, não me respondeu, seu membro tem nome?

— Sim, Serge.

— Sim? Bem, eu gosto de ambos. — Ela esfregou seu nariz contra o dele —. Estaremos juntos no Natal. O que você gostaria, olhos cinzas?

— Você nua e quente como o inferno.

Ela sorriu abertamente e compartilharam um longo beijo, apaixonado — Umm! — ela murmurou quando eles pararam para tomar ar —. Com ou sem laço?

— Sem um laço ou um só ponto de roupa.

— Como sabe? Assim é como eu te quero para o natal.

— Virá a Boston para passar o Natal em casa com minha família?



Ela sorriu hesitando. Isso se parecia muito a um compromisso sério.

— Não sei sobre isso. Quero dizer... não se ofenda, mas vocês são um montão de vampiros.

— Sim, mas temos excelentes maneiras. — sorriu abertamente —. Não bebemos o sangue sem permissão. Virá? Por favor. Prometo que estará a salvo.

— Serge...

— Por favor, Derri. Venha?

— Eu... ah... pensar nisso. Podemos deixá-lo assim por agora?

Ele cabeceou.

— Bem.

Capítulo 10

— Bom. — Lhe sorriu, estendendo a mão para lhe permitir sentir um pouco do calor que sentia por ele. Queria que ele soubesse que isto não era só sexo para ela.

Ele respondeu deixando cair o escudo de um lugar em seus pensamentos que tinha mantido oculto dela.

— Isso está bem. Deixe-me entrar, olhos cinzas — o animou —. Não guarde segredos de mim.

Seu sorriso desapareceu quando seus sentidos foram afligidos com uma impressão gráfica de um quarto grande cheio de numerosas camas, ocupadas por casais se retorcendo e trios. As mulheres ofegavam e se estremeciam enquanto eles entravam em cada orifício. Homens nus com plenas e impressionantes ereções vagavam pelos perímetros, procurando uma fêmea desocupada que se abrisse para um mergulho. Ao olhar por cima do grande quarto iluminado pela lua, em uma cadeira enorme ao final do quarto de teto de cristal, estava sentado um impressionante casal nu. O casal olhava a ação no quarto, embora parecessem estar perdidos um no outro. O formoso homem de meia idade tinha o cabelo cinza e olhos azuis. Sua diminuta companheira parecia quase bastante jovem para ser sua neta. Ele a sustentava várias polegadas por cima de seu regaço. Sua expressão se converteu em êxtase quando empurrou energicamente, parecendo um cavalo empurrando na vagina da fêmea.



A mulher se estremeceu e gemeu, sacudindo sua cabeça de um lado ao outro, seu cabelo negro caindo a correntes ao redor de seu formoso rosto que se retorcia com luxúria e prazer. Seus olhos escuros brilharam, seus incisivos estavam nus, e seus pequenos peitos se sacudiram. Os empurrões do homem grande se fizeram mais frenéticos e poderosos até que tanto ele como a mulher gritaram em harmonia. Segundos mais tarde, o homem baixou à mulher em seu regaço, seu membro enterrado profundamente em seu corpo que ainda se estremecia. Permaneceram assim um momento, então a mulher se levantou do homem.

Derri ofegou. Nunca tinha visto algo como o membro desse homem. Não só era extremamente longo com uma enorme e zangada cabeça escura e rosada, mas sim era mais grosso que qualquer membro que ela já tinha visto.

Enquanto ela olhava, a mulher deu a volta para confrontar ao homem. Se aderindo a seus ombros poderosos, ela enterrou seus incisivos em seu pescoço e começou a beber dele. Ele estremeceu e fechou seus olhos, um olhar de prazer absoluto em seu rosto. Ele sustentou as bochechas pequenas e delicadas da mulher em suas mãos enquanto ela bebia seu sangue.

O fôlego de Derri saiu em ofegos profundos, quase doloridos.

Nunca tinha visto nada tão formoso e sensual. Era, sem lugar a dúvidas, erótico, e quase podia sentir o amor e a devoção que o casal claramente sentia o um pelo outro.

Depois do que pareceu uma eternidade, com os olhos ainda fechados, o homem de repente empurrou seus quadris para cima e seu enorme membro começou a desaparecer no pequeno corpo de sua amante.

Embora as outras pessoas no quarto ainda fodessem desordenadamente uns com os outros, Derri não podia tirar seu olhar do casal na cadeira. Uma corrente leitosa começou a gotejar pela parte do pênis do homem que era visível e Derri compreendeu que um ou ambos os membros do casal tinha gozado outra vez. Observando, Derri sentiu sua vagina choramingar. Deus, que assombroso.

Finalmente, a mulher levantou sua cara do pescoço do homem e caiu contra ele, seu pequeno corpo tremendo.

Ele abrigou seus braços ao redor dela e pressionou seus lábios contra o topo de sua cabeça.

Quando seus tremores diminuíram, a mulher girou seu corpo e se mantendo cuidadosamente sobre o pênis do homem, ela ficou com as costas contra o corpo do homem, uma



risada serena e satisfeita sobre sua cara. Seus olhos escuros se voltaram para os numerosos atos de acoplamento, que ocorriam em frente ao trono que era como uma cadeira, onde ela e seu amante estavam sentados, saciados e satisfeitos.

No outro extremo do quarto, uma mulher jazia sobre uma cama, intercalada entre dois homens que acariciavam sua vagina e seu traseiro com impulsos duros e rítmicos. Não longe deles, outro casal ocupava outra cama. Sobre esta, um homem alto, musculoso, com a pele de cor da luz do sol orvalhada com canela, largas e escuras tiras seguras com uma cinta, e olhos alarmentemente azuis, ajoelhado atrás de uma loira de figura um pouco cheinha. As nádegas da loira tremiam de modo incontrolável enquanto se empurrava desordenadamente para trás a sua virilha. Ele empurrava nela com uma série rápida e rítmica de golpes que provocavam reações selvagens enquanto cada um lutava por alcançar seu clímax. De repente o homem agarrou os quadris cheios da mulher, sustentou a sua amante quieta, e brocou com seu membro nela com uma velocidade e força que devia ter dado a ambos um prazer incrível. Isso certamente converteu a vagina de Derri em uma massa que tremia de necessidade.

A mulher gritou e caiu para frente contra a cama, gemendo e choramingando com óbvia satisfação. O homem sacudiu para trás sua cabeça e soltou um luxurioso rugido. Enquanto ele gozava, empurrou profundamente no corpo trêmulo da mulher pelo que pareceu uma eternidade. Finalmente, Derri viu que um jorro de sêmen do homem se deslizava pela coxa da mulher. O homem pôs seu grande corpo sobre as costas da mulher e afundou seus incisivos no flanco de seu pescoço. Ele bebeu dela pelo que pareceu um longo momento antes que beijasse a parte de trás de seu pescoço e se retirar dela. Ele se elevou com graça sobre seus pés.

Derri tragou saliva. Deus todo-poderoso, mas ele estava equipado de maneira impressionante. Pelo tamanho e a grossura, seu pênis ainda erguido rivalizava com o de Serge. A mulher se derrubou na cama, estendendo seu corpo pleno como uma águia. Havia uma risada ampla e satisfeita em seu rosto.

Tocando sua impressionante ereção, o homem olhou ao redor, claramente em busca de mais sexo.

O olhar fixo de Derri saltou através do quarto a uma mulher alta e escura com olhos azuis e cabelo encaracolado e negro, intercalada entre dois homens. Os três estavam de pé. A mulher olhava ao menor dos dois homens, uma larga perna cruzada através de seu corpo enquanto ele



brocava seu membro em sua já gotejante vagina. Outro homem, mais alto e bem formado, sustentava os quadris da mulher e empurrava seu membro em seu traseiro. Embora ela se estremecia do impacto dos membros esmurrando-a, seu olhar estava pegado no homem alto e escuro com a pele de canela. Havia um olhar de claro desejo em seus olhos quando ela olhou seu membro. Derri se deu conta, com atordoada surpresa, que a mulher que estava sendo brocada de forma simultânea era a vidente.

O objeto de atenção da vidente, pôs seu olhar azul no primeiro trio. Rapidamente se aproximou da cama onde o trio empurrava e gemia. Fez uma pausa perto do rosto da mulher.

— Há espaço para mais um?

Derri tremeu só de ouvir a voz profunda, atraente e irresistível do homem. Falando sobre homens altos, escuros, formosos, e bem formados. E com vozes aveludadas. Este homem poderia obter algo que desejasse de qualquer mulher que quisesse.

A mulher olhou para cima e o viu. Seu olhar foi ao membro em sua mão. Seus olhos brilharam e lentamente separou seus lábios em um convite claro e inequívoco. Os músculos ondularam através do corpo grande e extremamente bem feito, enquanto o homem se aproximava.

OH, Deus! O coração de Derri palpitou e mais umidade encheu seu canal já molhado. Estava a ponto de ver um grupo de quatro pessoas. Ofegou, contendo o fôlego. O Senhor a ajudasse, mas invejava à mulher por receber essa arma que se via tão deliciosa entre seus lábios impaciente. Isto era a coisa mais sexy que já tinha visto. A mulher meneou sua língua e sorriu de um modo alentador para o homem. Derri lambeu seus lábios e esperou, logo gritou em protesto quando Serge pôs um escudo e a visão desapareceu.

Ela o olhou.

— Meu Deus. O que era isso?

— Quanto viu? — perguntou, soando cansado.

— Muito e tudo isto requer uma explicação, colegial.

— Quando diz muito, a que te refere?

— Me refiro a que vi uma orgia. Serge, ali havia um quarto cheio de gente fodendo como coelhos e... — Ela franziu o cenho para ele —. por que lhe explico isso? Sabe o que vi.

— Quando diz uma orgia... no que está pensando?



— Não jogue comigo, colegial. Sabe o que quero dizer. Permitiu-me vê-lo.

— Isso... a impressionou?

Não era impressão o que a tinha inteira molhada outra vez e desejando que o membro de Serge entrasse nela.

— Não. — Estimulada? OH, sim —. Agora O que era isso?

Ele vacilou antes de dar de ombros.

— Era nosso último Festival Familiar de Orgias.

Ela piscou para ele.

— Sua família o que?

Ele suspirou.

— É uma longa história.

— É um comprido passeio à cabana. Diga-me, quem era o casal na cadeira?

— Meus pais.

— Seus pais? Está me dizendo que seus pais... têm relações sexuais diante de outras pessoas?

— Faz soar como se eles tivessem algo do que se envergonhar — disse ele com serenidade —. Não é assim. Isto é parte de nossa cultura, Derri. Não nos envergonhamos de quem somos ou o que fazemos e aqueles aos que amamos.

— Amar? — Ela sacudiu sua cabeça. Tinha visto muitos tendo sexo incrível e lascivo, mas a ninguém fazendo amor.

— Sim, Derri, amor.

Ela pensou no casal na cadeira. Eles dois tinham conseguido expor uma óbvia ternura e afeto um pelo outro, tudo sem dizer uma palavra. Bem, talvez tivessem estado fazendo amor, mas todos outros que ela tinha visto só tinham estado fodendo.

— Seus pais são um casal assombroso de ver.

Ele sorriu abertamente, seu humor se aliviando.

— Agora conhece a fonte de minha beleza e encanto juvenil — disse.

Ela acariciou sua bochecha.

— Você se vê muito bem, colegial e muito encantador.

— Deus, me faz feliz que pense assim.



— Seu pai se vê muito bem também. E Serge, seu pênis...

— Impressionante, não é? — disse ele sem rastro de inveja na voz —. Minha mãe diz que uma mulher não viveu até que foi fodida por um homem com um verdadeiro membro como o de meu pai.

Derri estremeceu.

— Sério? Bem, se for tudo igual para ela, seu membro é suficientemente bom, grande e grosso para mim, colegial.

Ele a recompensou com um beijo comprido, doce.

— Um dia destes, você e eu vamos nos ver como meus pais, Derri, ainda desordenadamente apaixonados depois muitos anos de matrimônio.

Seu emprego da palavra com M fez que a percorresse um tremor parte prazer, parte consternação. Ele queria se casar com ela já?

— Talvez — murmurou.

— Eles ainda estão apaixonados inclusive depois de todo este tempo.

— Quanto tempo?

— Estiveram casados durante cento e sete anos.

— O que? Quanto tempo disse?

— Cento e sete anos.

— Quantos anos tem seu pai? Acreditei que havia dito que não era vampiro.

— Não o é, mas é um humano latente. Seu processo de envelhecimento reduziu sua marcha tanto que quase se deteve.

— Como? Não entendo.

Ela sentiu o escudo subir outra vez.

— Há vantagens em... Em ser amado por alguém com sangue de vampiro. Nunca tem que envelhecer, Derri.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Serge, me deixe.

Ele a pôs sobre seus pés.

— Não me olhe assim, Derri. Isto pode e deve acontecer sem que tenha necessidade de morrer.



— Como?

Ele sacudiu sua cabeça.

— Ainda não está pronta para saber como.

Ela tentou sondar sua mente, mas não podia passar através do escudo que ele tinha erguido. O olhou fixamente através das pálpebras entrecerradas. Ele se equivocava se pensava que poderia manter algo oculto dela por muito tempo. Quando faziam amor ele se expunha. Ela o averiguaria então.

Ela estendeu uma mão. Interpretando corretamente seu humor, ele a subiu de volta a seus braços.

Ela sorriu. Uma mulher podia se acostumar a um homem que podia recolhê-la e levá-la sem esforço evidente.

— Serge, quem era o homem com as tiras e os olhos azuis?

Ela sentiu uma quebra de onda de ansiedade emanar dele.

— Por quê? Está interessada nele?

— Não o conheço — indicou ela —. Além disso, neste momento, estou interessada em você e só em você. De todos os modos ele é tão... bom... ele é bastante impressionante. Não é normal que veja um homem com um tom de pele tão formoso e esses olhos azuis... e esses outros traços... tão masculinos.

— Que diabos tem ele que eu não tenha?

— Eu disse que ele tinha algo que você não tenha também em abundância? Serge, não ponha palavras em minha boca, De acordo?

— Não te compartilharei com ele!

Ela piscou para ele.

— Quem disse algo a respeito de que o desejo?

— Derri. Posso sentir seu interesse por ele.

— Qual é seu nome, Serge?

— Alex.

— Alex tem um sobrenome? — ela o cravou.

— Madison — disse ele a contra gosto.

— Familiar?



— Não.

— Amigo da família?

Ele vacilou.

— Suponho.

— OH, Serge. Certamente sabe se ele realmente é um amigo da família.

— Mikhel e minha mãe estão bastante unidos a ele. Por quê? Não sei.

— E o que tem sua família?

— Não sei nada sobre ele ou sua família ou inclusive se tem uma.

Isto a surpreendeu.

— Nada? Faz quanto tempo o conhece?

— Ele apareceu um dia quando Mikhel tinha cinco anos e esteve indo e vindo de nossas vidas após.

— Então ele era um amigo de sua mãe?

— Não. Ela não o conhecia.

— Serge, se ele esteve indo e vindo durante mais de cinquenta e cinco anos, certamente deve saber algo sobre ele.

— Não. Não gosta de falar sobre ele ou seu passado.

— Vampiro? — Pergunta estúpida. Ela o tinha visto elevando do corpo da mulher com sangue sobre sua cara.

— Sim. Qual é exatamente seu interesse nele?

— Vamos, colegial, inclusive você tem que admitir, ele é bastante agradável de ver.

— Bem. Ele é agradável de ver. Onde me deixou enquanto tinha seus olhos sobre ele?

Ela tocou sua bochecha.

— Exatamente onde está agora, o único homem que me interessa. Eu gosto de meus vampiros com olhos escuros e esfumados e com pênis de tamanho mortal.

— Nossos pênis são do mesmo tamanho — disse ele, obviamente não apaziguado.

— Sério? Como sabe?

Ela viu como seu rosto avermelhava.

— Eu... quando era mais jovem, os medi.

Ela riu.



— OH, colegial, é toda uma peça de joalheria. — Ela tocou sua bochecha —. Uma doce peça de joalheria. Mas inclusive se seu pênis for do mesmo tamanho que o teu, ele não é você.

Sorriu-lhe.

Ela pôs sua cabeça contra seu ombro. Embora o estranho fosse o homem mais assombroso que tinha visto alguma vez, estava contente com Serge. Um vampiro luxurioso em mão era definitivamente melhor que vários voando, especialmente quando o que estava na mão era o formoso e apaixonado Serge Dumond.

— Bem, enquanto não comece a sentir luxúria por ele — disse ele, algo mais acalmado.

— Quando te tive luxurioso atrás de mim? Não há nenhuma possibilidade. — Lhe sorriu —. Não acredito que compreenda quão... quão bem se sente seu pênis.

— Se se sentir a metade de bem para você como se sente sua boc... sua vagina para mim, então sei o que quer dizer.

— Se sente incrivelmente bem e sabe o que, colegial? Acredito que estou gostando que fale sujo depois de tudo. Não diga vagina. Diga boceta ou gatinho. Isso é o que quer dizer e é o que quero ouvir desses teus doces lábios. Faz-me sentir atraente te ouvir falar de quão boa é minha boceta.

— Mais te vale deixar de falar assim, ou vou necessitar um pouco mais de boceta. Agora mesmo.

Ela riu e se apoiou para roçá-lo com seus lábios em um terno beijo.

— Eu não vi a você ou ao Mikhel. Estavam ali?

— Ah... sim.

— Ah, huh. E com quem estava?

— Eu? Ah... ninguém importante. Ninguém que conheça.

— Desfrutou?

— Desfrutar? Bom... ah... é O Festival de Orgias Familiar. Não é realmente a pergunta correta se o desfrutei, é simplesmente...

— O que tenta ocultar de mim agora, colegial?

— Ocultar? Nada. Simplesmente não quero falar sobre outras mulheres. Para mim agora, Derri, não há nenhuma outra mulher.

Inclusive enquanto ele falava, ela recebia uma impressão vaga dele, nu e totalmente



excitado, de joelhos, em uma cama atrás de uma loira pequena e magra, empurrando quase violentamente contra ela enquanto Mikhel movia seu pênis com mais cuidado dentro e fora da boca da mulher. Outra dele e Mikhel jazendo sobre a cama com a mesma mulher substituiu essa impressão. Nesta, a mulher estava de lado, olhando Serge empurrar em sua vagina, enquanto Mikhel, também de lado, empurrava em seu traseiro.

Derri sentiu tanta umidade entre suas pernas que tremeu com o ar frio. Enquanto experimentava uma inegável excitação ao ver Serge e Mikhel com uma mulher, também foi consciente de uma quebra de onda de moléstia que era de uma estranha maneira muito semelhante aos ciúmes.

Ela inspirou ar e o olhou.

— Para mim te via como se estivesse realmente desfrutando, colegial.

Ele sacudiu sua cabeça, mas permaneceu em silêncio.

— É isso o que vocês dois gostam? Fazer dupla com uma mulher?

— Derri.

— É isso o que acha que vou deixar a você e ao Mikhel me fazer?

— Não! Não! Isso era O Festival Familiar de Orgias. Algo pode passar, mas isso não significa que o façamos todo o tempo. Não é o que acha, Derri. Realmente não pode pensar que quero te compartilhar com alguém... nem sequer Mikhel.

— Me diga algo, Alex ou algum outro vampiro se uniu a você e a Mikhel nesse Festival Familiar de Orgias? Sempre compartilha a suas mulheres?

— Não! Não sempre.

— Mas às vezes?

— Sim! Obviamente viu que nós o fazemos... às vezes. Se vier durante as férias, prometo que ninguém mais a tocará. Você é minha e não penso ter a cada vampiro quente de nossa comunidade se lançando sobre você.

Ela tremeu com a repulsão de só pensá-lo.

— Deveria esperar que não, mas...

— Não podemos simplesmente deixar em pausa este tema?

— Está bem, por agora, mas não pense em nenhum momento que não tocaremos novamente neste tema. Começa a caminhar e falar, colegial e não deixe fora nada. Quero saber o



que me espera ao ter travado amizade com você. E enquanto caminha e fala, se quer se deter para uma carícia ocasional e um beijo, não me queixarei, olhos cinzas.

Capítulo 11

Justo antes que chegassem à cabana, Derri insistiu em que a soltasse. Embora não queria, Serge a deixou. Surpreendeu-se agradavelmente quando ela uniu seus dedos com os dele. Esperava que isso significasse que o que lhe havia dito de sua família e o que ela tinha visto não a tivesse espantado.

Na porta da cabana, ela se estirou sobre seus pés e pressionou seus doces lábios em um rápido, mas explosivo beijo, que rapidamente acendeu sua paixão.

— Isso é tudo?

— Acredito que não. Tenho planos para você esta noite, colegial.

Sua respiração se acelerou quando ele baixou a vista para ela.

— Que planos?

Ela perfilou seus lábios separados com a ponta de um dedo.

— Só vou dizer que espero que tenha dormido bastante na noite passada porque não poderá dormir muito esta noite.

Sorrindo abertamente, ele abriu a porta da cabana e deu um passo atrás. Ela se roçou sugestivamente contra ele quando entrou. Ele a seguiu e viu que Mikhel não estava sozinho na grande sala de estar. Alex, vestido com um traje na moda e o correspondente chapéu aos que era tão aficionado, estava também ali.

Maldita seja. Alex era a última pessoa a que ele queria ver.

Jogou uma rápida olhada para Derri, esperando a encontrar olhando fixamente para Alex, mas depois de uma rápida primeira olhada surpresa, ela girou para olhá-lo. Ele ficou atrás dela, não exatamente tocando-a, mas o bastante perto para avisar ao Alex de que lhe pertencia.

Olhou com olhos entrecerrados como Alex tirava o chapéu.

Aquelas compridas e escuras mechas em tiras, que as mulheres pareciam encontrar tão



malditamente atrativos, caíram sobre seus ombros. Alex jogou a Derri um largo e avaliador olhar antes de sorrir.

—Serge, nos apresente — manteve o olhar fixo sobre Derri enquanto falava.

Serge rechaçou a sensação de ressentimento que às vezes sentia em presença de Alex. O outro vampiro era tão malditamente bonito e suave, os outros vampiros homens estavam acostumados a agarrar rapidamente a suas atuais mulheres e se dirigir à saída mais próxima nas estranhas ocasiões em que Alex se dignava a se associar com sua própria classe. Não era tanto que Alex abertamente tentasse tomar às mulheres vampiro. Ele nunca parecia fazer um esforço verdadeiro para atrair às mulheres vampiro. Ele somente aparecia, sorria e falava. Outra coisa que as mulheres pareciam encontrar condenadamente atrativa era sua voz. Ele sempre tinha mais que a parte que lhe correspondia de mulheres no Festival Familiar de Orgias. Nenhuma das outras famílias de vampiros em sua comunidade estava acostumada a convidar Alex a seus festivais de foda.

Arriscando-se a ira de Derri por um espetáculo de possessividade, Serge deslizou seus braços ao redor de sua cintura e se apertou contra suas costas.

— Esta é Derri Morgan. Derri, este é Alex Madison.

Alex dirigiu um lento sorriso para ela.

— Sra. Morgan. Aleksei Lacey Madison ao seu serviço —. Alex cruzou o quarto.

Entrecerrou seus olhos. Se pretendia tentar essa merda do velho sul sobre Derri...

Alex levou a mão direita dela a sua boca e beijou o dorso.

Serge sentiu como a excitação despertava em Derri e apertou os dentes. Resistiu ao impulso de separar Derri e golpear Alex.

Alex olhou aos olhos de Derri, ainda sorrindo.

— Tenho que te dizer que é um absoluto prazer te conhecer.

— O mesmo digo — disse ela.

Serge se alegrou de não escutar ou sentir nenhum tipo de prazer nela, embora fosse consciente de que ela estaria intrigada por conhecer Alex depois de tê-lo visto nas lembranças dele.

— Que te traz por aqui, Alex? — perguntou com frieza. Mikhel, que não tinha falado até então, respondeu.



— Eu lhe pedi que viesse.

— Por quê? — Pôde sentir a surpresa de Derri e soube que ela pensava que estava sendo descortês. *Não pode entendê-lo, Derri. Explicarei-lhe isso mais tarde.*

Melhor o faerz.

— Enquanto estava fora recebi uma chamada furiosa de Ralf Mariono.

Derri se revolveu e girou para lhe jogar uma breve olhada, com uma pergunta em seus olhos escuros.

Serge? O que esta me ocultando?

Contarei tudo mais tarde, prometo. Dirigiu seu olhar para Mikhel e deu de ombros.

— E?

O olhar de Mikhel se moveu ligeiramente.

— Acredito que os problemas começarão logo.

— E acha que não podemos dirigi-lo? — perguntou, incomodou-lhe que Mikhel não lhe acreditasse capaz de proteger à mulher que amava.

— Acredito que os dois juntos podemos dirigi-lo, entretanto, tenho que partir.

— Por quê? Qual é o problema?

— Não sei. Mãe chamou e disse que tinha que ir para casa imediatamente.

Sentiu a inquietação de Mikhel

— Está tudo bem com a Erika?

— Fisicamente? Sim, mas mãe diz que há um problema, que tenho que voltar para casa e solucioná-lo. Aleksei te dará uma mão enquanto esteja fora.

Sentiu a confusão e o medo de Derri. Deu-lhe um suave abraço e roçou seus lábios contra a parte traseira de seu pescoço.

— Não se preocupe, Derri. Não permitirei que ninguém te faça mal.

Ela deu a volta para olhá-lo.

— Sei — disse brandamente. Empurrou seus braços e ele a contra gosto a liberou. Ela caminhou para Mikhel, cujos olhos escuros estavam encapuzados. — Espero que tudo esteja bem com sua Erika.

Serge viu como Mikhel sorria e lhe dava um breve abraço. Sentiu sua surpresa quando ao começar a se separar, Mikhel a atraiu de novo para ele, inclinou sua cabeça e reclamou seus lábios



em um longo e faminto beijo que obrigou a sua boca a se abrir para dar acesso a sua língua.

Apesar do sobressalto, Serge pôde sentir que ela começava a se excitar ao sentir como o pênis de Mikhel começava a se endurecer contra ela. Embora ela empurrasse contra os ombros de Mikhel, ele continuou devorando sua boca.

Sentindo a diminuição da resistência dela, Serge começou a se zangar. Quando Mikhel deslizou sua mão para baixo e apertou seus quadris contra ela, explodiu.

— Mikhel! Ficou louco? — cruzou a sala para segurar Mikhel por trás de seu pescoço — Maldição, deixa-a ir!

Sentiu a última e larga chupada que Mikhel dava à língua dela antes que levantasse a cabeça e finalmente a liberasse. Mikhel golpeou sua mão e girou para enfrentá-lo.

— Atrás, Serge.

— Atrás? — olhou fixamente para Mikhel, que o olhava também, com os olhos acesos e os incisivos nus. Quando despiu seus próprios incisivos, notou pela primeira vez, a fina linha de umidade em cima do lábio de Mikhel. — Que demônios passa com você?

Derri segurou seu braço e tentou o afastar de Mikhel. Sentiu seu medo por ele.

— Deixa, Serge. Por favor, está bem. Só foi um beijo.

Mas ele sabia que algo ia realmente mal. Se preocuparia com o que ia mal com Mikhel depois que acalmasse o medo de Derri por ele. Girou para ela com um sorriso forçado.

— Está bem, Derri.

— Está seguro?

Ele assentiu, embora não estivesse seguro. Nunca tinha visto Mikhel tão hostil, pelo menos não com ele.

Ela se estirou e o beijou na esquina da boca.

Não significou nada para mim, colegial. Não realmente. Só foi uma resposta física.

Seu sorriso foi genuíno desta vez. Deu-lhe um breve abraço e a beijou.

Quando me reúna com você acima, te darei algo que sei que significará algo.

Conto com isso, olhos cinzas.

— Acredito que vou subir. Adeus, Mikhel.

Ele se esticou enquanto esperava pela resposta de Mikhel. Se tentava lhe beijar de novo... mas ele simplesmente assentiu.



— Eu... não tinha intenção... adeus, Derri.

Quando ela girou para olhar ao Alex, Serge foi consciente que o pulso dela se acelerava.

— Prazer em conhecê-lo.

Alex inclinou sua cabeça.

— Asseguro que o prazer foi todo meu — disse.

Dirigindo seu olhar ao teto, Serge mordeu seus lábios e controlou sua língua. Alex tinha vindo para ajudar, não para roubar a sua mulher. De todos os modos assim que Derri desapareceu pela escada, olhou para Alex com os olhos entrecerrados.

— Vamos ver se nos entendemos um ao outro Alex, ela é minha e tenho a intenção de conservá-la.

Alex sorriu sinceramente, elevando uma sobrancelha.

— Então não tem nada de que se preocupar, Serge. Não é verdade?

Ele cintilou através da habitação tentando agarrar ao outro homem pela garganta, mas Mikhel se moveu rapidamente, interceptando-o antes que ele tivesse percorrido a metade do caminho para seu objetivo, empurrando-o para trás.

— Serge, consegue controlar suas emoções ou não será um bom protetor para ela.

Ele levantou suas mãos, abandonando, seus olhos acesos.

— Você me diz que me controle? Isso sim que é bom. Que demônios te passou com Derri?

Mikhel deu de ombros, parecendo cansado.

— Eu... Eu não sei. Sinto muito. Peça a ela que me perdoe, Fará?

Ele tragou sua raiva com dificuldade.

— Está bem Mik?

— Sim, só estou me sentindo um pouco... estranho.

— Estranho como?

— Não se preocupe por coisas das que conhece pouco ou nada, cachorrinho — disse Alex.

Mikhel girou e levantou um dedo para ele.

— Não vai ser de muita ajuda se se dedicar a cravá-lo, Aleksei.

— Cravá-lo? Apenas o disse duas palavras ao jovem cachorrinho.

Serge suspirou e se disse que não permitiria que as puas de Alex lhe metessem em uma briga que sabia que não podia ganhar. Alex tinha o irritante hábito de chamar a todo mundo mais



jovem que ele cachorrinho quando queria incomodar. Embora a vida fosse nisso, não podia entender como ou por que Mikhel valorava a amizade do outro vampiro ou porque sua mãe sempre parecia tão contente de vê-lo quando ele aparecia sem aviso ou convite.

— Aleksei, se for assim que você vai se comportar — começou Mikhel serenamente.

A cara do Alex se esticou e seus olhos azuis se obscureceram, toda aparência de diversão desapareceu de sua cara.

— Um breve lapso — disse dando de ombros. — Não passará de novo. Estou aqui para ajudar. Vá fazer o que tem que fazer, Mikey, que ficarei aqui com o cachorrinho.

Mikhel não gostava dos ápodos, mal tolerava ser chamado Mik por Serge e às vezes por Katie. Mas só Alex podia sair-se com a sua chamando-o Mikey. De todas as formas, Serge viu o olhar de Mikhel se entrecerrar e por um momento, ele o observou se por acaso atacava ao Alex.

Esticou-se. Embora Mikhel fosse forte, não havia forma de que ele pudesse vencer Alex. Inclusive ele e Mikhel juntos, tinham muito poucas possibilidades de derrotá-lo.

O pensamento de Derri vendo como a ele e ao Mikhel os chutavam o traseiro, tinha pouco atrativo. De todas as formas não havia dúvida de que ele apoiaria Mikhel.

Para seu alívio, Alex aliviou a situação envolvendo Mikhel em um abraço de urso e beijando seu cabelo.

— Tudo irá bem, Mikey. O que te espera não será fácil, mas estará bem — prometeu. — Eu estou aqui para ajudar em tudo o que possa.

Observando, Serge foi golpeado pelo aspecto de irmão mais velho que Alex tinha. Só por um momento, invejou o óbvio afeto entre os dois. Desde que ele podia recordar, Mikhel tinha estado aí para ele. Agora que Mikhel precisava ter a alguém, ele queria ser esse alguém. Em troca, aí estava Alex, o perfeito, o vampiro por excelência, oferecendo o consolo e a segurança que Mikhel sempre oferecia a ele.

Alex liberou Mikhel e girou para enfrentá-lo, com um pequeno sorriso zombador sobre sua cara.

— Sente-se um pouco deslocado? Não se preocupe. Mikhel ainda é seu indestrutível irmão mais velho. Se você quiser um abraço, cachorrinho, tenho um com seu nome — ofereceu.

Serge sentiu que sua cara se ruborizava. Às vezes quase odiava ao bastardo presumido.

— Você se mantenha longe de Derri. Isso é tudo o que necessito de você.



— Não há problema. OH, admito que seu Derri parece ter muito fogo e paixão. Sempre posso saber isso de uma mulher com só olhá-la. Mas não tem que preocupar-se — disse com esse tom de “eu sou superior” em sua voz que Serge odiava — depois de tudo, ela é uma mulher bastante bonita, Verdade?

Serge lhe olhou fixamente. Ele tinha um modo de conseguir que a palavra bonita soasse suja.

— Em realidade ela é muito bonita... formosa, de fato.

— Sim, bem, ninguém é perfeito. Não digo que ela não tenha seu encanto, mas é muito fraca. Não se ofenda.

Derri, com suas curvas, seu corpo voluptuoso e seus grandes peitos não era para nada fraca, mas tranquilizou ao Serge que Alex pensasse que era fraca.

— Ela é perfeita para mim — disse de maneira cortante.

— Bem. Então não teremos problemas para protegê-la juntos?

Sacudiu sua cabeça brandamente. Em uma briga, Alex era certo, desumano e mortal. Se um full-blood vinha atrás de Derri, estava bem ter a alguém que não tomava prisioneiros e sentia muito pouca necessidade de fazer perguntas alguma vez.

— Não — disse.

O escuro olhar de Mikhel se moveu rapidamente de um a outro antes de assentir.

— Bom. Partirei dentro de um momento, assim vamos falar de nossos planos.

Derri se despiu e se meteu na Jacuzzi do dormitório principal. Fechando seus olhos, permitiu que seus pensamentos voltassem para Serge. Permitir? Com um gemido admitiu que não era realmente uma opção consciente. Embora não tivesse nenhuma intenção de deixar que as coisas ficassem sérias com ele, era incrivelmente embriagador ter um homem tão formoso e misterioso louca e completamente apaixonado por ela. E ele era tão doce, por não falar de quão fantástico era como amante.

Ela pensou em Mikhel e franziu o cenho. Estava bem que fosse para casa com sua Erika, obviamente, ela precisava ser fodida em condições. Tinha-a assustado durante um momento. Imagine, beijá-la assim diante de Serge. Sacudiu sua cabeça e deixando que seus pensamentos voltassem para Serge. Sorriu.



Tinha começado a dormitar quando escutou a porta do banho se abrir. Elevou a vista. Serge, nu e excitado entrou no quarto. Levava uma bandeja com uma garrafa de vinho e um jarro com rosas. Pôs as rosas na borda da Jacuzzi e ajoelhando colocou a bandeja no outro lado da banheira.

— Como se sente? — perguntou ele.

Ela o olhou, notou sua ereção e estremeceu.

— Bem — ela franziu o cenho.

— Como está Mikhel?

Ele sacudiu sua cabeça.

— Não sei. Nunca o tinha visto assim. — Suspirou, seus olhos se obscureceram —. Acredito que ele poderia estar... doente.

— Acreditei que tinha me dito que vocês não adoeciam.

— Nós não... ao menos não... adoecemos fisicamente.

— Então o que é que acontece?

— Não sei — admitiu.

— Está preocupado por ele.

Ele assentiu.

— Mikhel sempre pareceu tão... grande, forte, com um controle perfeito. Não sei o que está passando com ele. Mas se vai a casa. Mãe saberá o que fazer e Erika lhe dará todo o consolo que ele necessite ou queira. — Encheu metade de uma taça e a ofereceu —. Espero que você faça o mesmo por mim.

Sorrindo, ela a agarrou e tomou um gole.

— O que celebramos, olhos cinzas?

— O amor.

— Amor? — ela se inclinou e o beijou ligeiramente. — Estou embriagada de amor.

— Muito embriagada. — Ele inclinou sua cabeça para a taça. — Você gosta?

Ela assentiu, tomou outros poucos goles, e a deixou sobre a bandeja.

— Rosas, champanha, beijos doces e sexo incrível. Uma mulher poderia se acostumar a isto facilmente. — Fechou seus olhos outra vez e apoiou seus ombros e pescoço contra o travesseiro da banheira.

— Bem.



Durante os momentos de silêncio que seguiram ela foi consciente de que ambos estavam contentes somente estando um junto ao outro. A conversa não parecia necessária.

Isto é... agradável.

Muito agradável, estive de acordo ele. Mas sei de algo que é mais agradável ainda.

Antes que ela pudesse decidir se levantaria para fazer amor outra vez tão cedo, sentiu umas mãos grandes que tiravam um de seus pés da água. Ela sabia o que ele queria e fez o possível para proteger seus pensamentos dele. Se ele queria fazer algo um pouco estranho, ela somente tinha que fingir que o encontrava excitante.

Seus quentes lábios beijaram e mordiscaram os dedos de seus pés, sentia-se... bem. Mmm. Possivelmente não tivesse que fingir depois de tudo. Seus lábios roçaram contra a planta de seu pé e os batimentos de seu coração se aceleraram. Demônios, isto estava melhor que bem. Começou a subir beijando sua perna, até deixar um beijo úmido justo atrás de seu joelho, antes de gentilmente baixar seu pé esquerdo e levantar o direito.

No momento em que ele chegou para beijar a parte traseira de seu joelho direito, sua vagina tinha começado a doer. Deus, ela o queria. Respirando profundamente, abriu seus olhos. Ele estava de pé no extremo da banheira, seus olhos acesos e seu membro total e maravilhosamente erguido.

— A água está estupenda. Por que não se une para mim? — sugeriu.

— Pensei que nunca me pediria isso. — moveu-se tão rapidamente, que ela mal tinha tido tempo para suspirar antes que ele a tivesse levantado, deslizado seu corpo na banheira e a tivesse colocado contra seu duro calor.

Ela pôde sentir seu membro, duro e quente contra seu traseiro enquanto ele cavava suas mãos sobre seus peitos e roçava seus lábios contra seu pescoço. Isto era agradável, mas queria mais. Meneou seu traseiro contra ele.

— Por que não dá a esta garota um pouco de membro para que agüente até esta noite, colegial?

Suas mãos se apertaram sobre seus peitos, quase lhe fazendo dano.

— Está segura?

— Muito segura.

Ele a elevou com uma mão contra seu pequeno traseiro, alinhando seu membro com sua



entrada, e lentamente empurrou nela. Ela fechou seus olhos e gemeu enquanto seu pênis lenta mas constantemente enchia seu úmido sexo. Maldição, ele se sentia tão bem dentro dela.

Cavou uma mão sobre seus peitos, deixando a outra mão livre para jogar e acariciar seus clitoris enquanto começava a se mover profundamente dentro dela, OH Deus! Seu membro era incrivelmente bom. Gemendo, e já perto de gozar, ela girou sua cabeça e às cegas procurou sua boca. Ele se inclinou. Permitindo que seus lábios se encontrassem em um longo e ávido beijo. Ela pôde senti-lo lutar contra sua inclinação natural de repetitivamente empurrar seu membro dentro dela.

Sua consideração por seus sentimentos e necessidades, inclusive fazendo amor, chegou-lhe. Isso a fez mais decidida a se assegurar de que ele ficasse plenamente satisfeito antes de pensar em seu próprio prazer. Moveu-se para trás e empurrou para baixo contra ele. Ele empurrou para trás com cuidado, seguiram assim até que encontraram o ritmo perfeito, quando o tiveram se dispuseram a desfrutar de uma lenta e deliciosa fodida.

Ela tentou se conter até que ele gozasse. Mas nunca tinha tido um homem que pudesse estar tão duro durante tanto tempo. Não podia controlar sua necessidade dele ou seu desejo.

Isso está bem, ele assegurou. Deixe ir, deixa que passe, amor. Goze para mim. Eu adoro quando goza sobre meu membro.

As palavras, combinadas com as incríveis sensações físicas transbordando por ela foram muito. Ela gemeu, cravou suas curtas unhas nos lados de suas pernas e feliz se rendeu à série de infinitos e deliciosos tremores que sacudiram seu corpo, apagando tudo exceto o doce prazer que explorava entre eles.

Quando se acalmou, Serge, ainda duro e ainda enterrado dentro dela, a sustentava, beijando-a ao longo de seu pescoço.

— Está bem?

Ela girou sua cara para apoiá-la contra seu ombro.

— Nunca estive melhor, colegial. Se continuar assim, vai me resultar muito difícil te deixar.

— Essa é a idéia, amor — sussurrou, lambendo seu pescoço.

Ela relaxou durante um momento, aspirando o fraco aroma de colônia que ainda permanecia em sua pele, seu coração palpitando com a enormidade do que estava refletindo. Então tomou sua decisão, empurrou seu satisfeito sexo contra seu membro fazendo que ele



estremecesse e que começasse a se mover de novo.

Ela sentiu como o orgasmo se formava nele. Tomou uma profunda respiração. Era o momento perfeito para se arriscar, ela sabia que ele não poderia resistir, não queria resistir.

Serge, ela disse seu nome brandamente e inclinou seu pescoço.

Ela sentiu a rapidez com que a emoção o enchia quando compreendeu o que ela oferecia. Quando começou a gozar, seus incisivos perfuraram a suave pele de seu pescoço. Sua alegria quando as primeiras gotas de sangue encheram sua boca, foi diminuída pela própria alegria dela ante o conhecimento de que enquanto ele a enchia de seu semente, ela o enchia com seu sangue. Sua vagina se convulsionou e se estremeceu ao redor de seu membro quando outro orgasmo a golpeou. Movendo-se juntos como um só, eles gozaram, obstinados um ao outro.

Inclusive depois que ambos deixaram de gozar, ele seguiu bebendo seu sangue. Sentindo que o sangue saía de seu corpo para sua boca, ela experimentou um sentimento de êxtase. Finalmente, ele retirou seus incisivos de seu pescoço, lambeu e beijou as duas pequenas feridas e se derrubou para trás contra o acolchoado da banheira, sua respiração profunda e quase dolorosa.

Ainda empalada sobre ele, se sentia fraca embora estranhamente poderosa. Estirou uma mão entre suas pernas para embalar seus sacos. Ele fez um pequeno som de protesto e lentamente retirou o membro de seu corpo.

Livre para se mover, deu-se volta para que seus peitos agora lhe acariciassem o peito. Elevou a vista para ele. Seus olhos ainda brilhavam e seus incisivos eram visíveis. Viu seu sangue sobre os dentes e lábios.

— Se entusiasmos um pouco, não foi, colegial? Preciso um pouco de meu próprio sangue nas veias para viver, sabe.

Lhe viu avermelhar

— Sinto muito. Sei que tomei mais do que deveria, mas Derri, seu sangue não se parece com nenhum que alguma vez tenha saboreado. É quente, doce, e completamente embriagador. Me sinto bêbado.

— E eu me sinto quase esgotada — se queixou, sem nenhum calor real.

— Sinto muito. A assustei?

— Não — admitiu ela —. Sabia que não me faria mal.

— Morreria antes de te fazer mal — disse.



De algum modo, as palavras, as que ela teria considerado ridículas de qualquer outro homem, golpearam uma corda dentro dela. Estirou-se em cima dele e o beijou, provando seu sangue sobre seus lábios.

— Acredito que lhe guardarei durante um momento — ela gracejou, acariciando seus flancos.

— Quanto ao Mikhel?

— O que sobre ele? — perguntou ela.

— Não está procurando uma possibilidade para dormir com ele?

— Por que deveria gastar meu tempo em me preocupar sobre o homem de outra mulher, quando tenho a você?

Seus olhos brilharam com satisfação.

Olhando-o, ela franziu o cenho. Ela o tinha? De repente compreendeu que na realidade nunca lhe tinha perguntado se havia outra mulher em sua vida.

— Não há nenhuma Erika em sua vida, não é?

— Não. Você é a única mulher em minha vida.

— Ah huh. Olhe, não pode esperar realmente que acredite que com seu apetite sexual não tem uma mulher ou várias mulheres em sua vida.

— Realmente espero que o acredite porque é verdade — lhe disse com serenidade —. Admito que via alguém faz um par de meses, mas uma vez que a vi, se acabou.

Ela pôs a bochecha contra seu ombro.

— E ela esteve de acordo com isso?

— Ela não tinha nenhuma outra opção que estar de acordo com isso. Quando se termina, se termina.

O tom subjacente e desumano naquela declaração a fez se deter e reforçou sua resolução de não deixar que seu coração se implicasse com ele. Ela não ia receber um de sua Querida Derri, ao final de seus discursos.

— Isso não será a maneira entre nós — disse ele acaloradamente —. Quando você vai se dar conta de que estou apaixonado por você?

Beijou-lhe o ombro.

— Não posso ser a primeira mulher da que imaginou estar apaixonado, colegial.



Levantou-lhe o queixo e lhe fulminou com o olhar.

— Isto não é minha imaginação. Sabe. Pode senti-lo se realmente está pronta para admiti-lo.

E sim, é a primeira e a única mulher da que alguma vez estive apaixonado.

Ela levantou a vista para seu escuro e carrancudo olhar.

— Somente não quero ser abandonada quando termine comigo.

— Nunca vou terminar com você, assim não precisa ter nenhum medo de ser abandonada por qualquer outra mulher. É minha mulher para sempre.

Ela certamente não podia negar o fato de que era sua mulher no momento, e muito feliz de sê-lo. Para sempre era outra história. De todos os modos isso soava cada vez menos e menos monstruoso. Não é que ela estivesse pronta para lhe admitir tudo isto era ainda muito novo e bastante espantoso. Entretanto, havia uma emoção inegável atada a ser o amor verdadeiro de um formoso e quente vampiro.

Manobrando seu corpo para que seu semi-duro membro jazesse entre suas coxas, acariciando contra seu montículo úmido, o beijou. Os lábios dele se encontraram com os seus com impaciência e ela suspirou e se perdeu em seus beijos. Já se preocuparia das implicações de tomar a um amante vampiro mais tarde. Por agora, ela somente queria desfrutar de estar com um homem ao que encontrava mais fascinante que qualquer outro homem ao que alguma vez tivesse encontrado. Um homem, além disso, que sabia que a tinha amado com uma paixão que o consumia todo. Inferno, não estava segura de que mais, uma mulher poderia lhe pedir à vida.

Ela se deu uma sacudida mental.

Não fique louca, Derri. Isto é sexo. Sexo com um S maiúsculo, mas somente sexo.

— É mais que sexo — lhe respondeu ele, acariciando com uma mão seus ombros e suas costas —. E sabe. Admita. Aprende a tratar com isso.

— Em seus sonhos, colegial — disse ela, se colocando contra seu ombro.

— Né!, Não durma — disse —. Esta banheira está ficando um pouco incômoda. Vamos nos secar e nos deitar.

— Na metade do dia? — Pensou no vampiro alto, escuro, formoso do andar de baixo. Sabia sem que o houvessem dito que era um full-blood. Por tudo o que sabia, ele tinha ouvido cada suspiro, gemido, e grunhido que tinham intercambiado enquanto faziam amor. Em vez de se envergonhar, o pensamento lhe proporcionou uma emoção inesperada. Isto poderia merecer ir a



Boston com Serge somente para ver um dos Festivais de Orgias da família Dumond de perto e pessoalmente.

— Estou faminta – disse ela de repente —. Vamos abaixo e conseguimos algo para comer.

Ele a levantou da banheira, a pôs em pé e saiu ele mesmo. Ela estava de pé com os olhos fechados, um sorriso sobre sua cara enquanto lhe esfregava devagar com a toalha passando por seu corpo.

Quando foi sua vez de lhe secar, começou por seu peito e trabalhou para baixo, a seus duros abdominais. Se deteve no alto do triângulo escuro de pêlo sobre sua virilha, se ajoelhou e lhe secou os pés. O fôlego se obstruiu na sua garganta e seu coração começou a palpitar enquanto subia por sua perna e encontrava a seu membro, o qual estava totalmente erguido outra vez.

Mordeu o lábio, recordando a sensação e o gosto de seu membro e sua semente na boca. Ainda ajoelhada, levantou a cabeça e se encontrou com seu escuro olhar fixo. Enquanto se olhavam fixamente um ao outro, os olhos dele começaram a brilhar e despiu seus incisivos. Ela sentiu a quebra de onda de luxúria que se disparou através dele. Sentiu-a e a igualou.

Ela colocou a toalha dobrada debaixo dos joelhos, se agarrou a suas coxas, se inclinou para a frente e beijou a ponta de seu membro. Ele estremeceu enquanto ela devagar fechava seus lábios impaciente sobre ele. Um!. Ah, isto era agradável. Seu membro era delicioso tanto em sua vagina como em sua boca.

Ele aspirou ar e com cuidado impulsionou seus quadris adiante enviando várias polegadas em sua boca. Ela fechou seus olhos, se apoiando mais perto, tragando inclusive mais dele e com impaciência começou a chupar o doce, quente membro que enchia sua boca. Ah, maldição, isto era agradável.

Embora ela fizesse um esforço consciente por chupar devagar, esperando prolongar o prazer que ambos sentiam, ele rapidamente alcançou o ponto de orgasmo. Gemeu brandamente, fechando suas mãos em seu cabelo, e gozou em várias correntes quentes.

Tragando rapidamente e com gula, ela manteve sua boca sobre seu membro. Saber que ela ingeria seu sangue junto com sua semente lhe deu uma sobrecarga. Embalando as pelotas em sua mão, seguiu chupando até que ele teve bombeado as últimas gotas de sua semente por sua garganta.

Só então se levantou, lambendo os lábios, e sorrindo para ele.



—Gostou disso, colegial?

Ele a envolveu em seus braços enterrou sua cara contra seu pescoço, todo seu corpo tremendo.

— OH, maldição, te amo.

Ela riu e esfregou seu corpo contra o dele.

— Tem a gozada e o membro mais formoso que jamais vi. Poderia desenvolver um gosto verdadeiro por ambos.

Ele levantou sua cabeça para olhá-la.

— Sim? Bem, sinta-se livre de chupá-los e saboreá-los em qualquer momento que queira.

Ela riu outra vez.

— Embora sejam deliciosos, ainda tenho fome.

— Bem. Vamos sair para comer. Há um restaurante agradável a trinta milhas onde podemos comer e dançar. Quero dançar com você.

Ela assentiu.

— Acredito que eu gostaria, colegial.

Ele sacudiu sua cabeça.

— Sabe, Derri, acredito que estou perdendo.

— Por quê?

— Porque cinzas e colegial estão na realidade começando a soar como palavras carinhosas —
Ihe disse.

— O que te faz pensar que não são? — Exigiu ela com uma voz suave, sugestiva.

— Não zombe, Derri. Sabe como me sinto. Não é justo brincar comigo.

— Não choramingue, meu colegial de olhos cinzas. É impróprio de um vampiro grande e bonito. — Deu a seu membro um suave apertão —. Além disso, quem diz que estou zombando?

Soltou-se de seu abraço e se afastou.

— Vamos nos vestir e ir comer — Ihe disse ela por cima do ombro.

Ela sentiu sua confusão enquanto a seguia. Bem. A julgar por algumas impressões que tinha recebido enquanto faziam amor, ele não sempre tinha sido amável ou particularmente considerado com suas mulheres. Isso lhe faria bem para ver como se sentia sendo tratado de uma maneira insensível por um amante.



Capítulo 12

Enquanto seguiam ao garçom a sua mesa no restaurante, meia hora mais tarde, Derri estava muito consciente de que virtualmente cada cabeça feminina no lugar estava olhando em direção de Serge. Pôde ver a inveja em mais de um par de olhos.

Que efeito teria tanta admiração feminina nele?

— Nenhum — disse quando estiveram sentados e tiveram entregues seus menus. — Meus dias como mulherengo terminaram. Como diz o refrão, só tenho olhos para você.

— Estraga, bem, mas não se meta em minha cabeça, colegial — disse bruscamente.

Sorriu-lhe abertamente.

— Admita, amor, de alguma forma você gosta do fato de poder compartilhar algo mais que sexo espetacular. Compartilhamos nossos pensamentos e sentimentos.

A ela, obviamente, adorava que lhe chamasse amor.

— Não se meta em minha cabeça — disse rapidamente, esperando que ele não tivesse captado esse último pensamento.

— Você sabia que queria que chupasse meu membro e o fez.

— Serge! Baixa a voz — disse, sentindo como suas bochechas ardiam pensando que os outros comensais podiam ter escutado o que havia dito.

— E eu sabia que você queria tragar mais que só minha semente, assim fiz um esforço consciente para expulsar mais sangue que de costume quando gozei em sua doce boca — disse ele brandamente.

Ela o olhou irada, totalmente consciente de que ele desfrutava de seu desconforto

— Segue assim, colegial, e dormirá sozinho esta noite — ameaçou.

Ele se inclinou para a frente e pegou as mãos dela nas dele, levantou-as para sua boca, e plantou um beijo quente na palma de cada uma.

Mais acalmada apesar dele, lhe sorriu.

— Ah, que adulator e doce é, colegial.

O garçom se aproximou e ambos pediram um chá gelado. Beberam em silêncio enquanto



estudavam o menu. Depois de ter pedido, ela se recostou contra o respaldo da cadeira, olhando-o fixamente.

Vestia quase por completo de negro outra vez. Com um traje e camisa negros feitos a medida. A gravata de seda era negra, com pequenos pontos cinzas, a cor de seus olhos, colocados a intervalos estratégicos. Maldito se não era um formoso pedaço de homem.

— Me fale das mulheres de sua vida, Serge.

Ele suspirou.

— De quais?

— Todas.

— Houveram muitas, Derri.

— Muitas para as recordar?

Suas bochechas avermelharam e soube que ele tinha esquecido alguma das mulheres com as quais se deitou.

— Não me olhe assim, Derri. Eu era jovem e quente e as mulheres se lançavam sobre mim. Nem tudo é minha culpa. E nunca menti para elas. Elas sabiam que não tinha nenhum interesse por elas além do sexo.

Ela levantou uma mão, decidindo que não queria ouvir detalhes sórdidos

— Basta. Soas cada vez mais como um descarado de primeira classe, Serge.

— Nunca disse que não fosse, mas, por favor, não utilize o passado contra mim. Não sabia que você estava aí esperando por mim.

— Não estava esperando por você — disse ela, consciente de que um sentimento muito parecido a ciúmes se formava em seu estômago outra vez. — Te disse o que quero desta relação. Isso não mudou.

Ele moveu sua cabeça e olhou longe dela — Bom, quero mais, muito mais — fixou seu olhar nela de novo. — E em geral consigo o que quero, Derri. Acredito que deveria sabê-lo.

— E eu acredito que você deveria saber que controlo minha própria vida e meu próprio destino, Serge. Penso que deve ter alguma conexão com aquela médium da rua Chestnut no Philly (Filadélfia).

Ele voltou a jogar um rápido olhar ao longe e soube que tentava proteger seus pensamentos dela. Depois de um momento, suspirou e voltou a olhá-la fixamente.



— É minha irmã.

Bem, isso explica o que ela estava fazendo no Festival da Família Dumond.

— Sua irmã é uma adivinha e, né... sabe o que?

Ele assentiu.

— Sim, bom, ela é uma latente.

— Ela tem o... — se sobressaltou e o olhou fixamente — OH, Deus, você é o amigo de Chandler Raven.

— Sim — admitiu ele.

— Ele te deu os talismãs... os dois.

— Sim.

Ela respirou profundamente e levantou um dedo para ele

— O advirto Serge. Não lhe ocorra tentar usá-los comigo. Se for o bastante estúpida para me apaixonar por um vampiro mulherengo, o farei por mim mesma. Prometa-me isso agora Serge, ou se mantenha longe de mim.

— Não segui o ritual Derri e te prometo que tentarei não fazê-lo.

Derri sabia que havia rituais associados com ambos os talismãs. Sabia que a estatueta de ouro, que sua amiga Cassy tinha tido, requeria que a mulher que o possuía acariciasse as pequenas nádegas masculinas até que o pênis ficasse exposto. A possuidora então tinha que colocar o pequeno pênis dentro dela para liberar o poder do talismã. Algo que Cassy nunca tinha feito. E que ela tampouco faria.

A Vênus de Ébano requeria que o homem que a possuísse esquentasse a figurinha maior até que uma abertura aparecesse na área vaginal. O pensamento de que Serge tentasse colocar seu enorme pênis na abertura resultante era ridículo.

— Ainda assim, tentará? O que caralho significa que tentará?

— Amo você — disse entre dentes — E se tiver que vender minha maldita alma para te ter, o farei. Acha que posso deixar ir agora que sei como é?

— Como é o que?

— O Bloodlust — disse simplesmente, projetando uma série de imagens e sentimentos que afligiram seus sentidos. Sentimentos de amor, luxúria, prazer, de pura alegria ao estar com ela, a insaciável necessidade de sua companhia, sua felicidade e de seu corpo, a alagaram como uma



onda divina.

Ela ofegou e mordeu o lábio, muda ante a magnitude dos sentimentos, necessidades e sensações que acabava de experimentar através dele.

— Você é a mulher... a única mulher que é a perfeita companheira para mim... a única mulher que provoca a luxúria, o desejo, necessidade e amor, não só de sangue, mas também de sexo só com você. Você é minha Bloodlust e preciso ser o seu.

— OH... Serge... — ela sussurrou seu nome.

— Como pode esperar que renuncie a isso sem lutar? — Perguntou com um tom de voz que suplicava sua compreensão.

Ela suspirou e moveu sua cabeça.

— Serge, se me apaixonar por você ou não, o farei por mim mesma. Não quero ser obrigada.

Ele respirou profundamente.

— Pode ser um pouco tarde. Quando toquei o talismã que Cassy tinha, senti uma clara e inequívoca carga elétrica. Com certeza você sentiu o mesmo quando o sustentou.

— Fiz. Então está me dizendo que não tenho nenhuma opção?

— Não, estou dizendo que é minha Bloodlust. Quando ambos sustentamos o talismã criamos uma união extra entre nós. Por isso podemos ouvir os pensamentos do outro, mas só porque estamos feitos para estar juntos de todos os modos.

Ela quis rechaçar sua afirmação como uma tolice, mas já não estava tão segura. Tinha que haver uma razão para que pudessem entrar na mente do outro.

A comida chegou. Tinha pedido uma salada grande com baixas calorias enquanto que ele tinha escolhido um enorme assado tão pouco assado que apenas olhá-lo lhe revolveu o estômago

— Deus, isso está virtualmente cru, Serge!

Lhe sorriu abertamente

— Está delicioso. Você gostaria de provar um pouco?

— Não!

— Não opine até que não tenha provado.

— Espero que não coma toda a comida crua —, disse estremeando.

Ele elevou uma sobrancelha.

— Tenho dentes afiados — disse, seus olhos brilhando com diversão.



Ela riu — É tão lindo, colegial.

— Obrigado, amor. Você também é bastante linda. Ela girou seus olhos e comeu em silêncio.

Depois de terminar a sobremesa, foram ao salão dançar. Ele a sustentou com ambos os braços envolvendo-os ao redor de seu corpo.

Amo você.

Ela levantou a cabeça de seu ombro e lhe sorriu. Naquele momento, sentindo a profunda intensidade de sua necessidade por ela, quase sentiu que o amava também.

Isso é suficiente por agora. Ele inclinou sua cabeça e lhe deu um beijo suave, carinhoso nos lábios separados.

Ainda sorrindo, ela pressionou a bochecha contra seu ombro, se sentia abrigada, a salvo, feliz, mais feliz do que recordava ter se sentido nunca.

— Assim me sinto eu também amor — sussurrou ele.

Mais tarde naquela noite, deitada nua em seus braços, encontrou que o sonho a evitava. Sabia que estava perto do ponto no qual encontraria impossível deixá-lo. Mas, como poderia ter uma verdadeira relação com um vampiro? Que futuro tinha se apaixonando por ele?

Ele roçou seus lábios na parte de trás de seu pescoço e apertou os braços ao redor dela.

— O que acontece?

— Nada.

— Quer tentá-lo outra vez?

Ela suspirou e se acomodou em seus braços para poder apoiar a cabeça em seu ombro.

— Me fale de sua infância e de sua família, Serge.

— O que quer saber?

— Tudo. Como um vampiro cria a seus meninos?

— De forma parecida com qualquer outra mãe. Nós tínhamos regras que tínhamos que seguir. Tínhamos uma atribuição mensal, provavelmente maior que a maioria dos meninos recebem, mas meus pais têm muito dinheiro.

— Quanto é muito?

— Muito. Minha mãe tinha muito dinheiro antes de se casar com meu pai, e meu pai era um renomado arquiteto que tinha enormes honorários antes de se retirar. Então nós sempre tínhamos dinheiro.



— E sua mãe?

— O que tem ela?

— É o que você chama uma full-blood?

— Sim, mas não te faça uma idéia equivocada sobre ela. Não é uma assassina perversa.

— Mas ela matou antes?

— Tem quase quatrocentos anos — disse, ficando na defensiva. — Fez o que tinha que fazer para sobreviver. Nem mais nem menos.

— E tem que tomar sangue para viver?

Sentiu sua relutância a responder essa pergunta. Havia quase um ressentimento irradiando dele pelo que lhe tinha perguntado.

— Sim — admitiu finalmente — Mas nenhum do resto de nós precisa —. Pôs uma mão sobre seus ombros. — Por favor não tome como algo contra ela. Ela não escolheu se converter em vampiro. Uma vez que foi obrigada a isso, tinha tanto direito a viver como qualquer. É uma mãe e esposa carinhosa e nos ama com todo seu coração e nós a ela.

Pôde sentir o amor e afeto que ele sentia por sua mãe.

— Não a julgo, Serge, mas se ela tiver que matar a outras pessoas para sobreviver...

— Quem disse algo a respeito de matar para sobreviver? Pelo que sei, ela não matou a ninguém há muitíssimo tempo.

— Então como sobrevive?

— É uma longa história, Derri.

— A noite é jovem e estou te escutando.

— Não é algo sobre o que queira falar.

— Por que não?

— Você não entenderia... não ainda. Por favor, amor, Pode deixá-lo por agora?

A palavra amor a deixou querendo se derreter — Bem. Reservarei minha opinião até que nos conheçamos.

— Bem. Você gostará.

Ela esfregou a bochecha contra seu ombro. Não estava tão segura disso, mas esperaria para ver.

— Então, Virá a Boston para o Natal?



— Já veremos, Serge. Agora me fale dos North Philly Diamonds⁹.

Imediatamente sentiu uma onda de entusiasmo proveniente dele.

— São uma equipe de basquete de meninos entre 13 e 17 anos do norte da Filadélfia. E Derri, um par deles tem verdadeiro potencial. Sei que vão conseguir ser profissionais e eu poderei dizer que os conhecia.

— Você os patrocina?

Ele deu de ombros.

— Não é grande coisa. Eles têm tão pouco e nós temos tanto. Eu gosto de basquete, eu gosto da Philly (diminutivo da Filadélfia), e é algo que desfruto fazendo.

— Serge, isso é muito doce.

— O que? — Perguntou com voz surpreendida.

— Está proporcionando uniformes para vários deles que não têm a suficiente habilidade para ganhar uniformes esportivos.

— Quem te disse isso?

Ele pareceu à defensiva e chateado. Claramente não queria que ela soubesse.

— Ninguém me disse isso. Isto de ler pensamentos e sentimentos funciona em ambas as direções, sabe?

— Não é para tanto, Derri. Tudo o que precisam é uma oportunidade... E saber que alguém acredita neles.

— E você o faz.

— Sim, faço — Fez uma pausa — Você gostaria de... vir a um par de partidas e conhecê-los?

— Ah... sim, claro —. Ela sorriu. Parecia que seu colegial tinha um proverbial coração de ouro. Admirava aos homens que estavam envolvidos em projetos comunitários, como Serge claramente estava. Que ele não quisesse nenhum elogio, fazia que ela o apreciasse ainda mais. — É doce e há mais em você do que se vê a simples vista. Quero chegar a te conhecer, Serge. A fundo.

— Não estamos falando de meu membro. Não é?

— Não! Disse a fundo, não foi?

— Sim —. Apertou seus braços ao redor dela e ela pôde sentir sua excitação. — Serei bom

⁹ Os Diamantes do Norte da Filadélfia



com você, amor. Prometo.

— Acredito que sim —. Acomodou-se contra seu ombro. — Serge, nunca me disse o que estudou.

— Trabalho social —, disse depois de uma longa pausa. — Vamos... ria. Estou acostumado.

— Isso explica tudo —, disse sorrindo.

— Explica o que?

Ela se estirou para encher de pequenos beijos seus lábios.

— Porque é tão adorável, vampiro humanitário — disse se aconchegando outra vez contra ele — Assim me diga, por que se dedica à segurança em lugar de trabalho social?

Ela sentiu a confusão nele.

— Trabalhei como assistente social brevemente quando me graduei da universidade.

— E o que passou?

Ele suspirou e respirou profundamente. — Havia um pai com dois meninos pequenos. Recebemos um relatório de abuso. Investiguei e fui capaz de demonstrar as acusações de abuso. Aconselhei tirar imediatamente aos meninos da casa. Meu supervisor interveio e disse que minha acusação de abusos físicos era excessiva. Insistiu que era importante manter a família junta. Então arrumaram tratamento psicológico e supervisão intensiva. Não estive de acordo, mas não tinha a autoridade suficiente. Depois da quarta sessão, o bastardo foi a casa e golpeou a ambos os meninos até matá-los.

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto sentia sua dor e raiva.

— OH, Serge. Teve ter sido horrível — acariciou seu peito. — E lhe frustrou e abandonou o trabalho?

— Eu teria ficado, mas depois de dar uma surra em meu supervisor, me disseram que escolhesse entre renunciar ou enfrentar a um julgamento.

Ela roçou seu peito com os lábios.

— Sinto muito — disse brandamente.

— Por quê?

— Sei que ainda sente falta disso.

— Às vezes — admitiu — Mas ainda faço o que posso.

— É muito doce, colegial.



Ela se deixou levar até ficar adormecida com palavras de amor sussurradas em sua cabeça.

Derri despertou primeiro na manhã seguinte e permaneceu deitada olhando Serge dormir. Estendeu uma mão e acariciou sua bochecha. Ele suspirou brandamente e sorriu. Ela sorriu também. Parecia totalmente parte de sua vida. Embora cinco dias antes nem soubesse que ele existia. Agora, não podia imaginar o que ia ser de sua vida uma vez que as coisas terminassem entre eles.

Como poderia alguma vez se conformar com um homem comum e simples, depois de ter sido amada por Serge Dumond, um vampiro latente? Respirou profundamente. A resposta era simples, não poderia. Não só compartilhavam um incrível desejo físico um pelo outro, também compartilhavam a necessidade de utilizar parte de sua vida e recursos financeiros em projetos comunitários. Em quase cada aspecto importante, sentia que ele era perfeito para ela. Assim que isso, onde deixava a ela e seus planos para o futuro?

Se deslizou fora da cama, procurando não descobrir o corpo nu de Serge. Moveu-se através do chão atapetado para o balcão. A vista ante ela era impressionante. Viu evidência dos restos da geada sobre as árvores e a erva. Se não estivesse tão frio seria um dia perfeito para um piquenique com seu alto, escuro e formoso colegial de olhos cinzas.

Pela extremidade do olho pôde apreciar um leve movimento e girou a cabeça. Ao nível do chão, a um lado da cabana, com uma vista perfeita de seu corpo nu, se encontrava Alex. Ele estava vestido com um traje cinza escuro e um chapéu combinando que proporcionava um marco perfeito a sua formosa cara. Com as longas mechas pendurando sobre seus ombros, estava impressionante e completamente... sensual.

Para seu pesar, Derri sentiu um golpe em seu coração e como se umedecia entre as pernas. Deus todo-poderoso, ele era o bastante quente para fazer uma mulher esquecer ao homem que amava. O homem que amava? Compreendendo o que seus pensamentos implicavam se afastou rapidamente da janela e correu para a cama. Ela necessitava a seu homem.

Deslizou-se sob o edredom e pressionou seu corpo contra o de Serge. Deslizou sua mão para baixo e brandamente fechou seus dedos ao redor de seu pênis semi-ereto. Ele se moveu ligeiramente e murmurou com suavidade, ainda dormido. Sem esperar para ver se despertava ou não, ela empurrou o edredom para trás, sentou-se escarranchada sobre seu corpo e devagar começou a baixar sobre seu grosso pênis.



Seus olhos se abriram de repente e olhou para cima com a surpresa marcada em sua cara.

—Derri? O que está fazendo?

Ela suspirou e empurrou seus quadris para baixo, até que ela e Serge estiveram virilha com virilha e ele esteve enterrado profundamente dentro de sua passagem, o qual tinha deixado de doer ao estar dentro dela.

— Depois de todas as mulheres que você teve, colegial, as pessoas pensariam que saberia quando estão se aproveitando de você — disse, enquanto lentamente começava a se mover acima e abaixo sobre seu membro.

Pego com a guarda baixa e incrivelmente excitado pelo que estava lhe fazendo, ela soube o que ia passar. Quando ele estremeceu sem poder evitar e amaldiçoou brandamente, ela apoiou seu corpo sobre o dele, enquanto ele ejaculava dentro dela.

—Merda!— Gemeu, deslizando suas mãos por suas costas para baixo enquanto recuperava sua respiração. — Sinto muito, amor.

Ela riu e se moveu contra ele.

— Mmm. Minha vagina é muito boa para você? Te faz perder o controle e querer gritar?

Ele riu, mas ela pôde sentir o desgosto para si mesmo nesse momento.

— Está bem, colegial — lhe disse enquanto continuava girando seus quadris sobre ele. — Você ainda está duro e continua dentro de mim. Assim me compense.

Segurando-a contra ele, girou até que ele ficou em cima. Elevou-se sobre seus braços e começou a empurrar nela. Seus golpes duros e rápidos enviaram calafrios de dor e prazer através dela. Em uns momentos, quase foi obstruída de sua capacidade de respirar. Ele encheu sua cara, pescoço e peitos com quentes e famintos beijos enquanto se cravava nas profundidades de sua vagina com seu membro quente e duro.

OH, Deus. Como algo que podia doer tanto se sentia tão bom ao mesmo tempo? Ele inclinou sua cabeça e fechou seus lábios sobre seu peito direito e começou a sugar. O orgasmo a golpeou com uma força quase aterradora e fervente, fazendo pedaços qualquer dúvida que persistisse sobre a capacidade de deixá-lo.

— Essa é a idéia — disse ele, baixando seu peso sobre seu corpo. — Você é minha. Não se supõe que seja capaz de me deixar.

Ainda tremendo, ela se pegou a ele.



— Me segure, colegial, não me deixe ir nunca.

— Nunca —. Girou para ficar convexo sobre suas costas com ela relaxadamente sobre ele.

— Derri, por que não pode simplesmente aceitar que é minha e que não tenho nenhuma intenção de te deixar ir?

— Serge, sou uma mulher negra que sempre teve toda a intenção de se casar com um homem negro.

— Por quê?

— Por quê? Porque sou negra.

— Então tem que se casar com um homem que não ama só porque é negro?

— Você não entende, Serge.

Ele acariciou seus ombros.

— Certo. Pois me explique isso.

Ela moveu sua cabeça.

— Não podemos deixá-lo por agora?

— Está bem, mas só por agora.

— Serge, só desfrutemos um do outro e do que temos agora. Deixa que o futuro se preocupe de si mesmo. Certo?

— Certo... sempre que nosso futuro seja estar juntos.

Sustentando um ao outro e intercambiando suaves beijos sem de paixão, foram ficando adormecidos.

Capítulo 13

Quando despertaram de novo, tomaram banho juntos, e se vestiram. Ignorando o olhar conhecedor de Alex, deixaram a cabana para ir almoçar.

Depois do almoço, passearam ao longo dos caminhos das Montanhas Pocono durante várias horas. Às vezes falavam. Contou-lhe como tinha odiado crescer sendo filha única sem irmãos mais velhos para imitar e sem mais jovens para cuidar.

— É muito afortunado ao ter um irmão e uma irmã, colegial.



— Sim — esteve de acordo, sua voz cálida —. Não trocava a nenhum por amor ou dinheiro.

Às vezes desfrutavam de longos períodos de silêncio simplesmente derrubando seus sentimentos um no outro. Derri, quem nunca se imaginou poder sentir tanto por um homem ao que ela conhecia de um tempo tão curto, tinha se sentido um pouco afligida pelo que passava a ela e Serge.

Quando passaram por um pequeno mercado, ele parou e comprou uma dúzia de rosas para ela.

— Serge, não tem que seguir comprando rosas — protestou.

Ele se parou no estacionamento perto de seu carro e olhou para ela.

— Preferiria outra coisa? Jóias? Talvez um anel?

— Um anel?

— Sim. Nada complicado... ouro... talvez um brilhante... para que possa levar algo no terceiro dedo da mão esquerda. Quer um desses, amor?

Ela umedeceu os lábios e tremeu com o ar frio.

— Serge... é muito cedo para ter uma conversa assim.

Ele inclinou a cabeça e com cuidado posou seus lábios contra sua boca.

— Para mim não é. Soube a primeira vez que te vi e te quererei sempre.

Ela se apoiou nele e lhe rodeou com seus braços.

— Faz frio aqui fora.

Ele a beijou outra vez e a ajudou a subir ao carro antes de ir ao lado do condutor.

Ela esperou até que iniciasse o caminho antes de voltar á a perguntar.

— Quando foi isso?

— Quando te vi pela primeira vez?

— Sim.

— Foi depois que seu chefe ficasse em contato com Mikhel para o tema de te proteger em outubro. Segui-te durante várias semanas para ver sua rotina e ver se podia descobrir a alguém mais te espreitando.

— Várias semanas? Venha, Serge.

— Várias semanas. Estava ali quando foi ao restaurante do Fifth Street, ao refúgio no Ridge Avenue, e a Escola Boone para garotas. Mas a primeira vez que te vi estava no balneário. Sempre



leva uma dessas camisetas folgadas às que é tão aficionada, mas sabia que estava equipada com todo tipo de curvas sob elas.

Ela sacudiu a cabeça.

— Serge...como não pude te ver no balneário e em todos esses outros lugares? Admito que tenho uma agenda ocupada e o balneário é um lugar grande, mas destacaria em todas as partes que estivesse. Em uma palavra é... espetacular.

— Pensa isso?

Ela riu de sua surpresa.

— Sei positivamente. Teria que te ter visto, colegial.

— Só sou percebido quando o desejo, Derri.

— Ah...a mística do vampiro — falou ela arrastando dramaticamente as palavras.

Riram juntos e transcorreu outro silêncio cômodo.

Durante o jantar no restaurante de casais fracamente iluminado, perguntou a ela sobre o Karl.

— Era... bom para você?

Ela assentiu, rindo ligeiramente quando pensou no homem que tinha sido seu único amante durante três anos.

— Era mais que bom para mim. Sempre me tratava com respeito e era um homem maravilhoso.

— Então o que foi mau? Não eram sexualmente compatíveis?

Incrivelmente, depois de tudo o que ela e Serge tinham compartilhado, sentiu o rubor em suas bochechas.

— Fomos muito compatíveis. Não só foi considerado e simpático, também era um amante fantástico.

Ela sentiu a inquietação de Serge e sustentou sua mão.

— Não me peça que os compare. Como amantes, nenhum de vocês deixa nada a desejar, mas rompemos e ainda não sei o que fazer com você.

Ele levantou suas mãos até seus lábios e plantou um quente beijo em cada palma.

— Foi afortunado de te ter tido durante três anos.

Ela riu, mas negou.



— Compartilhei a boa fortuna, Serge. Karl é um prêmio que qualquer mulher sensata estaria tremendamente emocionada de ter se conseguir seu amor.

— Ele te amava e quis casar-se com você.

Ela assentiu.

— E porque se negou?

Sua risada se converteu em um sorriso zombador.

— Não contenha o fôlego esperando me ouvir dizer que estava te esperando, colegial — brincou ela.

— De acordo. — Lhe deu um suave apertão nas mãos —. Mas ambos sabemos que é certo, coração.

Riu e arqueou uma sobrancelha.

— Não seja arrogante.

Ele a olhou com lascívia.

—Quer falar de membros?

Riram e voltaram para um silêncio cômodo. Dançaram até que se cansaram antes de voltar para a cabana. Sua forma de fazer amor aquela noite foi sensível e doce, e Derri sentiu que se apaixonava um pouquinho dele. Quando ela estava adormecendo, sentiu quase vertigem da felicidade.

Despertou de noite, para encontrar Serge entre suas pernas, comendo sua vagina. Gemendo brandamente, enlaçou suas pernas ao redor dele, empurrando seus quadris contra sua língua saqueadora e seus dedos. Quando começou a gozar, ele enterrou sua cara ainda mais profundamente entre suas pernas e a lambeu tão longamente que teve outro clímax.

Foi um tão intenso, que gemeu e empurrou em seus ombros.

— Por favor, Serge. Não mais... não mais. É muito bom. Não mais. Por favor.

Ele se elevou sobre ela, pressionando seu membro contra sua vagina, e se abriu nela. Derri ofegou e se apertou contra seus ombros.

— Ah, Deus, Serge! Espera! Ah, Deus, não sei quanto mais prazer posso suportar.

— Só um pouco mais. Serei rápido e suave — prometeu ele e sugestivamente lambeu seu pescoço enquanto empurrava devagar, brandamente nela.

Depois de uma breve hesitação, ela moveu sua cabeça. Fechou seus olhos e se estremeceu



de êxtase quando seus incisivos perfuraram seu pescoço. Ah, maldição, uma mulher poderia se fazer facilmente viciada em ser o alimento de seu amante vampiro. Ele bebeu brevemente, gozou rápido, e colocou seu corpo enfraquecido contra o úmido dele.

— Isto é o que chamo um bocado a meia-noite — murmurou ela —. Estou satisfeita por agora, mas amanhã, vou ter que alimentar minha outra afeição.

— Que outra afeição?

Ela riu e projetou uma imagem dela ajoelhada, agarrando suas coxas enquanto tragava com gula a semente que disparava seu membro ejaculando.

— Ah, merda — protestou ele —. Vai fazer com que fique duro outra vez.

Ela riu e pressionou sua bochecha contra seu ombro. Quase sempre está duro. Enquanto sentia que caía no sono abraçada a ele, compreendeu que definitivamente ia ter que reconsiderar seu plano de jogo. Não havia maneira de que ela deixasse a outra mulher ter a este atrativo e sexy vampiro. Era dela.

— Completamente — prometeu ele.

Quando Serge esteve seguro de que ela estava dormindo, saiu da cama, e recolheu seu celular. Deixou o quarto, fechando a porta atrás dele. No vestíbulo, rapidamente marcou um número familiar.

— Olá!

Ouvindo a voz tensa e preocupada de seu pai, seus ombros caíram.

— Papai. Como está Mik?

— Não está bem, Serge.

— Mas estará bem. Não é certo?

O silêncio seguinte pareceu a um peso enorme sobre seus ombros. Fechou os olhos e pressionou sua testa contra a parede.

— Papai?

— Esperamos que sim, Serge, mas não podemos estar seguros. Está...mau.

— I rei para casa imediatamente.

— Não. Serge... como está você?

Ouviu a ansiedade na voz de seu pai e conteve o fôlego.

— Eu? Estou bem.



— Está seguro?

— Eu... — de acordo que se sentia...estranho, mas o atribuiu ao fato da animação por beber o sangue de Derri e ao estar apaixonado pela primeira vez em sua vida.

— Estou bem. Irei para casa.

— Não. Sua mãe e eu temos as mãos ocupadas com Mikhel. Fica aí com Derri e Aleksei.

Os músculos do estômago se apertaram.

— Não o necessito, papai. Vou o enviar de volta. Posso proteger Derri sozinho.

— Não, Serge! — Falou bruscamente —. Sua mãe e eu confiamos nele. Necessitará dele ao seu lado... em caso de...

— Em caso do que?

— Em caso de que adoeça também. Tem que ser cuidadoso, Serge.

Ele assentiu.

— Serei. Chamarei outra vez amanhã.

— Serge? Queremos-lhe muitíssimo.

— Quero-os também, a todos. Diga ao Mik que...

— Farei —d isse seu pai quando conseguiu acalmar sua voz.

Depois de cortar a conexão, permaneceu de pé no vestíbulo, sua respiração acelerada, quase dolorosa. Pensar que Mikhel de algum modo não pudesse consegui-lo, o assustava como nada nunca em sua vida.

Ouviu um ruído e elevou a vista. Alex veio silenciosamente do dormitório traseiro. Ainda estava vestido, embora tivesse tirado o chapéu.

— Ficará bem, Serge — disse em voz baixa.

Ele sacudiu sua cabeça, resistindo ao repentino impulso de arremeter contra o outro vampiro.

— Não sabe.

— Conheço mais disso que vocês. Mikhel ficará bem. — Alex fechou a distância entre eles e lhe deu um rápido abraço e um beijo —. A necessidade de se apoiar contra Alex, como teria feito com Mikhel, o surpreendeu. Antes que pudesse ceder ante o impulso, Alex deu um passo atrás. — Agora vá com sua mulher para que te conforte como só ela pode fazer.



Sentindo-se melhor, de uma estranha maneira, girou e foi para o dormitório. Subiu à cama. Derri tinha dado a volta sobre seu estômago. Sentindo a necessidade do contato físico com ela, estendeu a mão e a atraiu para ele. Ela murmurou brandamente e se acomodou entre seus braços.

— Serge? O que está mau?

Ele pressionou seus lábios em seu cocuruto.

— Nada. Enquanto te tenha... tudo está bem.

— Está seguro? Posso sentir... inquietação em você.

— Tudo está bem — mentiu ele.

O timbre de seu celular despertou Serge umas horas mais tarde. Jurando pelo baixo, se separou de Derri e se estirou para agarrar rapidamente o telefone na mesinha. Quando o fez, notou que eram só quatro da madrugada. Seus pensamentos se centraram em Mikhel. Deus, por favor que esteja bem.

— O que? — Perguntou em voz baixa, concisa.

— Serge? Sou Diane.

— Quem? — Perguntou de maneira cortante, embora reconheceu sua voz.

— Ah, venha já, Serge. Não pode me ter esquecido já. Não depois de tudo o que compartilhamos.

Ele mordeu o impulso de recordá-la que tinham compartilhado nada mais que o sexo.

— O que quer?

— Estive tentando te localizar, Serge. Seu pai te disse que estive tentando me pôr em contato com você?

Consciente de que Derri se voltou para seu lado e de que agora estava acordada, procurou manter afastada a cólera de sua voz quando falou.

— Sim, o fez. Como conseguiu meu número?

— Não foi fácil.

— O que posso fazer por você? — Ele falou em um tom que dizia claramente que não estava interessado em fazer nada por ela.



- Ouvi que estava na Filadélfia e esperava. . . Perguntava-me se talvez poderíamos nos ver.
- Não — disse secamente —. Não podemos.
- Serge, sei que não quer compromissos e te prometo...
- Não temos nada mais que nos dizer — disse ele com serenidade —. Isto terminou.

Adeus!.

Ele rompeu a conexão, apagou o telefone, e o deixou sobre a mesinha.

— Noiva?

— Ex — disse ele —. Muito ex.

— Se for tão ex, por que te chama no meio da noite? O que queria?

— Disse que queria sair comigo, mas o que realmente quer é sexo.

— Ah huh. E como sabe que não está apaixonada por você?

— Sei — disse com serenidade —. Derri, é história. Não quero falar dela.

— Por que não?

— Porque não há nada do que falar. Esteve terminado entre nós desde o momento em que te vi. Além disso, tampouco havia muito, além de sexo de todos os modos. É o que sempre tinha sido até que te conheci.

Ela girou e pressionou suas costas contra seu peito.

—Afortunada eu, ao menos até que se canse de mim.

Ele apertou os dentes. Inferno maldito. Não estava de humor para nenhuma merda dela.

— Derri, sou como sou. Não posso mudar meu passado. Quanto tempo vai me golpear na cabeça com isso?

— Ah, deixa de choramingar, sim? — ladrou ela e se separou dele —. Segue me dizendo que não é um colegial, mas segue atuando como um. E sabe o que? Já me aborreci.

Ele sentiu que o controle de seu temperamento se ia com uma rapidez alarmante. Com medo de que pudesse repartir golpes a esquerdo e direito pela cólera, se levantou e se dirigiu à porta.

— Onde vai?

Com os olhos brilhando, girou e a fulminou com o olhar. Ela se sentou em cima da cama, aguçando os olhos para ver na escuridão.

— Onde me apeteça, merda! Quanto de sua pressão e de suas brincadeiras pensa que tenho



a intenção de suportar?

— Ah, não seja tão dramático, colegial. Volta para a cama e falaremos disso como adultos.

— Vá ao diabo! — Ele ladrou e saiu de repente do dormitório.

Entrou no quarto duas portas mais à frente do corredor, fechou a porta, e se lançou à cama. Deitado na escuridão, seus incisivos nus e seus olhos brilhando. Por que demônios ela tinha que seguir pressionando e pressionando? Merda. Infernos se ia seguir permitindo que o tratasse como a um maldito colegial inexperiente.

Em um nível subconsciente, era consciente que havia reagido de forma exagerada, mas sabia que não podia voltar para a cama com ela. A repentina e inexplicável raiva que sentiu fazia necessário que se mantivesse longe dela.

Demorou muito a se acalmar e o suficiente para dormir. Quando se deu volta em seu estômago e enterrou a cara no travesseiro, viu uma rajada de luz na porta do dormitório. Sabia que era Derri. Ele permaneceu onde estava, quieto e silencioso.

— Serge, sei que não está dormindo — ela sussurrou —. Abre a porta.

Ele não respondeu.

— Serge? Me fale.

— Quando o inferno se congele.

— Bem. Já o deixou claro. Sim? Agora abre a porta. Por favor.

— Me deixe malditamente sozinho.

Ele a sentiu impressionadamente surpreendida. Houve um longo silêncio antes que ela falasse outra vez. — Serge, volta para a cama. Por favor? Não quero estar sozinha.

— Já estou na cama e ficarei aqui. Se não quiser estar sozinha, mais te vale que aprenda quando fechar a boca!

— Eu... eu ...

— Somente me deixe sozinho, Derri. Pela manhã, conversaremos.

— Sobre o que?

— Talvez a respeito de... como te compadeço. Não tenho nenhuma intenção de estar apaixonado sozinho ou te permitir que me use como uma maldita cabeça de turco. Agora me deixe sozinho.

Houve outro silêncio prolongado antes que ela falasse outra vez. — O que quer que te diga?



Sinto muito? Está bem, Serge, sinto muito. Você sabe. Agora por favor, volte para a cama?

— Tudo o que quero de você é que me deixe sozinho de uma maldita vez!

Ele a ouviu tragar ar antes de sentir os passos cansados no corredor rumo ao dormitório. Podia sentir sua confusão. Sua parte desejava consolá-la, a outra, espantosa parte, tinha vontade de sacudi-la até agitar seus dentes. Ela ia receber uma maldita lição. E se seguia o empurrando, a receberia.

Duas horas e meia mais tarde, ainda incapaz de dormir, Derri se levantou e se dispôs a tomar banho. Com a água caindo sobre sua cabeça, tentava não pensar em Serge. Depois de um momento, deixou de se esforçar. Ela tinha sentido sua falta depois de que ele tinha saído do dormitório só umas horas antes.

Concedido ela tinha provocado, mas não tinha esperado que ele reagisse tão explosivamente. Nunca o ia entender. Só quando pensava que já o tinha dançando em seu dedo, o vampiro se afastava dela.

Como se supõe que uma mulher deve saber onde parar frente ao tipo? De repente sorriu. Seu caráter volátil converteria a sua relação em algo apaixonante. Impaciente por vê-lo, mas determinada a não lhe demonstrar depois de tomar banho, se vestiu em um par de camisetas folgadas. Sua maquiagem consistiu em um pouco de rubor e um pouco de rouge sobre os lábios. Então, tomou um longo fôlego, procurando se acalmar e baixou à sala de estar. .

Alex, vestindo um traje branco de inverno, estava tirando um chapéu que combinava quando ela entrou na sala. Wow. Em geral não gostava de sentir medo, mas definitivamente o sentia pelo Alex Lacey Madison. Ele estava vários graus mais à frente que simplesmente quente. Deus, ele chispava. O traje lhe encaixava como nenhum que ela alguma vez tivesse visto. Podia notar seus musculosos bíceps, seus largos ombros, seu peito, e as coxas modelados debaixo do traje. A diferença de Serge e Mikhel, quem fazia pouco esforço para ocultar seu impressionante membro, Alex parecia levar suspensório.

Ele se movia cheio de graça, como um depredador espreitando. Emanou dele uma auréola de sexualidade que a golpeou com a força de uma rajada física. Se não fosse por Serge, ela soube que esse era um homem com o qual valia a pena se afeiçoar à cama. Não podia sentir a presença de Serge, mas podia sentir "a necessidade de sexo " de Alex. Se ela o tivesse encontrado em outro momento, com muito gosto teria se devotado como uma escrava sexual mais que disposta. Mas



agora, tudo no que podia pensar era em Serge.

— Bom dia, Derri.

— Bom dia . — Ela olhou ao redor — . Onde está Serge?

— Partiu.

— Ele... partiu? — Ela tragou devagar, várias vezes. O que te faz pensar que... se foi?

Seus olhos azuis a perfuravam. — Ele embalou sua bolsa e partiu.

OH, Deus. Quando aprenderia? Ela o tinha provocado e tinha zombado uma e outra vez dele.

E ele tinha partido. Desta vez não voltaria. Ela fechou seus olhos. Serge. Serge. Serge, por favor.

— Voltará?

— Não sei. Ele é só um cachorrinho, sabe, tem que ser tratado com... amabilidade. Estava bastante aturdido quando partiu.

Ela notou o tom de censura em sua voz e tremeu. OH, Deus, não outra vez. Ele ia se zangar como Mikhel o tinha feito? Para seu alívio, embora seu olhar azul se esfriasse, não evidenciava nenhum sinal de cólera.

Seus pensamentos voltaram para Serge. Ele tinha partido. Pensar em sua abrupta saída, substituiu cólera por pesar. Ele a tinha abandonado a sensível misericórdia deste estranho vampiro, puro-sangue. Um vampiro cujo olhar fixo seguia sem se afastar de seu pescoço. Por tudo o que Serge lhe tinha contado, Alex poderia ter caído sobre ela desde o mesmo momento em que se foi e tê-la esgotado a seco. Só por que gostava, Serge tinha sido cuidadoso bebendo seu sangue ainda quando bebeu mais do que devia. Como sabia ele que podia confiar em que este vampiro não lhe fizesse mal?

— Alex, por favor me leve para casa. Quero ir para casa.

— Certamente. Serei muito feliz de te levar a qualquer lugar que queira ir.

Os matizes sexuais eram tão óbvios que ela tremeu. Maldito seja Serge por me pôr nesta posição. — Só vou arrumar minhas coisas —. Ela deu volta e voltou correndo para cima. Em seu dormitório, atirou sua roupa em sua mala. Isto era tudo. Já tinha decidido. Não ia lhe perdoar algo tão infantil ao colegial. A próxima vez que ele ressaltasse o quanto a amava e como morria por ela, ia lhe pegar com tanta força que levaria a impressão de sua mão por vários dias.

Depois que ela terminou de fazer as malas, olhou ao redor do quarto para se assegurar que não se esquecia de nada. Descobriu o telefone celular de Serge sobre a mesinha de noite. Ela



vacilou só brevemente antes de recolhê-lo e colocá-lo em sua carteira.

Ela soltou um pequeno ofego quando girou e encontrou com Alex parado na entrada. Ele estendeu sua mão. — Permita levar isto — lhe disse.

Deu-lhe sua mala e silenciosamente o seguiu para baixo até a sala de estar. Esperou na porta da rua enquanto ele comprovava que tudo estava bem.

— Por que partiu? — Lhe perguntou de repente.

Seus olhos azuis brilharam. — Um cachorrinho latente apaixonado é frágil. Se quiser que ele fique ao redor, talvez você devesse começar a atuar como se deve.

Ela afastou seu olhar fixo. Não tinha ido a Boston só para que cada vampiro com o que se encontrasse a arreganhasse pela forma em que tinha tratado Serge. Concedido ela o tinha tratado mal outra vez, mas se condenaria antes de deixar que um molho de vampiros irritados a admoestassem.

— Certamente, se está interessada em um modelo mais amadurecido —, ele começou, sua voz sedutora deixou cair várias tons.

Ela o olhou raivosamente. O que passava a estes malditos vampiros? Por que pensavam que cada mulher com a que se encontravam tinha que estar quente por eles? Por um momento pensou nos três vampiros que conhecia e reconheceu que todos eles provavelmente tinham razão de ser tão seguros de si mesmo. — Não o estou!

Ele riu e se encolheu. — Se mudar de idéia...

As lembranças da ternura de Serge quando fizeram amor, a alagaram. Sabia sem dúvida nenhuma que Alex era um amante delicioso, mas já não necessitava a mestria sexual que Serge era capaz de lhe dar. — Obrigado, mas não vou fazê-lo.

— Então o trate melhor da próxima vez que o veja — lhe disse ele com serenidade.

Ela jogou uma olhada em cima dele. — Então acha que retornará? — Ela compreendeu quanto parecia necessitava e mordeu o lábio. Maldição. Mais lhe valia não começar a sentir que desejava algo mais de Serge.

— O cachorrinho apaixonado, o que acha que pensa?

Ela sacudiu sua cabeça. — Não sei o que pensar. Em um segundo se comporta como se me amasse e no seguinte atua como se me odiasse. — Ela sabia que exagerava, mas se sentia particularmente necessitada e vulnerável. E caralho, queria que Serge retornasse com ela.



Ele suspirou. — Se te interessar dele algo mais que o sexo...

— É obvio! — Ela disse, ruborizada.

— Então vai ter que ser paciente e entendê-lo. As coisas vão ser ásperas para ambos.

— Ásperas como? Pensa em sangue... ou o que me espreita?

— Não. — Ele agitou uma mão —. Esse bastardo terá que ter muito cuidado. Só penso na enfermidade de Serge.

— Enfermidade? Mas ele me disse que os tipos não adoecem.

— Não com enfermidades normais, não. Mas há conseqüências quando um homem com o sangue de um vampiro se apaixona por uma mulher humana, como Mikhel e Serge o têm feito.

Ela recordou o comportamento espantoso de Mikhel e tragou rapidamente. — Isso é o mesmo que passou com Mikhel?

— Sim e acredito que é o que acontece com Serge. Não é fácil conciliar a sede de sangue com uma pessoa sem sangue de vampiro. Se se preocupar por nosso pequeno cachorrinho, vai ter que ser valente e paciente. Ele necessitará de sua compreensão e perdão porque ele certamente vai se comportar no que você sem dúvida considerará uma maneira vergonhosa e imperdoável.

— Me espanta, Alex.

Ele tocou sua bochecha e um choque de desejo chispou por ela.

— Essa não é minha intenção. Só quero que saiba que é o começo ... de algo que já começou.

Ela mordeu seu lábio. — Ele estará bem. Estará?

— Ele é forte e a diferença de alguns vampiros menos afortunados, ele tem o apoio de uma família que o ama.

Ele pareceu quase amargurado e lhe jogou um olhar rápido. Serge não tinha querido falar muito sobre Alex, assim não sabia muito sobre ele. Entretanto, ela sentia como uma aura de mistério e de perigo o rodeando que parecia estar ausente em Serge e Mikhel.

Ele abriu a porta e ela saiu antes que ele.

A primeira indicação que teve de que podia estar em perigo foi um grunhido baixo, ela tinha visto neles que poderia estar em perigo, era o grunhido baixo e sinistro de Alex. Ele deixou cair sua mala e usou seu braço para varrê-la atrás dele, contra a porta. Olhando por cima de seu ombro, ela viu outro homem, o vampiro de seu pesadelo que parece ter razão antes de seu olhar fixo



assustado da névoa.

— *Full-Blood* — disse, seu tom foi baixo e cortante. — A puta humana é minha. Esta não é sua luta nem sua preocupação. Se mantenha à parte.

A risada rica e cheia de Alex retumbou do profundo de seu peito. A confiança atrás dela diminuiu um pouco de seu medo. Alex era muito mais forte e mais experiente que Serge. Embora bem sabia que só queria ao Serger Por onde anda colegial?

Aqui. Para te proteger com minha vida se for necessário.

Ela olhou ao redor. Podia ouvir a voz do Serge, mas não podia vê-lo. Então tão súbito como tinha aparecido o vampiro, Serge esteve ali, atrás do homem. O *Full-Blood* se balançou dando voltas e Serge caiu. Ao menos Derri pensou que devia ter golpeado ao Serge. Ela não viu o golpe, mas um momento depois Serge parava atrás do full-blood, e o próximo que viu foi vê-lo voar no ar para cair de pé.

O full-blood, com seus olhos vermelhos e seus incisivos baixos, grunhiu e se aproximou de Serge.

Derri se agarrou aos bíceps de Alex. — Tem que lhe ajudar —, pediu —. Por favor não deixe que mate ao Serge.

Alex a empurrou com cuidado para trás.

— Não há nenhuma necessidade de que interfira. Serge pode ser só um cachorrinho, mas é um muito capaz.

Ela golpeou um punho contra seu ombro. — por que está aqui se só for apoiá-lo e deixar que lhe façam mal ou matem ao Serge? — Ela gritou e tentou se mover para passá-lo.

Ele outra vez a empurrou para trás, sem deixar de olhar aos outros dois. — Se a necessidade surgir, intercederei. Agora se tranquilize e permite ao Serge fazer o que tem que fazer —, ordenou-lhe em um tom baixo e profundo que enviou um zumbido de medo por ela

Seu coração esmurrava com uma combinação de medo e ansiedade, ela afundou seu olhar sobre os dois combatentes.

Os dois vampiros começaram a trocar uma rajada de golpes que Derri mal podia seguir. Então, ela gritou. O full-blood de repente atirou Serge na terra e começou a golpeá-lo.

Ela sentiu ao Alex se esticar e relaxou. Não deixaria que machucassem ao Serge. Ela sabia que ele estava a ponto de interferir quando Serge agarrou com ambas as mãos as apertando em



seus punhos para logo lhe dar uma série de golpes duros e brutais ao outro homem. Derri se sentiu imensamente aliviada e surpreendida, as mãos do full-blood se abriram ao redor do pescoço de Serge. Antes que Derri pudesse decidir que tinha passado, ambos os vampiros estavam parados outra vez, lutando.

Uma espada que parecia curta, mas mortal pareceu saltar na mão direita de Serge.

Derri outra vez agarrou aos bíceps de Alex, seu coração palpitava com uma quebra de onda de medo. Serge. Não, não o fira. Não, por favor.

Quando o outro vampiro começou a se retirar, Serge atacou para frente. O full-blood levantou uma mão. Com sua mão esquerda apertada em um punho, Serge golpeou o braço para um lado. Derri olhou com horror como Serge balançou a espada a uma velocidade incrível em um arco amplo, chegando até o pescoço do homem. Por um momento, pareceu como se o outro vampiro de algum modo tivesse conseguido fugir do golpe de Serge, até que se derrubou sobre a terra e sua cabeça rodou de seu corpo.

Derri olhou fixamente, seus lábios se separaram em um grito silencioso, horrorizado.

A cara retorcida com raiva e ódio de Serge se fixou no full-blood. Ele tirou uma pequena parte de madeira de um lado de sua bota direita e o levou ao peito do que claramente era um cadáver. Ele pôs seu pé sobre a estaca e o empurrou completamente no corpo. O sangue gotejou da ferida.

A brutalidade escarpada a impressionou. — Serge, não! Por quê?

Deu-lhe um olhar de olhos acesos, com os incisivos alargados — Acaso teria preferido que eu lhe permitisse viver assim podia seguir te espreitando? — grunhiu —. Ele tinha a intenção te matar, depois de que a tivesse violado. Ou talvez eu devesse ter lhe permitido me matar? Teria preferido isso?

— Não! Sabe que isso não é o que pensei, mas não tinha que matá-lo! Desfrutou ao fazê-lo!

— E tem algum problema com isso?

O olhou fixamente, sacudindo sua cabeça. — Eu... que espera que eu faça? Sou uma oficial do tribunal! Tenho a obrigação de reportar um assassinato.

Ele viu que Alex se afastava e o fulminou com o olhar. — OH, o fará, não é? E o que acha que eu farei enquanto chama à polícia para reportar um suposto assassinato?

Ela podia sentir o poder, a cólera, e a raiva nele. Pela primeira vez, teve medo dele. Ela se



encolheu para trás contra a porta. Sabia que ele podia sentir seu medo. E pareceu desfrutá-lo.
Serge, o que está fazendo?

— Fazendo? Te mostrando meu verdadeiro eu. O que se passa, Derri? Acaso já não quer me chamar colegial e zombar de mim?

Seu olhar se moveu até seu pescoço e ela tremeu de medo. Se ele a mordia agora, temia que pudesse matá-la. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela olhou para cima, procurando se sentir segura, mas não o sentiu. Ela não sentiu nada. Serge?

— Por que demônios me incomodo com você? — Ele deu um passo ao longe e olhou para Alex. — Deixarei-te para que faça o que queira.

Alex cabeceou. — É melhor que vá agora. Está fora de controle.

— E tem algum problema com isso?

— Não, porque não sou Mikhel.

— O que isso significa?

— Significa que esta é toda a merda que estou disposto a tirar de você antes que tome essa espada e lhe faça comer isso, cachorrinho.

Ele girou e olhou raivosamente para Alex. — O que?

— Ah, e ouviu. Não imagine nem por um segundo que essa espada me preocupa algo. Está doente e tem que ir para casa com sua mãe. Então vai.

— A quem demônios acha que está falando?

— Falo com você, cachorrinho arrogante. Saia daqui antes que comece a te dar chutes.

Ela sentiu a raiva de Serge se mover em espiral fora de controle e mordeu o lábio inferior com força. Ah, Deus! Ele ia matar Alex também.

Ele deu a volta seus frios olhos cinzas a olharam. — O que está pensando? Não matei a esse lixo. Quem quer que o converteu em um vampiro o matou faz muito tempo. Só o tirei de sua miséria. Mas pensa o que quiser.

— Serge, por favor, eu...

— Economize isso Derri. Não me preocupa o que pense.

Ela mordeu o lábio, se obrigando a não gritar enquanto ele desaparecia tão de repente como tinha chegado.

Ela estendeu a mão às cegas para Alex. Ele pôs seus braços ao redor dela e ela colocou sua



cara em seu ombro.

— Shhh. Está bem — ele disse brandamente —. Ele não ia fazer te mal.

— Sim, ele queria.

— Não. Ele não queria, mas posso ver que precisa se tranquilizar —. Ele atraiu seu corpo para o dele e apertou seus braços ao redor dela. Ela tomou ar e tremeu quando sentiu seu membro se mover contra seu corpo.

Ela levantou sua cabeça e olhou para cima a seus olhos azuis.

Embora ela nunca tivesse tido mais necessidade de se tranquilizar o que viu neles foi um nível de desejo e luxúria como não tinha visto jamais. Deixou-a sem fôlego.

Ele acariciou sua mão sobre seus ombros. — O que diz? .Ele a afirmou contra a porta e devagar roçou seu aumentado membro contra ela —. Voltamos dentro e nos deitamos? Garanto-te que o desfrutará.

Apesar de si mesma, uma onda de desejo a percorreu. Nunca tinha encontrado a um homem tão sensual como este vampiro. Seu atrativo sexual a chamava desde seus olhos azuis até seu forte membro. Demônios, provavelmente era um melhor amante que Serge e certamente até mais quente. De algum modo, recordou a Serge. E depois a forma em que Serge acabava de se comportar, ela não lhe devia nada.

Entretanto, ela não podia deixar de se preocupar com Serge.

Onde estava? Estaria bem? De todos os modos para sua total vergonha encontrava o enorme corpo de Alex irresistível. Tragou devagar.

— Tem... uma camisinha?

Ele acariciou suas bochechas. — O cachorrinho não te disse que não são necessários?

— Serge disse muitas coisas, incluindo o fato de que me amava, mas isso não o deteve de tentar me aterrorizar.

— Ele está doente, Derri — recordou ele —. Não deveria manter nada do que faz contra ele.

Seguro. Os vampiros se pareciam com qualquer homem, se mantinham juntos e tentavam cobrir um ao outro.

— Tem uma camisinha?

Deu-lhe um sorriso lento, íntimo que fez sacudir suas pernas e correr por ela sua umidade.

— Em realidade, não tenho uma, tenho várias —. Quer usá-las?



Tomando uma profunda baforada de ar, levantou sua cabeça e elevou seus olhos para os seus.

Capítulo 14

Erika estava sozinha na cama, chorando brandamente. Chorava pela luxúria que sentia por Serge, pelo medo quase permanente a Deoctra, e pela possibilidade de que ter que deixar Mikhel. Mas como se deixava a um vampiro que não queria ser abandonado?

Também devia pensar na Sra. Dumond. Tê-la como inimiga seria pior que se fosse Deoctra.

Desorientada pelo desespero, não notou que Mikhel tinha chegado de forma habitual, em silêncio, até que lhe tocou a bochecha.

—Erika? Por que está chorando?

— Caralho, Mikhel! Estou farta que se aproxime de mim desta maneira! — gritou se afastando e ficando de joelhos —. Faz um pouco de ruído como um homem normal. Ah, me esqueci. Não é um homem normal, não é certo? Maldição, nem sequer estou segura de que seja um homem de verdade! Diga-me Mikhel, o que exatamente são os vampiros?

Ela viu como seus olhos se entrecerraram. Sem responder, rapidamente tirou sua roupa. Apesar de sua agitação e confusão, a vista de seu corpo nu, excitado tinha o mesmo efeito de sempre sobre ela, sua vagina começou a sofrer por ter seu membro.

Ele a recostou com cuidado na cama e beijou sua vulva. Ela tremeu e fechou seus olhos. Não queria sexo, mas seu corpo tinha outras idéias. Sobretudo, quando ele tomou seu traseiro em suas mãos e devagar começou a comê-la. Sua vulva era extremamente sensível e em questão de minutos, estava gemendo e jorrando em sua boca.

Ele esteve vários minutos lambendo sua vagina depois de que ela gozasse e antes que deslizasse seu grande corpo em cima do dela, colocasse seu membro em sua entrada, e empurrasse rápida e quase rudemente nela. Acolheu com gosto seu grosso membro enterrado profundamente em sua vagina. Embora só tivesse passado uns dias desde que ele tinha voado desde a Filadélfia para passar a noite com ela, sentia como se tivessem passado anos desde que tinham feito amor.



Soube desde os primeiros impulsos que ele a ia foder, mais que fazer amor. Levantou suas pernas e as cruzou sobre seu corpo, animando-o. Ele sustentou seu peso em seus braços estendidos e começou a se mover dentro dela com uma velocidade e fúria que nunca tinha experimentado. Em menos de um minuto, teve o orgasmo mais explosivo que jamais havia sentido. Foi tão intenso, que quase desmaiou.

Tendida sob seu corpo incansável, esgotada e saciada, ele continuou empalando-a. Começava a doer. Levantou suas mãos fracamente, querendo empurrar seus ombros em protesto. Ele afastou suas mãos, inclinou seu pescoço, e afundou seus incisivos em sua carne.

Ele rodou seus poderosos quadris e empurrou seu membro profundamente nela. Enquanto se alimentava, começou a gozar, enchendo-a com sua semente.

Ela sentiu como se flutuasse sobre uma alegre nuvem, sem gravidade, e felizmente feliz. Ah, Senhor!, não havia nenhuma sensação no mundo como esta. De repente entendeu por que as mulheres voluntariamente se permitiam morrer por seus amantes vampiros. Que maneira de fazê-lo! Levantou suas mãos e agarrou a cabeça dele, incitando-o silenciosamente para beber seu sangue tanto como quisesse.

Com um forte e doloroso tranco enterrou seu membro tão profundamente em sua vagina como pôde e finalmente levantou sua cara para olhá-la. Seus olhos brilhavam, seus incisivos estavam expostos, e o sangue gotejava por seu queixo.

—Agora, Erika, me dirá o que ocorre — ordenou —. Agora.

Ela se umedeceu os lábios e respirou profundamente várias vezes. Tinha vontade de lhe pedir que tirasse seu membro, mas não se atreveu. De algum modo ele era diferente ao que tinha sido antes, mais exigente. Tremeu quando compreendeu que estava fazendo o que lhe tinha prometido que nunca faria, usar a superioridade de vontade que tinha para subjugar a dela.

— Eu disse agora, Erika.

— Estou... grávida — lhe disse.

— Sei — disse com impaciência, surpreendendo-a.

— Você... sabe? Como? Sua mãe lhe disse isso! Prometeu-me que não o faria.

— E não o fez. Só me disse que tinha que vir para casa e falar com você. Sabia que estava grávida ou iria estar em breve. Disse-te em Salem que suas possibilidades de ficar grávida eram muito altas.



Para nada excitada, estava seca e seu membro, ainda duro e grossa se fazia cada vez mais incômodo. O empurrou pelos ombros. — Deixa que me levante.

— Deixarei quando quiser — disse calmadamente —. É tempo de que compreenda quem está ao comando aqui, Erika. Darei-te uma pequena pista... não é você.

Ela se deixou cair contra a cama. O que estava mal com ela? Sua atitude deveria lhe resultar fodidamente irritante. Por que era tão condenadamente dócil? — saia de cima, Mikhel.

— Quando estiver preparado, nem um momento antes.

Ela olhou para seus olhos ainda acesos. — vai me fazer mal?

— Nunca — lhe disse com voz mais suave —. Quando ia me dizer que está grávida?

Quis afastar seu olhar, mas ele não o permitiu. — Sabia que teria que lhe dizer a verdade —. Não lhe ia dizer isso. Tenho decidido... não ter o bebê.

— Por quê?

— Não sou realmente muito maternal.

— Se esquece que me disse quão decepcionada ficou quando seu ex-marido disse que não queria meninos?

Ela o tinha esquecido. Mordeu o lábio. Não podia pensar claramente. — Não é um bom momento para mim. Tenho projetos que não incluem ser mãe neste momento.

Seus olhos pareceram se voltar completamente vermelhos e ele irradiou uma auréola de pura ameaça. Agarrou seus ombros, lhe fazendo mal.

—Importam-me uma merda seus projetos. Não cometa o engano de superestimar meus sentimentos por você, Erika. De maneira nenhuma te permitirei que aborte a meu menino. Mais vale que entenda isso. Se o tentar, você não gostará das conseqüências.

—Está-me dizendo que me fará mal? — perguntou com tom de voz fraco e agudo pelo medo e susto.

Ele liberou seus ombros e tirou seu membro dela. Tombou-se de costas e olhou ao teto. — Não te permitirei abortar a meu menino — disse com voz plana.

OH, Deus! Tremendo, deu a volta, jogou as mantas sobre seu corpo e se aconchegou com lágrimas derramando por suas bochechas. Ele não fez nenhum esforço em consolá-la e pela primeira vez entendeu, totalmente, a magnitude de seu engano ao voltar para Salem depois que lhe tinha permitido partir. Sabia que não lhe permitiria ir outra vez. E ainda assim estava



determinada a que não o faria... não podia ter um menino que poderia necessitar sangue de outros para viver.

— Terá que ir ficar no Dodge House.

— Não posso ir. Tenho coisas a fazer e...

— Não é uma petição, Erika, e não é discutível. Irá.

Ela curvou seu corpo como uma bola. — Alguma vez realmente me amou, Mikhel?

Ela sentiu seus lábios se esfregarem ligeiramente contra seu pescoço. — Nunca afirmei que estivesse apaixonado por você. Disse que era minha Bloodlust e isso não mudou. É algo que nunca mudará.

Ela girou e elevou a vista para ele, estremeceu por ver que seus olhos ainda brilhavam e seus incisivos estavam ainda visíveis. — OH, Mikhel! Eu... pensei que estava apaixonado por mim! — chorou.

— Nunca disse que estava — indicou ele com serenidade.

Seus olhos se encheram de lágrimas. — por que me fez isto?

— Fazer o que? É minha Bloodlust e sempre te quererei como tal. Eu de boa vontade morreria te protegendo. Você sabe. Estou me convertendo cada dia mais em vampiro e... eu não sei se serei capaz de me apaixonar outra vez.

Ela recordou que quando ele havia descrito o Bloodlust, tinha falado de luxúria, desejo, e necessidade, não só de sangue, mas também de sexo com uma pessoa em particular. Como tinha confundido isso com amor? Ela apertou seus lábios e fechou seus olhos sobre as lágrimas que os alagavam.

Girou dando as costas a ele. De algum jeito tinha que encontrar o modo de se afastar dele.

— É muito tarde para isso — ele disse brandamente como se ela houvesse dito seus pensamentos em voz alta —. Dei-lhe a possibilidade de ir e voltou. Não te permitirei ir outra vez.

Ela tirou as lágrimas e deu volta para confrontá-lo. — Então terá que me matar — cuspiu as palavras.

— Direi pela última vez, Erika, não superestime meus sentimentos por você. Depois de que o bebê nasça, se ainda quiser ir... talvez te deixe ir sozinha.

— O que? Pensa que iria deixando meu bebê com você para criá-lo?

— Por que não? Falamos do mesmo bebê ao que quer abortar, não é?



— Para evitar que ela ou ele se convertam em algo como você! Odeio-te! — Soluçou e lhe pegou com a mão.

No momento que sua mão entrou em contato com sua cara, o medo a encheu. E se ele também a golpeava ou algo pior? Para sua surpresa, ele levou sua mão a seus lábios e pôs um beijo nelas. — Não tenha medo de mim Erika, por favor — disse mudando o tom de voz e moveu sua cabeça —. Eu... não quero te assustar. Nunca terá que me temer. Prometo-lhe isso.

Ela pôde sentir algo diferente nele. — Mikhel o que... o que está te passando? — Perguntou com medo, embora de repente não teve mais medo dele.

Ele estendeu a mão e a abraçou, enterrando sua cara contra seus peitos. — Deus me ajude, acredito que estou me convertendo em um full-blood.

Seu corpo tremeu e ela pôde sentir seu medo. Abraçou-o. — Está bem Mikhel. Não importa o que acontecer, o confrontaremos juntos.

Para sua surpresa, se separou dela e desceu da cama. — Não! Não! — Ele percorreu o quarto, passando ambas as mãos por seu cabelo. — Tem razão em querer ir. Eu... tentarei não te deter. E se sentir que tem que... deixarei-te tomar qualquer decisão que considere melhor para o... nosso bebê.

—Mikhel, não vou te deixar assim! — Ela desceu da cama e o abraçou, fortemente. — Inclusive se não me ama, eu te amo. Isso tem que significar algo. — Ela levantou sua cabeça e elevou a vista fazia ele — Não é assim?

—Não sei, Erika. Eu... sinto-me fora de controle... quero que você parta.

— Mas Mikhel...

Ele a afastou. — Agora.

— Não! — Ela estirou a mão e o sustentou outra vez — não, se algo...mau está te passando, quero estar aí com você.

— Tenho... tenho que ir para casa.

— Irei com você.

— Não... sim. — Ele passou a mão por sua nuca, tocando as duas pequenas feridas onde ele se alimentou — Sim. Venha comigo. Mãe sabe realmente o que sinto por você... que te amo. Faço-o, minha Erika. Ela te protegerá de mim se for necessário.

Erika tremeu violentamente. Nunca esperou necessitar amparo contra Mikhel.



Está segura de que quer fazer isto, Rica?

Erika se afastou da janela de seu apartamento, onde sua irmã mais jovem, Megan, sentada na mesa da cozinha, e ela, olhavam ao Mikhel pôr sua bagagem no carro.

Ela assentiu. — É algo que tenho que fazer, Meg.

— Olhe, Rica, sei que ele é um pedaço de tio. O inferno sabe que ao apenas olhá-lo molho lugares bastante impróprios de minha roupa interior.

Ela bebeu longamente de sua taça de café antes de responder. — Então imagine como me sinto depois de ter passado as últimas seis semanas com ele.

Meg jogou uma olhada pela janela e tremeu ligeiramente. — Sei que o sexo deve ser grandioso, mas...

— Não tem nem idéia — disse ela —. Além disso, só partirei durante umas semanas. Ele quer que conheça sua família.

— Não é um pouco cedo para conhecer sua família? Quero dizer só o conhece de umas semanas. Isto é estranho em você, Rica.

Ela se obrigou a sorrir. Certamente que não podia lhe contar a Meg ou a qualquer seu verdadeiro medo: que se ela não ia, Mikhel... só Deus sabia o que ele faria. Tão improvável como teria sido faz semanas, o lugar mais seguro para ela era provavelmente em meio de uma guarida de vampiros que andavam nus e gostavam de olhar uns aos outros fazer amor.

— Então vai tirar uns dias de licença no trabalho? Ela deu de ombros. — Não sei. A escola está fechada de todos os modos até final do ano. Depois disso, veremos, mas sim chamei a administradora e lhe disse que provavelmente necessitaria uns dias de licença.

— E a escola vai permitir isso?

— Eles não estavam contentes, mas sim.

Megan estudou sua cara. — Está segura? Quero dizer, não parece realmente feliz. — Ela jogou uma breve olhada sobre seu ombro para a janela —. Quero dizer que se eu tivesse encontrado a um tipo como ele, acredito que estaria radiante até que fosse um pouco.

Por que tinha que estar radiante? Estava apaixonada por um vampiro que se voltava mais ameaçador a cada dia, estava grávida do menino que sempre tinha desejado, mas que agora tinha



medo de o ter, e certamente estava Deoctra a ter em conta. Embora em realidade Erika não a tinha visto outra vez, havia sentido sua presença e uma sensação crescente de ameaça.

— Erika? Está tudo bem?

Ela sorriu e assentiu. — Tudo vai bem Meg. Sei que você, mamãe e papai acham que me tornei louca por um jovem semental...

— Ele se vê terrivelmente jovem, Rica.

Ela odiava não poder ser sincera com sua própria família sobre Mikhel. — Ele é mais velho do que parece.

— Assim não há nada que possa dizer para que mude de opinião?

— Não. Estarei bem, carinho. De verdade. — Ela se levantou e deu um abraço em Meg —. Não se preocupe por mim. Por favor.

Ela já tinha bastante preocupação por ambas.

— O que está mal comigo, Mãe? O que está me passando? — Mikhel se ajoelhou diante da poltrona onde sua mãe estava sentada, na sala de estar da Dodge House. E agarrou suas pequenas mãos.

Ela soltou uma de suas mãos com o mínimo esforço e acariciou seu cabelo. — Ah, meu pequeno, tinha esperado tanto te economizar esta pena.— Sussurrou ela —, seus escuros olhos brilhando pelas lágrimas. A Bloodlust para um mestiço ou um latente com um humano pode ser desastrosa. Bloodlust é uma força poderosa da natureza para nossa classe, meu pequeno. É um momento de grande alegria com o companheiro adequado, outro que seja totalmente vampiro. Com um humano, é um tempo de dor, de perigo, e às vezes até fatal para ambos os companheiros.

— Fatal para ambos os companheiros? — Mikhel a olhou fixamente — Está me dizendo que há algo em mim que não só pode me matar, mas também a Erika e nosso bebê?

— Se não formos o bastante cuidadosos. Terá sensação de poder e vigor como nunca antes. Também sentirá que os humanos estão aqui para satisfazer nossas necessidades. Quando encontrar a um humano que não esteja de acordo, as conseqüências para essa pessoa podem ser fatais. Sua necessidade de sangue e seu apetite sexual aumentarão enormemente. Sentirá como



se pudesse fazer o que quisesse sem ter que responder ante ninguém. Assim é como se sente. Não é?

Ele assentiu, recordando como tratou Erika, a única mulher à que tinha amado. Também tinha tratado mal a Derri.

— Então começou.

— O que começou?

— O banquete de indulgência.

Quando tinha vinte anos, recém saído da universidade e fodendo a várias mulheres regularmente, Aleksei tinha chegado em uma de suas inesperadas visitas. Ele e Mikhel tinham saído a um clube noturno freqüentado por vampiros e seus lacaios. Havia um vampiro homem ali, evidentemente fora de controle, agarrando a mulheres, humanas e vampiros por igual, e fodendo e se alimentando delas diretamente sobre a pista de dança, uma atrás da outra.

Mikhel pôde recordar que Aleksei amaldiçoou brandamente em voz baixa que o vampiro estava degradando o banquete de indulgência a um novo nível.

Mikhel, que nunca tinha ouvido o término antes, tinha perguntado a ele o que significava. Embora claramente surpreso pela ignorância de Mikhel, Aleksei rapidamente tinha mudado de tema e empurrou Mikel fora do clube. Dois dias mais tarde, Mikhel se inteirou que duas das mulheres humanas das quais o vampiro se alimentou tinham morrido.

Agora se estremeceu ao pensar que ele poderia terminar matando a alguém.

— Não quero fazer mal a ninguém, especialmente a Erika. O que vou fazer? Como posso superar isto?

— Não será fácil, mas estaremos junto a você, pequeno. — Lágrimas se derramando por suas bochechas —. Não deve se desesperar. O banquete de indulgência será duro para você, mas não os perderei nem a você nem ao Serge. Ambos sobreviverão. De acordo?

Ele congelou. — OH, Mãe, não Serge também.

— Sim. Está apaixonado por Derri e ingeriu grandes quantidades de seu sangue. O banquete de indulgência começou para ele também.

— Então precisará de mim —. Começou a se levantar.

Sua mãe gentilmente o deteve. — É um irmão mais velho tão leal e protetor para Serge e Katie, mas não está em condições de lhe ajudar, pequeno. Deve permanecer aqui conosco.



Ele pensou em Serge, sempre tão selvagem a maioria das vezes e temeu por ele.

— Serge é forte. Estará bem. Não é certo?

— Aleksei e Katie cuidarão dele e Derri. Aleksei é forte e se assegurará que nada machuque ao Serge. Seu pai e eu estaremos junto a você e Erika. Será triste e aterrador, mas todos sobreviveremos. Sim? — deslizou-se da poltrona para seus braços —. Deve me prometer que sobreviverá. Não poderia suportar te perder, meu pequeno Mikhel. Sobreviverá. Não é?

Ele nunca tinha ouvido sua voz tão assustada ou insegura. Enquanto sustentava seu pequeno e trêmulo corpo, soube que havia uma possibilidade de que ele, Serge e suas amadas não pudessem sobreviver. Ele moveu sua cabeça. Não. Ia ser pai, algo que nunca tinha tido a esperança de ser. Maldito se morria ou machucava Erika de algum modo.

— Mãe, o que devemos fazer para sobreviver?

Ela levantou sua cabeça e o olhou. — Deve agradar suas ânsias de sangue e sexo.

— Com a Erika. Isto a afligirá. Ela já está muito assustada.

— Não só com a Erika. Em sua condição é melhor que esteja longe dela. Sim? Estarei junto a você para assegurar que não faça nada que atraia excessiva atenção sobre você. Seu pai estará com ela para se assegurar que não lhe faça mal.

— Se devo estar longe de Erika como conseguirei tirar isto de meu corpo?

— Deve agradar suas ânsias com cada uma das mulheres que lhe atraíam.

— Mas não posso fazer isso. Erika não entenderia.

— Ela terá que entender. Há um preço a pagar por amar a um de nossa classe. É a chamada do sangue do vampiro que há em você. Tentar se opor a isso por medo de machucar a seus frágeis sentimentos humanos será fatal. Cede a isso, pequeno. Algo menor a isso e arrisca não só sua vida, também sua saúde mental.

— Como posso ir e foder com outras mulheres quando ela vai ter a meu bebê?

— Tem que fazer o que deve fazer. Se ela o amar, o perdoará. Sim? Tal como seu pai me perdoou, meu pequeno.

Ele olhou através do quarto. Seu pai estava de pé diante da enorme chaminé, seus olhos azuis inescrutáveis. — Papai?

Seu pai assentiu devagar. — Passaremos por isso, Mikhel. Todos nós. Sua Erika te ama. Ela estará doída, mas o perdoará porque te ama. E porque fazer menos que isso poria em risco sua



vida.

Sua mãe pôs uma mão contra sua bochecha e ele se voltou para olhá-la. — Está se convertendo em um full-blood, meu pequeno. É um processo muito mais fácil quando seu Bloodlust é um vampiro e pode resistir a violência e até se deleitar em seu banquete de indulgência.

Finalmente, entendeu por que ela tinha tentado, a sua maneira, se assegurar que todos se emparelhassem com vampiros. Se apaixonar por Erika não tinha sido uma opção, simplesmente ocorreu. Não poderia nem o trocaria, mas sobreviveria.

— Sairá tudo bem Mãe — ele disse —. Serge e eu sobreviveremos. Por favor, não chore.

Ela agarrou seus braços, lágrimas correndo por sua cara. — Ambos devem fazê-lo. Não podia suportar perder outro de meus preciosos meninos por uma tola Bloodlust.

— Ele ficou rígido —. Outro? Mãe? Teve outros meninos?

Ela tragou devagar e assentiu. — Sim. Houve outros meninos antes de você. Faz muito tempo. Os perdi a todos... alguns por uma imprudente Bloodlust. E outros pela maldade de homens humanos.

— Como? O que aconteceu? Quando? Por que nunca nos contou?

Ela moveu sua cabeça. — Há coisas em minha vida que não me atrevi a lhes contar, pequeno. Coisas das que não posso falar sem sentir grande dor e pena, inclusive depois de todo este tempo. Chegará o momento em que tenhamos que falar. Mas não posso falar de meninos mortos faz muito tempo quando os meninos de meu coração estão agora em perigo. Permitirá-me este pequeno egoísmo. Sim?

Ele podia ver a dor e temor em seu olhar. Tinha razão. Haveria outro momento para averiguar sobre seus irmãos mortos. — Sim Mãe — sussurrou e a abraçou forte —. Estará tudo bem. Estaremos bem. Tanto Serge como eu.

Seu pai lhes uniu no chão e os três se abraçaram sussurrando palavras de amor e coragem.

—O que vai fazer com ela?

Serge deteve seu passear diante das janelas do balcão no apartamento de Katie no Society Hill da Filadélfia. — Nada. Matei ao sangue cheio que a espreitava, e o que consegui com isso?



Disse que era seu maldito dever o informar à polícia. A mesma maldita polícia que era incapaz de proteger a ela daquele bastardo em primeiro lugar.

— O conhecia?

— Não, mas sim me pareceu familiar. — Sacudiu sua cabeça —. Não é que tenha importância agora. Está morto e a pequena tola ingrata está a salvo.

— Serge, eu gostava mais quando estava apaixonado por ela.

— Bom, mais vale que se acostume a me ver assim porque tive suficiente de que ela esteja puxando a correia — disse ele fazendo movimentos cortantes com o bordo de sua mão contra sua garganta —. Ela quer foder a qualquer com um membro rígido, deixa-a.

— Começando por Aleksei?

Havia um fio na voz de Katie. Tinha-lhe perguntado sobre isto antes. Mas o deixou passar e deu de ombros. — Se for o que gosta. Espero que ele a foda até que não possa caminhar direita!

Katie, levava um caro vestido escuro feito a medida, cruzou a sala de estar e tocou seus braços. — Você não acha isso, Serge.

— Faça-o — Respirou profundamente e olhou à distância —. Mal pôde esperar que me fosse para deixar que a fodesse. Cadela tola e infiel!

— Serge, é indigno de você falar assim sobre sua Bloodlust.

— É uma fêmea quente que só estava interessada no tamanho de meu membro!

Ela levantou suas mãos, seus olhos se obscurecendo. — Não vou escutar isto de você! Ela é sua Bloodlust e não deveria tê-la deixado sozinha com Aleksei. Sabe que ele nunca fode a uma mulher sem se alimentar dela.

— Esse é seu problema. Pude sentir que desejava seu membro dentro dela. Bem, deixa à fêmea sentir suas presas também.

— Serge, não está pensando ou sentindo com clareza. Algo está terrivelmente mal. Vamos para casa ver mamãe.

Ele recordou o que Alex havia dito sobre estar doente. Alex se equivocava. Nunca tinha estado melhor. Junto com a raiva tinha uma sensação de poder que o emocionava. — Nada vai mau. Finalmente acabo de compreender que Derri Morgan não merece meu tempo ou minha atenção.

— Não te incomoda que Aleksei possa ir muito longe e matá-la?



Ele se afastou de Katie. Em alguma parte, muito dentro dele, pensar em Alex dormindo com Derri e logo a matando o incomodava. Mas não parecia poder se liberar da raiva que sentia, o bastante para se preocupar com isso. Talvez fosse porque em algum instintivo nível, sabia que Alex não lhe faria mal. Ele provavelmente a foderia até que mal pudesse caminhar, mas não a danificaria. — É muito tarde para detê-lo — disse ele tristemente —. Se o vir, o matarei.

— E isso é tudo? Serge, em primeiro lugar, não há nenhum modo de que o possa vencer. Se ele te ferir, Mikhel se veria obrigado por honra a ir atrás dele e assim mataria ao Mikhel. Então Mãe teria que enfrentá-lo. É isto o que quer?

— Não! Alex nunca faria mal ao Mikhel. Ele escaparia antes de ter que lutar contra Mikhel.

— Bem. Ele poderia não machucar Mikhel, mas quanto a você? Acha que queremos que lhe mate?

— Bom. Se ele matar Derri, o deixarei até aí. De acordo?

— Não, não está bem! Serge, ela estava ao seu cuidado. Não importa o que diga agora, confiava em você.

— E a protegi. Matei ao full-blood que a espreitava e em pouco tempo me ocuparei do chagal que o enviou. Que mais quer de mim, Katie?

— Quero que volte ali e me assegure que está bem. Mikhel e você prometeram protegê-la. Primeiro Mikhel a abandona para ir atrás de sua pequena vagabunda e agora você a deixa sozinha com o Aleksei que não pode deixar de colocar seu membro em qualquer buraco disponível. Você chama a isso protegê-la?

— Nos comprometemos a protegê-la de seu assediador. O fizemos. Agora ela terá que se arrumar só —. Ele deu volta e se dirigiu para a porta.

— Serge! Não vá assim.

Ele girou na porta. — A verei depois.

Ela cintilou através do quarto e o olhou. — Onde vai?

— Vou conseguir alguma boceta.

Ela agarrou seu braço. — Serge, não faça nenhuma loucura.

— Como o que?

— Como tomar a alguém pela força. — Cravou os dedos em seu antebraço —. Prometa-me isso Serge.



Ele moveu sua cabeça. — A única coisa que te prometerei é que Derri Morgan puxou que minha maldita correia pela última vez.

— Serge, por favor tome cuidado. Há algumas coisas que uma fêmea humana encontrará impossível perdoar. Apesar do que sente agora, sei que vai lamentar mais tarde. Tenha isso em conta quando partir daqui.

— Terminei com ela. Alex começou com ela. — Ele entrecerrou seus olhos —. Tem aqui o talismã?

— Sim. Por quê?

Ele estendeu sua mão. — me dê isso.

— Não, Serge. Pode ser perigoso se é usado incorretamente e tem a Vênus de Ébano. Já é o bastante.

— Me dê isso Kattia.

— Não, Serge — disse, seus olhos começando a brilhar —. E não se incomode em usar esse tom comigo. Não sou sua pequena noiva humana a que pode assustar de morte. Não lhe darei isso. Não está em condições de ter ambos os talismãs.

— Me dê isso Katie. Não lhe pedirei outra vez.

— Não vou lhe dar. Se pensar que pode me tirar isso faz a tentativa.

Ele sentiu uma quebra de onda de cólera e de raiva. O tiraria. Então sacudiu sua cabeça. Não. Esta era Katie, sua irmã mais nova. Talvez Alex tivesse razão. Ocorria algo mau. Mas maldito fosse ele se ia correr para casa como o colegial que Derri sempre o acusava de ser. Embora não estivesse seguro do que lhe passava, passaria a tormenta sozinho, longe de Katie. Agora, sentindo medo da raiva que se apoderava dele, abriu a porta do apartamento e partiu. Sabia que estava perigosamente perto de estar fora de controle. Enquanto não houvesse perigo para Katie, não se preocupava. Deus ajudasse a quem se atravessasse em seu caminho.

Katie o viu partir, seu coração doía por ele. Estaria ali quando, e se é que, necessitasse dela. Enquanto isso, faria algo construtivo por ele. Jogou uma olhada a seu reflexo no espelho do vestíbulo e franziu o cenho. Tinha estado esperando por seus encontros, mas agora estava fora de questão.

Depois de tirar o vestido feito sob medida vestiu um par de jeans de grife, e saiu do apartamento. Embora dissesse a si mesma que estava chateada por ter que fazer uma viagem de



três horas às Montanhas Pocono, estava na realidade entusiasmada pela expectativa de ver Aleksei outra vez.

Sacudiu a cabeça. Não ia vê-lo. Ia se assegurar que a Bloodlust de Serge não sofresse nenhum dano.

Capítulo 15

OH, merda! Inclusive com os olhos fechados e a mãe de todas as ressacas que esmurrava em sua cabeça, Serge sabia que a mulher que estava empalada em seu membro não era Derri. Merda. O que tinha feito?

Pela primeira vez em semanas, sentiu sua cabeça clara e a raiva e a necessidade que tinha sentido de arremeter contra qualquer... se foi. O que tinha feito? Tinha deixado Derri, a mulher que amava, só com o Alex. E mais, tinha uma vaga lembrança de ter passado as semanas passadas montando a qualquer com uma saia. Não havia modo algum de que Derri alguma vez o perdoasse.

Ah, Deus, como podia tê-la abandonado? Depois de fazer todo o possível para que o temesse? Abriu os olhos e olhou à pequena e magra loira, deitada com ele. Diane. OH, merda!

Deu-lhe uma não muito suave sacudida e começou a afastá-la dele. Ela gemeu e despertou repentinamente. Quando levantou sua cabeça e o olhou, ele gemeu. Ah, Deus, o tinha encalacrado muito bem. Notando que pálida estava, seu olhar foi ao seu pescoço. Viu ali os reveladoras sinais e fechou brevemente seus olhos.

— Serge, espera — sussurrou ela —. Estou sedenta e dolorida.

Não querendo nada mais que se livrar dela para poder ir em busca de Derri, Serge fechou os olhos, se concentrando, e energicamente secretou uma corrente de semente e sangue nela. Quando a sentiu se agarrar ao redor dele, não fazendo caso de seus contínuos protestos, ele separou seu corpo e ficou em pé.

Ficou quieto um momento, olhando ao redor do estranho dormitório até que se deu conta



de que devia estar no apartamento de Diane. Era um apartamento diferente de que havia tido quando eles tinham saído brevemente.

Localizou a roupa em um montão perto da porta do dormitório junto com a sua. As recolhendo, se dirigiu para a ducha.

—Serge, espera e tomarei banho com você.

Ele se deu a volta para contemplá-la. Ela estava de pé. Parecia pálida e instável. Maldita fosse devia ter estado muito perto de consumi-la. Um breve flash de lembrança de Alex que o separava de Diane atravessou sua mente. Como diabos tinha terminado com ela? Sua última lembrança lúcida foi deixar o apartamento de Katie depois que tinha deixado Derri com o Alex. Quanto tempo tinha passado após?

— Tomarei banho sozinho — lhe disse e seguiu no banheiro. Permaneceu sob a água fria, tratando de recordar o que tinha estado fazendo além de danificar Diane. Ele estava em branco. Tinha que sair daqui e averiguar se Derri e Mikhel estavam bem.

Fechou a água, abriu a porta da ducha e se encontrou Diane, ainda nua, tentando se unir a ele.

— Que dia é hoje?

— Que dia? Dois de janeiro. Serge? O que vai mau? Parece tão diferente esta manhã. Ontem à noite e anteontem à noite foi tão selvagem e doce. Ah, Serge, nunca acreditei que o sexo poderia ser tão... maravilhoso ao mesmo tempo que doloroso. Houve algumas vezes que pensei que você ia me matar, mas desfrutei de cada minuto.

Ela tocou seu peito.

— Sabia que se esperava o tempo suficiente, voltaria.

Ele retirou sua mão.

— Não voltei. Tudo terminou entre nós, Diane.

Se era dois de janeiro significava que tinha estado fora de si durante quase duas semanas. Deste modo, era provável que tudo tivesse terminado entre ele e Derri também.

— Serge, por favor. Diga-me o que vai mau?

Ele girou para olhá-la. Conteve o impulso de mordê-la. Pela razão que fosse e que só Deus sabia, ele tinha acabado aqui com ela quando era a última pessoa que deveria ter procurado. Já que era assim, o menos que podia fazer era facilitá-lo o mais possível para ela.



—Diane, eu encontrei a uma mulher da que estou apaixonado. Sinto muito, mas tudo terminou entre nós.

—Se estiver apaixonado por alguém mais, por que esteve os últimos nove dias comigo?

Ele agarrou rapidamente uma toalha e começou a se secar. Nove dias? Ele tinha perdido o Natal em casa e Ano Novo. Seus pensamentos voltaram para Mikhel. Deus, por favor que esteja bem.

Desprezou a toalha e rapidamente se vestiu.

—Deve ter notado que algo estava mal comigo, Diane. Por que não se pôs em contato com minha família?

— Me fez prometer que não chamaria — ela sacudiu sua cabeça — Não recorda nada?

— Não muito. Tenho que ir a casa —. Ele saiu do banho.

Ela o seguiu pelo dormitório e a sala de estar.

— Me chamará, Serge? Por favor?

Ele fez uma pausa na porta do apartamento.

— Olhe, sinto-o muito, mas está terminado. — Ele vacilou e logo deixou o apartamento—. Pôde ouvir seu pranto e embora isto não o tinha incomodado da outra vez que a tinha abandonado, o incomodou agora. De todos os modos, partiu. Uma vez que tivesse comprovado Mikhel e Derri, voltaria e faria o que deveria ter feito na primeira vez que a deixou, a obrigaria a esquecê-lo.

Erika se sentou apoiada em vários travesseiros no dormitório que Mikhel e ela compartilhavam no Dodge House. Mikhel dormia com a cabeça em seu regaço. Ela passou sua mão através de sua cara. Pela primeira vez em semanas, seus pais lhe tinham permitido vê-lo. Sabia que tinha estado com muitas mulheres durante sua forçada separação. Ela tinha passado a maioria desse tempo com Matt Dumond, se perguntando como ela e Mikhel poderiam ter alguma vez uma vida juntos depois disto.

Ele insistiu em que fosse a casa com ele, e então manteve distancia dela. Quando ela mais o necessitava, teve que se sentar e olhá-lo foder e se alimentar de cada mulher à vista. Quando tinha chorado, seu pai a tinha sustentado nos braços e lhe havia dito que o que acontecia com



Mikhel não era culpa dele. Ele acariciou seu cabelo e disse que o banquete de indulgência de Mikhel não tinha nada a ver com seu amor por ela. Insistiu que se amava ao Mikhel, teria que entendê-lo e lhe perdoar.

Ela suspirou. Talvez tivesse passado muito tempo com os Dumond porque seu estilo de vida começava a ter um perfeito sentido para ela. Embora zangada e doída, sabia que já não tinha outra opção. Não só ia ter a seu bebê, também ia ficar com Mikhel.

Ele parecia tão pacífico à luz do abajur que iluminava sua cara. Para o bem ou para o mau, ele era seu. Acariciou sua bochecha outra vez. —Te amo, Mikhel. Sempre.

Ele se moveu e seus olhos se abriram.

—Erika?

Ela viu a confusão, o medo e a pena em seu escuro olhar.

Tinha medo de perdê-la. Sorriu, seus olhos cheios de lágrimas.

— Olá.

Ele se sentou devagar e tocou sua bochecha.

— Erika, Como está?

— Estou... bem.

— E... — Sua voz se acalmou e tocou seu estômago, que estava perceptivelmente inchado —. O bebê. Como está o bebê?

— Bem também. Estamos o dois bem ou o estaremos... se você o está. Como se encontra?

— Assustado. Eu... — Ele tragou várias vezes e apoiou sua cabeça em seu ombro —. Eu sinto tanto. Sei que deve ter tido medo e tem que me odiar e...

— Não! — Ela acariciou sua cabeça —. Seu pai me explicou tudo. Sei que fez o que tinha que fazer para sobreviver. Nunca poderei te odiar. Amo-te muito.

— Não posso recordar muito das semanas passadas, mas isso não significa nada.

— Sei.

Ele levantou a cabeça e a contemplou.

— Pode me perdoar?

Ela assentiu.

— Posso e o faço por tudo.

— Melhorarei para você, minha Erika. Prometo-lhe isso.



— Começa agora, me sustentando. Senti sua falta e te necessito.

Ele se abraçou a ela e a empurrou na cama. Estendeu a mão e apagou a luz. Seus lábios nos seus eram suaves e gentis. Seu membro, embora quente e duro se sentia completamente delicioso quando devagar perfurou sua faminta vagina. Passaram o resto da noite fazendo amor brandamente e de vez em quando bebendo o sangue do outro. Quando finalmente tirou seu membro e seus incisivos dela justo antes da alvorada, ela gemeu feliz e pressionou suas costas contra seu peito.

Ah, Senhor, esta era a maneira que ela desejava passar o resto de sua vida, com este homem grande, formoso e apaixonado ao que amava mais que a qualquer outra coisa.

— Tudo está bem com ambos, meus pequenos. Sim?

Mikhel, já meio adormecido, murmurou brandamente em resposta à voz tranqüila de sua mãe.

Erika abriu os olhos e viu Palea Dumond na entrada do dormitório, olhando-os, seus olhos escuros brilhando. Sorriu.

— Sim. Tudo está bem.

— Meu pequeno Mikhel fez todo o correto com você? Sim?

— Sim. OH, sim.

Ela entrou no quarto e beijou a ambos em suas bochechas.

— Logo teremos a um bebê na casa para amar e apreciar. Sim, minha pequena Erika?

A ternura que emanava da outra mulher encheu a Erika de uma sensação de calor e pertença. Palea estendeu uma mão e agarrou a Erika em um suave, mas forte apertão.

— Sim — confessou Erika.

— Ficaré e todos seremos muito felizes juntos. Sim, minha pequena Erika?

— Sim.

— Quanto?

— Para sempre — prometeu ela.

— Para sempre — Mikhel repetiu e esfregou seus lábios contra seu pescoço em uma carícia que continha uma promessa de amor e felicidade. Erika sorriu e fechou os olhos. Era amada e querida pelo homem mais maravilhoso do mundo. Ia ter a seu bebê, que estaria rodeado de uma família que o idolatraria e adoraria. Finalmente, ia ter tudo o que tinha desejado sempre.



Um pensamento repentino cruzou por sua mente e tremeu sem controle.

Mikhel apertou seus braços ao redor dela.

— O que ocorre?

— Estava tão emocionada de quão maravilhoso era estar com você outra vez, que me esqueci da Deoctra. Voltará?

— Não tem que ter nenhum medo dela, minha pequena Érika — disse Palea brandamente.

— Por que não?

— Porque Aleksei tratará de raciocinar com ela.

Nenhum dos vampiros que ela havia conhecido na comunidade se chamava Aleksei.

— Quem é Aleksei?

— Ele é como um irmão mais velho para mim — lhe disse Mikhel.

— E se não puder raciocinar com ela?

— Não enfaixa ao Aleksei tão barato — murmurou Mikhel, pousando seus lábios contra seu pescoço —. Seu talento com as senhoras é legendário. Se alguém pode fazê-la mudar de opinião sobre eu sendo seu Bloodlust, esse é Aleksei.

— Se nosso Aleksei não pode fazê-la entrar em razão, faremos o que seja necessário. Sim?

Erika tremeu. Inclusive pensar na morte de Deoctra era adequado. De todos os modos, considerando a alternativa...

— Espero que possa raciocinar com ela — disse, se apertando contra Mikhel.

— Em qualquer caso, não tem que ter nenhum medo, minha pequena. Não pense sequer nisso. Seus pensamentos serão de amor e de nosso precioso bebê que cresce em seu ventre. Sim?

— Sim — esteve de acordo, sorrindo —. Teria bastante de que se preocupar ao tratar de apresentar Mikhel e sua família ante sua própria família e amigos sem necessidade de Deoctra. Mas inclusive já não parecia a tarefa monumental que uma vez lhe pareceu. Tinha Mikhel de volta e iam ter um bebê. Enquanto estivessem juntos e apaixonados, poderiam enfrentar tudo o que a vida lançasse em seu caminho.

— Algo — prometeu ele.

Derri saiu do banheiro, ainda fraca de sua ducha, com uma toalha grande envolta ao redor



de seu corpo. Dirigiu-se à janela do dormitório e olhou fora. Era uma noite clara. A vista da janela era só outros altos edifícios. Não é que isto importasse. Seus pensamentos não eram agradáveis nem bem-vindos. Pela razão que fosse, a lua cheia a fez pensar em Serge.

Ela sacudiu sua cabeça e apertou a toalha. O problema era, que tudo a fazia pensar no Serge. Respirou fundo. Tinha que conseguir repor-se de suas emoções. Deveria se sentir relativamente bem. Já não estava sendo espreitada e os pesadelos se detiveram. Além disso, a preparação para o processo de Smith-Barley ia bem e quando se encontrou com Ralph Mariono, já não a fulminou com o olhar. Tudo o que tinha causado sua angústia e as noites insones estava fora de sua vida. O problema era que Serge também.

Serge. OH, Deus, Serge. Ela tinha sido uma completa tola ultimamente. Tinha sido estúpido deixar Karl, um homem que a amava e queria se casar com ela. Dormir com Serge tinha sido o maior engano de sua vida. Não, ingerir seu sangue havia sido provavelmente o engano maior que ela já tinha cometido.

Não tinha tempo que perder em desculpas. Dentro de cinco semanas teria que estar no tribunal cada dia quando ela e o fiscal comessem a escolher um jurado para o processo de Smith-Barley. Uma vez que o julgamento tivesse terminado, ia a Fênix e trataria de reavivar sua relação com Karl. Se ele ainda a quisesse, uma vez que conhecesse como ela tinha passado seu tempo separados.

Independentemente de que o que tinha ocorrido entre ela e Serge estivesse acabado, tinha-o estado desde que ele se foi, a abandonando com Aleksei. As lembranças de Aleksei trouxeram uma rajada de calor por seu corpo. Às vezes sentia como se ainda pudesse saborear seus lábios que queimavam os seus quando a beijou. Beijou-a? Violação tinha sido melhor. Aleksei não fazia amor com uma mulher, a consumia. Ainda não podia acreditar que realmente tinha dormido com ele. Quanto sabia, é que tinha sido o amante mais delicioso que tinha tido alguma vez. Então, por que tinham voltado imediatamente seus pensamentos ao Serge no momento que Alex tinha saído dela? Na realidade, inclusive enquanto Aleksei a amava, sua parte mais elementar tinha desejado que fosse Serge.

Aleksei a havia tocado fisicamente como nenhum outro homem fazia, mas não havia tocado suas emoções, seu espírito, ou seu coração como Serge fazia. Fechou seus olhos brevemente. Como para Serge. O sexo com o Aleksei tinha sido incrível a um nível físico. O sexo com Serge tinha



sido isso e mais. Havia algo encantado em fazer amor com um homem que soube que estava totalmente apaixonado por você.

Ah, colegial, tenho que te esquecer. Sim esquecerei.

Ela se girou da janela e agüentou a respiração quando um homem surgiu de entre as sombras de seu dormitório. No princípio, pensou que era Aleksei. Embora nenhum deles havia estado interessado em algo mais que no dia e a noite que tinham passado juntos, talvez tinha vindo vê-la porque se sentia quente. Bem, não estava inclinada a agradá-lo. Embora nunca tinha tido uma experiência sexual mais intensa, lamentou ter sucumbido à arruda e absoluta luxúria, entre eles. Agora sentia como se tivesse sido infiel a Serge.

— Desejaria meninos que aprendessem a chamar... — sua voz se desvaneceu.

Não era Aleksei, era Serge. Seus lábios se separaram e seu coração palpitou. Conteve seu primeiro impulso, de gritar de prazer e se lançar em seus braços. A última vez que viram um ao outro, ele se tinha passado em sua maneira de assustá-la. O que queria agora? Apertou sua toalha e se apoiou contra a janela.

Ele sacudiu sua cabeça e estendeu suas mãos abertas para ela.

— Derri... Eu... por favor não tenha medo de mim. Vim para ver se estava bem e te pedir perdão.

— Estou bem. Agora por favor, parte. Não quero te ver mais.

Ele passou uma mão por seu cabelo.

— Irei, mas tenho que te explicar.

Ela sacudiu sua cabeça, afastando seu olhar.

— Não quero ou necessito nenhuma explicação. Aleksei me fez um esboço em linhas gerais sobre algum banquete de indulgência onde tinha que ceder ante sua luxúria de sangue e sexo. Inclusive teve a desfaçatez de me dizer que teria que te perdoar tudo o que fizesse.

— E não acreditou nele?

— Não. Agora, faz o favor de partir? Por favor.

Ele fechou devagar a distância entre eles.

— Sei que te fiz mal e te assustei e o sinto infinito. Por favor. Só me escute até o final e logo prometo que irei.

— Só quero que vá, Serge. Por favor.



Ele tocou seu bochecha e conteve um fôlego quando ela estremeceu. Deixou cair sua mão.

— Derri, por favor... por favor. Eu estava... doente. Sabe... você deve saber que nunca teria feito nada de propósito para te ferir ou assustar. Estava doente.

— Sei que é o que sua irmã disse.

— Katie?

— Veio à cabana a noite que... foi. — Fez uma pausa, mordendo seu lábio, recordando a furiosa reação de Katie ao descobri-la com Aleksei.

— Não acreditou nela?

— Isto não importa, Serge. Disse que me amava... quase tinha acreditado nisso e depois simplesmente foi e me abandonou com um homem que...

— O que? — Suas mãos se estenderam e agarraram seus braços dolorosamente. — Te fez mal? O que te fez?

— Nada que não desejasse.

— Nada que não desejasse... — suas mãos apertaram seus braços — Então é verdade?

Ela estremeceu.

— Serge, por favor. Vou ter contusões amanhã.

Ele soltou seu apertão.

— Diz que você e... o deixou... dormiu com ele?

Ela era consciente que a olhava estreitamente enquanto seu olhar trocava agitadamente. Sabia que estava considerando lhe mentir por medo? A última coisa que queria lhe dizer era a verdade e fazer que se voltasse louco quando estavam sozinhos sem ninguém para interceder se perdesse os estribos. Ela sacudiu sua cabeça e viu que a mentira era desnecessária. Sua irmã lhe haveria dito certamente que tinha encontrado a ela e Aleksei quando acabavam de fazer amor pela primeira vez.

— Tenho que ouvir a verdade — lhe disse —. Ela sabia que foi um autêntico esforço para ele manter o tom baixo de voz e seus olhos sem brilhar. Graças a Deus não tinha mostrado seus incisivos.

— Sim — sussurrou.

Ele fez um som como de um pequeno cachorrinho ferido e se afastou dela como se lhe tivesse tentado golpear. Ele fechou suas mãos em punhos e devagar se deslizou para baixo pela



parede ao chão. Cobriu sua cara com seus antebraços.

— Por quê? Por quê?

— Não sei por que — confessou ela —. Não fui capaz de deter... a mim mesma. Eu... eu só sentia como que me puxava... como me passa com Mikhel.

— Como com o Mikhel? — Ele deixou cair seus braços e olhou para cima — E te deitou com Mikhel também?

— Não! Sabe que não o fiz.

Ele se sentou olhando-a.

— Como pode se deitar com outro homem?

— Como pôde me deixar com ele? O que pensa que aconteceria se simplesmente se largou depois de toda essa merda de que te amo e morreria para você?

— Isso não é merda! — ele ladrou e ficou em pé. Rodeou-lhe e fulminou com o olhar — Te amava! Sabe que te amava!

— Então por que me deixou quando tinha tanto medo e lhe necessitava mais? — exigiu, com os olhos cheios de lágrimas. — Sabia que tinha medo. Sabia que te necessitava e queria que ficasse, mas foi de todos os modos! Assustou-me de propósito e logo partiu e ele estava ali... me falou brandamente, me sustentou e me beijou quando lhe necessitei e quis. Que acreditava que passaria, Serge?

O que esperava que eu fizesse?

— Não esperava que lhe deitasse com ele! — Se rompeu, rastelando uma mão por seu cabelo —. Tem que entender, Derri. Eu estava doente! Nunca teria feito nada para te ferir se tivesse podido pensar claramente. Você sabe — ele sustentou suas bochechas entre suas úmidas palmas —. Não é assim?

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não. Não sei, nunca mais, Serge. Nunca pensei que teria alguma vez medo de você, mas o tive esse dia... e o tenho agora.

— Não há nenhuma necessidade! Ah, Derri! — ele liberou sua cara e deslizou suas mãos por seus braços. Quando ela não fez nenhum esforço para se separar dele, abraçou-a e pressionou sua cara contra seu cabelo. — Sinto tanto. Por favor. Por favor, trata de me perdoar.

Ela elevou a vista, seus olhos cheios de lágrimas.



— Eu... eu não posso te sentir mais, Serge. Não sei o que pensa ou sente — ela fechou suas mãos em punhos e golpeou seu peito — Se foi dos meus pensamentos!

— Sei — disse tristemente —. Eu tampouco posso sentir ou ouvir seus pensamentos mais e me sinto tão vazio sem você em minha cabeça. Mas Derri, está ainda em meu coração.

— Ah, Serge! — ela se derreteu contra ele e começou a soluçar. Ele a levantou em seus braços e a levou a cama. Acomodou-a, tirou a toalha, se despiu e se meteu na cama com ela.

Ainda soluçando, ela deu volta e o abraçou.

Serge a sustentou em seus braços enquanto chorava durante quase toda a noite. Sentiu como se seu coração fosse arrancado de seu peito enquanto a ouvia e sabia que era responsável por sua dor e miséria. Sentiu-se tão indefeso. Não havia nada que pudesse fazer para aliviar sua dor, nenhuma comodidade que pudesse lhe oferecer. Pela primeira vez em sua vida, lamentou o que era. Se não tivesse sido em parte vampiro, nunca a teria abandonado, nem a teria decepcionado, ou a teria levado a este miserável estado.

OH, Deus, pensou, arrojado seus olhos brevemente para o teto. Por favor, me ajude a fazer o correto com ela. Embora ele já não pudesse ouvir seus pensamentos, ele podia sentir seu medo. Odiava lhe haver feito isto, à única mulher que já tinha amado. Deu-se conta claramente que até se finalmente o perdoasse, poderia haver consequências a longo prazo pelo que ele tinha feito.

Capítulo 16

Serge ouviu Derri na ducha quando despertou. Permaneceu na cama sozinho, escutando o som da água, se precavendo de quanto tinha perdido. Antes da loucura que foi o banquete de indulgência, ele não teria perdido tempo em se despir e se unir a ela na ducha. Merda! Antes da loucura, não teria que se despir porque já teria estado nu. Agora sabia que não seria bem-vindo.

Deu a volta e sepultou sua cara no travesseiro. Deus, por favor, deixa que me perdoe e não tenha medo de mim.

— Está acordado, Serge?

Ele recompôs sua cara e girou sobre as costas. Ela estava de pé na porta do banho, totalmente vestida. Vestiu-se no banheiro para evitar fazê-lo diante dele.



— Está... faminto, Serge?

Odiava que já não se sentisse o bastante cômoda com ele para chamá-lo colegial ou olhos cinzas. Recordou o espírito e o fogo nela que tinha permitido que o desafiasse, inclusive depois de saber que era um vampiro. Tinha matado esse espírito e esse fogo? Sentou-se e estendeu uma mão. — Derri? Amor, por favor, me perdoe.

Ela permaneceu onde estava, sacudindo sua cabeça.

— Se não tiver fome, vou ao trabalho cedo. Fecha quando partir, de acordo?

Ele deixou que sua mão caísse a seu lado.

— Derri, por favor...

— Serge, não pode simplesmente voltar para minha vida e esperar retomá-la de onde o deixou. Estava pronta para te dar meu coração e o abandonou junto comigo e disse ao Aleksei que eu era sua para o que desejasse. Bem, Serge, e se ele tivesse desejado me matar?!

— Ah, Deus, Derri! Sei o que disse, mas sabia que ele não te faria mal.

— Não, não sabia!

— Sabia. Não sei como sabia, mas sei que ele não te faria mal. Por favor...

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não quero mais falar disto. Partirei agora. Por favor, me deixe em paz.

Na porta do dormitório, fez uma pausa e olhou para trás.

— Serge, como está Mikhel?

— Ele está melhor, obrigado — sorriu — vai ser pai por fim.

— Por fim?

— É algo que quis durante os últimos vinte e cinco anos mais ou menos.

— Então estou muito contente por ele. E Erika? Como vai ela?

— Ela... está bem... o ama e lhe perdoou seu banquete da indulgência, Derri.

— Tem feito? Bem, eu não sou Erika, Serge — disse com um pouco de seu antigo fogo.

— Sei e eu não desejaria que fosse de outra maneira. Te amo como é. Sabe.

Ela sacudiu sua cabeça, seus olhos marrons cheios de lágrimas.

— Duvido que possa acreditar que me ame mais, Serge.

Ele estendeu suas mãos indefeso.

— Faça. Deus é minha testemunha, te amo mais que a minha vida. Eu não podia me



controlar. Tentei, mas não podia deter o que estava me ocorrendo. Mas até estando a borda da loucura, Derri, voltei para enfrentar ao sangue cheio que tinha intenção de te matar. Isso não significa nada?

— Tudo o que significa é que é capaz de matar de maneira brutal e sem remorsos, Serge.

Ele conteve o fôlego e lutou com força para manter a calma. Tinha-lhe feito dano e a tinha decepcionado. Agora queria lhe infligir tanta dor como fosse possível. Ao menos isto é o que se disse. Realmente não podia querer dizer que pensava que ele era um assassino brutal e desumano.

— Necessito que me perdoe — disse tristemente.

— Bem, eu não agüentaria a respiração esperando a que ocorra se fosse você, Serge.

Ele a olhou sair do dormitório. Merda! Não ia lhe perdoar. Caiu na cama e sepultou sua cara no travesseiro, inalando seu aroma.

Que demônios se supunha que tinha que fazer agora?

Sentiu um zumbido na nuca. Girou rapidamente, saltando em seus pés e ficando de cócoras. Alex, tendo posto um traje cor lavanda pálido combinando com o chapéu permanecia de pé na entrada.

— Bastardo — vaiou.

Os olhos azuis de Alex se estreitaram ligeiramente.

— Me alegre de te ver também, cachorrinho.

— O que faz aqui?

Alex tirou seu chapéu e o atirou na cama.

— Vim para te ver. Como se sente?

— Homicida. Dormiu com Derri. Bastardo, não tinha nenhum direito. Como pode tocá-la? — grunhiu.

Alex deu de ombros.

— Se lhe gosta recordar, você a abandonou necessitando consolo. Consolei-a.

— Poderia tê-lo feito sem fodê-la!

Os lábios do Alex se apertaram.

— Primeiro, não a fodi. Fiz-lhe amor e a consolei como Mikhel teria feito. Não esteja de pé ali tratando de fingir que Mikhel não lhe teria feito amor em circunstâncias similares. Ambos



sabemos que o teria feito e você o teria aceito.

A comparação dele com Mikhel foi a gota que encheu o copo.

Serge cintilou através do quarto e lançou uma série de ferozes golpes em Alex. Para seu assombro, fizeram contato e Alex caiu. Ele se jogou sobre o corpo caído de Alex.

Quando fechou suas mãos ao redor do pescoço de Alex, encontrou seus olhos azuis, da mesma cor que Katie. Como poderia afogar a um homem que tinha os olhos da mesma cor que sua irmãzinha? Liberou seu apertão da garganta de Alex e se cambaleou a seus pés, aturdido. Não se enganava. Sabia que Alex tinha permitido que o golpeasse, como Mikhel fez uma vez.

A pergunta era por que.

Alex se incorporou e escovou seu traje, seus olhos azuis entrecerrados e brilhantes.

— Este foi meu primeiro e único presente, cachorrinho. Me comportei como Mikhel teria feito — disse em voz baixa.

Ele nivelou um dedo zangado para Alex.

— Não se compare a ele! Ele é meu irmão.

Uma longa pausa seguiu antes que Alex respirasse fundo e o olhasse.

— Como eu o sou — disse tão brandamente que Serge apenas o ouviu.

— Mentiroso! Como se atreve a mentir?

— Não é uma mentira, Serge. Por que supõe que Mikhel e eu sempre estivemos tão próximos?

Ele não podia negar que fossem próximos. De fato, freqüentemente se ofendia pela proximidade entre os dois homens.

— Está dizendo que Mikhel... sabe?

— Não. Ele não sabe, mas sente que há uma razão para estar perto de mim. Como você, se pudesse eliminar a idéia de que quero me interpor entre Mikhel e você.

— Isto não é certo! Inclusive se o que diz for verdadeiro, nada e ninguém nunca poderia se interpor entre nós.

Alex assentiu com a cabeça.

— Assim é. Nada poderia mudar a maneira em que se sentem um a respeito do outro. Sou o último que quereria fazer isso, mas te digo a verdade, Serge. Somos irmãos.

Ele olhou fixamente aos olhos de Alex e soube que o que dizia era de algum jeito



verdadeiro. Em algum nível instintivo, sempre soube que poderia confiar em Alex, mesmo que sentia que o odiava. Depois de tudo, tinha confiado a Alex sua posse mais preciosa. Derri.

— Como? — finalmente perguntou.

— Da maneira habitual, temos a mesma mãe.

Ele sacudiu sua cabeça e se aproximou da cama onde se sentou na borda.

— Não. Se for seu filho, nos teria dito.

— Ela não sabe.

— Isto é uma mentira. Como diabos podia ela não sabê-lo?

Os olhos de Alex se estreitaram em finas ranhuras.

— Estou me cansando um pouco de seu empenho em me chamar mentiroso. Direi outra vez que irmão ou não, não sou como Mikhel. Não estou preparado para agüentar todas suas tolices e desobediências como ele faz.

Serge era agora um full-blood, igual a Alex. Concedido, o outro vampiro era ainda mais forte e com mais experiência, mas ele não estava inclinado a recuar. De todos os modos, decidiu deixar passar a advertência. Derri não apreciaria a destruição de seu dormitório por dois vampiros lutando.

— Como é possível que não saiba que é seu filho? É quase impossível esconder nada dela.

Alex suspirou e sacudiu sua cabeça, parecendo cansado.

— Isto é uma longa e feia história da qual não tenho nenhum desejo de falar neste momento.

Serge fez uma careta.

— Que conveniente.

Alex o surpreendeu sorrindo e sacudindo sua cabeça, lançando seu cabelo que caía em cascata ao redor de seus ombros.

— Sim, não é? Agora só quero te dar algo que desejei durante muito tempo.

— O que? — perguntou Serge cansadamente. Sabia que Mikhel chutaria seu traseiro se acreditava que se comportou mau.

Alex abriu seus braços.

— Um abraço. Venha aqui, meu zangado cachorrinho.

Serge respondeu como tivesse feito ante uma petição similar de Mikhel, levantou-se e



devolveu o abraço de Alex.

Derri encontrou várias dúzias de rosas que a esperavam quando chegou ao trabalho depois de conduzir sem rumo fixo durante uma hora. Dirigiu-se a seu escritório e levantou o cartão do ramallete.

Por favor. Me perdoe. Seu colegial que te ama tanto que dói. S.D.

Ela se afundou na cadeira. Como poderia voltar a confiar nele outra vez, embora realmente o perdoasse? Fechou seus olhos, recordando a noite passada. Inclusive embora ainda tivesse medo dele, tinha se alegrado de o ter ali. Sabia que estava perigosamente perto de cruzar a linha de estar apaixonada por um vampiro que era capaz de matar sem remorso e igualmente capaz de fazê-la sentir um medo mortal dele. Como tinha deixado que passasse isto e o que se supunha que ia fazer se ele não a deixava em paz? Pior era seu crescente medo de que ela não quisesse ser deixada em paz.

Além disso, não tinha sido completamente irrepreensível. O tinha empurrado até que ele perdeu os estribos. E ninguém tinha posto uma arma na cabeça para que se deitasse com Aleksei. Infernos, nem sequer estava segura de por que o tinha feito. Embora o sexo com ele tivesse sido fantástico, não tinha valido o risco de arruinar sua relação em crescimento com Serge.

Serge estava esperando fora de seu bloco de andares essa noite quando chegou a casa. Seu coração se apressou e estava molhada só de olhá-lo. O desejava mais que nunca, mas tinha que ser forte.

— Serge. O que faz aqui?

Lançou-lhe um tentativo sorriso.

— Os Diamonds jogam esta noite. Pensei que você gostaria de vir à partida comigo.

Ela tinha muita vontade de ir e conhecer alguns moços que significavam tanto para ele, mas nunca acabaria se não se atinha o seu plano de ação.

— Lamento, mas vou trabalhar esta noite em casa.

Ele suspirou e passou uma mão por seu cabelo.



— Posso vir te ver depois da partida?

As lembranças de quão agradável tinha sido tê-lo em sua cama na noite anterior a alagaram. Senhor, seria maravilhoso que lhe fizesse amor outra vez. Tinha passado uma eternidade desde que haviam feito amor. Entretanto, pensar com seu lado tórrido era o que a tinha colocado nesta situação.

— Serge, acabou.

— Não terminou! Nunca estará terminado para mim! — gritou, seus olhos cinzas com redemoinhos de pequenas correntes zangadas.

— Sempre te amarei e necessitarei. Derri, quando nos apaixonamos, é para que dure. Por favor. Deixe-me tratar de expiar o que tenho feito.

Por que não podia simplesmente dizer não e se afastar? Por que era tão fraca quando ele estava preocupado? Por que estava ali sentindo sua dor?

Enquanto permanecia ali tratando de reunir forças para se afastar, ele fechou a distância entre eles e a apoiou contra a parede do edifício. Ele inclinou sua cabeça e salpicou seus lábios ligeiramente separados com beijos famintos.

A sensação de seu membro endurecido contra ela quase a levou a completa rendição. Se desfez do desejo que crescia nela e empurrou furiosamente seus ombros.

— Não, Serge! Não. Para. Pensa que posso esquecer tudo o que passou nas semanas passadas tão facilmente? Bem, pois não posso.

Seus olhos cinzas se atenuaram e seus ombros caíram. Ele andou longe dela.

— Derri. Derri, por favor. Por favor — pediu —. Tem que me perdoar. Eu não pude evitar como me comportei. — Ele seguiu com uma larga explicação. Ela só meio escutava, esperando lhe ouvir dizer que ela tinha dormido com Alex e não tinha nenhuma desculpa como seu banquete de indulgência. Para sua surpresa, ele não o fez. E mais, soube que não o utilizaria contra ela ou o lançaria à cara. Se ele podia lhe perdoar tão facilmente, talvez ela tivesse que refletir sobre sua posição. Talvez fosse um pouco irracional porque pensar nele com outras mulheres era mais do que podia suportar.

— Talvez não pudesse, mas não quero te ver outra vez esta noite, Serge. Por favor. Não volte aqui esta noite.

Ele a contemplou durante vários segundos em silêncio, seus olhos cinzas brilhando então



deu a volta e se foi em um movimento impreciso.

Uma hora mais tarde, duas dúzias de rosas e uma caixa de bombons chegaram. Cheirou as rosas e comeu vários bombons enquanto trabalhava na esquina de seu dormitório onde tinha seu computador. Depois de uma ducha rápida, se secou e deslizou na cama, pensando em Serge.

O telefone soou quando estava a ponto de dormir. Estendeu a mão e levantou o receptor e o sustentou contra seu ouvido sem sentar-se.

— Olá?

— Olá.

— Serge. — Apesar de si mesma, notou que sua voz se suavizava — São mais de onze horas.

Ocorre algo mau?

— Sim, não estamos juntos. Sinto sua falta. Preciso de você.

Ela fechou os olhos e tombou de costas. Mordeu-se o lábio para impedir de sussurrar que sentia falta dele e o necessitava também.

— Serge, é tarde.

— Já sei.

— Estou na cama.

— Está segura de que não posso ir? Posso estar ali em uns minutos e prometo que não tratarei de te fazer amor.

— Não, Serge. Amanhã vai ser um dia muito comprido. Deveria te dar boa noite.

— Okey...Te amo...boa noite.

—Antes que desligue... que tal a partida?

— Os amassamos.

Ela sorriu. Ele soava satisfeito, parte orgulhoso como um pai.

— Felicidades. A propósito, Qual foi o resultado?

— Posso dizer que os aniquilamos?

— O resultado, Serge.

—Oitenta e cinco a cinquenta. Tínhamos quatro tipos com dupla figuras.

— Dupla figuras?

—Quatro meninos marcaram dez pontos ou mais. Derri, os tipos estavam conectados.

Acredito que o vamos estar todo este ano — lhe disse.



— Serge, a temporada está a só umas partidas de acabar.

— Sei, mas se tivesse visto nossos meninos jogar esta noite, Derri, saberia o que quero dizer. Estão conectados. Cada um estava em seu lugar e no jogo de equipe e o comportamento desinteressado era imponente. Aprenderam muito da última temporada. É incrível... são o melhor grupo de meninos que jamais encontrará. Tem que conhecê-los, Derri. Estará impressionada por seu duro trabalho e determinação.

Ela assentiu. Realmente se preocupava com seus meninos.

— Parecem uma grande equipe, Serge.

— São. Se os conhecer, cairá apaixonada por eles como eu. Um tipo disposto para o serviço comunitário.

— É um vampiro assombroso, Serge Dumond.

Ele ficou silencioso durante vários segundos.

— É isso uma coisa boa?

— Sim. Acredito que é — confessou ela, logo continuou rapidamente —. Tenho-te que desligar.

— Bem. Boa noite.

Ela desligou e rodou sobre seu estômago em um esforço para aliviar a ânsia de seu corpo por ele. Da maneira em que as coisas estavam, não sabia quanto poderia resistir a sua necessidade dele.

— Por que simplesmente não toma a puta?

Serge deixou de passear diante das portas da sala de estar de Katie e girou para confrontá-la.

— Quantas vezes tenho que te dizer que não é uma puta? — ladrou.

Katie sacudiu sua cabeça, enviando seu comprido cabelo ao redor de sua cabeça em uma nuvem escura.

— Ah, por favor, Serge. Economize-me a justa indignação. Não estaria tão seguro se a tivesse visto estendida sob Aleksei gemendo e lhe apertando enquanto a fodia como louco! Ela é uma puta barata! Supõe-se que não tem que querer a outro homem, exceto Mikhel!

Serge tomou várias respirações profundas. Katie não sabia que Alex era seu irmão. Alex lhe



havia dito que ele desejava dizer aos outros, começando por sua mãe mas em seu momento. Tinha concordado em guardar o segredo.

— Katie, não vou te escutar insultar à mulher que amo. É indigno de você.

Ela suspirou e lançou seus braços ao redor dele.

— Ah, sinto muito, Serge. Por favor, me perdoe. Não o queria dizer. Sei que a ama e sabe que se fizer falta, eu poria minha vida em primeira linha para protegê-la.

Ele beijou seu cabelo e a abraçou.

— Sei, mas há coisas que não conhece.

Ela se afastou e o olhou, seus olhos se obscurecendo.

— O que está me ocultando, Serge? O que vai mau?

— Nada. Só precisava falar com você.

— Quer que fale com ela?

— Não! Obrigado, mas...

— Não é correto que ela te faça rogar pelo que de forma legítima é teu. Por minha vida, Serge, não posso imaginar o que você ou Aleksei vêem nela. Acredito que seus encantos estão superestimados.

Ele suspirou. Por que tinha vindo falar com Katie? Desde que ela tinha pego Derri e Alex, não tinha tido nada bom que dizer sobre Derri. Ele suspeitava que sua cólera para Derri não era completamente em sua honra. Quando Alex dissesse ao resto da família o que ele era, melhor. Olhou para Katie. Tinha a incômoda sensação de que tinham que dizer a Katie a verdade sobre o Alex o mais breve possível.

Ele se inclinou e beijou sua bochecha.

— Me acredite, não estão supervalorizados.

Ela o contemplou com tranquilidade durante um momento antes de lhe lançar um sorriso conhecedor.

— Boa vagina?

— Esse não é seu único atrativo — protestou, estranhamente resistente a falar de sua vida sexual —. Além de ser formosa, ela é inteligente, graciosa, e valente. Quando pensou que o full-blood que despachei ia fazer me mal, ela esteve pronta para vir em minha defesa, embora estava totalmente assustada. A maioria de seu tempo livre o passa fazendo coisas para outras pessoas



em refúgios, cozinha para indigentes, e escolas alternativas. Ela não assina um cheque para obras benéficas e se recosta para esperar as felicitações. Não tem medo de sujar as mãos. Quando há uma necessidade, está ali e ajuda. Há muito mais, além disso, do sexo nela para admirar e amar. E o faço.

O sorriso do Katie era genuíno.

— Sim, posso ver como este tipo de comportamento atrairia ao trabalhador social frustrado em você.

Quando ele franziu o cenho, se precipitou em esclarecer.

— Quero dizê-lo como um elogio, Serge. Sua Derri parece perfeita para você. Juntos podem resgatar a todos os desafortunados do mundo. — Ela tocou sua bochecha —. Enquanto isso, que saiba que tudo acabará bem para ambos no final.

— Está segura?

Ela assentiu.

— É obvio que estou segura. Vamos ter a um bebê na família e tudo estará bem, Serge — lhe sorriu abertamente —. Talvez teremos dois.

Seu coração golpeou.

— Dois? É Erika que vai ter gêmeos ou está implicando que Derri e eu vamos a ...

— Erika não vai ter gêmeos, Serge.

Ele respirou profundo. Pensar em engendrar um menino com Derri enviou um jorro de prazer através dele. Mas por tudo o que sabia Derri poderia não querer meninos... ao menos não com ele.

— Está grávida?

— Não acredito.

Deus esperava que não, não a menos que fosse ela quem os desejasse. Ele sabia que ela não levaria nada bem uma gravidez não desejada, sobretudo depois de que lhe tinha assegurado que não tinha que se preocupar deste problema.

— Não falo de agora, Serge. É só uma vaga impressão que não posso agarrar. Mas só sei que tudo acabará bem para você e sua formosa, valente e inteligente Derri.

— Ela é isso e mais, Katie.

— Não se preocupe, Serge. As coisas funcionarão.



Se só pudesse estar seguro de que ela não tratava só de lhe tranquilizar.

Várias noites mais tarde, Derri encontrou Brad Harris no estacionamento. Ela sorriu e saudou, tendo intenção de seguir seu caminho.

Ele voltou atrás e foi em sua direção. Tinha deixado já seu abrigo dentro de seu carro. Ia vestido com um traje escuro com gravata de seda e camisa branca que contrastava atrativamente com sua pele escura. Era um homem arrumado.

— Derri. Como está?

— Bem. E você?

— Fenomenal. Ocupada? O que te parece jantar esta noite?

— Jantar? Esta noite? — Deveria aceitar. Era um homem atrativo interessado em uma relação com ela. Era o momento de fazer algo inteligente. Mas ela não queria ser inteligente, queria Serge.

— Sim — sorriu ele —. Esta noite. Pensei talvez que poderíamos... — ele se calou e olhou por cima de seu ombro — Posso lhe ajudar?

Ela deu a volta para ver Serge a menos de um metro deles. Seu coração golpeou como louco e, como de costume, teve vontade de se precipitar nele e se deitar em seus braços.

Serge contemplou Brad, seus olhos cinzas escuros e tormentosos.

— Tem algum problema? — Brad soou zangado.

— Não — Serge respondeu com voz tranqüila, perigosa —. Você é o que tem um problema.
— Ele começou a avançar para eles.

— Serge, o que faz aqui?

Brad jogou uma olhada brevemente para Derri.

— Quer que me desfaça dele?

— Não, não — antes que Serge pudesse responder, ela posou suas mãos contra seu peito—. Não, Brad. Obrigado, mas não é necessário. Posso dirigi-lo.

— Está segura? — Brad contemplou Serge —. Parece um pouco... instável. Olhe seus olhos.

— É obvio — disse ela, com medo de que Serge pudesse atacar Brad se não partia logo. Quase podia sentir a raiva e os ciúmes que enchiam Serge. — Eu o conheço e estarei bem.



— Eu não gosto da idéia de te deixar com ele. Está segura?

— Sim. De verdade. Vá. Agora. Por favor. — Suspirou com alívio quando Brad girou e devagar andou para seu carro e finalmente se foi. Só então se voltou para Serge. — Como se atreve? Quem você acha que é?

— Sei que sou o homem que te ama mais que a minha vida.

O contemplou, seus lábios separados em um mudo suspiro.

Como diabos se supunha que uma mulher podia permanecer firme quando ele ia e dizia coisas assim? E mais, sabia que ele queria dizer o que havia dito.

— Serge.

Ele se inclinou e beijou sua bochecha.

— Amo você.

Ela se apoiou contra ele durante uns doces momentos antes de se afastar.

— Tenho que ir, Serge. Antes que vá quero que me prometa que não tratará de machucar Brad.

Seus olhos se obscureceram.

— É esse seu nome?

— Sim, e quero que me prometa que não vai fazer mal a ele, Serge.

— Há algo entre os dois?

— Não!

— Então não tem nada do que se preocupar.

— E se houvesse?

Sua única resposta foi apertar seus lábios.

— Se pensar que a deixarei me assustar em...

— Você não é quem tem que ter medo. Qualquer homem que acredite que vai te separar de mim, deveria ter muito medo.

— É impossível, Serge. — Entrou em seu carro e se foi. Tinha medo de que a seguisse, mas se o fez, ela não se deu conta. Fez uma careta, não é que necessariamente o pudesse saber. Depois de tudo, ele a tinha seguido durante semanas sem que fosse consciente disso.

Uma vez na cama, esteve sem poder dormir durante horas nas que teve saudades de Serge e desejando ter permitido que a acompanhasse antes que finalmente dormisse.



Na manhã seguinte se encontrou com Brad fora da sala de conferências principal.

— Bom dia, Derri. É um alívio te ver.

Ela sacudiu sua cabeça.

— Aprecio sua preocupação, Brad, mas não é necessária. Não estava em nenhum perigo ontem à noite.

— Já o vejo. — Ele fez uma pausa durante uns momentos antes de continuar.

— Estão...saindo?

— Sim. — Sua rápida resposta, inequívoca a surpreendeu.

— Já vejo. Bem...nesse caso, não tirarei mais de seu tempo. — Ele saudou ligeiramente com a cabeça e se afastou.

Ela deu a volta e se dirigiu na outra direção.

— Ah, Derri?

Ela jogou uma olhada sobre seu ombro e viu que Brad tinha parado perto de seu escritório.

— Sim?

— Boa sorte com o caso Smith-Barley. Se posso ajudar de algum modo, me avise.

— Farei. Obrigado. — Sorrindo, foi ao seu escritório. Passou a manhã trabalhando tranqüila. Tinha uma salada em sua escrivaninha para o almoço e seguiu trabalhando até que o telefone de seu escritório soou na última hora da manhã. Ela apertou seu intercomunicador. — Sim?

— Derri, Serge Dumond está aqui para te ver. Não tem uma hora marcada, mas... Ele não a necessita.

— O envie aqui, por favor. Obrigado.

Um momento mais tarde a porta de seu escritório se abriu depois de um golpe de cortesia. Serge, vestido em seu negro habitual entrou. Cruzou o quarto, se inclinou sobre sua escrivaninha, e a beijou. Ela tomou um fôlego, fechou seus olhos, e se perdeu no beijo. Tinham passado anos desde que tinham compartilhado um verdadeiro e apaixonado beijo e sentiu como se beijassem pela primeira vez.

— Amo você — sussurrou ele contra seus lábios.

Ela retrocedeu, respirando ofegante.

— O que... posso fazer por você?

Ele tocou sua bochecha.



— Almoça comigo.

— Eu...Serge, necessito tempo. Tudo o que ocorreu e...

Ele rodeou a escrivaninha e se colocou a seu lado.

— Almoça comigo... e me chame colegial ou olhos cinzas. Se me chamar de Serge outra vez, vou tomar reféns.

Ela riu e tocou sua bochecha.

— O que fosse que houve entre nós se foi. O perdemos.

Ele agarrou sua mão e a estendeu sobre seu coração.

— Não. Não se foi. Está ainda aqui, Derri. Almoça comigo e podemos descobri-lo de novo.

— Serge...

— Os Diamonds jogam amanhã à noite. Virá?

Em vez de sacudir sua cabeça, ela se encontrou assentindo. Que demônios.

— Sim, Serge, irei.

Ele conteve o fôlego

— E depois da partida, me deixará te levar para casa?

O chamariz de estar a sós com ele em seu dormitório outra vez, era uma tentação muito capitalista para seguir lutando. Seu desejo por ele, sempre em um lento e estável fervor ameaçava ardendo fora de controle. Ela se levantou e andou ao redor da escrivaninha e foi a seus braços.

— Me abraça? Por favor?

— OH, Deus, obrigado! — sussurrou ele e abrigou seus braços ao redor dela — Obrigado por me dar outra oportunidade com ela.

Um vampiro que acreditava em Deus e lhe dava obrigado quando as coisas iam bem? Quantas probabilidades havia? Independentemente das que fossem, tinha a sensação que este vampiro, seu vampiro, merecia uma segunda oportunidade.

Talvez estivesse louca ou talvez simplesmente apaixonada. De uma ou outra maneira, desejava uma relação com este formoso, volátil e apaixonado vampiro. Já tinha aprendido que havia um definido perigo ao se unir a ele, mas também tinha passado as quatro semanas mais miseráveis de sua vida sem ele. Parecia um trato justo.

Ela enterrou seus dedos por seu cabelo.

—Não sei o que você esteve fazendo ou com quem, mas agora que está de volta, é meu,



colegial.

Ele fechou seus olhos e sepultou sua cara contra sua bochecha. Sentiu-o estremecer e apertou seus braços ao redor dele.

— É meu — disse ela outra vez.

Ele hesitou brevemente antes de se afastar dela e tirar algo de seu bolso de trás. Quando ele abriu sua mão, viu o pequeno talismã de ouro que tinha pertencido a Cassy em sua palma.

— Toma minha mão, Derri.

Ela umedeceu os lábios, sacudindo sua cabeça.

— Não, Serge. Não é uma boa idéia.

— Toma minha mão. Isto só causará problemas às pessoas que não se ama. Isso não nos inclui, minha beleza de ébano. Toma minha mão.

Ela sabia que era uma má idéia, mas se sentiu tão vazia e perdida sem ele em sua cabeça e seus pensamentos. Lambeu seus lábios outra vez, respirou fundo, e tomou sua mão. Uma série de descargas elétricas chispavam imediatamente por ela. Junto com a descarga de eletricidade, vieram os pensamentos de Serge.

— Serge! Posso te sentir outra vez! — gritou, lágrimas felizes se derramavam por suas bochechas.

Rindo, com seus próprios olhos brilhando, levantou-a nos braços e a girou ao redor até que esteve enjoada, então cobriu seus lábios com os seus.

Deus, te amo tanto! Realmente morreria por você.

Uma quebra de onda de alegria palpitou por ela. Levantou sua cabeça e sorriu entre as lágrimas.

— Sei que o faz, mas te quero vivo, meu colegial de olhos cinzas — ela tocou seus lábios —. Sinto muito.

Ele franziu o cenho.

— Por quê?

— Não deveria ter dormido com Aleksei. Não sei por que o fiz. Se pode me perdoar por isso, eu posso te perdoar.

Ele acariciou suas bochechas.

— Sobre o que te deitasse com o Alex... não é por sua culpa.



— Sim, foi.

— Não, não foi. Alex me disse que ele te explicou por que se sentia atraída por Mikhel.

Ela assentiu.

— Ele me disse que uma vez que uma pessoa ingeriu o sangue de vampiro, eles chegam a se sentir... atraídos por outros que compartilham o mesmo sangue que seu amante vampiro. Agora sei por que me sinto atraída por Mikhel, embora te quero mais que a nada. Mas, Alex não é seu irmão.

— Sim, é. Ao menos é meu meio-irmão.

— É seu meio-irmão? — Ela caiu contra ele —. Ah, graças a Deus. Pensei que estava enlouquecendo — ela elevou a vista nele. — Há algo que tenho que te dizer.

Ela sentiu que ficava rígido.

— O que?

Ela umedeceu seus lábios.

— Eu... eu te amo, colegial.

Ele respirou fundo e ela pôde sentir seu coração acelerado contra ela.

— Ah, Deus, amor, está segura?

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos cheios de lágrimas.

— Sim. Estas poucas semanas sem você... acreditei que morreria de necessidade de você. Deus, como senti sua falta.

Ele sustentou sua cara em suas mãos e a olhou fixamente aos olhos.

Me mostre isso. Me foda.

O que? Agora? Aqui?

Agora. Aqui. Quero-te.

Ela olhou ao redor de seu escritório.

— Serge, não podemos. Minha secretária está justo do outro lado da porta.

— Fechei a porta com chave quando entrei — lhe disse.

— Serge, trabalhei muito duro para estar onde estou para me arriscar a ser surpreendida fodendo em meu escritório.

— Não nos surpreenderão — disse ele, passando um braço ao redor de sua cintura —. Passou muito tempo e te necessito.



— Podemos fazê-lo esta noite quando sair do escritório.

Ele esfregou seus lábios contra seu pescoço, permitindo-a sentir seu duro, e palpitante membro.

— Não posso esperar mais tempo. Preciso de você agora.

Ah, Deus, seu membro se sentia tão malditamente bem. Ela sentiu uma umidade incontrolável entre suas pernas.

— Minha secretária nos ouvirá — disse ela, se debilitando. Não parecia que havia muito que discutir consigo mesma de que não podia esquecer onde estavam. Tinha esquecido tudo exceto quanto o queria e necessitava.

— Seremos muito silenciosos.

— Serge, não podemos ...

— Não só podemos, mas também vamos fazer. Não posso esperar mais tempo. — Ele a levantou em seus braços e a levou ao banheiro de seu escritório —. Enquanto ela tremia de desejo e ansiedade, ele rapidamente despiu a ambos. A pegou nos braços e começou a beijá-la brandamente. Esfregou seu endurecido membro ao longo de sua vagina várias vezes, antes de girá-la de modo que olhasse ao espelho de corpo inteiro da porta.

Capturando seu olhar no espelho, ele levantou sua perna e começou a empurrar avaramente seu membro em sua gotejante e ansiosa vagina. Ela estremeceu com uma entristecedora sensação de felicidade e se apoiou contra seu corpo. Ele os girou de lado de modo que ambos pudessem ver como seu largo e grosso membro, já reluzindo com seus sucos, penetrava rapidamente dentro e fora dela. Acendeu-os. Antes que ela perdesse a capacidade de pensar, se separou ligeiramente.

— Espera um minuto, Serge. Oooh. Senhor! Que bem se sente, mas não tão rápido — gemeu quando ele se meteu rudemente nela, trazendo prazer e dor —. Não quero que se termine antes que tenha a oportunidade de desfrutar totalmente de ter seu delicioso e enorme membro em minha vagina outra vez.

— Sei, amor, mas não posso evitá-lo. Esta primeira vez será rápida, mas o farei para você mais tarde. Prometo-lhe isso.

— Oooh, Serge! — Ela se estremeceu e abriu mais suas pernas, tratando de lhe dar maior acesso a sua vagina —. Atua como se estivesse faminto de sexo. Não pode estar faminto. Oooh!. Não depois de passar as últimas duas semanas fodendo só Deus sabe a quantas mulheres.



— Tem que me perdoar por isso. Nenhuma dessas mulheres, quem quer que fossem, significaram nada para mim — sussurrou ele, embalando seus peitos com suas mãos enquanto se afundava até o fundo nela.

A sensação de suas mãos em seus peitos enviou deliciosos redemoinhos do prazer por ela.

— Realmente? — Ela fez girar suas nádegas contra ele e apertou sua vagina ao redor de seu membro —. E por que é assim?

— Por vários motivos. Aquelas escuras semanas são só um episódio nefasto, não podia controlar meus impulsos naturais durante meu banquete da indulgência, e só era sexo sem sentido.

— Né, Né, isso empresta — murmurou ela, empurrando seus quadris para receber seu membro — Oooh, Senhor! Dê-me isso tudo, olhos cinzas. Dê-me isso tudo. Hmm. E isto o que é?

— Isto... — Ele escorregou suas grandes mãos de seus peitos e sustentou seus quadris com elas e sem piedade propulsou seu membro nela. — Isto é... amor.

Ah, Deus, sim, pensou ela, antes que sua capacidade de pensar estivesse severamente prejudicada.

— Isso parece correto.

— Hmm. E quanto pensa que esta feliz situação vai durar?

— Não sei, amor. — Ele levantou sua cabeça e encontrou seu olhar no espelho — Eu pensava em torno de... Ummm... Sempre?

Seu coração e seus sentidos foram afligidos pelo amor e adoração que sentiu correr nela junto com seu suntuoso membro.

— Hmm — um tremor absurdo sacudiu seu corpo. De todos os modos, ele soava muito satisfeito.

— Seriamente? Bem, eu não seria muito fanfarrão, se estivesse em seu lugar colegial — riu —. Cocky querido¹⁰.

Sentiu sua preocupação por toda ela.

—Ah, Derri, por favor. Amo você e tenho que te ter. Por favor não me diga que não vai ficar comigo.

¹⁰ Jogo de palavras entre cocky adj familiar que significa fanfarrão e cock que significa membro e que sabemos que os Dumont têm de sobra (de ambas as coisas).



Ela se estirou e apoiou suas mãos sobre os lados de suas coxas em uma tentativa de acalmar seu crescente pânico.

— Não se assuste, Serge, mas não estou tão segura sobre isto.

Ele estremeceu e seu membro parou o maravilhoso e doce impulso dentro dela.

— Por que não? Sei que me ama. Posso senti-lo.

— Bem, estou apaixonada por você — confessou ela —. Não pare de me foder. Não é isso.

Ele começou o sedutor movimento de seu membro em sua vagina, embora agora seus golpes eram lentos e mesurados.

— Então o que é? É isso da coisa branco negro outra vez?

— Não. — Ela empurrou seus quadris para ele e apertou seu membro várias vezes. Ela sorriu satisfeita quando ele estremeceu e embalou a palma grande contra seus peitos enquanto acariciava seus clitoris com a outra mão. — Isso está fora de discussão. Você é meu homem e o conservo.

— Então o que é isso de me deixar?

Lançou-lhe um sexy sorriso de vampiresca no espelho e apertou seu traseiro contra ele. Ela se orgulhou de sua inevitável resposta.

— É só que não estou segura — sussurrou ela —. Para sempre com este doce, maravilhoso e totalmente delicioso homem que não só era um amante incrível, a não ser que a amava total e absolutamente? — De que para sempre com você, seja suficiente tempo.

— Ah, Deus, Derri. Quero-te tanto. Nunca sonhei que o Bloodlust fosse tão incrivelmente maravilhoso.

— Ah, Senhor, Serge, amo você também! Mais do que jamais amei a um homem!

— Ah, Bem, não sabe quanta vontade tive que te ouvir dizer isto e saber que o diz de verdade.

— Digo-o de verdade. Nunca quis tanto a ninguém. Estive apaixonada por você há semanas.

Ele saiu dela e a empurrou ao chão com ele. Ele colocou seu trêmulo corpo em cima do dele. Ela ofegou e mordeu o lábio para sufocar um grito quando devagar a empalou em seu duro membro.

Com cada centímetro de seu canal cremoso cheio de sua longitude palpitante, ela fechou seus olhos, se agarrou a ele, e o seguiu em cada delicioso impulso por impulso. Momentos mais



tarde, os girou ficando em cima dela. Então começou a se mover grosseiramente nela. Seu corpo inteiro tremeu, seu coração esmurrava até que mal pôde respirar. Fez amor com ela com uma força e fúria que prometia o clímax mais assombroso que ela já tinha tido.

Ela curvou sua cabeça e gemeu com prazer quando seus incisivos perfuraram a pele de seu pescoço. Ah, Senhor, estava a ponto de explodir! Se este prazer que nublava a mente era o Bloodlust, não havia nada no mundo a metade de bom, pensou justo antes de se romper em um milhão de pedaços satisfeitos.

Epílogo

Bem, não vai chorar, Derri disse a si mesma enquanto contemplava seu reflexo no espelho de corpo inteiro em uma das portas do armário de seu dormitório.

— Chora?

Afastou-se do espelho quando Serge saiu do banho. Agüentou a respiração. Parecia absolutamente assombroso em seu smoking cor creme com gravata borboleta negra e faixa. Era o homem mais formoso, sexy e doce que já tinha conhecido. E estava loucamente apaixonado por ela.

— Ah, uau, colegial, está para se comer! — disse ela, permitindo a seu olhar ir à deriva pela área de sua virilha. Ela suspirou de alívio. Ele levava posta a coquilla¹¹ que tinha comprado para ele. Embora soubesse que ele não gostava, agora que tinha aceitado o fato de que se pertenciam, não gostava da idéia de que outras mulheres olhassem o membro que era exclusivamente dela.

Ela sorriu pelo leve rubor que manchou suas bochechas e cruzou o quarto. Ainda a assombrava que seu apaixonado e compassivo vampiro se ruborizasse realmente e com frequência quando fazia um elogio a ele.

Uniu seus braços ao redor de seu pescoço e lhe sorriu.

— Amo você — disse brandamente.

Como de costume, sua declaração de amor o deixou mudo. Mas ela era totalmente consciente de seu amor e gratidão que se derramava sobre ela como uma boa-vinda cálida brisa,

¹¹ Suspensório que protege os genitais masculinos normalmente quando se joga.



em um caloroso dia.

Ele deslizou seus braços ao redor de sua cintura.

— Vamos a umas bodas, não um enterro.

— Sei, mas estas três semanas passadas com você foram as mais felizes de toda minha vida.

Para seu completo assombro, seus formosos olhos cinzas se encheram de lágrimas.

— Ah, Deus! Não tem nem idéia de quanto te amo, te quero e te adoro.

Ela acariciou sua bochecha.

— Realmente, sei colegial. Posso senti-lo e é o sentimento mais maravilhoso do mundo...

bom, exceto te ter bebendo meu sangue quando me faz amor.

Seus braços se apertaram ao redor de sua cintura e pôde sentir seu desejo.

— Falando de fazer o amor, o que te parece um pó rápido?

Ela sacudiu sua cabeça e empurrou seus ombros.

— Nem sequer o pense.

Ele a contra gosto a liberou.

— Por que não?

Ele soou como se tivessem passado semanas sem fazer amor em vez de só uma hora.

— Por que não? Porque perdi a conta do número de vezes e lugares que temos feito amor nas três semanas passadas. E não penso aparecer nas bodas de Cassy parecendo que estive fodendo como uma louca.

Ele deu um longo e exagerado suspiro.

— Ah, bem. Falando de bodas, por que chorava quando entrei?

Ela deu de ombros.

— Sempre choro nas bodas.

— Mas não chegamos ainda — indicou ele.

— Não importa — lhe disse —. Prometi-me não chorar e sempre o faço.

— E em duas semanas, estará chorando nas bodas de Mikhel e Erika.

Ela sorriu.

— Também conseguirei-te ver arrumado de novo. Pensei que estava bem de negro, mas bem... é o homem mais atrativo que já vi.

— E Mik e Alex?



— Ambos são uns grandes, bonitos e encantadores homens, mas não estou loucamente apaixonada por nenhum deles, como de você. Alguma outra pergunta, colegial?

Ele permaneceu silencioso durante um momento antes de assentir com a cabeça.

— Sim. Se estiver tão obviamente feliz pela Erika e Cassy, quando estarão elas felizes por você?

— O que... o que quer dizer?

— Sabe o que quero dizer — respondeu ele, seus olhos cinzas formando redemoinhos.

Ela realmente sabia. Ele tinha insinuado o desejo de se casar com ela uns dias depois de se conhecer. E só a semana passada, tinha-lhe perguntado que tamanho de anel usava.

— Estive na rua dos joalheiros.

— Ah — ela umedeceu seus lábios — E viu algo que... Você gostasse?

Ele sustentou sua cara em suas palmas.

— Sim, vi, e comprei uma coisa que espero que você goste.

Seu coração golpeou em seu peito. Tinham passado todo seu tempo livre juntos durante as últimas três semanas. Inclusive quando trabalhava em casa, se ele não estava na partida de basquete dos Diamonds, se sentava a olhá-la silenciosamente. De vez em quando elevava a vista, intercambiavam um silencioso te amo. Embora ele não se mudasse oficialmente com ela, tinha passado cada noite com ela. Ela tinha feito lugar em seu armário para sua roupa e lhe tinha cedido uma das gavetas de sua cômoda. Era mais parte de sua vida que qualquer homem o tinha sido alguma vez. E amava a cada segundo de seu tempo juntos.

Tinha lhe dado livremente seu corpo, seu amor e seu coração.

Agora ele queria mais? Bem o faria. Tão talvez fosse o momento para dar o passo decisivo.

Sorriu-lhe nervosamente.

— Então me vai mostrar isso ou o que?

Ele a soltou e se afastou. Levou sua mão ao bolso e tirou a aveludada e pequena caixa de uma joalheria. Suas mãos começaram a tremer quando o abriu revelando um delicioso anel de compromisso de diamantes.

Ela estirou sua mão esquerda e conteve o fôlego quando ele facilmente deslizou o anel em seu dedo.

— Você gosta? — ele parecia preocupado.



— É obvio que sim.

— Está segura? Se quiser um engaste diferente ou uma pedra maior, posso...

— Serge, o diamante é enorme e o anel é mais que formoso. Obrigado.

Ele escorregou um braço ao redor de sua cintura.

— Assim que se casará comigo?

Seus olhos se encheram novamente de lágrimas.

— Sim!!

— Sim? — ele riu e a levantou de seus pés e girou ao redor. Ela riu e se agarrou em seus ombros.

— Serge! Estou me enjoando e está enrugando meu vestido. Deixe-me, grande e formoso vampiro.

Deu-lhe um rápido e doce beijo, antes de pô-la brandamente a seus pés.

— Quando?

— Quando o que? — perguntou, mas sentiu sua impaciência e sabia o que queria dizer.

— Se você se conformar com umas bodas pequena, rápida como Cassy e Erika, podemos nos casar duas semanas depois de Mik e Erika.

— Esquece, Serge — disse ela, sacudindo sua cabeça —. Embora não desejo umas bodas grande e formal, não penso me casar dentro de quatro semanas.

— Por que não?

Porque desejava chegar a conhecer sua família antes que se casassem. Para sua surpresa, sua mãe tinha chegado de avião em Boston na semana passada para conhecê-la. Embora no princípio estivesse nervosa, ela e Palea Dumond tinham decidido que gostavam uma da outra. Fez uma careta. Ao menos uma das mulheres Dumond gostava dela. Não acreditava que Katie, que era ainda muito fria com ela, depois de tê-la surpreendido com Alex, chegasse a gostar dela alguma vez.

— Não é que lhe desgoste — protestou Serge —. É só que tem problemas... com Alex e... bem, sua frieza... Para você tem mais a ver com suas expectativas com ele que com você. Só lhe dê tempo e acabará gostando, como espero que você goste dela.

Não estava tão segura que ela e Katie se gostassem alguma vez.

Mas se preocuparia disso mais adiante.



Lançou-lhe um sorriso malvado.

— Além disso, quero desfrutar totalmente do compromisso com você antes de desfrutar totalmente de estar casados. Poderá suportá-lo, olhos cinzas?

— Exatamente quanto tempo vai necessitar para desfrutar do compromisso?

— É tão impaciente — brincou ela.

— Quero ser seu marido.

— E eu quero ser sua esposa — confessou ela —. Mas não podemos nos casar até depois do julgamento.

Ele franziu o cenho.

— Começa em três semanas, não? — E quando assentiu, ele continuou. — Quanto durará?

Deu de ombros.

— Aproximadamente de quatro a seis semanas. Depois disto, nos sentaremos e falaremos da data das bodas. De acordo?

Ele assentiu.

— Bem. Sei que terá que concentrar a maior parte de seu tempo e energia para obter a liberdade de seu cliente.

Gostou do modo em que assumiu que ganharia. — Mas uma vez que tenha acabado, falaremos de bodas.

— Bem — ele esfregou seus lábios contra suas bochechas — Fará algo por mim, amor?

— Sim.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Não quer qualificá-lo com um se posso?

Ela sacudiu sua cabeça.

— Não. Se estiver dentro do possível, é teu. Deixa de dar rodeios e vá ao ponto, olhos cinzas.

— Sei que é uma mulher muito competente, profissional e fez um nome por si mesma, mas levaria... Tomaria meu sobrenome?

Ela franziu o cenho.

— Derri Dumond. Não sei, Serge. Te amo como uma louca, mas o nome... Te direi o que... Depois que Cassy e Chandler se vão, iremos a algum lugar romântico para jantar e dançar. Então podemos voltar aqui e pode me levar para a cama para tratar de me persuadir de que tome seu



sobrenome. Acha que pode dirigi-lo, colegial?

Ele a abraçou e beijou seus lábios.

— Farei minha melhor atuação — sussurrou ele.

Embora não pudesse sentir seu membro pela coquilha, podia sentir seu desejo através da união que compartilhavam.

la ser um dia muito longo, queixou-se.

Mas uma noite mais longa e doce ainda, ele prometeu. Toda uma vida. Serei o marido mais fiel que tenha tido alguma vez.

— Será o único que terei alguma vez — lhe disse —. Porque uma vez que estejamos casados, quero te conservar para sempre.

— Bem porque é a única que amarei e adorarei, minha querida Derri.

— Sua querida Derri, não é!?

Parecia que estava destinada a passar o resto de sua vida sendo a querida do formoso e adorável Serge Dumond.

Pode dirigir isto, amor?

Bem, é um feio trabalho, mas alguém tem que fazê-lo, brincou e pressionou seus lábios contra ele.

Os beijos que intercambiaram estavam cheios de uma combinação de amor, desejo, paixão, e a promessa de uma devoção infinita.

Sim, ela poderia dirigir isto.

FIM

